UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

João Paulo Jeannine Andrade Carneiro

O último propagandista do Império

**O “barão” de Santa-Anna Nery (1848-1901) e
a divulgação do Brasil na Europa**

São Paulo
2013

JOÃO PAULO JEANNINE ANDRADE CARNEIRO

O último propagandista do Império:
O “barão” de Santa-Anna Nery (1848-1901) e
a divulgação do Brasil na Europa

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Geografia Humana.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Robert Moraes.

São Paulo
2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO DA PUBLICAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: CARNEIRO, João Paulo Jeannine Andrade

Título: O último propagandista do Império: o “barão” de Santa-Anna Nery (1848-1901) e a divulgação do Brasil na Europa

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Geografia Humana.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Aos manifestantes, que neste ano tomaram as ruas do Brasil, educados
pela pedra cabralina, na qual *um galo sozinho não tece uma manhã:*
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro;
aos mestres com poesia.

AGRADECIMENTOS

É certo que escrever uma tese é trabalho demasiado solitário, mas já o ato que a antecede, a pesquisa, é uma ação altamente comunitária e por isso bastante prazerosa. Deste modo, agradeço de coração a grande quantidade de gente que colaborou com esta pesquisa, do orientador aos bibliotecários e arquivistas, sem esquecer do apoio carinhoso e descontraído de amigos e familiares. Infelizmente, por mais que queiramos contemplar a todos, já me desculpo por antecipação do infalível esquecimento. Mas a história também é feita dessas memórias obliteradas, e por mais que queiramos lhes trazer a tona, sempre ficará um pedaço “num fundo de armário, na posta-restante, milênios, milênios no ar (...)”.

Saravá Tónico (Antonio Carlos Robert Moraes), Maria Christina e José Andrade (meus pais – mãe e pai – maravilhosos!), Jeanninada, Cunhas, Barones, Coelho e Carneiros (os *mamelucos* Júnior, Kiko, Jasmim, Isabela e Giovana), Rochas, Gils, Rampazzos, Barilaris e Toranças, Hind Benmoussa, Gabriela Nunes Ferreira, Marie-Vic Ozouf-Marignier, Marie-Claire Robic, Iraci Nogueira, Márcio Nery e sua acolhedora família, Luciene Carris Cardoso, Leandro Janke, Carlos Eugênio (o Cacá), Monica Dantas e suas meninas, eterna família Caege, Francisco Damião, Milena Neme, Luiz Guedes, Paranã-Açu, Adriano Lisboa, Luzia Nete, Adriana Sabbag (Val, Rafa e Dudu), Alfredo T. de Carvalho, família Krya e Rodeguer, Eliceu Máximo, Rafael de Pádua, Natalie Foresta (Ivi e Clau), Deá, incontáveis amigos da *Maison du Brésil*: Felipe Castelo Branco (o *Monsieur*), Raquel Sousa Lima, Vandinha Pontes, Andréa Silva, Fernanda Tarabal, Adriana Barin, Lorena Fleury e Felipe Comunello, Gisele Gellacic, Aysecan Kartal, Irene Ri, Amélie Ramaekers e sua família, Jane Barbosa, Monize Moura, Raíssa Moreira, Larissa Warnavin, família *Fleurus*, Isadora Machado, Breno Viotto, Claudio Pugna, James Junior, Lucas Panitz, Maria Paula, Humberto Martins, Aninha Claudia, Sonia Pascolati, Ray Junior, Gilmar Mascarenhas, Karen Fukushima, Ana Cristina, Maura Manca, Tina Salvatierra, Célio Coutinho, Márcia Barroso, Marie Jane e dona Inês; sobreviventes da Serra do Mar, Mila Molina, galerinha da utopia do Oyapoque, Talita Capella, Fernanda Lima, Manoel Fernandes, Herve Thery, João Garcia, Clenes Louzeiro, Alda Heizer, André Martins, Rosângela e demais funcionários da Secretaria da Pós em Geografia Humana da USP, Paulo Tromisso e Beatriz dos Prazeres (Arquivo Nacional da Torre do Tombo), Antonio Carlos (Casa de Rui Barbosa), Thais Martins (Museu Imperial), Maria Adelaide Serra e Zélia (Biblioteca Nacional de Portugal), Leonor (Academia das

Ciências de Lisboa), Mariana Sales (Bibliothèque Sainte-Geneviève), Maria Itália (Instituto de Estudos Brasileiros), Davi (Musée d'Auguste Comte) e demais funcionários desses lugares da memória, consultados para realização desta tese, além daqueles responsáveis por parte do fomento: CNPQ e CAPES.

Mas o tempo (e é outro ponto em que eu espero a indulgência dos homens pensadores!), o tempo caleja a sensibilidade, e oblitera a memória das coisas (...).

Machado de Assis, 1881

RESUMO

Frederico José de Santa-Anna Nery, o barão de Santa-Anna Nery, nasceu em Belém do Pará no dia 28 de maio de 1848. Após seus 14 anos de idade, passou a viver na Europa, onde desenvolveu diversas atividades, destacando-se como jornalista. Tornou-se redator-chefe de diversos jornais e revistas em Paris – onde fixou residência a partir de 1874 – que tinham o intuito de divulgar o Brasil e, secundariamente, os demais países da chamada América Latina na Europa. Deste modo, esta tese se propõe a analisar a significação histórica da experiência de Santa-Anna Nery como propagandista do Brasil na Europa em fins do século XIX. Busca-se, nesse contexto, compreender de que forma o personagem em foco atuou como agente ou reprodutor de uma ideia de Brasil na Europa. Para tanto, a análise de sua trajetória, de sua formação e de seus círculos sociais, que lhe auxiliaram em sua missão “patriótica”, se mostraram metodologicamente necessários. Ao viver e participar da transição entre o “princípio da nacionalidade” e da “ideia nacional”, Santa-Anna Nery representou esses “intelectuais pequeno-burgueses” que transformaram o “patriotismo” em nacionalismo quando forneceram à “consciência nacional”, encarnado na língua, na religião, no folclore, na raça, no território, os critérios da definição de nacionalidade. Auxiliando, e muito, na divulgação e consolidação da “latinização” da nação e do território brasileiro. Por fim, defende-se que o esquecimento deste autor por parte da historiografia brasileira republicana deve-se ao fato de ele ter tido estreitas relações tanto com a antiga monarquia, quanto com a Igreja Católica; além de seu suposto envolvimento com o chamado “jacobinismo”, durante o governo de Prudente de Moraes. A sondagem feita na vida e obra do autor pode contribuir para tirar uma espécie de véu do período que envolve o apagar do Império e o despertar da República no Brasil.

Palavras-Chave: Santa-Anna Nery, propagandista, formação territorial, Brasil, América Latina, homem de letras.

ABSTRACT

Frederico José de Santa-Anna Nery, Baron of Santa-Anna Nery, was born in Belém (the capital of Brazilian state Pará) on May 28, 1848. At fourteen, he moved to Europe and then worked in several activities, succeeding as a journalist. Became editor-in-chief of a variety of newspapers and magazines in Paris – where he settled since 1874 – designed for promoting Brazil as well as the other countries of the so-called Latin America in Europe. So, this thesis aims to analyze the historical significance of the experience of Santa-Anna Nery as a propagandist of Brazil in Europe in the late nineteenth century. The quest, in this context, is to grasp how the concerned character acted as an agent or as a reproducer of a certain concept of Brazil in Europe. For this purpose, the analysis of his trajectory, his training and his coteries, that assisted him in his "patriotic" mission, proved to be necessary methodologically. Living and taking part of the transition between the "principle of nationality" and the "national idea", Santa-Anna Nery represented the "petty-bourgeois intellectuals" that turned "patriotism" into nationalism by providing to the "national consciousness" – embodied in language, religion, folklore, race, territory – the criteria of the definition of nationality. This process greatly helped the promotion and setting of the "Latinization" of the country and of the Brazilian territory. Lastly, it is argued that the neglect of this author by the Brazilian republican historiography is due to the fact he had close relations with both the old monarchy and the Catholic church, apart from his alleged implication with the so-called "Jacobinism" during the government of the president Prudente de Moraes. The survey conducted in the author's life and work can contribute to remove the veil of the period between the fading of the Empire and the awakening of the Republic in Brazil.

Keywords: Santa-Anna Nery, propagandist, Brazil, Latin world, Latin America, territorial formation, man of letters.

RÉSUMÉ

Frederico José de Santa-Anna Nery, le baron de Santa-Anna Nery naît à Belém do Pará, le 28 mai 1848. A l'âge de 14 ans, il s'installe en Europe, où il développe de nombreuses activités, notamment celle de journaliste. Il devient rédacteur en chef de plusieurs journaux et revues à Paris - où il réside depuis 1874. Ces périodiques ayant le but de diffuser l'image du Brésil en Europe. Ainsi, cette thèse vise à analyser la signification historique de l'expérience de Santa-Anna Nery en tant que propagandiste du Brésil en Europe à la fin du XIXe siècle. Dans ce contexte, nous cherchons à comprendre dans quelle mesure le personnage en question a joué le rôle d'agent ou de reproducteur d'une idée du Brésil en Europe. Ainsi, du point de vue de la méthodologie, il a été fondamentale l'analyse de la trajectoire de Santa-Anna Nery, de sa formation et des réseaux sociaux qui l'ont aidé dans sa mission « patriotique ». En participant au passage du « principe des nationalités » à « l'idée nationale », Santa-Anna Nery représente ces « intellectuels petits-bourgeois » qui ont transformé « patriotisme » en nationalisme, dans la mesure qu'il fournit à la « conscience nationale », incarnée dans la langue, la religion, le folklore, la race et le territoire, les critères qui définissent la nationalité. Il aide, ainsi, et beaucoup, à la diffusion et à la consolidation du processus de « latinisation » de la nation et du territoire brésilien. Enfin, nous soutenons l'idée que l'oubli de cet auteur par l'historiographie brésilienne républicaine est dû aux relations étroites que Santa-Anna Nery entretenait avec l'ancienne monarchie brésilienne ; tout comme à sa liaison avec l'Église Catholique, et avec le mouvement appelé « jacobinisme », lors du début de la Première République du Brésil.

Mots-Clés: Santa-Anna Nery, propagandiste, formation territorial, Brésil, Amérique Latine, l'homme de lettres.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1	Desenho póstumo do barão de Santa-Anna Nery (1901).....	23
Ilustração 2	Desenho de Santa-Anna Nery na contracapa da biografia produzida por Pedro do Rego (1882).....	58
Ilustração 3	Desenho de Santa-Anna Nery publicado no Jornal <i>L'Amérique</i> , Paris, 14 de junho de 1889.....	101
Ilustração 4	Fotografia do barão de Santa-Anna Nery na contracapa de <i>The land of the Amazons</i> (1901).....	186
Ilustração 5	Exposição Internacional de Paris, 1889.....	187

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALAI	Association Littéraire et Artistique Internationale
BALAI	<i>Bulletin de l'Association Littéraire Internationale</i>
<i>Le Brésil</i>	<i>Le Brésil: courrier de l'Amérique du Sud.</i>
Le messenger	<i>Le messenger du Brésil</i> : journal français bi-hebdomadaire.
<i>O Liberal do Pará</i>	<i>O Liberal do Pará</i> - orgao do Partido Liberal.
RIHGB	<i>Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro</i>
RML	<i>Revue du Monde Latin</i>
RSA	<i>Revue Sud-Américaine</i>
RSGRJ	<i>Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro</i>
SGLe	Société des Gens de Lettres
SGP	Société de Géographie de Paris
SGRJ	Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro
SIEB	Société Internationale d'études brésiliennes

Acervos consultados

AAP-HP	Archives de l'Assistance Publique-Hôpitaux de Paris
ACL	Academia das Ciências de Lisboa
AD	Archives diplomatiques du Ministère des Affaires Étrangères et européennes
AHI	Arquivo Histórico do Itamaraty
AHMI	Arquivo Histórico do Museu Imperial
AN	Archive Nationale
ANTT	Arquivo Nacional da Torre do Tombo
BCLFDG	Biblioteca comunale Labronica Francesco Domenico Guerrazzi
BFF	Biblioteca Florestan Fernandes
BGJM	Brasiliiana Guita e José Mindlin
BIS	Bibliothèque Interuniversitaire de la Sorbonne
BMNH	Bibliothèque du Muséum Natinal d'Histoire Naturelle
BMP	Biblioteca Municipal do Porto
BNCF	Biblioteca Nazionale Centrale de Firenze
BNF	Bibliothèque Nationale de France
BNP	Biblioteca Nacional de Portugal
BS	Bibliothèque du Sauchoir (Dominiquaines)
BSB	Bibliothèque Sainte-Barbe
BSG	Bibliothèque Sainte-Geneviève
BSMC	Biblioteca di storia moderna e contemporânea
FBN	Fundação Biblioteca Nacional
FCRB	Fundação Casa de Rui Barbosa
HML	Hemeroteca municipal de Lisboa
I.G.	Institut de Géographie de Paris

ICP	Institut Catholique de Paris
IEB	Instituto de Estudos Brasileiros
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
LPL	Lambeth Palace Library
MAC	Musée d'Auguste Comte
MC	Museu do Café
MP	Museu Paulista
MQB	Médiathèque du quai Branly
MR	Museu Republicano
RGS	Royal Geographical Society
SGL	Sociedade de Geografia de Lisboa
SGLe	Société des Gens de Lettres

SUMÁRIO

AO LEITOR.....	16
1 MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE UM PATRIOTA.....	23
1.1 A baronesa de Santa-Anna Nery.....	32
1.2 A peregrinação pensionária da baronesa durante a era Nery.....	36
1.3 A família Nery: uma genealogia.....	49
1.4 Defunto autor.....	54
2 RELIGIÃO E PATRIOTISMO.....	58
2.1 Em busca de <i>Le prisonnier du Vatican</i>	63
2.2 Santa-Anna Nery seminarista?.....	69
2.3 O encontro com <i>Le Prisonnier du Vatican</i>	75
2.4 O mundo latino e o Brasil: a “questão religiosa”	80
2.4.1 O Brasil latino: <i>Revue du Monde Latin</i>	84
2.5 Da “questão romana” para a “questão religiosa”	88
2.6 A matéria amada.....	96
3 APÓSTOLO DAS LETRAS PÁTRIAS.....	101
3.1 <i>Vêr, ouvir e contar</i>	106
3.1.1 Brasil, Portugal e América Latina.....	113
3.2 Uma palavra sobre região.....	128
3.3 <i>As bellas festas da inteligência e do trabalho</i>	147
3.4 Bastidores da participação brasileira na Exposição universal de 1889.....	152
3.5 A síntese monárquica: <i>Le Brésil en 1889</i>	165
4 FOGES CÃO, QUE TE FAZEM BARÃO.....	186
4.1 O Brasil vai a Portugal.....	193
4.2 Degredado	204
DAS NEGATIVAS: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	212

FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	218
Fontes primárias.....	218
Publicações de Santa-Anna Nery.....	218
Manuscritos e periódicos.....	223
Livros, artigos e relatórios.....	227
Fontes secundárias.....	235
 GENEALOGIA DE SANTA-ANNA NERY.....	 249
CRONOLOGIA DE SANTA-ANNA NERY.....	250
ANEXO (<i>rue berlioz, n. 21, Paris</i>).....	255

AO LEITOR

Nos idos de 2009 escrevi um despretenso projeto de pesquisa para concorrer a uma vaga no doutorado. Tal projeto se debruçava sobre um viajante francês chamado Henri Coudreau. Coudreau foi o último explorador francês na Amazônia em fins do século XIX¹. Ele deixou diversos relatos e mapas sobre esta região, notadamente sobre o território contestado entre a França e o Brasil, dos quais alguns de seus levantamentos foram largamente utilizados pelos geógrafos franceses na defesa deste território para a França².

Todavia, durante minha entrevista, para porventura ingressar no doutorado, com Antonio Carlos Robert Moraes, o mesmo me chamou a atenção para outro autor que constava da bibliografia deste meu projeto seminal, conhecido como barão de Santa-Anna Nery. Nesta oportunidade, “Tonico” me disse que Santa-Anna Nery seria um personagem bastante interessante a ser estudado, a começar pelo nome de sua obra principal: *Le Pays des Amazones*, que poderia ter relações com a incipiente geografia francesa, através do termo *Pays*. Além disso, havia questões bastante curiosas e nebulosas em relação ao personagem, como seu suposto título de barão pelo Vaticano, uma exceção para o Brasil Imperial. Sua prisão durante o governo de Prudente de Moraes, acusado de ter conspirado num atentado contra o presidente, parecia demonstrar um forte antagonismo político para esses anos sombrios da Primeira República Brasileira. Entretanto, como bom orientando, não dei lá muita atenção, no início, ao meu orientador, e continuei nos caminhos de Henri Coudreau e outros viajantes franceses pela Amazônia durante o século XIX³.

Contudo, no decurso de minhas pesquisas, eis que Santa-Anna Nery começara a surgir como uma figura relevante entre a *intelligentsia*⁴ brasileira que residia na Europa. Ele aparecia como uma espécie de porta-voz brasileiro em Paris, que tinha como objetivo, segundo suas próprias palavras, ser um “propagandista voluntário” do “Brasil” na “Europa” (Santa-Anna Nery, 1889a:XI). Assim, encontrei diversos artigos de Santa-Anna Nery defendendo os pretensos direitos brasileiros sobre o território contestado entre a França e o Brasil, nos quais desconstruía os argumentos adversários, tendo, para minha surpresa, Henri Coudreau como seu principal interlocutor. Nesse sentido, ambos publicaram diversos artigos

¹ Sebastien Benoit (2000) é quem analisa a vida e a obra de Coudreau sobre esta perspectiva.

² Cf. por exemplo Elisée Reclus (1894) e Vidal de la Blache (1902).

³ Cf. João Paulo Jeannine Andrade Carneiro, 2010.

⁴ Utilizo o termo aqui no sentido proposto por Karl Mannheim (1968:38 *apud* Lima, 1999:19-20) designando um grupo social cuja tarefa específica consiste em dotar uma dada sociedade, no caso a brasileira, de uma interpretação do mundo.

em defesa do território de suas pátrias, especialmente, no interior das sociedades de geografia, seja na Europa, seja no Brasil⁵. Durante suas idas e vindas à Amazônia, Henri Coudreau e Santa-Anna Nery, após calorosas e eloquentes disputas textuais, tiveram a oportunidade de se conhecerem, quando ambos embarcaram no mesmo navio, *Bahia*, saídos de Manaus para ganhar a França, no dia 14 de março de 1885. Ao menos é desta forma que Santa-Anna Nery descreve o caloroso encontro:

(...) L'un des passagers émit une opinion hardie au sujet de la filiation des tribus indiennes de la rive gauche de l'Amazone. On parlait portugais, et l'accent de mon interlocuteur dénotait un étranger.
— Il n'y a qu'un homme dans ces parages pour soutenir pareille opinion, m'écriai-je : c'est la thèse de M. Coudreau que vous nous apportez...
— Oui, Monsieur, me répondit le passager; je la soutiens d'autant plus volontiers que j'en suis l'auteur.
— Comment! Vous êtes le Coudreau du *Territoire contesté*, le Coudreau dont j'ai demandé la tête... ou à peu près?
— C'est moi-même Santa-Anna Nery (1886b:IX)⁶.

Nesta ocasião, durante quase um mês e meio de travessia, os dois viajantes tiveram oportunidade de discutir em “alto nível” os problemas relativos à Amazônia, estando, à época, “raramente em sintonia”⁷. No entanto, essas dissidências foram lentamente apaziguadas por meio de camaradagens profissionais. Pois ao final deste mesmo ano, Henri Coudreau tornara-se colaborador da *Revue du Monde Latin*, da qual Santa-Anna Nery era um dos proprietários, além de redator chefe. No ano seguinte, Santa-Anna Nery prefaciou uma das obras mais importantes do antigo adversário, *La France Equinoxiale: Études et Voyages*⁸. Nesta mesma obra, abaixo do nome do autor, constava a informação de que Coudreau era membro do Comitê da *Société internationale d'études brésiliennes* em Paris, da qual mais uma vez Santa-Anna Nery fora o fundador⁹. Mais tarde, em outra obra, Coudreau (1887:89) não só cita Santa-Anna Nery como “o célebre publicista amazônida”, como passa a utilizar a regionalização difundida, agora, pelo amigo; entendendo a região amazônica, portanto a Amazônia, como o conjunto das duas províncias do norte do Brasil: a província do Amazonas e do Grão-Pará. Anos depois, o governo do Grão-Pará, apesar de toda a crítica inicial da

⁵ Como consequência da análise dessas publicações, escrevi um artigo intitulado: “O território contestado entre a França e o Brasil no âmbito das sociedades geográficas nacionais” (Carneiro, 2013).

⁶ No decurso desta tese optei (em razão do tempo) por conservar as citações em língua estrangeira, sobretudo em Francês, quando não tinha efetuado antes, durante os fichamentos, traduções livres. Deste modo, quando já tinha realizado essas traduções para o português brasileiro as mantive a fim de priorizar a fluidez do texto.

⁷ Ambas citações pertencem à Santa-Anna Nery (1886b:X e seguintes).

⁸ Esta obra recebeu o prêmio da *Grande Médaille de la Société de Géographie Commerciale de Paris* de 1886 e a *Médaille à l'Exposition Universelle d'Amsterdam*.

⁹ Cf. o tópico 3.3 *As bellas festas da inteligência e do trabalho*.

imprensa da Amazônia, que colocava Coudreau como um inimigo do Brasil, acusado de ser um espião do governo francês, contrata o explorador para estudar e mapear alguns cursos de rios ainda não cartografados¹⁰. Quer dizer, o antigo inimigo do Brasil, da pátria paraense, de quem Santa-Anna Nery chegara a “pedir a cabeça... ou quase”, tornara-se agora um aliado, servindo o governo do Grão-Pará, e mesmo do Brasil¹¹, de informações geográficas sobre o território da região amazônica; que no ano de 1900 se expandiu e se consolidou, por exemplo, sobre o chamado território contestado franco-brasileiro, do qual o Brasil teve ganho de causa integral pela arbitragem suíça¹².

Segundo alguns contemporâneos de Santa-Anna Nery, ele foi um dos responsáveis por esta vitória brasileira¹³, sobretudo por sua capacidade em descobrir documentos antigos que validassem a posição do Brasil, bem como por sua extensa sociabilidade e influência entre diversos homens de letras e de ciências da Europa e da América Latina. Certamente, no caso de Henri Coudreau, parece-me que Santa-Anna Nery teve um forte peso no silêncio do explorador sobre a questão do território contestado franco-brasileiro e por sua boa apresentação entre a elite brasileira¹⁴. O que parece também sugerir que foi Santa-Anna Nery o responsável por sua inserção entre figuras importantes da política paraense¹⁵, como Lauro

¹⁰ Tal contratação ocorrera durante os governos de Lauro Sodré (1891-1897) e de José Paes de Carvalho (1898-1901).

¹¹ Em cartas trocadas entre Henri Coudreau e o barão do Rio Branco, depreende-se que Coudreau está munindo Rio Branco de informações sobre a região Amazônica. Em uma delas, por exemplo, ele diz que tentará nova missão junto ao governo federal e ao do Pará “pour des explorations et des études scientifiques dans cette magnifique région Amazonienne que vous savez, mieux que personne, être encore assez peu et assez mal connue (...)”. “Puis je compte sur vous, cher monsieur, pour m’aider dans la validation de mes désirs, dans l’exécution de mes programmes?” (Carta de Henri Coudreau ao barão do Rio Branco, 08 ago. 1898 [AHI]).

¹² Temos hoje algumas publicações recentes sobre os bastidores da decisão da arbitragem suíça sobre o território contestado entre a França e o Brasil, o chamado contestado do Amapá. A tese de Nelson Sanjad (2005), por exemplo, analisa, dentre outros temas, as relações entre o suíço Emílio Goeldi e o brasileiro barão do Rio Branco, apresentando que o pesquisador suíço colaborara muito, de forma sigilosa, com o governo brasileiro no que se refere à questão do contestado. Nesse mesmo sentido, acredito ser uma boa hipótese a de que Henri Coudreau tenha também colaborado com Rio Branco nessa mesma questão, por meio de suas relações iniciais com Santa-Anna Nery, o que valeria uma pesquisa à parte.

¹³ Antonio Faria (1905:XXXII), um dos biógrafos de Santa-Anna Nery, diz que os estudos de Santa-Anna Nery auxiliaram Rio Branco a conquistar a vitória do Brasil sobre a França.

¹⁴ Santa-Anna Nery em carta ao visconde de Paranaguá (19 maio 1885 [AHMI]), então presidente da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, diz de Paris, logo após sua chegada da Amazônia com Coudreau, que este explorador francês, “que o governo francez mandára ao Amazonas para amontoar argumentos contra nós. Conquistei-o a tal ponto que tornou-se um paladino do valle do Amazonas e que hoje mesmo dá, na Sociedade de Geografia Comercial, uma conferência [incentivando] a possibilidade da emigração européia para o valle amazônico. Hei de remetter-vos a Conferência a V.Exa., e hei de analisá-la na minha correspondência do ‘jornal do commercio’”.

¹⁵ Logo após se conhecerem no navio *Bahia*, Henri Coudreau já fazia parte do *Lunch* oferecido à Santa-Anna Nery por seus amigos da imprensa paraense. Os responsáveis foram: “Dr. Domingos Olimpio e Joaquim Luci – ‘Diario do Gram Pará’; Jovino Ayres – ‘Provincia do Para’; conego Aguiar e dr. Bonifacio Castro – ‘Constituição’; Manoel Cantuaria e João Campbell – ‘Diario de Notícias’; Bertoldo Nunes – ‘O Liberal do Pará’”. Entre os convidados contavam-se: “o sr. Coudreau, explorador francez, dr. Assis, barão de Igarapémiry, barão de Bacellar, Souza Cabral, coronel J. Diogo, representante da camara municipal, major David Freire, por

Sodré e José Paes de Carvalho, e da política nacional, como o barão do Rio Branco, que garantiram a Henri Coudreau recursos necessários para o desenvolvimento de seu trabalho como explorador geógrafo – francês – aos governos do Brasil. Trabalhos esses que conferiram a Coudreau fazer parte de um seleto grupo de dezenove vultos nacionais e estrangeiros que mais contribuíram com a geografia no Brasil (Cardoso, 2010:144)¹⁶.

Já Santa-Anna Nery parecia não ter recebido o mesmo tratamento, nem pelos “geógrafos” ou por qualquer outra instituição brasileira, apesar de sua aparente influência para a formação territorial do Brasil¹⁷. Deste modo, Santa-Anna Nery, até então era periférico em meus estudos iniciais, passou a ocupar a cena central. E após um ano de pesquisas doutorais, eu me convenci da importância de me debruçar sobre a desconhecida e rara obra de Santa-Anna Nery. Num primeiro momento me dediquei em pesquisar as representações geográficas desenvolvidas por Santa-Anna Nery sobre o Brasil, sobretudo relacionadas ao termo *pays*. Para tanto, empreendi uma grande busca bibliográfica das obras de Santa-Anna Nery. Tudo porque seu primeiro biógrafo, Pedro do Rego, afirmara nos idos de 1882, que após Santa-Anna Nery escrever *Le Pays du Café*, o mesmo estava por finalizar sua segunda obra, *Le Pays*

parte da assembléa provincial, tenente coronel Bezerra Cavalcanti, director do arsenal de guerra, Luiz Autran, consul francez, commendador Antonio B. Dias de Mello e Antonio H. de Loureiro Siqueira, Pedro do Rego”, dentre outros (*O Liberal do Pará*, 05 abr. 1885:2-3). Já próximo ao final de sua vida, após sua prisão em Fernando de Noronha, ele diz em tom combativo: “Quem, desde 1883, assignalou á imprensa as tentativas feitas pela França para ir invadindo, pouco a pouco, a zona neutra d’aquelle Territorio, fui eu. Quem, primeiro, aimunciou, em 1884, aos poderes publicos, cegos ou mal informados, as excursões officaes de Mr. Coudreau pelo Território Contestado, fui eu. Quem sahiu ao encontro d’esse cavalheiro, quando, em 1885 e 1886, aliás com louvavel patriotismo, entrou a dar conferencias, reivindicando para a França territorios que sao nossos, fui eu. Quem, por entre a incredulidade geral, antes de todos, revelou ao Brazil, durante o ministério Cotegeipe, em 1886-87, a existência da Republica de Counaní, imaginada pelo pobre Jules Gros, fui eu. Todos os Braziliros têm o dever de zelar o patrimonio nacional. Nesta questão, porém, maior do que a da mór parte dos meus patrícios era a minha responsabilidade, não só porque á Amazonia, que se quer mutilar, estou ligado por laços, mais fortes do que a morte — *fortis ut mors dilectio*, — mas ainda porque, ha quinze annos, estudo aturadamente os meios de fazer valer os nossos direitos naquele recanto do extremo Norte” (Santa-Anna Nery, 1898a:4).

¹⁶ Tal “eleição” foi realizada em paralelo ao 5º Congresso Brasileiro de Geografia, em Salvador, no ano de 1916. Onde foi realizada uma exposição de cento e quatro documentos, entre cartas, mapas e fotografias do Brasil e a inauguração de uma galeria com os dezenove citados (Cf. a lista completa em Cardoso, 2010:144).

¹⁷ Compreendendo tal processo como projeto de ocupação material e de legitimação simbólica do avanço de uma sociedade através de porções da superfície terrestre, sendo o território considerado como realidade objetiva, localizada espacial e temporalmente (Moraes, 2000; 2009). Em outra obra, dedicada à análise da tradição territorialista na formação do Brasil, Moraes (2002:74-75) explicita que o território pode ser equacionado como uma construção simbólica, vinculada a um imaginário territorial. “Contudo, trata-se também de uma materialidade, produzida pela apropriação material de espaços e pela dominação efetiva destes. Assim, a formação territorial articula uma dialética entre a construção material e a construção simbólica do espaço, que unifica num mesmo movimento processos econômicos, políticos e culturais. O território material é referência para formas de consciência e representação, cujos discursos retroagem no processo de produção material do espaço, com o imaginário territorial comandando a apropriação e exploração dos lugares. O território é, concomitantemente, uma construção militar (um resultado da conquista espacial, que tem de ser reiterada sempre que contestada) e uma construção política (como área de exercício de um poder soberano), mas também uma construção econômica (como suporte de estruturas e atividades produtivas e como mercado), e uma construção jurídica (que tem de ser legitimada em fóruns adequados de relacionamento internacional), e ainda uma construção ideológica (que fundamenta uma identidade social de base espacial e uma psicologia coletiva)”.

des Amazonas, e que tinha ainda o intuito de realizar uma terceira, fechando, portanto, uma trilogia. Ora, pensávamos que poderia se tratar de um livro sobre a atual região nordeste do Brasil. O que forneceria a Santa-Anna Nery o status de um pioneiro no campo das regionalizações geográficas do Brasil.

Contudo, durante esses levantamentos, não cheguei a encontrar nenhuma outra obra de Santa-Anna Nery que se valesse do termo *pays*. Até mesmo o primeiro livro da suposta trilogia, *Le pays du Café*, tive bastante dificuldade em acessá-lo. Porém, acabei por descobrir uma surpreendente e vasta obra composta por jornais, livros e revistas; abordando temas diversos como pintura, literatura, religião, imigração, folclore, educação, economia, política, geografia, geopolítica, estatística, história, enfim, um rico e desconhecido panorama sobre os últimos anos do Império e início da Primeira República brasileira¹⁸. No entanto, encontrar todas essas publicações não foi tarefa fácil. No Brasil, seus livros tornaram-se raridades, com exceção de dois, os únicos traduzidos para o português do Brasil: *O País das Amazonas* e o *Folclore Brasileiro*¹⁹. Já em Paris, local onde Santa-Anna Nery passou a maior parte de sua existência e publicou a maioria de suas obras, tive um pouco mais de sucesso no encontro das mesmas²⁰. Porém, curiosamente, muitas haviam desaparecido do território francês. O que fez com que eu as encontrasse em outros países da Europa Ocidental, como Itália, Inglaterra, Holanda e Portugal²¹.

A partir dessas descobertas comecei a me indagar o porquê de um autor que escrevera tanto sobre o Brasil, um autor que segundo seus compatriotas era um “verdadeiro patriota”, simplesmente desaparecera, tanto historiograficamente, quanto fisicamente no que concerne ao (des) encontro de suas obras. Além disso, seus diversos títulos honoríficos e suas inúmeras relações com figuras importantes da elite brasileira e, principalmente, europeia e latino-americana vinham reforçar o estranhamento deste esquecimento súbito.

¹⁸ Em função desta ampla e variada produção, Anna Coelho (2007:15 *apud* Figueiredo, 1996), que realizou um mestrado sobre duas obras de Santa-Anna Nery (*Le pays des Amazonas e Folk-lore Brésilien*) e seu papel de propagandista da Amazônia na Europa, caracteriza Santa-Anna Nery como um polígrafo ou como um polímato. Dizendo que os “intelectuais do século XIX ‘eram polímatas nas letras e também eram ambíguos em suas trajetórias políticas’ sendo impossível interpretá-los a partir dos modelos de movimentos literários e de seus cânones internos, fossem parnasianos ou naturalistas, esses intelectuais expressavam de múltiplas formas o sentido polígrafo de suas obras. Santa-Anna Nery expressava bem essa faceta dos intelectuais de sua época, pois, escreveu obras a respeito de vários temas como religião católica, literatura brasileira, imigração e folclore”.

¹⁹ Cf. ao final desta tese o tópico *Publicações de Santa-Anna Nery*.

²⁰ Graças a concessão de uma bolsa sanduíche pela CAPES que nos possibilitou a realização de um estágio doutoral (entre março de 2012 e fevereiro de 2013) na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* em Paris, sob a coordenação de Marie-Vic Ozouf-Marignier e colaboração de Marie-Claire Robic. Sou bastante grato às duas pela acolhida carinhosa e acadêmica. Esta permanência na França também me permitiu viajar para países vizinhos, onde sabia que Santa-Anna Nery tivera alguma relação (como Portugal, Itália e Inglaterra) e adquirir para o Brasil valioso e inédito material sobre este propagandista brasileiro do final do século XIX.

²¹ No decurso da tese explícito o encontro das mesmas e suas respectivas instituições guardiãs.

Desta feita, a questão das representações geográficas tornou-se secundária e a exumação de um personagem praticamente eliminado da memória coletiva – da memória nacional²² –, preponderante. Mesmo porque, por trás de suas representações do Brasil na Europa havia interesses pessoais ou coletivos, de caráter político, econômico ou cultural. Justificando-se o desvelamento biográfico do novo autor em cena.

Assim sendo, pretendendo apresentar ao leitor a biografia de Santa-Anna Nery como fonte de suas ações e escolhas²³, em relação às tentativas de construção, reconstrução, ocultação e esquecimento por parte daqueles que escreveram, ou não, sobre o autor em questão; abordando um momento de redefinição das forças políticas e econômicas na Europa e de transição política no Brasil. Evidenciando-se a cisão entre Estado e Igreja, a mudança do trabalho escravo para o trabalho livre, e a inserção do Brasil no rol dos países “civilizados” ao apagar do Império e o amanhecer da República. Conjuntura bastante significativa: seja para a formação territorial do Brasil, seja para a concepção da nação brasileira.

Neste sentido, procuro compreender a significação histórica da experiência de Santa-Anna Nery como propagandista brasileiro na Europa em fins do século XIX. Perceber de que forma o personagem em foco atuou como agente ou como reprodutor de uma ideia de Brasil na Europa.

Para tal tarefa, estruturei a tese em quatro capítulos, frutos das fontes levantadas em diversas instituições do Brasil e da Europa Ocidental²⁴, privilegiando em nossa análise as próprias obras de Santa-Anna Nery e suas correspondências pessoais ou mesmo de membros de sua família, como de sua esposa, a baronesa de Santa-Anna Nery; além de reportar ao leitor as críticas – negativas ou laudatórias – publicadas em biografias, jornais e revistas da

²² Michael Pollak (1989) em seu texto sobre *memória, esquecimento, silêncio* diz que Maurice Halbwachs em sua análise da memória coletiva “ênfatisa a força dos diferentes pontos de referências que estruturam nossa memória e que a inserem na memória da coletividade a que pertencemos (...). Na tradição européia do século XIX, em Halbwachs, inclusive, a nação é a forma mais acabada de um grupo, e a memória nacional, a forma mais completa de uma memória coletiva”.

²³ Ao longo do texto, principalmente, com base em amplo estudo de François Dosse (2005) – além de Pierre Bourdieu (1986), Giovanni Levi (1989), Lia Osório Machado (2000), Adriana Barreto de Sousa (2007), Manoel Luiz Salgado Guimarães (2008) – o leitor encontrará alguns pressupostos teóricos referentes ao gênero biográfico. Lembrando a ressalva apontada por Marcelo Escolar (1996:60) de que a geografia tem longa tradição na abordagem clássica da biografia (análise internalista) em assumir de “maneira não crítica, tanto as influências sociais do contexto histórico sobre o ou os autores tratados, como a continuidade das obras particulares na edificação diacrônica da grande obra comum da geografia”. Machado (2000) complementa que “a história do pensamento geográfico pode ser um vínculo importante com as outras ciências sociais, como a história, a epistemologia (que estuda a ciência em si), a antropologia e outras áreas mais. Quando tentamos nos aproximar dessas figuras que foram importantes [se referindo aos membros do IHGB] a perspectiva é muito mais aberta, porque as outras ciências podem também se reconhecer nessas figuras. (...) Então eu diria que esses são estudos quase que biográficos, numa mistura de biografia com contexto”.

²⁴ Que podem ser conferidas nos Acervos consultados da Lista de abreviaturas e siglas no início desta tese.

época sobre o personagem em cena²⁵. Nesse sentido, inicio a tese pelas *memórias póstumas de um patriota*, no qual exponho de que forma a morte de Santa-Anna Nery fora recebida por parte da imprensa e de instituições de letras e de ciências do Brasil e da Europa. A relação entre sua viúva e membros de sua família²⁶ também são destacados, por meio da análise de extensas e lamuriosas cartas de sua viúva em confronto com o contexto histórico amazônico na virada do século XIX. Finalizando pela compreensão de Santa-Anna Nery no seio da família Nery.

No segundo capítulo apresento uma discussão entre *religião e patriotismo*, que a meu ver marcou profundamente a vida de Santa-Anna Nery, no qual são relatadas suas relações primevas com os “velhos católicos” e posteriormente com os “ultramontanos”. Evidenciando seus laços pessoais e profissionais com figuras importantes, tanto da Europa quanto do Brasil, como Léon Gambetta, o ex-padre Hycinthe Loyson, dom Antonio de Macedo Costa, o conde de Barral, dentre outros. Neste trecho são esboçadas ainda suas primeiras ideias de Brasil, tendo como pano de fundo a religião católica e suas tensões com o Império do Brasil.

Apóstolo das letras pátrias, o terceiro e maior capítulo da tese, analisa o papel de Santa-Anna Nery em suas múltiplas funções – jornalista, homem de letras e de ciências e de negócios – em torno de sua experiência como propagandista do Brasil. Evidenciando-se sua atuação em prol do Brasil e de algumas províncias na Exposição universal de 1889, em Paris, na qual teve participação central.

Após o fim do Império do Brasil, Santa-Anna Nery, assim como muitos entusiastas da antiga monarquia, aproxima-se do pequeno reino de Portugal, onde já contava com muitos amigos e onde conquistou diversos louros não alcançados durante o Segundo Reinado. Este viés monarquista do personagem em foco, dentre outros antagonismos políticos para com a primeira República brasileira, o levou à prisão em Fernando de Noronha, pouco tempo antes de sua morte. Ambos os temas – a “debandada” para Portugal e seus combates políticos contra alguns governos republicanos – são temas do derradeiro capítulo, *foges cão, que te fazem barão*²⁷.

²⁵ Guimarães (2008) chama a atenção para o papel da biografia no século XIX, quando “narrar a vida dos que deveriam ser recordados cumpria a função de cumprir exemplos, inscrevendo-se a biografia, portanto, como parte do esforço retórico de construção nacional”. De certo modo, as biografias desenvolvidas por Pedro do Rego (1882) e Antonio Faria (1905) sobre Santa-Anna Nery, se inserem não só neste esforço retórico como num empenho apologético para com o biografado; como poderá ser visto ao longo desta tese.

²⁶ Principalmente com os irmãos políticos de Santa-Anna Nery: Silvério Nery (governador do Estado do Amazonas), Constantino Nery (senador do Estado do Amazonas) e Raimundo Nery (deputado pelo Amazonas).

²⁷ Com o intuito de auxiliar a leitura do texto e dos contextos, desenvolvi uma simples genealogia e uma breve cronologia de Santa-Anna Nery, disponíveis ao final desta tese.

Ilustração 1 - *Diário Ilustrado*, Lisboa, 09 de junho de 1901

Capítulo I

MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE UM PATRIOTA

A estas horas, o Brazil inteiro trépudia jubiloso, recordando a sua independência, e d'aquí, do solo estrangeiro, nós, os filhos desse torrão abençoado, lhe mandamos os nossos votos mais sinceros, as nossas mais affectuosas saudações. Posto que longe desse [ilegível] risonho, a imagem da patria querida – anjo da guarda bemfazejo – acompanha-nos sempre no nosso voluntário exílio. Nem as magnificencias da Europa, nem os requintes de civilização, jamais poderão apagar as lembranças feiticeiras da terra que nos viu nascer; onde, ledos, passamos os dias da infância, e onde havemos de exhalar o derradeiro suspiro se assim approuver a Deus” (Vêr, ouvir e contar, Paris, 07 de set. de 1875).

Algum tempo hesitei se devia abrir esta tese pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o nascimento ou a morte de Frederico José de Santa-Anna Nery. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que Santa-Anna Nery não é propriamente um “autor defunto”, mas um “defunto autor”, para quem a campa, ou mesmo antes, foi outro berço¹; a segunda é que nosso escrito ficaria assim mais galante e, em verdade, mais machadiano².

Dito isto, Santa-Anna Nery expirou numa segunda feira primaveril do dia três de junho de 1901, na *rue du Faubourg Saint-Honoré*, nº 208, em Paris³. Não havia passado ainda uma semana de seu quinquagésimo terceiro aniversário⁴. Fora, portanto, para este preâmbulo do século XX, “cedo roubado aos carinhos dos seus e ao esplendor das letras patrias”. Assim

¹ Crouzet (1998:9 *apud* Dossel, 2005:32) utiliza uma ideia semelhante ao se debruçar sobre a biografia de Michel de l'Hospital, constatando que esta figura foi objeto de sucessivas construções, tanto por seus defensores como por seus detratores: “Michel de l'Hopital teve portanto diversas histórias após sua própria história”.

² Dada a intertextualidade do célebre livro de Machado de Assis, vale dizer que o termo “autor-defunto” tem aqui o mesmo sentido daquele do romance, aquele autor que deixou um grande legado literário; já o termo “defunto-autor” assume diferente sentido, querendo expressar as ressignificações distintas que sua obra sofreu tanto em vida como postumamente. A partir desse pressuposto, aproveito para substituir a narrativa pessoal pelo uso do plural majestático, mais condizente com o ambiente que proporcionou a construção desta tese.

³ Aqui já começam algumas informações desencontradas sobre aqueles que escreveram (construíram) as memórias póstumas de Santa-Anna Nery. Iniciemos pela data e local de morte: Câmara Cascudo, a principal referência dos trabalhos acadêmicos sobre o barão, diz que ele morreu no Rio de Janeiro no dia 05 de junho de 1901 (Cascudo, 1935-1936). Já os demais, como Antonio Faria (1905), Agnello Bittencourt (1973) e Vicente Tapajós et al (1993) fornecem a data supracitada no texto. Outros, como Sacramento Blake (1902) ou Ricardo Borges (1970), preferiram se abster desta informação, provavelmente para não cometerem nenhum equívoco. Pelas nossas pesquisas nos Archives de l'Assistance Publique-Hôpitaux de Paris (AAP-HP) claro está que Santa-Anna Nery morreu no antigo hospital *Beaujon*, na rua *du Faubourg Saint-Honoré*, nº 208, conforme as informações descritas no texto.

⁴ Mais uma vez temos para o “defunto autor” uma multiplicidade de datas de nascimento: Faria (1905:25) diz que ele nasceu em 1850; Coelho (2007:15) em 1842. Porém, há um coro formado por Cascudo (1935:209), Bittencourt (1975:448), Borges (1986:133) e Vicente Tapajós *et al.* (1993:120) que fornecem o ano de 1848 como seu nascimento, provavelmente estão amparados por Rego (1882) que não chega a fornecer esse dado diretamente, mas pela dedução chega-se nesta data. Pelas nossas pesquisas nos arquivos do AAP-HP e do *Séminaire de Saint-Sulpice* em Paris encontramos a informação de que Frederico José Nery nasceu em Belém do Pará no dia 28 de maio de 1848.

escreveu um “anônimo”, alguns meses após sua morte⁵. Outros escritos lamentaram seu desaparecimento súbito, os mais minuciosos e extensos são frutos da imprensa portuguesa, onde Santa-Anna Nery contava com um sem número de amigos e apreciadores; certamente alguns inimigos, mas, na hora da morte, desaparecem.

O *Diário Illustrado* de Lisboa, por exemplo, publicou no dia 09 de junho de 1901 em sua primeira página, no centro, uma gravura do *Barão de Sant’Anna Nery*, reproduzida no *caput* do capítulo. Imagem de um barão cansado, com as marcas do tempo estampadas no rosto e um olhar triste e longínquo, à direita do leitor. A primeira linha do jornal leva também o nome titulado do falecido e aproveita para evocar alguns de seus feitos, sobretudo em sua relação com os patrícios portugueses. Citam sua amizade íntima com o escritor Manoel Pinheiro Chagas, quando este se hospedou em sua casa durante a célebre Exposição Universal de 1889. Outros jornais ainda lembram que foi graças aos esforços de Santa-Anna Nery que ocorreu a festa do tricentenário de Camões, em junho de 1880, em Paris. Assim, o editorial do *Diário Illustrado* recorda também outros títulos que o barão acumulou ao longo da vida, como o “officialato da Academia Franceza, a Legião de Honra, commenda de Christo por Portugal, etc”. O jornal lembra ao fim que apesar de o barão ter adotado Paris como “terra natal de seu cérebro, seu coração, verdadeiramente patriótico” (Editorial, 1901:1), pertencera ao Brasil; valendo-lhe a divisa: “Nada por mim; por minha pátria tudo”⁶.

Outros jornais lisboetas, como *O Século* e *O Diário de Notícias*, através de seus jornalistas Xavier de Carvalho e Silva Lisboa, respectivamente, publicaram matérias mais íntimas sobre o velho amigo falecido. Ambos exploram em suas linhas, também na primeira página, com numerosos detalhes, o último dia de vida do barão de Santa-Anna Nery. Vale a pena sintetizarmos alguns fatos deste longo três de junho: tanto pela dificuldade de acesso a essas fontes; como pela riqueza, excessiva, da narrativa⁷.

Ao que consta, já fazia tempo que o barão de Santa-Anna Nery não se sentia bem de saúde. Entretanto, ele confidenciara a seus amigos que estava em franca recuperação. Assim, nesta segunda-feira primaveril, quando fazia pouco tempo que havia retornado do Brasil, passando antes por Portugal, já se sentia um pouco mais revigorado. Desta forma, reuniu

⁵ Cf. citação da p. 31.

⁶ Assim conclui Faria (1905:XLIV) em sua breve biografia sobre o barão de Santa-Anna Nery, citando um trecho do poema do visconde de Pedra Branca.

⁷ Os próximos três parágrafos têm como fonte, com exceção para as que estão indicadas, os artigos de Silva Lisboa (1901) no *Diário de Notícias* e de Xavier Carvalho (1901a) no *O Século*, ambos intitulados “Carta de Paris”, provavelmente uma coluna semanal sobre as principais notícias parisienses nos jornais de Lisboa. Nesse sentido, Santa-Anna Nery, que publicou no *Jornal de Commercio* do Rio de Janeiro sua coluna (folhetim) quinzenal sobre os acontecimentos parisienses, foi mais criativo com o título: *Vêr, ouvir e contar*. Sobre este folhetim ver tópico: 3.1 *Vêr, ouvir e contar*.

alguns amigos no prestigioso restaurante *Noël Peters*, próximo a *Passage des Panoramas*, no segundo *arrondissement* de Paris, para confraternizar e degustar os curiosos pratos à *l'Américaine* do *chef Peters*. Contudo, apesar de um almoço regado com *Champagne* e muitos brindes afetuosos, Santa-Anna Nery deu preferência aos pratos simples, de fácil digestão. Por volta das quatro horas da tarde: o barão despediu-se do Dr. Sá Valle, seu amigo íntimo, e foi para casa, na rua *Boissière*, nº 30, onde jantou com sua enteada e seu genro; sua esposa, a baronesa de Santa-Anna Nery, estava na província já fazia dois dias. Após o café, o barão saiu dizendo que ia dar um passeio até os *Champs Elysées*. Porém, segundo se soube mais tarde, tomou uma condução na rua *Ponthieu* e pediu ao cocheiro para dar um giro pelo parque *Monceau*. No meio do caminho sentiu-se mal, queixando-se de dores de cabeça e falta de ar. Mandou parar diante de uma farmácia, onde o aconselharam que se dirigisse ao hospital *Beaujon*, que ficava ali, a dois passos. Assim o fez. Apeou-se à porta deste bem conhecido hospital parisiense e dirigiu-se à sala de atendimento. Caminhou vagarosamente apoiado à bengala. Sentou-se numa poltrona. Mas, quando lhe fizeram as primeiras perguntas, Santa-Anna Nery levantou-se com a boca espumante de sangue e caiu, estatelado, morto; às vinte três horas e trinta minutos⁸.

Avisada a família, esta mandou chamar o Dr. Sá do Valle, que quando chegou por volta de uma hora da madrugada ao hospital *Beaujon* encontrou o seu velho amigo com a rigidez cadavérica. A decomposição foi rápida e tão completa que não se permitiu o embalsamento. “O corpo foi fechado dentro de três caixões, sendo o primeiro de chumbo. O ventre do Sant’Anna Nery, que era já bastante volumoso, transformou-se num balão enorme! E ninguém podia aproximar-se do cadáver, tal era o fétido purulento que exalava! Os médicos do hospital admiraram-se mesmo de uma tão rápida e tão completa decomposição”. Imaginem, leitores, além da sua imagem estampada na capa, todas essas informações complementares sendo publicadas... Os jornais portugueses foram unânimes em relação à sua morte: “O nosso pobre amigo caíra fulminado pela terrível ‘*ambolle*’ que mata tanto brasileiro na Europa e que é a morte dos que labutam desesperadamente em negócios múltiplos em que se fatiga o espírito e o coração” (Lisboa,1901a:1)⁹. Todavia, os laudos dos médicos franceses não compactuaram com as suposições da imprensa portuguesa e simplesmente apontaram em

⁸ Informação fornecida pelo *actes de décès* dos AAP-HP.

⁹ Xavier de Carvalho (1901a:1) irá descrever a causa de sua morte como “uma hemorragia cerebral ou uma embolie”.

seus relatórios, seja no campo “natureza da doença” ou “causa de morte”, o símbolo: “?”, demonstrando que ignoravam a causa de sua morte¹⁰.

Apenas no dia 05 de junho, o caixão, ou melhor, o conjunto de caixões deixou o hospital e foi depositado na igreja de *Saint-Pierre de Chaillot*, “a igreja aristocrática do bairro dos Campos Elísios e paróquia do finado”. Para os “offícios de corpo”¹¹ foram feitos mais de mil convites, o que demonstra a enorme rede de relações tecida pelo ilustre barão em seus mais de 25 anos vividos na Cidade Luz¹². Não obstante esta imensa rede, os jornais parisienses apenas publicaram algumas parcas linhas sobre sua morte¹³. Vejamos o exemplo do *L'Événement*:

“Nous apprenons le décès du baron de Santa-Anna Néry, officier de la Légion d'honneur, ancien délégué général des Etats-Unis du Brésil en Europe, ancien syndic de la presse étrangère” (Nécrologie, 1901:2).

No Brasil, parece não ter sido muito diferente, o jornal *O Paiz*, por exemplo, publicou apenas uma pequena nota, na última página, para anunciar a realização da missa de sétimo dia do barão. Ao que se depreende, anúncio pago pelos irmãos do falecido, que à época residiam no Rio de Janeiro.

“O senador Constantino Nery e sua família, o Dr. Mario Nery e sua família e Abilio Nery, profundamente penalizados pelo passamento de seu irmão, o **barão de Sant'Anna Nery**, mandam rezar missa, na igreja de S. Francisco de Paula, segunda-feira 10 do corrente, às 9 horas, 7º dia do seu falecimento. Para esse acto convidam os seus amigos e os do finado, confessando-se desde já gratos”¹⁴.

¹⁰ Cf. Registre de Décès 3Q2/76 (AAP-HP).

¹¹ O Jornal *O Século*, publicou em sua edição do dia 14 de junho de 1901, p. 3, uma gravura da igreja *Saint-Pierre de Chaillot*, onde se realizou a missa de corpo presente de Santa-Anna Nery. Um jornalista, provavelmente Xavier de Carvalho, fez questão de apontar alguns presentes, como “Príncipe de Cassano, Pedro Chermont, Alves Leite, Theodoro Braga, Fiuza e esposa, dr. Luiz de Moraes, dr. Teixeira, director de Instrução Publica do Amazonas; dr. Paes de Carvalho, ex-governador do Pará; Claudino Alves de Castilho, Ernesto Mattoso, Areosa, representante diplomático de Venezuela; coronel Schesinger, conde e condessa de Dresnas, Lauro Bettencourt, M. d'Abril, marquez e marqueza de Ornano, Hermano da Silva Ramos, A. de Sousa, marquez do Barral, Paul Mariéton, mademoiselle Eduardo Garrido, marqueza de Paranaguá. Dr. Sá Valle, Roberto de Mesquita, Silva Lisboa, Dr. Saint-Hilaire, conde e condessa de Daremment, F. Salamanca, Amadée Prince, o cônsul do Brazil, Leoni, barão de Anthonay, mademoiselle Kembenpg, Xavier de Carvalho, etc.” (Carvalho, 1901b:3).

¹² Chegamos a empreender uma pesquisa nos arquivos da igreja *Saint-Pierre de Chaillot*, em Paris, em busca de tais convites, etc, mas disseram-nos que após a demolição da igreja e sua reconstrução, muitos documentos se perderam.

¹³ Consultamos vários periódicos franceses da época e bem pouco encontramos sobre a morte do barão de Santa-Anna Nery. O jornalista Silva Lisboa (*op. cit.*) também compactua da escassez de notícias sobre Santa-Anna Nery: “lia nos jornais de Paris, em meias dúzias de linhas simples e banaes a surpreendente notícia de sua morte repentina”.

¹⁴ *O Paiz*, do dia 08 de junho de 1901, folha 4. Parece haver um erro nesta publicação, pois em verdade o nome do irmão de Santa-Anna Nery é Márcio Nery e não Mario Nery como publicado.

Não encontramos mais nenhuma referência em relação a esta missa realizada no Rio de Janeiro. Entretanto, mais uma vez, são seus amigos portugueses quem irão lhe render sua mais importante homenagem póstuma. Ocorrida no dia 15 de junho na *Igreja Paroquial dos Mártires*, em Lisboa. “Foi celebrante o rev. Dr. Lopes da Silva, tendo por acolytos os reverendos Paulino e Alonso, servindo de mestre de cerimônias o sr Carlos Jorge. Cantou-se o *Libera-me* de Jourdain, acompanhado pela orchestra da Sé, dirigida pelo Sr. Anira de Ferreira” (Barão de Sant’Anna Nery. 1901:3). Este ato foi realizado pelos amigos do falecido barão e contou com numerosas personalidades das sociedades portuguesa e brasileira, além de diversos diplomatas sul-americanos¹⁵.

Como se percebe pela nota precedente, até mesmo o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) estava representado no ato lisboeta, através do Dr. Antonio Zeferino Candido¹⁶. Haja vista que Santa-Anna Nery era membro correspondente deste instituto, fato lembrado por ocasião da 8.^a Sessão Ordinária do IHGB, que deixou registrado que “fallecia em Paris o Dr. Frederico José de Santa Anna Nery, mais conhecido pelo seu titulo de Barão de Sant’Anna Nery. Era um notavel e apreciado escriptor, a quem devemos diversos trabalhos históricos e litterarios de incontestavel valor (...)”¹⁷. Meses depois, em sessão magna do IHGB foi proferido um discurso, intitulado *Elogio aos sócios falecidos*, no qual encontramos uma série de sócios agraciados, não só com os elogios, mas também com breves passagens biográficas sobre os seus mais importantes feitos, a partir das considerações de Antônio Ferreira de Sousa Pitanga¹⁸. O nome de Santa-Anna Nery, neste *Elogio*, antecede ao de seu

¹⁵ “Ao piedoso acto assistiram os seguintes srs: Marquez de Franco e Almodovar, dr. Mello e Alvim, ministro do Brazil Vieira da Silva, cônsul do Brazil, pessoal da legação, visconde de S. Boaventura, Aureliano do Nascimento, Bernardo Santos, Jayme Victor, Joaquim Pinto dos Santos, A. Martins e esposa, Antonio Pimenta Rangel da Costa, M. Marcondes, Garland Laydley & Cia, Alfredo Augusto Faria, José Antonio Martins e esposa, João Antonio Rosa, Mendonça e Costa, dr. Antonio Zeferino Candido, pelo Instituto histórico, geographico e topographico brasileiro, Ernensto A. Valle, Raymundo Moraes, Alvaro de Mello, José Anastacio Gomes, Manuel Rato, Antonio Victor, Francisco Ribeiro Carvalho, Joaquim da Cunha, Raymundo Nery Junior, Henrique Nery, José Antonio Freitas, Augusto Quartín, Antonio Marques Santos, J Mello Alvim, Francisco Bandeira e família, Antonio Bandeira, Antonio Victor Cardoso, João Gomes, cônsul da República de Costa Rica, José Mello, José Antonio Santos, Francisco Sousa Mesquita, Visconde de S. Gíão, Deodato da Fonseca, Brito Aranha, Annibal d’Azevedo, Filipe Moré, cônsul da Republica Argentina, Americo dos Santos, Guilherme dos Santos, Antonio Bastos, Silverio Casalino, José Augusto e esposa, dr. Astrolabio Passos, etc, etc.” (Barão de Sant’Anna Nery, 1901:3).

¹⁶ Antonio Zeferino Candido, no entanto, coincidentemente estava em Portugal, em missão do IHGB, para pesquisar sobre a “formação da *Historia do Brasil* nos tempos coloniais” (Doutor Zepherino Candido, 1901:174).

¹⁷ Max Fleiuss (2º Secretário), Discurso comunicando o falecimento de José Maria Velho da Silva e Frederico José de Sant’Anna Nery (8.^a Sessão Ordinária em 07 de junho de 1901). *RIHGB*, T. 64, pt. 2, v. 104, p. 203-204, 1901.

¹⁸ Nasceu na Bahia em 1850 e morreu no Rio de Janeiro em 1918. Durante os anos de 1900 a 1905 Pitanga escreveu na RIHGB os “Elogios dos sócios falecidos” (Tapajós e Tórtima, 1993:309).

amigo Eduardo Prado, morto alguns meses depois. Pitanga resume da seguinte forma o papel de Santa-Anna Nery na França.

Era além disso um amigo de sua patria e de seus patrícios. Em Pariz era Sant'Anna Nery um prolongamento do Consulado brasileiro, sempre prompto a conduzir naquelle labyrinth os neophytos, que encontravam todas as facilidades com a sua orientação de provecto touriste.

À sua iniciativa se deve diversos acontecimentos honrosos ao nome brasileiro, sobrelevando os esforços com que conseguiu a representação do Brazil na grande Exposição Universal de 1889, a organização das festas do Centenario de Camões na Sorbonna, e o mais extraordinario banquete que a colonia brasileira realizou em Pariz: o banquete commemorativo da abolição da escravidão no Brazil em 1888, nos salões do grande Hotel Continental (Pitanga, 1901:385, 386).

Pitanga reforça ainda que Santa-Anna Nery não era só um homem de letras, citando as suas famosas publicações no rodapé do *Jornal do Commercio*, mas também um homem de ciências, tendo sido admitido como “membro correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa [ACL] e da Academia Real de Geographia de Londres [RGS]”. Desta última, encontramos ainda a seguinte notícia necrológica:

“We regret to record the sudden death, which lately occurred at Paris, of our honorary corresponding member, Baron de Santa Anna Nery, known for his writings on matters relating to Brazil, of which country he was a native” (Obituary, 1901: 319).

Tais necrológios revelam não só algumas das titulações do barão, mas também seu reconhecimento nacional e europeu, como membro dessas prestigiosas instituições de ciências e de letras. Destaca-se que Santa-Anna Nery recebeu o título de membro honorário da RGS, que segundo Antonio Faria só era conferido apenas duas vezes ao ano; além de Santa-Anna Nery, “somente D. Pedro II o recebeu. São os dois únicos sul-americanos condecorados como honorários pela referida sociedade inglesa” (Faria, 1905:XXXV)¹⁹. Além disso, Santa-Anna Nery fora indicado ao renomado *Institut de France*, quando sua candidatura como membro correspondente foi fortemente defendida pelo Dr. Jean Martin Charcot, o ilustre médico

¹⁹ Desconhecemos a fonte de Faria para tal informação. O próprio Santa-Anna Nery a relata, citando uma publicação no jornal parisiense, *Correspondance Politique*, escrito por Maurice de la Fargue (Nery, 1898:79). Contudo, durante nossas pesquisas na *Royal Geographical Society* (RGS), em Londres, não encontramos nenhum documento oficial da instituição que confirmasse a informação de que o título de “membro honorário correspondente” só era conferido duas vezes ao ano. Além disso, apesar da confirmação da nota precedente, de que Santa-Anna Nery recebera o título, não encontramos nenhum outro documento que nos informasse sobre quando e por que o recebeu. Até mesmo a data de sua filiação na referida instituição não a encontramos. Entretanto, segundo informação dos funcionários atuais da RGS os títulos eram oferecidos sem constar nenhum registro. Os livros pesquisados na RGS podem ser conferidos no tópico *Fontes primárias* deste trabalho.

francês. Contudo, o Barão morreu no mesmo ano em que se daria a sua possível candidatura²⁰.

Todas essas filiações e indicações são frutos, em especial, da imensa obra produzida pelo barão sobre o Brasil, como aponta o discurso de Max Fleiuss (1901:203 e 204) quando de sua morte: “Nos trabalhos do erudito consocio são encontradas abundantes notícias sobre as sciencias, letras, artes, commercio, industria, costumes, sobre todo o movimento, em summa, intellectual ou material do nosso paiz, revelando-se sempre a illustração e patriotismo do autor, solícito em defender com extremo vigor e convicção os nossos legitimis interesses e honrando como devia o nome do Brazil no estrangeiro”. Sua produção bibliográfica composta por mais de duas dezenas de livros e inúmeros artigos, discursos, banquetes, conferências, teve como principal objetivo a divulgação do Brasil na Europa. Tal missão conferia-lhe não só o título de autêntico patriota, mas também de um exemplo a ser seguido, como nos revela o autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas*: “longe da Pátria, no **centro** onde é fácil esquecer todas as cousas remotas, [Santa-Anna Nery] não se limita a lembrar-se do Brazil: – ama-o, defende-o e honra-o por seus talentos brilhantes e variados estudos. Não é só um patriota, é também um exemplo”²¹.

Portanto, este exemplar ser humano, brasileiro, que sonhava exalar o último suspiro no solo pátrio, não poderia descansar o sono eterno em terras estrangeiras. Desta feita, seu irmão, Silvério Nery, à época governador do estado do Amazonas, mandou trazer seus despojos para Manaus, onde jazem no cemitério de São João Batista²². O governador mandou providenciar também um monumento ao barão de Santa-Anna Nery no centro de Manaus. Meses depois, o estado do Amazonas publica ainda um *Álbum do Amazonas* no qual adaptou a mais importante obra do Barão – *Le Pays des Amazones* – numa publicação trilingue (português, francês e inglês). O *Álbum* que tinha como objetivo divulgar e promover o estado do Amazonas no Brasil e no exterior foi dividido em duas partes: a primeira fotográfica e a segunda textual. Nesta última, encontramos a seguinte ode ao Barão, logo no primeiro parágrafo:

²⁰ Esta informação é fornecida por Faria (1905) que diz também que caso sua candidatura fosse aceita, Santa-Anna Nery estaria ao lado, novamente, de dom Pedro II e de barão de Tefé, os dois únicos brasileiros admitidos nesta instituição durante o século XIX.

²¹ Assim Machado de Assis exprime sua estima pelo colega distante (Rego, 1882:28, o grifo é nosso).

²² Após a missa de corpo presente em Paris, o caixão havia sido depositado na cripta da igreja, pois haviam dúvidas ainda se seria possível o traslado do corpo de Santa-Anna Nery (Carvalho, 1901b:3). Mas, pelos Balanços do Tesouro do Estado do Amazonas, ficou claro que o governo de seu irmão desembolsou dos cofres do estado seis contos, seiscentos e quarenta e um mil, trezentos e sessenta e dois réis para a transferência dos despojos (Bittencourt, 1973:451).

Todo trabalho minucioso que, de momento, se empreendesse levar a cabo sobre a região do Amazonas se tornaria redundância, pois que difícil, senão impossível, será irmanar o que, sobre o assumpto, deixou traçado esse preclaro espirito de investigador e fecunda penna de litterato que foi o malogrado Barão de Santa' Anna Nery — tão cedo roubado aos carinhos dos seus e ao esplendor das lettras patrias (Governo do Estado do Amazonas, 1901:1).

Eis que o “anônimo” do início do capítulo aparece: é o editor ou os editores ocultos da obra governamental de seu irmão, expondo a impossibilidade de igualar o feito do Barão sobre a região amazônica, diga-se de passagem, região que ajudou muito a consolidar. Outros diriam ainda que Santa-Anna Nery não só descobriu a Amazônia para os europeus, como foi “o inventor do *caoutchouc*”. Numa figurada alusão feita pelo escritor do jornal *Figaro*, aos esforços do Barão em revelar aos europeus as riquezas do Brasil²³. Tal feito demonstra uma das facetas mais conhecidas do autor em cena: a de propagandista. Conforme ele próprio havia anunciado, nos idos de 1889, em sua obra, *Le Folk-Lore Brésilien*: “Para aqueles que se derem ao esforço de lê-lo terão, ao menos, a ocasião de conhecer uma nova faceta deste belo país, chamado Brasil, do qual **eu me constitui na Europa o propagandista voluntário**” (Santa-Anna Nery, 1889a:XI, o grifo nosso).

Santa-Anna Nery, como vimos e veremos, dedicou grande parte de sua existência em revelar ao mundo europeu suas impressões e, evidentemente, sua ideia ou reprodução de “Brasil”, – ora como “voluntário”, ora como contratado, delegado por outrem – defendendo-o sempre, qualquer que fosse o interlocutor. Entretanto, no dia de sua morte, o ilustre patriota estava cansado de tanto diletantismo pela pátria amada, que muitas vezes não reconhecia seus esforços; precisava, portanto, mudar. Assim, ele confia a “uma amiga íntima de sua esposa”, uma “princesa”, que naquele dia – que ele ainda não sabia, mas fora fatídico – havia assinado um novo pacto com a vida, pois precisava se dedicar a deixar algum conforto a sua pobre mulher que tanto sofreu e tanto se sacrificou por ele; “*voilà tout ce que je demande à Dieu*”, diz Santa-Anna Nery²⁴. Porém, Deus pareceu não escutar as suas preces e ele morreu neste mesmo dia, e sua mulher, que já tanto havia sofrido em vida pelo marido (como explicaremos posteriormente), estava apenas por começar a sua penitência.

²³ O referido escritor era Aurélian Scholl (*apud* Faria, 1905:XXXV-XXXVI). Scholl era colega de Santa-Anna Nery desde os tempos do Congresso de Paris de 1878 (*cf.* capítulo 3 Apóstolo das Letras Pátrias).

²⁴ “J’ai assez travaillé pour les autres, Il faut que j’assure l’avenir de ma femme” (Santa-Anna Nery *apud* Faria, *op. cit.*: XXXIV).

1.1 A baronesa de Santa-Anna Nery

À Madame de Santa-Anna Nery,

J'ai cru – et j'ai la certitude de ne m'être pas trompé – que votre nom devait figurer en tête d'un album destiné à le glorifier. Ce livre est tout plein du nom de celui qui est la moitié de vous-même. Il vous appartient donc de le protéger, et c'est pour cela que j'ose le déposer à vos pieds. En même temps que ce livre, Madame, où tous nous avons fêté le beau nom que vous portez, nous vous prions d'accepter l'hommage de notre reconnaissance, car tous nous savons que vous êtes la compagne digne et fidèle de celui que nous aimons, de celui que nous admirons. Ce bouquet de fleurs brésiliennes ira orner votre salon, et vous rappellera ce beau pays américain, qui est devenu le vôtre (...).

Votre très-humble serviteur,

Pedro do Rego

Esta carta, datada de 31 de agosto de 1882, figura “*en tête*” de um *álbum literário*²⁵ destinado a saudar e apresentar Santa-Anna Nery para a sociedade ilustrada da capital do Império do Brasil. Haja vista que o jovem Santa-Anna Nery, não só nunca havia estado no Rio de Janeiro, como estava há 20 anos distante da pátria. Contava agora com 34 anos de idade e trazia na bagagem uma carreira de jornalista consolidada e já prestigiada, sobretudo, na Europa. Ao menos é o que nos contam as quarenta personalidades da “*intellectualidade brasileira*”²⁶, que fazem os mais *lisonjeiros elogios* ao patriota: “este homem admirável que agora volta de Paris, para o fim unicamente de visitar a Patria que lhe não sahe nunca do coração, e que é, no estrangeiro, o objecto querido das suas saudades e das suas doces melancolias. Feliz Sant’Anna Nery!”²⁷.

Eis o mote de todos os artigos produzidos por seus colegas e amigos distantes, muitos deles que não deviam nem conhecê-lo pessoalmente, apenas por seus escritos, especialmente,

²⁵ Pedro do Rego. *O Brazil Litterario: Traços biographicos de F. J. de Santa Anna Nery*; acompanhados de escriptos firmados por distintos jornalistas, litteratos e parlamentares brasileiros. Rio de Janeiro: Faro & Lino, 1882. 37p.

²⁶ Apresentamos na totalidade a lista compilada por Rego (Ibidem:20 et seq.), em ordem de aparição: Achilles Varejão (Jornalista), Urbano Duarte (Jornalista), Joaquim Serra (Jornalista – Maranhão), J. Avelino (Jornalista), Dr. Bernardo Teixeira de Carvalho (Médico), Silvestre de Lima (Jornalista), Carlos França (Litterato), José Agostinho dos Reis (Professor da Escola Polytechnica – Pará), José do Patrocínio (Jornalista), Joaquim Rocha dos Santos (Deputado provincial – Amazonas), Adelino Fontoura (Jornalista – Maranhão), J. A. Fernandes de Oliveira (Deputado Geral – Rio de Janeiro), Guilherme Bellegarde (Litterato), Conselheiro Cardoso de Menezes (Litterato), Dr. Affonso Celso Junior (Litterato e Deputado geral – Minas), Adriano Pimentel (Deputado Geral – Amazonas), Machado de Assis (Litterato), Araripe Júnior (Jornalista), Dr. J. Ferreira Cantão, Guilherme F. Cruz e Samuel W. Mac-Dowell (Deputados gerais pelo Pará), Páo Brazil (Jornalista – Pará), Pires Brandão Junior (Jornalista), Macedo de Aguiar (Litterato), Martim Francisco Junior (Jornalista e Deputado geral – S. Paulo), Martim Francisco (Deputado geral – S. Paulo), Thomaz Pompoeu de Souza Brazil (Deputado geral – Ceará), Julio de Lemos (Jornalista), Antonio Pinto de Mendonça (Deputado geral – Ceará), Franklin Doria (Litterato e Deputado geral – Piauy), Rodolpho Dantas (Jornalista e Deputado geral – Bahia), Munio Teixeira (Litterato), F. Belisario (Deputado geral – Rio de Janeiro), Alfredo de Escagnolle Taunay (Deputado geral – Santa Catharina), Octaviano Hudson (Jornalista), Gama Roza (Litterato), Paulino J. S. de Souza (Deputado geral – Rio de Janeiro), Jacintho Garcez (Rio de Janeiro), Victor da Cunha (Jornalista), França Junior (Litterato).

²⁷ Adelino Fontoura *apud* Rego, 1882:25.

como correspondente e folhetinista do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro e como importante colaborador do *Le Brésil: courrier de l'Amérique du Sud*, publicado em Paris. De qualquer forma, tal rede social composta principalmente por jornalistas e literatos, além de um médico, um engenheiro e dezesseis deputados, mostra que a comunicação entre esses homens de todas as partes do Brasil com um exilado em Paris, era ativa e intensa. Nesse sentido, tal publicação de Pedro do Rego, tanto por sua biografia, como pelos depoimentos, tem o intuito não só de enaltecer o currículo de Santa-Anna Nery, mas de legitimá-lo, por meio de seus importantes amigos e colegas, como um patriota brasileiro, que apesar de distante, está mais próximo do Brasil que a maior parte dos brasileiros. Nas palavras de Carlos França, Santa-Anna Nery contempla o Sena, recordando o Amazonas (*apud* Rego, 1882:23).

Os quarenta depoentes, com os mais lisonjeiros escritos, fornecem também ao público o ecletismo das relações tecidas entre Santa-Anna Nery e membros da jovem *intelligentsia* brasileira. Entretanto, seus laços mais estreitos se dão com os políticos ditos “liberais”, como o genro do visconde de Paranaguá, Franklin Dória, literato e historiador, à época deputado pela província do Piauí; Rodolpho Dantas, jornalista e naquele momento deputado pela Bahia e destacado membro do Partido Liberal; Ou ainda, um França Junior, também literato, sendo um “Federalista Científico de São Paulo”²⁸, bem como Martim Francisco Junior, jornalista e deputado, também pelo Partido Liberal.

O bem-aventurado e muito bem relacionado biografado traz de Paris sua esposa, a inglesa “Annie-Louis Wellesty”. Apresentada pelo amigo e compatriota de Santa-Anna Nery, Pedro do Rego, que abre um parêntesis na breve biografia do amigo para falar deste encontro, que ele chama de “página íntima, a página do amor, a página do coração”. Nas quais nos revela o encontro das “duas almas gêmeas”. Reproduzi-la-emos quase na íntegra, pois é bastante significativo o “ilusionismo biográfico”²⁹ proposto e que se perpetuará em quase todos os trabalhos sobre o autor em cena.

Vamos indiscretamente lê-la.

²⁸ Sobre esses membros da “geração de 1870” confira Angela Alonso (2002), que caracteriza ainda Rodolpho Dantas como pertencente ao grupo dos “novos liberais” ao lado de André Rebouças, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, dentre outros.

²⁹ Pierre Bourdier (1986:185), em seu artigo, *A ilusão biográfica*, diz que “produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar”. Dosse (2005:271), entretanto, nos lembra que dez anos antes de Bourdieu, Daniel Bertaux já havia desenvolvido a ideia de *ideologia biográfica* com o mesmo senso: “L’erreur monumentale de ‘l’idéologie biographique’ est de considérer les récits autobiographiques comme autant de récits de *vies*, comme si parce qu’une vie a été vécue de bout en bout par le même être humain elle constituait un objet authentique, possédant une existence propre, une cohérence interne, voire un *sens*”.

Ella é toda um romance, um romance cheio das melancolias da pátria de Shakspeare, dos arroubos da terra de Miguel Angelo, de mistura com o perfume activo e penetrante das mattas virgens do Amazonas.

Esse romance é a historia do seu casamento.

Quando, em Roma, o joven Sant'Anna Nery attrahia a attenção de todos pelo seu bello physico de meridional e pelo seu grande talento de escriptor, uma formosa criança de 12 annos, filha de uma importante familia ingleza, participava também da admiração e da amisade que seus paes prodigalisavam ao litterato estrangeiro.

*
* *

Decorreram annos.

Sant'Anna Nery vai a Londres por ocasião do Congresso Internacional. Reatam-se as relações de amisade entre a família ingleza e o antigo conhecido.

A criança de Roma era agora uma lady, duplamente distincta pela belleza physica e pela belleza do espirito.

Lembro-me de ter lido algures que as almas nascem duas á duas, nascem irmãs gémeas.

Às vezes acontece, que uma vai habitar o corpo de um aborígene do Amazonas e a outra animar alguma loira filha de Albion.

Se se encontram, é a felicidade completa. Assim succedeu. (...) e aquellas duas almas, que eram gemeas, uniram-se. A jovem Annie, de família protestante e protestante, fez-se catholica. Casaram-se... (Rego, 1882:18,19).

Após a narração desses encontros e desencontros, envolto numa atmosfera de amor eterno e predestinado, Pedro do Rego revela ainda as confidências do amigo sobre a mulher amada: dizendo que “encontrou nella, não somente a esposa fiel com quem se sonha na mocidade, mas ainda a amiga leal e dedicada, a inseparável companheira de trabalho, que compartilha da vida do seu coração e da vida da sua intelligencia. (...) Fechemos o parenthesis”³⁰. Ao passo que Rego fecha o parêntesis, abramos outro, importunadamente, sobre os três asteriscos do texto do Rego que representam um hiato temporal de quase 10 anos.

Não sabemos ao certo como se deu a amizade entre Pedro do Rego e Santa-Anna Nery³¹, o certo é que eram bastante próximos, a ponto de o primeiro ser o responsável pela 1ª biografia do segundo. Biografia breve, mas curricular sobre os feitos do amigo distante. Pela descrição do segundo encontro entre a “filha de Albion” e o “aborígene do Amazonas”, deduzimos que o mesmo deve ter ocorrido por ocasião de sua participação no Congresso Literário Internacional de Londres, isso no ano de 1879³². Como a biografia é de 1882, entende-se que os dois eram recém-casados, o que de certa forma explica essa aura

³⁰ Rego (1882:19). Este mesmo texto será apropriado por Antonio Faria (1905), dizendo ser de autoria de d. Antonio de Macedo Costa, conforme poderá ser visto na p. 57, nota 116.

³¹ Essas relações, sobretudo, profissionais serão melhor esmiuçadas no capítulo 3 Apóstolo das letras pátrias.

³² Sobre este congresso e a participação de Santa-Anna Nery, cf. o subcapítulo: 3.1.1 Brasil, Portugal e América Latina.

extremamente romanceada pelo amigo³³. Sabemos também que o jovem Santa-Anna Nery esteve em Roma, provavelmente em função de seu doutoramento em alguma Universidade italiana³⁴, quando já era admirado por “uma formosa criança de 12 anos”, pelos idos de 1870. Ora, Pedro do Rego nos oculta, em três asteriscos em forma triangular (verificável na página precedente), quase uma década desta “página do coração” de seu amigo. Isso demonstra mais uma vez os laços de amizade e mesmo profissionais entre os dois. Pois em verdade, quando do reencontro em Londres, Annie-Louis Wellesty, a “miss inglesa”, já era uma viúva. Casada com Francis A. Cheston Esq com quem teve uma filha: Maud, que transformou-se na enteada de Santa-Anna Nery³⁵. Mas essas informações são silenciadas pelo amigo, talvez a pedido, não sabemos, supomos. Pois, quem sabe, não fosse prudente mostrar à sociedade fluminense tal faceta de sua “alma gêmea”: haja vista que outra “alma” já havia aparecido e fenecido. Não por acaso também Pedro do Rego dizer que a jovem protestante trocou tão facilmente de religião. Pois, de certa forma, fora seu primeiro casamento, ao menos entre os católicos.

O fato é que Annie-Louis, ou melhor, a baronesa de Santa-Anna Nery tornou-se viúva novamente. Só que desta vez parecia-lhe bastante tarde para um terceiro casamento, um novo companheiro que pudesse abrandar seu sofrimento. Não só o sofrimento da perda do esposo amado, mas principalmente da falta de recursos financeiros que pudessem manter seu *status quo ante*. A baronesa se encontrava, agora, desamparada, desesperada, carente de tudo, ao menos é assim que ela se expressa, seja aos irmãos, seja aos antigos amigos, de seu marido.

O barão do Rio Branco certamente foi um desses amigos mais requisitados pela baronesa de Santa-Anna Nery. Ao todo lhe foram endereçadas 13 cartas³⁶. Afora o número cabalístico, são mais de cinquenta páginas bem preenchidas, pois todo o papel é ocupado por sua pesada grafia preta; em algumas, ela chega mesmo a escrever por cima do que já havia escrito, só que na vertical, deixando transparecer que o papel havia acabado. Essas

³³ Posteriormente, encontramos num jornal de época a confirmação do exposto, exaltando ainda a beleza da noiva: “Os casamentos, contactados durante o verão, celebram-se agora. Assim é que há dias, effetivou-se o matrimonio do nosso patricio, o dr. Santa-Anna Nery, com uma jovem miss ingleza (Correspondencia Européa, 28 out. 1881).

³⁴ Cf. nota 54 do capítulo II Religião e patriotismo

³⁵ Esta informação nos é dada por Antonio Faria (1905:XLI) e por uma série de publicações em jornais, sobretudo do ano de 1889, que fala da enteada de Santa-Anna Nery como Maud Santa-Anna Nery (mostrando que Santa-Anna Nery havia reconhecido sua enteada como filha). Sobre o nome de solteira da baronesa de Santa-Anna Nery, além daquele descrito por Rego (Annie-Louis Wellesty), encontramos também nos registros do AAP-HP mais dois nomes: Anna Burrell (Registre de Décès 3Q2/76) e Anna Lizzie Burrell Willoughby (Actes de Décès – 8^e arrondissement – 03/06/1901 – V4E8780). Este último parece ser seu nome de batismo, uma vez que em carta enviada ao D. Antonio de Macedo Consta, em 1891, ela assina como A. Willoughby.

³⁶ Devemos a Luciene Carris Cardoso, a quem aproveitamos para agradecer, a reprodução fotográfica dessas cartas no Arquivo Histórico do Itamaraty (AHI).

informações revelam também o possível desespero que envolvia a malograda baronesa. Os finais de suas cartas são de uma lamentação e de uma inquietação tão profundas que chega a ser bastante difícil a compreensão das suas derradeiras palavras, devido ao excesso de nervosismo, fome³⁷ ou mesmo loucura! Este sofrimento epistolar só chegou ao barão do Rio Branco no início de 1903, praticamente um mês após ele ser nomeado Ministro do Exterior pelo presidente Rodrigues Alves³⁸.

No dia 17 de janeiro de 1903, a baronesa de Santa-Anna Nery escreve pela segunda vez na vida ao “Excelentíssimo” barão do Rio Branco. Na primeira foi para lhe anunciar a morte de seu marido, que Rio Branco respondeu com profundo pesar e afetuosa simpatia. Entretanto, agora, a baronesa vinha falar dela própria, evocando sempre os laços de amizade entre os dois barões³⁹, para pedir-lhe a “sua ajuda e a sua proteção nesta triste posição” em que se encontrava. Para tanto, a fim de facilitar o contexto de sua desolação, a baronesa anexa algumas cópias de cartas enviadas ao governador do estado do Amazonas, o irmão de Santa-Anna Nery, o já citado Silvério Nery, para que o barão do Rio Branco entendesse a situação dela desde a morte de seu marido até aquele momento. Para melhor caracterizar suas moléstias, a baronesa diz também que “estava em Manaus há dez semanas abandonada, doente” a ponto de tornar-se pensionista da Santa Casa daquela cidade. A baronesa não poderia ter tido – malgrado a expressão – melhor endereço para expressar todas as suas lamúrias: a Santa Casa de Misericórdia de Manaus!

1.2 A peregrinação pensionária da baronesa durante a era Nery

Exatamente um ano após a publicação do *Álbum do Amazonas*⁴⁰, no qual o barão de Santa-Anna Nery fora aclamado pela imprensa oficial daquele estado, sua esposa escreve uma carta violenta ao Governador Silvério Nery. Ao que se entende, a baronesa chegara a Manaus fazia pouco tempo, passara antes no Pará, e tinha como objetivo ter a certeza de que poderia contar “com a pensão que o Exmo. Sr. Martius, mordomo da Santa Casa, teve a bondade de

³⁷ “(...) je dois mourir de faim!” (Baronesa de Santa-Anna Nery, *Carta ao Barão do Rio Branco*, 17 jan. 1903).

³⁸ A baronesa certamente soube desta nomeação pelos jornais e a partir disso passa a solicitar ajuda não só a um antigo amigo de seu marido, mas a um ministro de Estado, à época um dos homens mais importantes e prestigiado do Brasil.

³⁹ Pelos arquivos do AHI, Santa-Anna Nery e o barão do Rio Branco trocaram inúmeras correspondências ao longo de suas vidas (essas cartas vão de 1884 a 1900). Algumas passagens desta relação serão apresentadas ao longo da tese, principalmente nos capítulos 3 e 4.

⁴⁰ Cf. p. 30.

comunicar dizendo-me que vos [Silvério Nery] tinha dado a palavra de honra a este respeito”⁴¹. Esta, por sinal, é a matéria de todas as cartas endereçadas pela baronesa seja a quem fosse⁴²: “Conhecendo os eminentes serviços que meu marido prestou as Amazonas e ao Brasil, garantindo assim uma pequena pensão a sua viúva que a punha ao abrigo das mais tristes provações” (*Idem*, 21 nov. 1902, grifo da autora). E pelo que se depreende, a promessa desta pensão foi dada pela primeira vez por Raymundo Nery, outro irmão de Santa-Anna Nery, ainda em Paris, quando foi enviado pelo governo do Amazonas para trazer os restos mortais de Santa-Anna Nery⁴³. Aqui, entretanto, inicia-se também uma intriga amorosa revelada pela carta da Baronesa à Silvério Nery, copiada posteriormente ao barão do Rio Branco⁴⁴.

Nesta carta a baronesa revela, com bastante desgosto, que Santa-Anna Nery tivera uma amante: “a tal Stern, judia de [ilegível]”. Tal descoberta, pelos idos de 1900, pela baronesa fez com que ela fosse à delegacia de polícia e “mandasse expulsar” Stern de Paris. Não sabemos se conseguiu, entretanto, após a morte do marido (junho de 1901), quem acabou se relacionando com a Stern foi o outro irmão do falecido, Raymundo Nery; e o envolvimento foi tal que eles se casaram, pelo visto em 1902. Fato que deixou a baronesa desolada e raivosa, a ponto de a viúva e o cunhado passarem a trocar insultos, seja em Paris, seja na Amazônia. Assim, Raymundo Nery, que havia lhe anunciado a pensão passou, agora, a fazer de tudo para que ela não só não a obtivesse como “decretou o ostracismo da viúva de Santa-Anna Nery”; pois ele, Raymundo Nery, ainda segundo a baronesa, se tornara um “instrumento passivo nas mãos de uma mulher [Stern] de baixo calão”⁴⁵. Não à toa, a baronesa, que morava em Paris, viaja para a Amazônia a fim de verificar em que pé estava o seu processo pensionário; e dizia ainda que não deixaria a “terra querida, de meu querido, sem levar comigo alguns esclarecimentos a este respeito”⁴⁶. Porém, como diz o provérbio popular – a

⁴¹ Baronesa de Santa-Anna Nery, *Cópia da carta endereçada ao Silvério Nery* e enviada ao barão do Rio Branco, 21 nov. 1902.

⁴² Ela diz ao Rio Branco que enviou cartas ao presidente da República, Rodrigues Alves, e ao proprietário do *Jornal do Commercio*, José Carlos Rodrigues (*Idem*, *Carta ao barão do Rio Branco*, 17 dez. 1903). Na fundação casa de Rui Barbosa (FCRB), encontramos também cartas lamuriosas ao Rui Barbosa. No IHGB encontramos cartas ao D. Antonio de Macedo Costa.

⁴³ Entretanto, isto é apenas uma suposição, extraída do contexto da carta, uma vez que fisicamente a carta se encontra bastante degradada e com letra de rascunho. A nota onde se encontra esta informação também está rasgada, como se lê: “Raymundo Nery est venu à Paris [ilegível] frais de l’Amazone [ilegível] disant pour chercher les cercueil de mon marido et pour m’annoncer officiellement que je pouvais compter [folha rasgada].” (Baronesa de Santa-Anna Nery, *Cópia da carta endereçada ao Silvério Nery* e enviada ao barão do Rio Branco, 21 nov. 1902).

⁴⁴ *Ibidem*.

⁴⁵ Baronesa de Santa-Anna Nery, *Carta endereçada ao barão do Rio Branco*, 17 jan. 1903; assim como as citações acima sem referências.

⁴⁶ *Idem*, *Cópia da carta endereçada ao Silvério Nery* e enviada ao barão do Rio Branco, 21 nov. 1902.

maior vingança é o desprezo –, e ao que consta a tal Stern, por meio de Raymundo Nery, conseguiu realizar a sua. Pois, após uma jornada de mais de dois meses em Manaus, a baronesa não conseguiu um único encontro com o seu cunhado governador, apesar das missivas insistentes⁴⁷. Em uma das cópias das cartas à Silvério, enviadas ao barão do Rio Branco, ela chega mesmo a registrar, apenas para mostrar ao barão o tratamento que vinha recebendo da família de seu finado marido, que teve como resposta, “a visita do Sr. Sá Valle para insultar-me e ameaçar-me!!! *Hic jacet honoris!*”⁴⁸.

Só para recordar o leitor, foi também o Sr. Sá Valle que foi reconhecer o corpo do seu finado amigo Santa-Anna Nery no hospital parisiense, a pedido da própria família. Contudo, tanto a baronesa, como os jornalistas portugueses, não especificam a qual dos Sá Valle se referem. Haja vista que temos três possibilidades: Raymundo de Sá Valle, G. de Sá Valle e Silvio de Sá Valle; todos filhos do visconde de Desterro. No entanto, quanto ao Sá Valle que foi reconhecer o corpo de Santa-Anna Nery, acreditamos fortemente tratar-se de Silvio de Sá Valle, uma vez que este último morou na França por mais de dezoito anos e desenvolveu diversas atividades em Paris, inclusive como membro da *Commission Brésilienne d'études à l'Exposition Universelle de 1889*⁴⁹, da qual Santa-Anna Nery – como veremos no terceiro capítulo – foi um personagem central. Provavelmente, fora o mesmo Silvio de Sá Valle, conhecido e íntimo da família, visitar a baronesa de Santa-Anna Nery a pedido dos irmãos do falecido⁵⁰. Entretanto, o que será que ocorrera para que, não só os próprios irmãos do finado Santa-Anna Nery, como seus amigos mais íntimos, passassem agora a hostilizar sua viúva? Para a baronesa, caro leitor, claro está que a origem desta trama novelesca reside nesta dupla “traição”: primeiro de seu marido com a tal Stern e depois, para consumir a desgraça da baronesa, a do cunhado com a mesma “Stern Judia de [ilegível]”, a mesma que, provavelmente, fora expulsa de Paris pela baronesa e agora a “recompensava” com o mesmo tratamento, expulsando-a da família Nery.

Nessas cartas ao Silvério Nery fica bastante clara esta exclusão da baronesa, ou nas palavras de Raymundo Nery, sua condenação ao ostracismo. Pois, ao que consta, ela foi

⁴⁷ “Mais comme il est regrettable que je ne puisse pas vous dire tout ceci [ilegível]; le jour où j’ai débarqué à Manaus, vous m’avez fait annoncer votre visite pour deux heures. Que de [ilegível] et que de tristesse l’épargnés, si cette visite eût été faite!” (*Ibidem*). Neste trecho, apesar das passagens ilegíveis, fica explícita a vontade da baronesa em dizer tudo o que pensava, *tête-à-tête*, para o seu cunhado.

⁴⁸ “Aqui jaz a honra!” (*Idem*, *Cópia da carta endereçada ao Silvério Nery* e enviada ao barão do Rio Branco, 12 dez. 1902). Utilizando-se de expressões latinas, a baronesa reproduzia a forma de escrever de seu marido, que se reflete em inúmeros autores contemporâneos a ele e aos anteriores.

⁴⁹ Archive Nationale (AN), F/17/40292 - Demande de distinction honifique (M. de Sá Valle).

⁵⁰ A própria baronesa diz ter lido nos jornais sobre a chegada do Sr. Sá Valle a Manaus, sem dizer o motivo, que ela supõe ser a inauguração da estátua de Santa-Anna Nery (*Idem*, *Cópia da correspondência endereçada à Silvério Nery* e enviada ao barão do Rio Branco, 21 nov. de 1902).

mesmo impedida de participar da inauguração do monumento ao seu marido no centro de Manaus. Em uma dessas cartas, ela chega a implorar para poder participar de tal ato, que já havia até mudado de data, pois, certamente, o governador esperava que ela saísse de Manaus para poder realizar a inauguração, pois devia temer uma manifestação pública da viúva de Santa-Anna Nery contra ele próprio e seu irmão Raymundo Nery. Assim, nem mesmo o local onde seria instalado o busto de Santa-Anna Nery, que segundo ela “deixava muito a desejar” (*ibidem*), lhe foi revelado. Como resposta, ao descaso em relação a sua presença, a baronesa recomendou ao Silvério Nery que pegasse em sua biblioteca o livro “Prince”, no qual ele encontraria “a bela página sobre a opinião pública” E continua: “Mas, se na plenitude de vosso poder você a despreza, lembre-se simplesmente desta definição de St. Augustinho sobre um verdadeiro homem: ‘*Flos honoris Christianus*’ – Flores de fé e de honra; flores de honra cristã!”⁵¹. Não à toa, o governador enviou um amigo da família para tirar satisfação sobre a provocação maquiavélica da baronesa.

O fato é que a baronesa não pôde contar com a ajuda dos irmãos políticos de Santa-Anna Nery, que pareciam mesmo trabalhar contra ela, pois certamente temiam que as intimidades da família Nery fossem reveladas publicamente e se tornassem combustível político nas mãos dos opositores⁵². Sua situação financeira, que tinha na pensão uma esperança, se definhou. Mesmo antes, em Paris, ela já havia empenhado uma escultura valiosa de “*Pietá*”, bem como todas as suas “joias para viver” e, principalmente, para quitar as dívidas adquiridas pelo marido⁵³. Depois, vendeu ainda a biblioteca de Santa-Anna Nery, provavelmente uma das mais importantes brasileiras de toda a Europa⁵⁴, e que, curiosamente, mal chegou a socorrê-la de suas mais básicas necessidades e outros “forçosos

⁵¹ *Idem*, 12 de dezembro de 1902. Em outros trechos das cartas a baronesa deixa clara que a opinião pública do Amazonas veria com muitos bons olhos um auxílio para a viúva dos “mais importantes dos Nery”; segundo leitura da baronesa.

⁵² Numa das cartas a baronesa revela ainda que Santa-Anna Nery tivera um filho fora do casamento, como se segue: “Finalmente desejo vos falar do filho legitimado de meu marido: Marcel de Santa-Anna Nery e digno do nome de seu pai: leal cheio de coração e de honra, instruído, laborioso, piedoso e bem educado, ele tem só um defeito: é pobre como eu!” (*Idem*, 21 de novembro de 1902).

⁵³ *Idem*, 12 de dezembro de 1902. A baronesa não especifica quais eram essas dívidas.

⁵⁴ A primeira notícia que tivemos desta biblioteca foi dada por Vicente Salles (1992) na apresentação de sua tradução da obra *Folk-Lore Brésilien* de Santa-Anna Nery. Nesta, Salles diz que “a par da coleta de literatura oral, Santa-Anna Nery reuniu também imenso material ergológico, que conservou num museu doméstico na sua casa em Paris. Nada sabemos a respeito do destino desse material, tampouco de sua rica biblioteca”. Depois, Antonio Faria, que constrói a segunda biografia de Santa-Anna Nery, fala desta biblioteca, apesar de tê-la escrito em 1905, ele fala dela sempre no passado e que chegou mesmo a consultá-la. E finalmente nas cartas da baronesa descobrimos a venda. Chegamos mesmo a consultar *La Gazette de l'Hôtel Drouot* entre os anos de 1901 e 1902, pois o *Hôtel Drouot*, que existe até hoje, era um local especializado em vendas públicas em Paris, seja de bibliotecas, obras de arte, etc. Mas, infelizmente são milhares de páginas microfilmadas com leitura bastante opaca.

compromissos”⁵⁵. Apesar de toda esta vendagem, a baronesa adquiriu em Manaus inúmeras dívidas e não tinha mais nenhum “conto de réis” para honrá-las. Em sua derradeira carta ao Silvério Nery, copiada ao barão do Rio Branco, ela diz:

(...) para ir m’embora falta me tudo! Estou devendo bastante em Manaos; eu preciso também viver até o congresso [ilegível] votada a pensão prometida; deixo compromissos urgentes em Europa. Tomo a liberdade de pedir a V. excellencia de adiantar-me seis contos [...] Acho esta solução honrável e prática para mim. Vossa Exça conhece minha triste situação⁵⁶.

No entanto, nesta última carta, a baronesa está mais branda e confiante, pois finalmente “depois de tantos mezes” ela poderia “contar com a pensão” que tanto implorou, uma vez que o governador havia enviado outro amigo, desta vez, mais cordial, o coronel Lima Bacury, para lhe garantir ‘pessoalmente’ tal promessa. Assim, ela poderia retornar à Europa com uma “inteira confiança”. Porém, na verdade, ela foi somente persuadida pelo cunhado e seus colaboradores para que retornasse à Europa. Assim, eles se livrariam de uma mulher que se tornara um fardo, haja vista que ela poderia atrapalhar a jovem carreira política de Raymundo Nery⁵⁷ e dos demais, devido os seus conhecimentos já revelados.

De certo modo, este é o conteúdo que a baronesa expõe ao ministro das Relações Exteriores, enviando-lhe as cópias das cartas que ela havia prometido não torná-las públicas, mas como o próprio governador do Amazonas já havia apresentado a outras pessoas⁵⁸, a baronesa não se mostrou nenhum um pouco intimidada em revelá-las ao homem que poderia,

⁵⁵ Numa das notas de rodapé, a baronesa chega a falar ainda de uma hipoteca que contraiu, mas o restante da leitura está impossibilitada por um rasgo no fim da página. (Idem, *Cópia da carta endereçada à Silvério Nery* em 21 de novembro de 1902 e enviada ao Barão do Rio Branco).

⁵⁶ Santa-Anna Nery, Baronesa, *Cópia da correspondência endereçada à Silvério Nery* em 04 de janeiro de 1903 e enviada ao barão do Rio Branco.

⁵⁷ Mas pelo visto atrapalhou, pois de todos os livros consultados sobre os “grandes nomes” da região Amazônica, notadamente Bittencourt (1976) e Borges (1986), Raymundo Nery não aparece em nenhum deles, diferentemente de Silvério José Nery (o pai deles), Santa-Anna Nery, Silvério Nery, Constantino Nery e Márcio Nery. A única publicação em que encontramos uma citação sobre Raymundo Nery foi na obra de Dunshee de Abranches (1918), na qual ele faz uma compilação biográfica de todos “os presidentes e vice-presidentes da república, ministros de estado, e senadores e deputados ao Congresso nacional”, entre 1889 e 1917. Nesta publicação Dunshee diz que Raymundo Nery “destinou-se a princípio á carreira das armas, como todos os seus irmãos, fazendo até o primeiro anno do curso superior na Escola Militar do Rio de Janeiro. Adoecendo, porém, gravemente, pediu baixa do serviço militar e tirou o titulo de agrimensor na Escola Polytechnica da mesma cidade. Regressando ao Amazonas, ahi entregou-se a medições de terras e foi nomeado professor de francez da Escola Normal. Eleito deputado á 5ª legislatura, não teve mais o mandato renovado. Passou então a rezidir na Europa.” Talvez, quem sabe, com a tal Stern.

⁵⁸ Algo importante a dizer é que todas as cartas da baronesa de Santa-Anna Nery ao barão do Rio Branco estão em francês. O mesmo já não ocorre às cartas para Silvério Nery. Pois, ao que parece este não devia ler bem em francês, assim como a baronesa também não escrevia bem em português. Isto porque em uma das cartas ela diz que escreveria “agora em português” “(...) pois vos escrevi em francês de Pará”, mas quando ela teve contato com o “Sr. Director da Instrução Publica, (...) encontrou uma pessoa inteiramente a par dos embaraços e soffrimentos da vida intima, pelas minhas cartas, que vos escrevi; e que vos lhe entregastes!”. A baronesa diz, então, que ficou bastante descontente com tal exposição (Idem, 21 de novembro de 1902).

quem sabe, tirá-la do limbo. Para tanto, no decurso de 1903 a 1904 a baronesa irá tentar se servir da “grande influência e poder” do barão do Rio Branco para adquirir a referida pensão, seja junto ao congresso Federal, seja ao congresso do Amazonas. Entretanto, Rio Branco não irá responder as cartas repletas de intrigas familiares enviadas pela baronesa, de Manaus. Certamente o Barão não quisesse entrar nessas questões, naquele momento, uma vez que ele era o responsável pela solução diplomática do delicado litígio entre a Bolívia e o Brasil, e de certa forma entre o Rio de Janeiro e o Amazonas, que reivindicava o território do Acre para si.

O estado do Amazonas, naquele final do século XIX, era um estado bastante recente em termos político-administrativos⁵⁹, contava também com uma população de apenas 147.915 mil habitantes, mas exportava mais, em números absolutos, que muitos países vizinhos, como o Peru, o Equador, sem falar nas guianas britânica e holandesa⁶⁰. Pois, trata-se de um período áureo para a região amazônica, representado pelo chamado ouro negro, a borracha. E como já apontava Santa-Anna Nery (1899:48), financiado pela Assembleia Legislativa do Amazonas, “o rio Acre tornou-se, em época relativamente recente, um dos centros mais ativos da produção deste ouro vegetal (...)”. Daí a disputa entre o Governo Federal e o Estado do Amazonas sobre o controle deste território altamente rico em *Hevea brasiliensis* ou a popularmente chamada seringueira. Entretanto, após a assinatura do tratado de Petrópolis⁶¹, o Acre entrou para o Brasil como um Território Federal e o Estado do Amazonas, governado por Silvério Nery, perdeu o domínio sobre esta zona: a maior produtora de borracha do Brasil, num momento em que esse produto rivalizava com o café na contribuição de divisas externas para o país⁶².

Além desta disputa com o Governo Federal, o estado do Amazonas também rivalizava economicamente, politicamente e territorialmente⁶³, com sua antiga “província mãe”, o estado do Pará. Já que grande parte da borracha produzida pelo Amazonas era exportada pelo estado

⁵⁹ A província do Amazonas se emancipou do Grão-Pará em 1852. Ver, nesse sentido, Gregório (2012).

⁶⁰ O barão de Santa-Anna Nery, em sua segunda edição de seu famoso livro, *Le pays des Amazones* (1899:224), é quem nos fornece esses números.

⁶¹ “Finalmente, depois de quatro meses de intensas negociações, foi assinado em 17 de novembro de 1903 o tratado de Petrópolis. Por ele, o Governo boliviano cedia ao Brasil um território de 191.000 km², em troca de compensações territoriais em vários trechos da fronteira mato-grossense; uma área de 3.200 km² habitada por bolivianos entre o Beni e o Madeira; a construção de uma estrada de ferro entre Porto Velho e Guajará-Mirim; e a indenização de dois milhões de libras esterlinas” (Goes Filho, 1999:293).

⁶² Carlos Walter Porto Gonçalves (2001:28) chama a figura jurídica, Território Federal, de esdrúxula por não constar da Carta Magna da recém-criada República. O que demonstra o interesse direto da União Federal sobre os lucros da produção da borracha naquele antigo *Fundo Territorial* (sobre esta última expressão ver Moraes, . Sobre a economia da Borracha no Brasil, em sua expansão e decadência, consulte ainda: Barbara Weinstein (1993); sobre a história econômica da Amazônia, cf. Roberto Santos (1980).

⁶³ Este conflito territorial estava centrado, especialmente, sobre a bacia do rio Tapajós. Ver, curiosamente, o texto de Torquato Tapajós (1895). Sobre as rivalidades, especialmente em seu viés econômico, entre os dois entes federativos amazônicos ver o capítulo sete, *Pará versus Amazonas*, do texto de Weinstein (1993).

vizinho, que detinha o principal porto do Brasil, depois do Rio de Janeiro e São Paulo. Desta forma, o Pará arrecadava mais em impostos correlatos à exportação – mesmo que essas receitas fossem calculadas segundo o lugar de origem da borracha – do que o Amazonas, o que impedia que este último “tivesse acesso a uma ampla gama de impostos comercialmente correlatos, e isso restringia seriamente o crescimento e o desenvolvimento de sua capital” (Weinstein, 1993:221).

Parece que a baronesa de Santa-Anna Nery conhecia este cenário beligerante entre os dois entes federativos e, desta forma, vai ao Pará. Na capital do Estado, terra onde nasceu Santa-Anna Nery, ela conta com o auxílio de antigos amigos e admiradores de seu finado marido. Gente ligada à Igreja, como o bispo Aguiar⁶⁴ e o vigário geral Hippolito Costa, além de outras famílias, sobretudo, àquelas que não dependiam da administração pública para viver. É demonstrado em suas correspondências para o barão que quem tivesse algum vínculo com o poder local, mesmo estando fora da abrangência administrativa do Amazonas, estava impedido de auxiliá-la, em função da grande força política dos Nery, também no Pará⁶⁵ (Idem, 17 de janeiro de 1903). Nesse sentido, ela enfatiza, particularmente, a ajuda de Carlos Theodor Gonzales, redator e chefe do jornal da oposição aos Nery: o *Quo Vadis?*. Mas, mesmo ele diz não poder fazer muita coisa por ela, “pois a única liberdade que havia no Amazonas era a morte”⁶⁶. Ela diz ainda ter recebido ofertas dos inimigos de Silvério Nery para começar uma campanha pública contra ele, aproveitando-se da situação vexaminosa por que passava a viúva de Santa-Anna Nery, além de outras informações. Oferta que ela diz recusar, mesmo após todas as privações que ela diz passar, deixando transparecer que apesar de tudo, continua ao lado da família Nery.

Mas quais seriam essas informações que a baronesa de Santa-Anna Nery possuía que serviria de munição aos opositores dos Nery na Amazônia? Em carta ao Silvério Nery, ela relata que sabia o motivo pelo qual Raymundo Nery a temia, mas ela diz que só revelaria pessoalmente ao Silvério⁶⁷, mas parece que este encontro não ocorreu.

Pesquisando na bibliografia sobre a história social do Amazonas para este período, encontramos o trabalho do historiador Mário Ypiranga Monteiro (1990) que se debruça sobre a figura enigmática de Eduardo Gonçalves Ribeiro, governador do Estado do Amazonas entre

⁶⁴ O cônego Aguiar, por exemplo, fez parte do *Lunch* oferecido a Santa-Anna Nery pela imprensa paraense (cf. nota 15 da introdução – Ao leitor).

⁶⁵ Haja vista que é no governo de Silvério Nery (1901-1904) no biênio de 1901-1902, que Manaus supera Belém em termos de exportação de borracha: 13.925 contra 14.668 toneladas (Weinstein, 1993:225).

⁶⁶ (Idem, 17 de janeiro de 1903). Bittencourt (1973:460) confirma esta informação dizendo que o jornal *Quo Vadis?* criava grandes celeumas ao governo dos Nery.

⁶⁷ *Idem, ibidem*, 21 nov. 1902 (enviada ao barão do Rio Branco).

os anos de 1890-1891 e 1892-1896. Portanto, anterior a era dos Nery. Um dos motives que incentivaram a publicação deste estudo, patrocinado pelo governo do Estado do Amazonas, é a misteriosa morte do governador, no dia 14 de outubro de 1900, logo após Silvério Nery assumir o governo do Estado, como seu opositor. Pois Silvério vinha do Partido Nacional, partido de velhos políticos, ligados à monarquia, como Ferreira Pena e à Igreja; já Eduardo Ribeiro ajudou a consolidar o partido de oposição, o Democrático, partido republicano, que contou com o apoio de Deodoro da Fonseca para se instalar no poder em Manaus, nesta primeira década da “velha república”⁶⁸. Não objetivamos aqui adentrar nos meandros dessas relações políticas entre esses dois partidos em Manaus, mas a morte obscura de Eduardo Gonçalves Ribeiro parece ter pesado bastante contra o clã dos Nery. Não por acaso, o jornalista Carlos Theodor Gonzales dizer à baronesa de Santa-Anna Nery que a única liberdade que havia no Amazonas era a morte. Uma clara referência ao mal explicado suicídio de Eduardo Ribeiro, que muitos afirmavam à época ser obra da família Nery. É o que nos revela, por exemplo, o jornal da oposição, *A Província do Pará*⁶⁹, em 10 de outubro de 1902, em que acusa Silvério Nery indagando-lhe: “Por que não os deporta para o Rio Branco, como fez a Luís Galvez? Por que não os assassina, como fez ao malgrado Pensador [Eduardo Ribeiro]? Por que não os vende como está fazendo ao Amazonas, hipotecando a ingleses e norte-americanos?” (*apud* Monteiro, 1990:86).

Em referência a esta publicação, Monteiro (1990:86) diz que eram raros os jornais que tinham a coragem de se contrapor aos Nery, uma vez que este historiador amazonense defende explicitamente a tese de que foram membros desta família, sobretudo Silvério Nery e Constantino Nery⁷⁰, os artífices deste assassinato, camuflado de suicídio. E para tanto, faziam de tudo para calar os seus adversários. Em outro trecho Monteiro cita o trabalho de outros historiadores que defendem a mesma tese que ele, mas afirmando que a causa do assassinato havia sido o medo desses Nery de que Eduardo Ribeiro restabelecesse o poder no Estado⁷¹,

⁶⁸ Pois o Partido Democrático se perpetuou no poder até 1901, com Fileto Pires Ferreira (e depois seu vice-governador José Cardoso Ramalho Junior), sucessor de Eduardo Ribeiro Gonçalves, por meio de um episódio que ficou conhecido como o Congresso Foguetão (*Cf.* Bittencourt, 1973 e Monteiro, 1990).

⁶⁹ O jornal *a Província do Pará*, segundo Borges (1986:307) foi o “grande eleitor e sustentáculo dos governadores desde a proclamação da República a 1912, quando foi incendiado e destruído.” Em 1896 ele passa à propriedade de Antonio Lemos, inimigo declarado do clã dos Nery (Weinstein, 1993:226), juntamente com um grupo de personalidades que viriam a fundar o Partido Republicano Federal, adverso do Partido Republicano, como Antônio Chermont (gerente), Antônio Marques de Carvalho (secretário da redação) e outros colaboradores como Xavier de Carvalho de Paris, Fran Pacheco de Lisboa, além de Justo Chermont e Lauro Sodré que escrevia sob o pseudônimo de Diderot.

⁷⁰ Algo a ser remarcado na análise de Monteiro (1990) é não citar, nem referenciar em nenhum momento Raymundo Nery.

⁷¹ “Muitas versões correm por aí a respeito do terrível drama que eliminou o saudoso maranhense [Eduardo Ribeiro], sem nenhuma comiseração à insanidade que combalira o organismo, provocada esta, possivelmente,

uma vez que fora este governante, provindo do Maranhão, negro de cor, o grande responsável pelas obras estruturantes e suntuosas em Manaus, como a instalação da iluminação elétrica nas ruas e o início da construção do teatro Amazonas⁷². Silvério Nery, posteriormente, viria a colocar abaixo algumas obras não acabadas de Eduardo Ribeiro, como o Palácio do Governo, sob alegação de que as paredes estavam defeituosas e ameaçavam ruir (Monteiro, 1990:21). Uma clara política de esquecimento de Eduardo Ribeiro, por meio de suas obras, que contou ainda com o silêncio de seus principais correligionários⁷³.

Tais acontecimentos, narrados de forma bastante parcial por Monteiro, demonstram que a situação da família Nery no estado do Amazonas, naquele momento de peregrinação pensionária da baronesa, carecia de legitimidade política e esbanjava “politicagem condenável”⁷⁴. Nem mesmo o afamado barão de Santa-Anna Nery escapou deste incidente, pois o próprio Monteiro diz, apesar de não defender a tese, que uma das versões que corria sobre a morte misteriosa de Eduardo Ribeiro, era de que o próprio barão de Santa-Anna Nery a havia encomendado (Monterio, 1990:83).

E lá estava a baronesa de Santa-Anna Nery preocupada com sua pensão e com o casamento de Raymundo Nery e a ex-amante de seu marido, a tal Stern. Aflita, portanto, com sua imagem, com sua honra. Enquanto o clã dos Nery estava interessado em sua perpetuação e manutenção política no poder do estado. Nesse sentido, pelo teor das cartas da baronesa, acreditamos que a mesma deve ter feito alguma ameaça bastante significativa e que poderia ser escandalosa para o futuro político dos Nery; além, é claro, de se aliar com os opositores dos políticos dos familiares de seu finado marido. Ela acabou tendo como resposta, como já dissera Raymundo Nery, seu ostracismo, envolto num certo ar de histeria, tão comum diagnóstico para as mulheres do século XIX. Assim, ninguém acreditaria numa mulher, louca, desacreditada, que não era nem reconhecida por sua *belle famille* amazônida. Pois, como dissera Monteiro (1990:48) “os inimigos de Eduardo Ribeiro, guinados ao poder [os Nery], não perdoavam ninguém”.

pelo veneno que lhe fora inoculado, mesmo porque os politicóides [os Nery] sem entranhas temiam o seu restabelecimento, como predissera o professor Ludovici, eminente psiquiatra italiano” (Bittencourt et al, 1962 *apud* Monteiro, 1990:49).

⁷² O próprio Santa-Anna Nery (1899) enalteceria Eduardo Ribeiro como o responsável pelas grandes obras de modernização de Manaus.

⁷³ Monteiro (1990:50) se espanta como antigos amigos de Eduardo Ribeiro não bradaram, não protestaram a falácia da *causa mortis* do amigo. Acreditando, assim, “num silêncio imposto pelos interessados em apagar os vestígios do crime”.

⁷⁴ “Nerysismo ficou sendo sinônimo de politicagem condenável” (Monteiro, 1990:51).

Mas a baronesa tinha ainda esperanças de refazer os laços com a família de seu finado marido, a fim de conseguir sua pensão. Assim, ao retornar da Europa⁷⁵, após o apoio econômico dos amigos de Santa-Anna Nery no Pará⁷⁶, a baronesa desembarca diretamente no Rio de Janeiro, que para sua consolação, ela diz encontrar o acolhimento afetuoso de outro irmão de Santa-Anna Nery, o médico Marcio Nery⁷⁷ e sua esposa. Este lhe anunciou ainda que mais um irmão de seu “pobre marido” estava a chegar da Amazônia, o senador Constantino Nery, o único dos irmãos que ela não conhecia. Tal fato lhe encheu de esperanças e quem sabe fariam dissipar as “intrigas indignas das pessoas do Amazonas. Ele [Constantino Nery] compreenderá que a viúva de um homem que é a glória da família Nery e que pessoalmente lhe proporcionou muitos serviços, merece, senão consideração e respeito, ao menos o pão de cada dia”⁷⁸. Neste trecho a baronesa se refere ao fato de que Constantino só se tornou senador da República pelo Amazonas em função de Santa-Anna Nery, que fora o escolhido, renunciar ao cargo em favor do irmão⁷⁹.

Assim, a baronesa de Santa-Anna Nery segue para o Amazonas, repleta de esperanças de ao menos receber o “pão de cada de dia”⁸⁰. Porém, como o barão do Rio Branco já havia lhe alertado, “as coisas estavam por se modificar no Amazonas” (Idem, *Carta endereçada ao*

⁷⁵ “Malheureusement je n’ai pu rester que trois semaines là bas [Europa], car ma situation [est] tellement critique que j’ai pris ma courage à [ilegível], et je suis venue ici, en route pour l’Amazonie, au plus [ilegível]. (...) l’espoir d’une solution au sujet de la pension que mon beaufrère Silverio Nery ma promis!”. (Idem, *Carta endereçada ao barão do Rio Branco* em 06 de junho de 1903). Provavelmente ela retorna em funções de dívidas, hipotecas, etc.

⁷⁶ Opositores, portanto, dos Nery no Amazonas, que ela prefere não revelar os nomes ao barão do Rio Branco.

⁷⁷ Segundo breve biografia de Bittencourt (1973:349-350), Márcio Nery vivia no Rio de Janeiro, onde era professor de medicina. Escreveu diversos trabalhos nesta área. Chegou a trabalhar junto com o governo de seu irmão, Constantino Nery, chefiando a Comissão de Saneamento em Manaus. Ainda segundo Bittencourt, erradicou a febre amarela da capital com este trabalho.

⁷⁸ Idem, *Carta endereçada ao barão do Rio Branco* em 06 de junho de 1903.

⁷⁹ Encontramos esta informação numa das cartas “violentas” da Baronesa ao Silvério Nery, querendo demonstrar que, ao contrário de Silvério, Santa-Anna Nery “tinha um coração generoso; ele se cria amado, porque ele chegou mesmo ao ponto de se sacrificar” pelos irmãos. E que, agora, retribuía com a espada apontado para sua “pobre viúva” (idem, *Cópia da carta endereçada ao Silvério Nery* em 12 de dezembro de 1902 e enviada ao barão do Rio Branco). Antonio Faria diz, acreditamos que baseado também nas informações fornecidas pela baronesa de Santa-Anna Nery, que Santa-Anna Nery renunciou ao cargo de senador pelo Amazonas, em favor de seu irmão Constantino Nery, demonstrando mais uma vez o “caráter nobre e fiel, de um coração direito e sincero, o Barão de Santa-Anna Nery que era a bondade em pessoa”, mesmo que sua possível posição como senador lhe permitisse naquele momento auxiliar sua família (sua esposa e sua enteada). Entretanto, tal posição “reduziria sua real influência ao Norte do Brasil”, fato que não agradava Santa-Anna Nery (Faria, 1905:XXXIII). Entretanto, chegamos a encontrar em alguns jornais do Amazonas, a informação de que Santa-Anna Nery não era tão conhecido entre os eleitores do estado, e que mal recebera votos durante as eleições legislativas, contradizendo os relatos supracitados.

⁸⁰ Por essa simples expressão é possível verificarmos o estado lastimável da baronesa que chegara ao ponto de mendigar aos poderosos irmãos de Santa-Anna Nery. Chegamos a encontrar na *Gazeta de Notícias* (13 jul. 1903:1) uma notícia sobre esta nova ida da baronesa à Manaus solicitando essas “migalhas” de pão: “A ilustre senhora, viúva do nosso eminente compatriota e confrade Sr. barão de Santa-Anna Nery, que tantos e tão relevantes serviços prestou ao Brasil e em geral ao Amazonas de onde era filho, acha-se em precárias condições de vida e vai pedir ao Congresso daquele Estado uma modesta pensão que lhe permita viver com decência. Tudo leva a crer que o Congresso do Amazonas não regateará essa migalha à viúva de um de seus grandes servidores.

barão do Rio Branco em 26 de outubro de 1903), demonstrando que o barão estava a par das movimentações políticas empreendidas pelos Nery no estado. Já a baronesa não compreendera o recado que o Barão queria lhe passar, de que ela fizesse de tudo para ter uma boa relação com Constantino Nery. Uma vez que ambos os irmãos – Silvério e Constantino – conseguiram burlar a lei orgânica amazonense que não permitia a sucessão de parentes do governador. Assim, Silvério Nery, habilmente, simplesmente, licenciou-se do cargo em 02 de dezembro de 1903, assumindo seu vice, o Monsenhor Francisco Benedito da Fonseca Coutinho. Desta forma, não houve nenhuma restrição jurídica para que Constantino Nery se candidatasse ao posto e assumisse o governo do estado para o quadriênio 1904-1908. Mantendo, desta maneira, a manutenção dos Nery no poder. (Bittencourt, 1973:459; Monteiro, 1990:43 *et seq.*).

Mas a baronesa não conseguiu realizar a máxima pedida por Rio Branco, seja antes, seja após o fato consumado, pois ela afirmou que Constantino agira com ela da forma mais desprezível possível⁸¹. Entretanto, ele era agora o novo governador do estado, cargo que ele já havia tentado ocupar a força, contra o malogrado Eduardo Gonçalves Ribeiro, isso em 1893. Nesta ocasião, Constantino Nery também contara com a ajuda de alguns clérigos, como o Monsenhor Amâncio de Miranda (*apud* Monteiro, 1990:33), responsável por assinar o manifesto que declarava deposto Eduardo Ribeiro, do Partido Democrático, e que aclamava o major Constantino Nery, “filho desta ubérrima região”, pertencente ao partido de seu irmão Silvério, o Nacional, como o novo governador. Nesta mesma tarde, o “eleito” pelo “povo” nas palavras e consagração da Igreja envia ao governador do estado um ofício, que evidencia bem a forma como os Nery – Constantino, Silvério e Raymundo – conduziam a política no Amazonas e que lhes garantiam a fama de truculentos:

Manaus, 26 de fevereiro de 1893.

Sr. Capitão dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro.

Aclamado pelo povo amazonense Presidente deste Estado, sendo vós deposto pelo mesmo povo do cargo de Governador, comunico-vos, para vosso governo, que fica marcado o prazo de 12 horas, a contar do momento em que este vos for entregue, para retirar-vos, com toda a força que aí tendes concentrada, do Palácio do Governo, ficando vós desde já responsabilizado pelo derramamento de sangue que porventura possa haver no caso de resistência de vossa parte.

Saúde e fraternidade

Antônio Constantino Nery (*apud* Monteiro, 1990:34).

⁸¹ “J’ai appris par [ilegível] que Constantino Nery était élu gouverneur de l’Amazonie. C’était à prévoir. Vous m’avez dit l’année dernière de me [ilegível] bien avec lui. Ceci était impossible, car il a agi envers moi de la façon la plus méprisable” (Idem, *Carta endereçada ao barão do Rio Branco* em 29 de junho de 1904). Outra coisa bastante significativa em outra carta, datada de 26 de outubro de 1903, é que ela diz enviar em conjunto as cópias das cartas de Constantino Nery para ela, mas não a encontramos.

Nesta época, Constantino já era major pelo exército e viria a ganhar a medalha de ouro de serviços militares (Abranches, 1918:222). Mas o estado do Amazonas, apesar do banho de sangue que se seguiu, permanecera nas mãos de Eduardo Ribeiro, sob a tutela do presidente da República, Floriano Peixoto, e seu ministro de Guerra (Monteiro, 1999:40)⁸².

Mas, agora, o cenário era outro, e os Nery estavam legitimados no poder do estado por meio do sufrágio universal. E continuavam a considerar a baronesa de Santa-Anna Nery como inimiga. Em carta ao barão do Rio Branco, de 26 de outubro de 1903, ela dizia que eles – Silvério, Raymundo e Constantino – haviam sido “criminosos” com ela, pois ordenaram, secretamente, o “enterro” do seu processo de solicitação de pensão junto ao congresso do Amazonas. Neste cenário, a baronesa implora ao barão do Rio Branco “ao menos justiça, amizade e caridade de me ajudar. Eu estou só, abandonada; uma palavra sua será suficiente para me suscitar alguns amigos”.

Ela retorna então ao Rio de Janeiro, após quatro meses de mais uma peregrinação inócua ao Amazonas, e tenta, agora, conseguir um encontro com o presidente da República, Rodrigues Alves, para lhe dizer pessoalmente tudo o que ela estava passando e aproveitaria a ocasião para que a comissão de finanças lhe adiantasse algum dinheiro. Todavia, o máximo que ela consegue é um encontro com o secretário do Presidente, no Palácio do Catete, e uma vaga promessa de que o presidente a apoiaria numa proposta de pensão junto ao Congresso Federal. Desta feita, ela pede ao barão do Rio Branco que intercedesse por ela junto ao Presidente da República. Enquanto isso, a baronesa visita cada um dos senadores membros da comissão de finanças para que lhe apoiassem nesta empreita: “(...) todos me prometeram seu apoio; e todos me iludiram!”, inclusive o “chefe do executivo”⁸³.

É expressiva a quantidade de pessoas, principalmente de políticos, que evitam se associar à baronesa de Santa-Anna Nery e – podemos aventar – ao finado barão de Santa-Anna Nery. Algo sutil nesta última carta é a assinatura final da viúva de Santa-Anna Nery. Pois ela resolvera abdicar, por ora, do título nobiliárquico do seu marido, substituindo-o pelo seu prenome aporuguesado: *Anna de Santa-Anna Nery*. Fora a primeira vez que seu nome de batismo aparecera em suas missivas. Demonstrando, talvez, que ela havia perdido a esperança

⁸² É de se remarcar que Agnello Bittencourt (1973), uma das fontes mais importantes para esse período no Amazonas (já que viveu nele), oculta essas informações sobre Constantino Nery. Entretanto, não é de se estranhar, uma vez que a família Nery e Bittencourt se mostravam aliadas neste momento, apesar de Bittencourt pertencer ao partido opositor, o Democrático. Pois, Antonio Bittencourt (pai de Agnello Bittencourt), após trabalhar para os governos antecedentes aos do Nery, transformou-se no secretário geral de Silvério Nery, uma espécie de casa civil da época. Depois, foi ainda Vice-Governador de Constantino Nery, o que evidencia que os Nery haviam conseguido eliminar a oposição ao unir os dois partidos, Nacional e Democrata, num mesmo governo.

⁸³ Santa-Anna Nery, Anna de, *Carta endereçada ao barão do Rio Branco* em 17 de dezembro de 1903.

de conseguir algo dos representantes da República do Brasil, via um título que remetia ao tempo do Império, onde lá sim seu marido fora recompensado “pelos grandes serviços prestados ao país”⁸⁴. Acrescenta-se a tal interpretação, sua disposição, finalmente, em arranjar um trabalho, pois “(...) se não querem me dar uma pensão, poderiam me nomear professora de literatura inglesa ou francesa”⁸⁵. Ora, poderíamos pensar também quão estranho soaria para uma Baronesa a solicitação de um emprego, haja vista seu título expressar exatamente o contrário disso. Além disso, de certa feita, *Anna de Santa-Anna Nery*, apesar de continuar honrando e usando o nome de seu marido, em verdade, resolvera abandoná-lo. Já que lhe pareceu que o caminho escolhido para obtenção da pensão, via o *barão de Santa-Anna Nery*, tão louvado nos tempos de outrora, estava, agora, lhe afastando cada vez mais do seu objetivo. Especialmente das pessoas responsáveis pelo seu processo: os homens que governavam o país. Ela se encontrava “sem nenhuma mão amiga” para ajudá-la e encorajá-la e ainda se deparava frequentemente com pessoas que se “divertiam” com o seu “sofrimento”⁸⁶.

Não obstante, custava à baronesa acreditar em tudo isso e por mais um ano (1904) ela ainda insistiu em sua peregrinação pensionária entre Manaus, Rio de Janeiro e Paris. Talvez o próprio barão do Rio Branco, e outros poucos amigos⁸⁷, a animaram para tanto, uma vez que ele havia conversado por longo tempo com Alcindo Guanabara sobre os sofrimentos da baronesa e lhe confidenciado seu desejo de lhe ser útil⁸⁸. O barão do Rio Branco, que sempre passou por dificuldades financeiras (Goes Filho, 1999:289), curiosamente, foi o responsável pelas quitações de todas as dívidas da baronesa no Rio de Janeiro, um montante de novecentos mil réis⁸⁹. Na última carta que encontramos enviada ao Barão, outubro de 1904,

⁸⁴ Santa-Anna Nery, Baronesa de, *Carta endereçada ao barão do Rio Branco* em 05 de janeiro de 1904.

⁸⁵ Santa-Anna Nery, Anna de, *Carta endereçada ao barão do Rio Branco* em 17 de dezembro de 1903.

⁸⁶ *Ibidem*.

⁸⁷ Além dos já citados no texto aparecem em suas cartas a senhora Martins, amiga sua no Pará, prometera “engajar seu marido que tem muita influência no Amazonas” para trabalhar por ela em uma nova tentativa de pensão junto ao congresso do Amazonas. Pois ela lhe dizia que seus “cunhados fariam bem em pôr fim a este escândalo familiar, bastante degradante. E isso iria honrar a memória de Santa-Anna Nery a quem os Nery deviam sua posição atual” (Santa-Anna Nery, Baronesa de, *Carta endereçada ao barão do Rio Branco* em 29 de junho de 1904). Esta senhora Martins, provavelmente era esposa de Enéas Martins que chegou a ser deputado federal pelo Pará, na legislatura 1898-1901, e que se mudou para Manaus, por volta de 1904, atuando como advogado (Borges, 1986:247). A Baronesa também cita na mesma carta referenciada acima que seu advogado no Congresso Federal, Xavier de Carvalho, também lhe auxiliou com despesas de passagens, assim como Alcindo Guanabara. Ela diz também ter recebido carta – “charmosa” – de apoio de Antonio Lemos, inimigo político dos Nery (Cf. nota 69 deste capítulo).

⁸⁸ *Ibidem*.

⁸⁹ Segundo carta da baronesa de Santa-Anna Nery a um destinatário ilegível (certamente um amigo ou algum secretário do barão do Rio Branco, pois ela fala que a escrevia sob a solicitação deste; além disso, a original ficou com o próprio barão), ela relata ponto por ponto todas as dívidas adquiridas no Rio de Janeiro, chegando a um montante de quase mil réis [“900#000”] (*Idem, Carta endereçada a [ilegível]* em 23 de dezembro de 1903). Em carta posterior, a baronesa irá agradecer o barão pela sua bondade em quitar suas dívidas, o que havia lhe permitido “deixar este hotel horrível”, referindo-se ao Grande Hotel da Lapa. (*Idem, Carta endereçada ao barão*

ela está completamente desiludida e finalmente desiste de recorrer aos seus cunhados políticos da Amazônia⁹⁰. Aproveita para agradecer com imensa gratidão o barão do Rio Branco e encerra este capítulo com a esperança de que “os amigos e sobretudo Alcindo Guanabara [deputado federal] me defenderá e defenderão a memória de Santa-Anna Nery, tão insultado pelos seus próprios irmãos!”⁹¹.

1.3 A família Nery: uma genealogia

Ainda no campo das memórias póstumas de Santa-Anna Nery, achamos pertinente, neste momento, uma explicitação sobre o seu lugar entre os Nery. Podemos iniciar este breve percurso genealógico pelo relato de seu amigo Pedro Gomes do Rego, que irá marcá-lo tanto póstumamente, como em vida, conforme já vimos e veremos no decurso desta tese.

Aos 14 anos, tendo feito seus primeiros estudos no Seminário do Amazonas, único estabelecimento de instrução secundária que existia na província, vai à França afim d’ali completar sua educação. Seu pai consente em fazer uma exceção em favor d’ele, enquanto seus irmãos seguem a carreira militar, Sant’Anna Nery entra na arena literária realizando a sua divisa: *Sicut ensis calamus*, a pena é como a espada (Rego,1882:9).

Por esses escritos depreende-se que Santa-Anna Nery, em função de sua dedicação exaustiva aos estudos, obteve de seu pai uma concessão não atingida por seus irmãos. O que nos levou mesmo a pensar que Santa-Anna Nery era o filho caçula do casal Silvério José Nery⁹² e Maria Antony Nery⁹³. Assim, não seria estranho ao caçula, estudioso, seguir para o

do Rio Branco em 05 de janeiro de 1904). Mais tarde, ela pede ainda ao Barão um conto de réis para a publicação de seu livro. Ignoramos se chegou a publicar, acreditamos que não, pois em todas as nossas pesquisas jamais encontramos um livro seu, seja como Anna de Santa-Anna Nery, seja como baronesa de Santa-Anna Nery (Santa-Anna Nery, Anna de, *Carta endereçada ao barão do Rio Branco* em 19 de julho de 1904).

⁹⁰ Ela diz retornar da “Amazônia absolutamente indignada com a má fé de Silvério Nery que apesar de sua promessa formal, no ano passado de me dar uma pensão, a emperrou desde os primeiros dias que a comissão de Poderes deu um ‘parecer’”. Ela diz ainda ter sido mais uma vez ludibriada pela família e os círculos de influência dos Nery e enganada pelo Constantino Nery, “um ser incompleto, uma besta jovem (...)” (*ibidem*).

⁹¹ Santa-Anna Nery, baronesa de, *Carta endereçada ao barão do Rio Branco* em 22 de outubro de 1904. Nesta derradeira carta, a Baronesa transmite ao Barão uma mensagem subliminar, na transversal do texto, como que compondo as linhas verticais, dizendo: “Votre influence est grande”.

⁹² Toda vez que utilizamos a forma Silvério José Nery falamos de seu pai, quando utilizamos Silvério Nery, falamos do filho, apesar de ambos serem homônimos, nome herdado do avô paterno de Silvério José Nery.

⁹³ Como nos apontam em suas memórias póstumas, entre artigos de jornal (Borges,1986:133), textos necrológicos (Tapajós e Tórtima, 1993:120 [IHGB]), dicionários biográficos (Bittencourt, 1973:448), textos

Velho Mundo a fim de se aperfeiçoar, enquanto seus irmãos, mais velhos, seguiam a carreira do pai. Entretanto, após a leitura da biografia escrita por Antonio Faria (1905) descobrimos que Santa-Anna Nery era, em verdade, o primogênito⁹⁴. Achamos que havia algo que não se encaixava entre essas duas construções biográficas. Além disso, Rego (1882:9) afirmava que Santa-Anna Nery tinha ficado órfão aos sete anos, ainda em Belém do Pará. Ora, se ele nascera em 1848, tal fato ocorrera em 1855. Depois, descobrimos que Silvério Nery nascera em 1858, Constantino Nery em 1859, Raymundo Nery em 1861, e assim por diante. Ora, a partir dessas constatações, concluímos o óbvio: a mãe de Santa-Anna Nery não é a mesma mãe de seus outros irmãos, apesar de todos os trabalhos da nota precedente, suas memórias póstumas, nos dizerem que sim e apontarem como sua mãe: Maria Antony Nery.

Assim, consultamos e reconsultamos o livro de Agnello Bittencourt (1973)⁹⁵, importante dicionário biográfico do Amazonas, especialmente, para o período da primeira República. Um dicionário composto por centenas de nomes ligados ao Amazonas, mas carregado de análises parciais, apesar de o autor procurar fazer o inverso⁹⁶. O caso da família Nery é exemplar: são diversos membros desta família registrados por Bittencourt, contando ainda com os mais destacados elogios. Tudo porque os Nery e os Bittencourt foram aliados em diversos momentos da história política amazônica⁹⁷. Assim, temos o verbete de Santa-Anna Nery e de diversos de seus irmãos, todos como filhos de Maria Antony. Porém, ao consultarmos o verbete de seu pai, Silvério José Nery, quase na última linha, encontramos a contradição. Dizendo que, “ao contrair matrimônio com D. Maria Antony, Silvério José Nery trouxe um casal de filhos nascidos em Belém do Pará, Frederico de Santa-Anna Nery e Angela Nery” (Bittencourt, 1973:458).

Pois é, caro leitor, os Nery, descritos no tópico anterior e que foram tão hostis com a viúva de Santa-Anna Nery, são, em verdade, seus meios-irmãos. Além do mais, quando

institucionais do governo do Estado do Amazonas (Mendonça, 2010) textos acadêmicos (Sarges e Coelho, 2008:48) e dissertações de mestrado (Coelho, 2007: 15).

⁹⁴ Faria (1905:XXV), apesar de inserir esta nova informação, segue de certa forma o texto de Rego ao dizer: “Fils aîné d’un militaire distingué et petit-fils d’un officier de l’armée brésilienne, il était destiné, comme ses frères à la carrière des armes”.

⁹⁵ “O nome de Agnello Bittencourt (1875-1973) consta de vários dicionários biográficos brasileiros e enciclopédias. Nasceu e estudou no Amazonas. Por 52 anos exerceu o magistério e, além das atividades intelectuais e da vasta bibliografia publicada, foi superintendente municipal de Manaus (1909), quando seu pai era governador do estado. Foi sócio honorário do IHGB” (Doau, 2000:870).

⁹⁶ “Em relação a fatos narrados a reconstituição que tento nestas páginas tem o caráter de um testemunho, ou porque os tenha assistido, como espectador interessado, ou por tê-los vivido, como participante. Procurei adotar uma atitude de isenção e imparcialidade, despidido das emoções que a perspectiva do tempo dilui e deve ter apagado. Espero ter dado sempre uma versão neutra dos acontecimentos” (Bittencourt, 1973:14).

⁹⁷ No verbete de Silvério Nery, por exemplo, ele diz que Silvério Nery passou a ser combatido após deixar o poder e se afastar do governo do coronel Bittencourt (pai de Agnello Bittencourt, que se tornou governador do Amazonas após o governo de Constantino Nery). Mas, “dentro em pouco, inclusive Nery e Bittencourt estavam de mãos dadas, por uma nova luta pelo Amazonas” (Bittencourt, 1973:462).

crianças e adolescentes, mal teceram relações. Pois, como bem coloca Pedro do Rego, Santa-Anna Nery vai para a Europa com quatorze anos de idade⁹⁸, o que significa dizer que quando Santa-Anna Nery está partindo para o seu “exílio voluntário” (Nery [Santa-Anna Nery], 1872:9). Silvério Nery (o primogênito deste novo casal, que recebeu o nome do pai e do bisavô) tinha apenas quatro anos de idade; Constantino, três anos; e Raymundo, tinha apenas um ano de vida; ainda viriam mais sete meios-irmãos frutos da madrasta de Santa-Anna Nery e de seu pai. Meios-irmãos que Santa-Anna Nery só foi conhecer, se é que conheceu, após vinte anos de distanciamento. Ora, todo o ilusionismo biográfico de Pedro do Rego, Antonio Faria e todos os demais que o reproduziram, cai por água abaixo. Pois a bela narração citada antes por Rego, de que seu pai lhe consentia abrir uma exceção, em razão de seu esforço intelectual, diferente de seus irmãos, que teriam de seguir a carreira do pai, se desmancha na análise das fontes.

Neste sentido, na leitura da obra de Santa-Anna Nery, vez ou outra, nos deparávamos com o termo “madrasta”, sem darmos muita importância. A par dessas informações, passamos a ficar mais atentos, a fim de compreendermos melhor sua significação. Curiosamente, encontramos uma correlata à rivalidade entre o Pará e o Amazonas. Quando nos idos de 1884, portanto, dois anos após sua visita ao Brasil, ele iria defender uma classificação das províncias brasileiras em duas categorias: “as que desfructam e as que são desfructadas. As primeiras gozam todas as vantagens de filhas mimosas do Estado (...). As segundas são tratadas como importunas enteadas (...).” Aqui já temos o exemplo de como as madrastas tratam seus enteados: usando-os e abusando deles. Mas ele prossegue: “Há um quartel de seculo, a provincia do Espirito Santo contava entre as engeitadas de primeira ordem. Foi substituida pelas provincias do Pará e Amazonas junto da ingrata madrasta” (Santa-Anna Nery, 1884g:15)⁹⁹.

Em outro momento, escrevendo nos rodapés do *Jornal do Commercio*, direto de Paris, gastando todo o seu patriotismo contra a prepotência europeia, ele diz para o público fluminense:

“Pois bem! A quinta essência da língua dos europêos ao fallar dos outros povos, é a palavra *bárbaros*! **A Europa nunca foi para nós mai carinhosa, nunca passou de madrasta.** Mas, somente, porque tem cabellos brancos e anda ataviada de safados farrapos de seda, julga-se com jus para desprezar o mundo inteiro. O europêo, por mais bronco que seja, julga-se superior ao resto do mundo. O Brazil? Nação de

⁹⁸ Esta informação também é confirmada por Santa-Anna Nery (1872) e (1889a).

⁹⁹ Apesar de mal escrito, Santa-Anna Nery se refere ao Pará como uma madrasta para o Amazonas, evidenciando a rivalidade entre as duas, provavelmente em razão da exportação da borracha pela “ingrata madrasta”, o Pará, que acabava desfrutando dos impostos provenientes do Amazonas.

selvagens! O Egypto? Paiz de negros! A China? Terra de sandêca!(...)” (Santa-Anna Nery, 19 de fevereiro de 1876, o grifo é nosso).

Apenas dois exemplos que expressam bem o uso do termo *madrasta* na vasta obra neryana. Acepção carregada de senso-comum, mas que pode ter relação com a adolescência de Santa-Anna Nery e sua saída do Brasil, em 1862. Além de explicar também esta longa ausência em retornar, mesmo que fosse para uma rápida visita, como foi em 1882.

Só que neste regresso, Santa-Anna Nery, por meio da biografia de Pedro do Rego e de todos os depoimentos nele contidos¹⁰⁰, volta não só homem feito, mas, com diversas distinções: “França, Italia e Portugal reconhecem os serviços prestados ao Brazil por Sant’Anna Nery, e Lh’os agradecem, condecorando-o e admitindo-o no grêmio das suas sociedades litterarias” (Rego, 1882:19). Quer dizer, Santa-Anna Nery só retorna à sua terra natal com todos os louvores do mundo dito civilizado. Na linguagem popular diríamos que Sant’Anna Nery vencera na vida e talvez por isso, só agora, retornava ao lar. Mas, ele buscava ainda o reconhecimento de sua pátria, que não lhe concedera ainda nenhuma condecoração, “nem tão pouco pertence à nenhuma sociedade litteraria nacional. É o caso de poder elle dizer, parodiando Piron: *Je ne suis rien, pas même Academicien... du Brésil* ” (*ibidem*). Contudo, quiçá, ele desejasse também, além deste reconhecimento institucional, o reconhecimento familiar: de sua irmã, meios-irmãos e, porque não, de sua madrastra, uma vez que seu pai já estava morto quando de seu regresso.

Maria Antony, a madrastra de Santa-Anna Nery, pertence a uma antiga e importante família de Manaus – os Antony – que também deixaram sua marca na política e no corpo militar do Amazonas e do Brasil¹⁰¹. Silvério José Nery, provindo de Belém do Pará¹⁰², foi destacado pelo Exército para Manaus como encarregado do armazém de artigos bélicos. Em pouco tempo, na capital da nova província do Amazonas, se casou com Maria Antony, conforme relatado em seu diário (*apud* Bittencourt, 1973:457-458)¹⁰³:

¹⁰⁰ Que foram ambos publicados antes nos jornais, como se depreende da própria edição produzida por Pedro do Rego (1882).

¹⁰¹ Maria Antony provavelmente fora parente próxima de Henrique Antony, imigrante da Córsega, que foi para Manaus, quando esta ainda se chamava Lugar da Barra e tinha acabado de se tornar capital da antiga Capitania do Rio Negro, na primeira metade do século XIX. Henrique Antony foi um importante comerciante e que deixou suas marcas na cidade. Ele foi, por exemplo, o responsável pela construção de um prédio de dois batimentos que recebeu a expedição de Louis Agassiz e sua esposa Elizabeth em 1865. Tanto Henrique, como um de seus filhos, Luiz Antony lutaram na Guerra do Paraguai. O pai morreu lutando pela pátria que escolheu para si (como Tenente-Coronel), o filho retorna Tenente-Coronel e deixa uma prole de militares-políticos bastante influentes na política do Amazonas, como Guerreiro Antony (Bittencourt, 1973; Mendonça, 2010).

¹⁰² Provavelmente pelos idos de 1856.

¹⁰³ É Agnello Bittencourt quem nos dá a informação deste “caderno de notas”, dizendo que quem lhe forneceu foi o filho de Silvério Nery, Júlio José da Silva Nery, que foi interventor federal do Amazonas, em 1945.

Silvério José Nery, filho de Marcelino José Nery e dona Maria Magdalena dos Prazeres. Foram seus avós paternos Silvério José Nery e Benedicta de Figueiredo e maternos Estevam de Moraes e Josefina do Nascimento Cunha, todos naturais da Província do Pará. Casou-se a 22 de julho de 1857, com dona Maria Antony, filha de Mário Leonardo e Maria Loureiro, naturais da Província do Amazonas. Foram testemunhas pelo casamento o Tenente-Coronel Pedro Nicolau Fragmentino e o Capitão da Guarda Nacional Leonardo Ferreira Marques, sendo celebrante o Pe. Antonio, Capelão do Corpo da Guarnição desta Província.

Pelo trecho selecionado por Bittencourt, pois desconhecemos o restante do documento, fica evidente a eliminação do passado de Silvério José Nery em seu próprio diário. O próprio Bittencourt diz não saber mais nenhuma informação do pai de Santa-Anna Nery em Belém, alegando falta de informações. Já Mendonça (2010)¹⁰⁴ destaca os feitos militares de Silvério José Nery, que segundo ele nasceu na província do Pará em 1818. Em 20 de junho de 1836 assentou praça no exército da cidade de Belém. Em 1860, já em Manaus é promovido ao posto de tenente. Cinco anos depois iria para o Paraguai lutar na Guerra, ao lado dos parentes de sua esposa, os Antony, e de seu pai¹⁰⁵. No campo de batalha, em 1º de junho de 1867, torna-se capitão. Entretanto, foi ferido por tiro de arma de fogo e adquiriu uma ancilose no joelho direito, que lhe afetou a mobilidade, além de hepatite crônica¹⁰⁶. Em função dessas desventuras, foi reformado no posto de major por decreto de 30 de novembro de 1871 e ainda foi levado ao comando do 3º Batalhão de Artilharia, também em Manaus, além de Delegado de Polícia da capital, em cargo anterior. Silvério José Nery morreu trabalhando¹⁰⁷ como comandante da Guarda Policial (atualmente Polícia Militar do Amazonas). Tendo sido nomeado pelo 2º vice-presidente Guilherme José Moreira. Tal fato ocorrera no dia 27 de novembro de 1878.

Percebe-se pela data, que Santa-Anna Nery só regressa a sua pátria, após a morte do pai. Ou seja, a última vez que se viram, provavelmente, foi no porto de Manaus, naquele fatídico dia 19 de outubro de 1862. Santa-Anna Nery segue para a Europa, seus meios-irmãos – Silvério Nery e Constantino Nery – muitos anos depois, seguem a carreira do pai e vão

¹⁰⁴ Roberto Mendonça é Coronel da Polícia Militar do Estado do Amazonas e escreve diversos textos para jornais e internet, principalmente, sobre a história da Amazônia.

¹⁰⁵ Alguns autores, como Faria (1905), Arthur César Reis (1931) afirmam que seu pai Marcelino José Nery também lutou com seu filho na Guerra do Paraguai. Porém, Mendonça (2010) desconfia desta versão por achar que a idade de Marcelino no início desta guerra, 67 anos, o impedia de combater. Entretanto, conforme noticiado pelo *Commercio do Amazonas*, em 27 de julho de 1870 (número 239, p. 1), fica patente que o avô paterno de Santa-Anna Nery, não só participou da guerra como foi comandante de tropa: “Procedente do Pará tocou ante-hontem em nosso porto em Belem trazendo a seu bordo os voluntarios da patria que eram esperados, commandados pelo capitão Marcellino José Nery”.

¹⁰⁶ Neste trecho, Mendonça (2010) usa como base o *termo de inspeção de saúde* de Silvério José Nery.

¹⁰⁷ Mendonça (2010) nos lembra ainda que Silvério José Nery foi o “único Comandante-Geral a expirar, quando no exercício da função, passados 165 anos de atividades da Polícia Militar do Amazonas (PMAM), possuía o falecido 60 anos de idade”.

estudar na Escola Militar do Rio de Janeiro. Constantino chega a alcançar o posto de major, já Silvério se torna agrimensor. E, como vimos, ambos deixam de lado a carreira militar para se dedicar a política do estado do Amazonas. Fizeram escola, o chamado “nerysmo”, que se perpetuou no poder por diversas gerações, descendentes deste segundo casamento do Major Silvério José Nery.

Já os do primeiro casamento do major Silvério José Nery – Santa-Anna Nery e Ângela Nery – não conseguimos nenhuma informação sobre a irmã legítima de Santa-Anna Nery. No que tange aos possíveis descendentes de Santa-Anna Nery, *idem*. Pois, ao menos para a abrangência desta pesquisa, desconhecemos o que ocorrera tanto com a filha da baronesa, enteada de Santa-Anna Nery, Maud¹⁰⁸, bem como com o possível “filho legitimado” de Santa-Anna Nery, Marcel Nery; bem como ignoramos o que ocorrera com a baronesa de Santa-Anna Nery após as sua inócua peregrinação.

Reparem que após essa breve explanação sobre o lugar de Santa-Anna Nery entre os Nery, mesmo com toda pesquisa em fontes primárias e secundárias, ninguém cita o nome da mãe de Santa-Anna Nery: a esquecida e soterrada Johanna de Santa-Anna. Só a encontramos porque fomos revirar os arquivos do nosso “autor defunto” nas instituições que guardam os documentos dos mortos de Paris, como o AAP-HP, que nos *Actes de Décès*, nº 1102, nos auxiliava em nossa tarefa de exumação do personagem em foco¹⁰⁹.

1.4 Defunto autor

– mon pauvre mari! Dieu veuille, qu’il ne sache rien de tout ceci, car il m’amant profondément, malgré toutes ses faiblesses et sa vie d’outre tombe serait une expiation trop cruelle, s’il me savait si malheureuse par sa faute! (Santa-Anna Nery, Baronesa de, *Carta endereçada ao barão do Rio Branco* em 17 de janeiro de 1903).

Retomando o mote deste capítulo, as memórias póstumas de Santa-Anna Nery, lemos acima, em termos gerais, a tese da baronesa de Santa-Anna Nery sobre seu próprio destino: o fato de seu marido ter tido uma amante e esta ter se casado com seu irmão e toda a trama decorrente. Um “escândalo familiar” que contaminou o ambiente político brasileiro e consumou o ostracismo da viúva de Santa-Anna Nery e, conseqüentemente, as memórias póstumas, “patrióticas”, de seu marido. Pois, apesar de todo o seu périplo, “a pobre viúva”

¹⁰⁸ Sabemos apenas por Faria (1905) que Maud se casou com George Humphery, o homem que traduziu para o inglês a *Le Pays des Amazones* de Santa-Anna Nery.

¹⁰⁹ Cf. *Genealogia de Santa-Anna Nery* ao final desta tese.

teve todos os seus pedidos de pensão negados, assim como assistiu a memória de seu marido se desvanecer, ao menos, no Brasil¹¹⁰.

A resposta da baronesa – “voir la mémoire de son mari, ses oeuvres et ses missions hautement appréciées, avec toute impartialité et justice” – veio em francês, por meio de uma biografia de Santa-Anna Nery, escrita por um português, antigo conhecido da família: Antonio Portugal de Faria¹¹¹. É neste contexto, portanto, que lemos a primeira biografia póstuma de Santa-Anna Nery, lançada em setembro de 1905. Pois, como a baronesa não conseguira nada do congresso brasileiro, ela apelou para os amigos portugueses do falecido; aqueles que mais lhe renderam homenagens póstumas¹¹². Deste modo, a biografia produzida por Faria tem como uma das fontes as informações e lamentações da baronesa.

Antonio Faria¹¹³ era diplomata português, tendo prestado serviços ao reino como vice-cônsul na Espanha (desde 1886), Uruguai (desde 1891) e na Itália (desde 1896), em Livorno, onde se encontrava quando da publicação da referida biografia. Antonio Faria, que sempre vivera no estrangeiro, assim como seus ascendentes, era casado com uma italiana e uma de suas irmãs, com um diplomata brasileiro na França. Talvez, daí resulte sua relação com a família de Santa-Anna Nery. Faria demonstra certa intimidade com o biografado, mostrando-se conhecedor de sua biblioteca, destacando desta mais de duzentas obras apenas sobre Santo Antônio. O foco neste santo se daria pela natureza da obra inédita de Santa-Anna Nery que Faria publicou e prefaciou: *Saint-Antoine de lisbonne « auto » mystère: Acte dramatique en deux parties et trois tableaux* (1905). Um teatro que tem na figura de Santa Antonio, “o mais conhecido santo da hagiografia portuguesa”, nas palavras de Faria, o personagem central da narrativa. Logo na contracapa encontramos a informação abaixo que demonstra bem as afinidades entre os envolvidos com a Igreja de Roma¹¹⁴:

¹¹⁰ Curiosamente, após quase oitenta anos de sua morte, foi a Editora da Universidade de São Paulo em parceria com a editora Itatiaia, por meio da coleção Reconquista do Brasil, quem relançou, em língua portuguesa do Brasil, uma das obras mais importantes do malogrado barão de Santa-Anna Nery: *O Paiz das Amazonas* (1979), com tradução de Ana Mazur Spira e apresentação de Mário Guimarães Ferri.

¹¹¹ Nesta biografia escrita por Faria, apesar de sua assertiva final, ao dizer que a baronesa de Santa-Anna Nery ainda insistia em “ver a memória de seu marido, suas obras e suas missões altamente apreciadas, com toda a imparcialidade e justiça” (1905:XLV), ele é bastante parcial em sua abordagem ao propor uma biografia pela defesa tanto do personagem principal como de sua “pobre viúva” que o “governo brasileiro” recusara dar-lhe “uma modesta pensão anual” (1905:XLIII).

¹¹² Antonio de Faria diria que “o Barão de Santa-Anna Nery era muito amado e conhecido em Portugal por sua honradez perfeita, por sua integridade e sua lealdade” (1905:XLIII).

¹¹³ As informações biográficas de Antonio Portugal Faria foram retiradas de seu memorial para apresentação de candidatura como membro correspondente da ACL.

¹¹⁴ No prefácio desta obra, Faria revela ser antigo aluno dos “Marianistes (Institution Ste. Marie et Collège Stanislas, de Paris) professant avec ferveur les croyances catholiques”. Crença que parece ter seguido a risca, pois fora honrado com um “titre très précieux de la part du Saint-Siège Apostolique, par un bref de S. S. Léon XIII, — élevé à la dignité de Grand’Croix de l’Ordre du Saint Sépulcre de Jérusalem, qui relève de l’Autorité Pontificale, j’ai eu l’honneur d’être reçu, au mois d’avril dernier, en audience privée, par Sa Sainteté Pie X. Au

Il a été tiré cent exemplaires numérotés, portant l'*ex-libris* original de l'auteur, qui ont été offerts à l'illustre présidente Madame la Marquise de Rio Maior, pour être vendus au profit de l'Eglise-Monument en l'honneur de l'Immaculée Conception, Patronne du Royaume de Portugal. Exception a été faite du numéro I, tiré sur papier spécial, pour être respectueusement déposé aux pieds de Sa Sainteté le Pape Pie X¹¹⁵.

Quer dizer, apesar de toda privação por que a baronesa de Santa-Anna Nery se dizia passar, restara a obra sacra de seu marido para ser consagrada à causa cristã, portuguesa. Além disso, o próprio Santa-Anna Nery havia sido entregue à mesma causa e aos mesmos pés do papa Pio X, pois na mesma edição havia o seu esboço biográfico, escrito por Faria. Neste, como já vimos e veremos ao longo deste trabalho, são destacados os laços de Santa-Anna Nery com membros da Igreja de Roma, como seu suposto padrinho D. Antonio de Macedo Costa¹¹⁶, um dos bispos da chamada “questão religiosa” no Brasil. Além disso, Faria diz que o grupo de amigos íntimos de Santa-Anna Nery era conhecido na Europa como a “santíssima trindade literária”¹¹⁷, formado por barão do Rio Branco, Eduardo Prado e Santa-Anna Nery. Um triângulo católico-monárquico, que de certa feita explicaria a grande ajuda fornecida por uma das pontas deste triângulo à viúva do personagem em cena. Outros grupos católicos são evidenciados por Faria.

Essas relações serão difundidas, evidenciadas, e, de certa forma, consolidadas por grande parte daqueles que se debruçaram sobre a vida e a obra de Santa-Anna Nery. Assim, após ter passado por um longo período – trinta anos – de esquecimento, suas memórias foram “reabilitadas”¹¹⁸ por Luíz da Câmara Cascudo, quando publicou na *Revista do Instituto Geographico e Historico do Amazonas*, um artigo intitulado *Barão de Santa Anna Nery*. Neste breve intento biográfico, Cascudo constrói sua narrativa como se fosse um contemporâneo: lado a lado do Barão pelos bulevares de Paris:

Era um encanto ver esse brasileiro authentico escrever e falar tres ou quatro idiomas, publicar quinze livros e levar para a Europa as primeiras historias do fabulario do septentrião patrio. Á tarde vestia escuro, grave, polido, o collarinho espelhante, de amplas dobras wildeanas, o plastron saliente, a pérola esverdeada, a bengala de

sortir de l'audience, je ne pouvais que me remémorer ces belle parole du grand Pape “de la bonté, de la douceur et de la ténacité” (1905: V,VI).

¹¹⁵ Encontramos na Biblioteca Nacional de Portugal um dos 100 exemplares numerados – o de número 84 – vendidos a 5 francos cada.

¹¹⁶ Para isso, por exemplo, Antonio Faria chega a plagiar Pedro do Rego, como a “confidência” referenciada na nota 30 deste capítulo, forjando sua autoria para d. Antonio de Macedo Costa.

¹¹⁷ Esta informação é fornecida por Faria (1905) e, ao que parece, reproduzida por Pierre Rivas (1995), que não explicita sua fonte.

¹¹⁸ É Vicente Salles quem defende a ideia de que Câmara Cascudo foi o responsável pela reabilitação de Santa-Anna Nery, ao menos como folclorista brasileiro do século XIX (Vicente Salles, 1992:12).

canna da Índia e ia conversar sobre o Brasil para quem era o “*singular Barão que morava em Paris*” (Cascudo, 1935-1936:211).

“‘Singular Barão’, como lh’o chamava o mau-humor de Sylvio Romero”¹¹⁹. Assim, Cascudo explica a expressão acima sobre título nobiliárquico de Santa-Anna Nery dizendo ser fruto da Santa Sé, mais especificamente do finado papa Leão XIII, o que parecia coadunar com a denominação de Romero. Tal baronato – santo – dava sentido também a toda devoção de Santa-Anna Nery por Santo Antonio e a posterior consagração de sua obra hagiográfica pelo papa Pio X, além de suas estreitas relações católicas. Entretanto, como já apontara Houaiss (1960), Cascudo tinha o defeito, dentre inúmeras qualidades, de não fornecer fontes às suas informações. Não obstante, seus relatos foram sendo reproduzidos por grande parte dos estudiosos que se debruçaram sobre a extensa obra neryana. Assim como os escritos de Antonio Faria e Pedro do Rego. Poderíamos chamar esses três biógrafos de Santa-Anna Nery como sua “santíssima trindade biográfica”. Pois todos auxiliaram, em diferentes momentos (ainda em vida como Rego ou postumamente como Faria e Cascudo), e muito, para a construção do “defunto autor”.

Alguns estudiosos contemporâneos chegaram a fazer verdadeiros malabarismos biográficos para justificar o “singular” título do barão de Santa-Anna Nery. Dizendo que num momento de forte adversidade doutrinária às políticas do Vaticano, o jovem Santa-Anna Nery teria defendido a infalibilidade papal desde seus primeiros livros: *Les Finances Pontificales* e, principalmente, *Le prisonnier du Vatican*. Neste rumo, de posse do “autor defunto”, procuraremos desconstruir nos próximos capítulos essas memórias – construídas – de Santa-Anna Nery.

¹¹⁹ Sobre o “mau-humor de Sylvio Romero” para com Santa-Anna Nery confira nota 31 do quarto capítulo.

Ilustração 2 - Desenho de Santa-Anna Nery na contracapa da biografia produzida por Pedro do Rego (1882)

Capítulo II

2 RELIGIÃO E PATRIOTISMO

Il y a à peine quelques semaines que, après **les banquets de Grenoble**, arrivait à Rome un bohème-littéraire, qui éditait un pamphlet intitulé: *Le Prisonnier du Vatican, l'Italie, la France et la Prusse*.

(...) Ne croyez pas que ce livre soit sorti de la plume d'un homme bien élevé.
(Abade Michel Dellestable, 1872: Avertissement et seg. o grifo é nosso).

“Os velhos católicos”, assim lemos em diversas passagens sobre a vida de Santa-Anna Nery, referindo-se ao seu “primeiro” círculo de afinidades¹, logo no início de sua carreira como escritor, pelos idos de 1870, em Roma. Numa primeira abordagem, podemos pensar em dois sentidos para esta expressão: 1º de forma vulgar, como um grupo de pessoas idosas, que tem em comum a religião. 2º aprofundando e ressignificando o vocábulo “velho”, podemos aventar a ideia de um grupo religioso tradicional, ligado intrinsecamente à Igreja: apostólica e romana, tendo no papado a sua base. É nesta segunda acepção que Santa-Anna Nery fora enquadrado², pois alguém que recebera o título de barão pelo Vaticano, pela defesa da infalibilidade Papal, só poderia estar ligado a um movimento que tivesse como base esses princípios.

Entretanto, os Velhos Católicos eram o oposto a esta última acepção, pois era um grupo formado pelos insatisfeitos com o rumo tomado pela Igreja Católica durante, e mesmo antes³, o novo Concílio, que ficou conhecido como “Concílio do Vaticano I” (1869-1870). Um dos principais mentores deste movimento foi o professor de Teologia e História da Universidade de Munique, Johann Joseph Ignaz von Döllinger⁴. Döllinger que também era padre acabou excomungado pela Santa Sé após o Concílio, pois suas opiniões eram fortemente contrárias aos “novos” rumos da Igreja⁵. Principalmente no tocante à infalibilidade papal, uma vez que se transformou em dogma, após o concílio; legitimando, portanto, o pontífice como o Mestre supremo de toda a Igreja, que gozava e goza – em tese – até hoje de especial assistência do Espírito Santo. Assim, as definições do “Romano Pontífice são como

¹ Antonio Faria (1905) é quem caracteriza a vida de Santa-Anna Nery por fases, colocando sua relação com os velhos católicos como a primeira fase, portanto, nesta leitura evolutiva, como a mais primitiva.

² Por exemplo, Pedro do Rego (1882), Cascudo (1935-1936) e a partir desses, todos os que o reproduziram, implicitamente ou explicitamente.

³ Uma vez que o Concílio do Vaticano I apenas dogmatizou a infalibilidade papal presente em outros documentos da Igreja de Roma, como o *Syllabus* (Janus, 1877:25 et seg.).

⁴ Döllinger nasceu em Bamberg em 1799 e morreu em Munique em 1890 (Larousse, 2010), o que significa dizer que ele já era um septagenário quando da realização do Concílio, bastante respeitado e reconhecido pelo seu trabalho de teólogo e historiador.

⁵ Tanto que em oposição aos velhos católicos forjou-se o termo “neocatolicismo” para designar o grupo ligado ao Pio IX, em defesa da infalibilidade papal, correntemente ligado aos jesuítas. Entretanto, o nome que se vulgarizou para este grupo foi o de “ultramontanos”.

dogmas revelados por Deus; ele é, portanto, infalível e suas ideias passam a ser irreformáveis” (Universo Católico, 2010). Na prática, segundo o professor de Teologia e História, a Igreja com a definição da infalibilidade papal passava a aniquilar a antiga instituição do primado, que Döllinger explicava:

O primado (segundo a convicção de todo católico fiel, convicção que participam os autores deste livro) é uma instituição de ordem elevadíssima. Sobre este fundamento foi a igreja estabelecida desde a sua origem.

Em seus primórdios ela é prefigurada pelo Senhor na pessoa de Pedro. Demais, esta instituição tinha em íntimas necessidades a sua razão de existir e desenvolver-se. Mas, a partir do século IX, antes por uma revolução anormal que por uma evolução racional, o primado sumiu-se, deixando em seu lugar o papado (Janus, 1877:9 e10).

É sobre este ponto que Janus (o pseudônimo de Döllinger nesta publicação) desenvolve sua argumentação histórica, fundada em duas concepções antagônicas: de um lado, o primado com seu “antigo **bispo-presidente, que dava exemplo de submissão às leis do estado**, que deliberava em comum com *os seus irmãos*, que de acordo com eles decidia as questões eclesiásticas”; de outro, o papado que passou “a reinar com mão de ferro de um **monarca absoluto**”, rompendo “para sempre a unidade da igreja, outrora tão vigorosa e tão compacta” (Janus, 1877:10). A partir desta premissa, Döllinger desenvolve um estudo histórico pormenorizado sobre as origens da infalibilidade papal e sua consequência “desastrosa” para o contexto nacional europeu. Por esse motivo, esta obra é lançada apenas alguns meses antes do Concílio. No intuito de tentar reverter, ou ao menos contrabalançar, o forte peso político da ordem dos jesuítas, tanto sobre a cúria romana, quanto sobre a própria sorte da unificação italiana e alemã.

No Brasil, em julho de 1877, a obra supracitada já estava nas livrarias, numa versão ampliada e direcionada para a situação político-brasileira, alguns anos após a tempestiva “questão religiosa”, que ainda repercutia na imprensa brasileira e mesmo mundial⁶. O responsável pelo estudo introdutório e pela tradução foi um jovem jurista brasileiro⁷: Ruy

⁶ De forma bastante resumida e descritiva, a chamada “questão religiosa” no Brasil foi o embate político-religioso entre segmentos maçônicos-liberais do Império brasileiro e os bispos defensores das doutrinas ultramontanas, tão bem representadas pelo pontificado de Pio IX. Segundo Barros (1997:392 et seq.) o estopim que daria abertura ao conflito se daria com a suspensão do padre Almeida Martins, que era maçom, pelo bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro Maria de Lacerda. Entretanto, foi com os bispos de Olinda, D. Vital, e do Grão-Pará, D. Antônio de Macedo Costa, que se deu a explosão do conflito quando resolvem proceder com maior rigor contra os católicos-maçons, ordenando-lhes a excomunhão. Resultado, os membros do Estado imperial, mais alinhados com a maçonaria e/ou com os velhos católicos, conseguiram condenar os bispos à prisão, para posterior anistia de Pedro II. No decorrer deste capítulo essas questões serão melhor analisadas.

⁷ Nesta obra já monumental de Döllinger, Ruy Barbosa a introduz com um tomo à parte, com mais de quinhentas páginas explicitando e apoiando os argumentos do professor de Teologia de Munique. Nesta

Barbosa. À época, Ruy Barbosa aceitou o convite proposto por Joaquim Saldanha Marinho, que dentre outras coisas, se comprometera “em nome da maçonaria, a adquirir mil e quinhentos exemplares da obra”. Entretanto, como era de se esperar, a edição da obra passou por sérios percalços até chegar às estantes. Haja vista que a imprensa ultramontana bradou fortemente contra o “libelo infame”; em contraposição, “os liberais louvaram-no”⁸. Nesta versão brasileira da obra alemã, Ruy Barbosa utiliza, como vimos no parágrafo precedente, os campos semânticos imperiais e republicanos: o primeiro com referência à instituição do papado e o segundo com a do primado. Como o livro inteiro é uma grande ode ao primado, Ruy Barbosa, juntamente com seus “irmãos” maçônicos, aproveita a metáfora para engrandecer o sistema político republicano, tendo como uma de suas bases o lema de Cavour⁹: “Igreja livre, no Estado livre”; que anos mais tarde iria influenciar o texto constitucional de 1891, também elaborado, dentre outros, por Ruy Barbosa. Por outro lado, o jovem jurista desenvolve a tese da incompatibilidade do catolicismo papal, imperial, portanto, com as constituições modernas, especialmente a brasileira. Pois o Estado, ainda segundo Ruy Barbosa (1877), deveria buscar sua autonomia e jamais ser servo da Igreja. Todavia, 40 anos depois, em função de todo desgaste político que sofrera por causa desta publicação, Ruy Barbosa diz: “este livro meu, escrito há mais de quarenta anos, com as opiniões dessa época, já pertence à história antiga de minha vida, e no que toca ao mais, façam o que fizerem, ninguém me tirará de minha resolução inabalável, assente há muito tempo, de me não envolver em lutas religiosas, embora nelas, com ou sem razão, tentem embrulhar o meu nome” (Menezes, 1977:XVI e XVII). O Ruy Barbosa maduro percebera, às duras penas, o quão oneroso fora, para o homem público, o posicionamento perante quaisquer questões religiosas. Mesmo sabendo, na constatação de Turner, que ao combater o ultramontanismo, que manejava o dogma da infalibilidade, “Rui, ao contrário do que se propalava, era o mais ferrenho adversário da irreligião” (Turner, 1945 *apud* Menezes 1977:XXI).

introdução, Ruy analisa desde a “dilatação invasora do papado à custa da soberania temporal” até suas repercussões em território brasileiro.

⁸ Todas as citações acima, sem referências, pertencem a Menezes (1977:XVII et seq.) que prefaciou a presente edição do livro de Ruy Barbosa, na qual ele contextualiza o processo de edição e publicação da obra. Menezes conta que a editora *Laemmert*, que iria imprimir a obra inicialmente, se recusou a fazê-la. Ao final, a obra foi editada pela firma *Brown & Evaristo* e custeada em parte pelo sogro do Ruy. Mas mesmo após a sua edição as relações entre a nova editora e o Ruy tornaram-se ríspidas, enquanto havia gente que pedia “a proscrição do herege que ousou traduzir o livro”. Desta forma, Ruy prometera nunca mais permitir a reedição desta obra, que felizmente não conseguiu.

⁹ Conde de Cavour (Camillo Benso, 1810-1861): homem de Estado Italiano, fundador do jornal *Il Risorgimento* (1847), defensor de ideias liberais e um dos responsáveis pela criação do reino de Itália em 1861 (Larousse, 2010). Hobsbawm (1990:42) chamou Cavour, bem como Mazzini, como os apóstolos do “princípio da nacionalidade”.

Santa-Anna Nery, um ano mais velho que Ruy Barbosa, parece ter sido mais bem orientado neste quesito. Pois ambas as obras que ele escreveu sobre essas questões, citadas ao final do capítulo precedente¹⁰, trazem pseudônimos em seus frontispícios. Somente anos mais tarde é que ele revela a autoria de tais textos; quando a poeira da discórdia, de certa forma, já estava assentada. Além disso, Santa-Anna Nery não as escreveu no Brasil, muito menos em português, e pelo que pudemos constatar nunca houve traduções para essas obras¹¹, originalmente escritas em francês. O seu ponto de partida foi o centro do poder católico, pois Santa-Anna Nery participou do Concílio do Vaticano I como secretário do seu “padrinho”, o Bispo do Pará, Dom Antônio de Macedo Costa (Faria, 1905:XXVI)¹². O mesmo que fora preso, anos depois por causa da “questão religiosa” no Brasil¹³. Entretanto, inversamente ao que foi propagado historicamente, Santa-Anna Nery parece romper, neste momento, com seu “padrinho”, um ultramontano¹⁴, e viera a se unir com os velhos católicos; os quais certamente lhe influenciaram a escrever suas primeiras obras: *Les finances pontificales* (1871), sob o pseudônimo de *un catholique américain*; *La logique du coeur: esquisses philosophiques* (1871), assinado pelo próprio Santa-Anna Nery, trazendo em sua capa o destaque de uma carta do R. P. Hyacinthe à l’auteur¹⁵; e *Le prisonnier du Vatican: l’Italie, la France et la Prusse* (1872), sob o pseudônimo de L.G.

A partir dessas considerações iniciais, demonstraremos neste capítulo que as fontes principiantes do patriotismo neryano parecem estar assentadas em sua formação político-religiosa, sobretudo em suas relações seminais com os velhos católicos, que nunca foram esmiuçadas.

¹⁰ *Les Finances Pontificales* (1871) e *Le prisonnier du Vatican* (1872).

¹¹ Diferentemente do que diz Rego (1882) e Faria (1905), apenas para citar seus contemporâneos, que dizem haver traduções “imediatas”, por exemplo, para a obra *La logique du Coeur* em inglês, alemão e português.

¹² Só encontramos esta informação em Faria, que parece utilizá-la mais no sentido de protetor, uma vez que fora D. Antonio de Macedo Costa um dos responsáveis pelo jovem Santa-Anna Nery em seu exílio na França. Essa ponto é mais bem abordado no subcapítulo: 2.5 Da “questão romana” para a “questão religiosa”.

¹³ D. Antonio de Macedo Costa fora condenado a quatro anos de prisão com trabalhos forçados na ilha da Cibra. Mais tarde, durante o ministério de Caxias, fora anistiado pelo imperador D. Pedro II (TAPAJÓS e TÓRTIMA, 1993:241).

¹⁴ O vocábulo ultramontano teve diversas acepções no decurso da história. Segundo Martins (2005:08) “o termo foi utilizado pelos liberais, muitos deles pertencente à Maçonaria, para enquadrar os padres que defendiam a Infalibilidade papal, decretada com o Concílio do Vaticano I, e a Intervenção da Igreja em assuntos sociais. O que era ser “ultramontano” para D. Macedo Costa? A resposta possível para isso é que o bispo não se autodenominava “ultramontano”. Ao contrário, ele sabia do sentido pejorativo da palavra, sempre aplicada pelos liberais como sinônimo de atraso”. Nesta pesquisa, utilizaremos o termo para caracterizar este grupo de católicos que defendiam a infalibilidade papal, portanto, contrários aos velhos católicos que também eram denominados de Católicos Liberais ou Clérigos Liberais.

¹⁵ Charles Loyson Hyacinthe nasceu em Orléans em 10 de março de 1827 e morreu em Paris em 1912 (Larousse, 2010). Hyacinthe foi um importante líder dos velhos católicos na Europa, como veremos adiante.

2.1 Em busca de *Le prisonnier du Vatican*

Em Roma [Santa-Anna Nery] dá á luz uma obra que tem por titulo – *As finanças Pontificias*, mandado imprimir á expensas do governo italiano; em seguida *A logica do coração*, obra de philosophia moral, traduzida immediatamente em inglez, allemão e portuguez; e o *Prisioneiro do Vaticano*, livro recheado de considerações políticas á que os acontecimentos deram plena razão (Rego, 1882:13 e 14).

Antes mesmo de conseguirmos ter acesso a esta obra raríssima de Santa-Anna Nery, “á que os acontecimentos deram plena razão” – segundo constatação inócua de Pedro do Rego, que não revela nenhum posicionamento político do autor do “prisioneiro do Vaticano”, fornecendo apenas estímulos a diferentes interpretações¹⁶ – tivemos acesso à obra denominada: *Le prisonnier du Vatican par L. G. Discours de Grenoble. Réfutation par l'Abbé Michel Dellestable*. Encontramos este livreto, do qual extraímos a epígrafe de abertura do presente capítulo, numa pequena biblioteca de Livorno¹⁷, na Itália, coincidentemente, na mesma cidade onde foi editado e impresso o livro póstumo de Santa-Anna Nery sobre Santo Antônio de Lisboa¹⁸.

O autor desta *refutação*, como se depreende de seu título, foi um abade católico, um *missionarius Goagirensis*¹⁹, que teve como único objetivo defender a Igreja de Roma e o papado das fortes acusações do autor “anônimo” de *Le prisonnier du Vatican: l'Italie, la France et la Prusse*: “um desconhecido ataca todo mundo, de forma violenta, ri das coisas mais dignas de respeito, enfim, blasfema contra Deus e seus Santos” (Dellestable, 1872:1). É desta forma que o abade inicia o retrato do possível autor desta obra demoníaca²⁰, que para ele não há dúvida sobre a sua autoria: “Comment vous appelle-t-on? Léon Ga..... – Il ne manque qu'un bête.” (Dellestable, 1872:2). Pelos seis pontos restantes e a paródia consequente, está claro, ao menos para Dellestable, que se trata de Léon Gambetta. O mesmo que no dia 04 de setembro de 1870, em Paris, havia proclamado a República²¹ frente à queda de Napoleão III para o exército prussiano. Gambetta, naquele momento, fora encarregado do Ministério do

¹⁶ Como, por exemplo, a interpretação dada por Antonio Alexandre Bispo (1976) que parece ser o propagador da tese de que Santa-Anna Nery havia recebido seu título de barão pelo Vaticano em função de ter escrito os livros *Les Finances Pontificales* e *Le Prisonnier du Vatican*. Certamente Antonio Bispo fora influenciado pelos textos de Câmara Cascudo.

¹⁷ Biblioteca comunale Labronica Francesco Domenico Guerrazzi. Sezione catalogafica e magazzino librario.

¹⁸ Parece ter sido mera coincidência mesmo, pois Faria, o responsável pela edição e apresentação da obra era vice-cônsul de Portugal em Livorno.

¹⁹ Dellestable finaliza seu livro com esta titulação (1872:36).

²⁰ Assim, logo nas advertências o abade diz: “Puissent les hommes abusés ouvrir les yeux! ‘Car c’est la sagesse; que celui qui a l’intelligence calcule le chiffre de la bête, car c’est le nombre de l’homme et son nombre est 666. (Apoc. Ch. XIII, *. 18.)’”. (Dellestable, 1872: avertissement).

²¹ Tal fato ocorrera no Hotel de Ville em Paris ao lado de diversos políticos franceses, como Jules Simon (Bitard, 1878:277).

Interior do governo provisório, denominado por ele como “Governo da defesa nacional”²², que contou com um grupo bastante heterogêneo, entre monarquistas, ruralistas e políticos de extrema esquerda, como Gambetta, que defendia entre outras coisas a República como forma de organização política, além da aproximação entre as “camadas sociais”²³. Esse personagem singular da história do que veio a se chamar a “III República Francesa” ficou também marcado por seu célebre voo em balão²⁴, saído de Paris, cercada pelo exército prussiano, rumo a Tours, a fim de reforçar a ação da delegação do governo provisório a partir daquela cidade. Sua ideia era organizar uma contraofensiva para libertar Paris. Em Tours, tornou-se também ministro de Guerra e segundo relatos de opositores, como Thiers²⁵, acabou criando uma espécie de “ditadura militar” que reorganizou as armadas do Leste, do Norte e mais duas do vale Loire, o que acabou por estender a guerra por mais seis meses contra o exército de Bismark. Entretanto, o grupo liderado por Thiers resolvera assinar o armistício, pondo um fim à guerra, pagando indenizações e cedendo o território da Alsácia e parte da Lorena à Prússia. Antes disso, Gambetta já havia sido deposto por Jules Simon, que veio a ocupar o seu cargo como ministro do Interior²⁶. Descontente com os novos rumos políticos, Gambetta assina o protesto dos deputados alsacianos e lorianos, “abandonados pelo novo governo à Prússia”, e deixa a Assembleia Nacional. Sem espaço político no governo, ele funda em 05 de novembro de 1871 o jornal, *La République Française* e inicia sua carreira de “viajante da República”²⁷. Deste modo, passa a publicar seus discursos proferidos nos mais diferentes lugares da França. Um dos mais famosos discursos foi realizado em Grenoble, em 26 de setembro de 1872, onde Gambetta expõe o surgimento de uma nova camada social, que deveria ser a principal responsável pelo movimento que levasse ao sufrágio universal e à República²⁸.

²² Segundo Bitard (1878:279), contemporâneo deste processo, foi o próprio Gambetta o responsável pela denominação de caráter “nacional” na defesa do novo governo.

²³ No original em francês se lê “couches sociales” (Gambetta, 1872), daí nossa preferência por traduzir como “camadas sociais” ao invés de “classes sociais”, que teria como base a noção marxista do conceito, que parece não ter sido apropriado por Gambetta, até mesmo por uma questão nacionalista, contra possíveis ideias vindas do outro lado do Reno.

²⁴ Gambetta embarca no balão “Armand-Barbés” no dia 07 de outubro de 1870 (DIDIER e GUIAUD, 1914 [óleo sobre tela, Museu Carnavalet]).

²⁵ Adolphe Thiers (1797-1877) foi nomeado chefe do poder executivo do novo governo republicano francês, em fevereiro de 1871, responsável pelo tratado de Frankfurt com a Prússia e pela eliminação completa da chamada Comuna de Paris (Larrousse, 2010).

²⁶ Esta informação é confirmada na crítica ácida de Dellestable (1872:4) contra Gambetta: “Le pamphlétaire est en effet un de ceux que le traité de Paris a dépossédés de la dictature. Il applaudissait dans son cœur les fureurs incendiaires dont Paris a été plus tard la victime”. Neste último trecho, o abade se refere à comuna de Paris e aproveita para caracterizar Gambetta como um comunista, por apoiar a comuna.

²⁷ Segundo expressão da época, Gambetta ficou conhecido como o *commis-voyageur de la République*.

²⁸ Gambetta, 1872:19 et seg. Nesse sentido, é bastante pertinente o artigo de Dontenwille-Gerbaud (2010), no qual ele aponta que nos discursos de Gambetta há a passagem social da “multidão” para “povo/população”.

É neste contexto que lemos a epígrafe deste capítulo quando o abade diz, em tom jocoso, que foi “após os banquetes de Grenoble que chegava a Roma um boêmio-literário”. Dellestable se refere²⁹, portanto, a este último discurso de Grenoble, que teve alta repercussão nos meios políticos franceses e pelo visto europeus.

Ao que se depreende, Dellestable aproveita da popularidade, sobretudo negativa do texto de Gambetta e a utiliza também como refutação em seu texto. Uma vez que o grupo político de Thiers recebera o *Discours de Grenoble* com preocupações, insinuando que Gambetta estaria incitando esta “nova camada social” para uma espécie de continuação da revolução Francesa³⁰. Além disso, era conhecido o anticlericalismo³¹ de Gambetta³², mas desconhecemos se historicamente foram apontadas suas possíveis relações com membros dos velhos católicos, como aponta Dellestable (1872:4):

Por que então ele escolheu um título que pudesse fazer crer ser obra de um católico fervoroso? Eu vou ensaiar uma resposta. Vindo a Roma como tantos outros após os eventos de setembro de 1870, L.G. não tardou em se associar ao Mestre Loison [Hyacinthe]. A coisa é um pouco forte, mas é assim: O Senhor L. G. tornou-se um admirador qualquer das cenas mais ou menos teatrais do ex-Padre Hyacinthe na sala da Argentina³³ (...).

Mais tarde, ele se torna seu colaborador e, nesta condição, ele teve por penitência ler alguns textos católicos uma vez ou outra (Dellestable, 1872:4-5).

“Os eventos de setembro de 1870”. Diversos foram os estudiosos, entre sociólogos, historiadores e geógrafos a se debruçarem sobre esta década, a utilizarem como marco, como baliza em suas pesquisas³⁴. Uma vez que esses decênios definiram e redefiniram, dentro da Europa, o mapa dos Impérios. Dellestable neste ponto se refere tanto a guerra franco-prussiana quanto à unificação dos reinos na península itálica e suas “trágicas” consequências

²⁹ Por essa razão Dellestable coloca em negrito na capa de sua obra: *Le Prisonnier du Vatican par L.G. Discours de Grenoble*. E adiante: *Réfutation*.

³⁰ “Ce texte [*Discours de Grenoble*] ne va connaître qu’un succès relatif dans les campagnes mais il va faire beaucoup de bruit dans les milieux politiques. Les journaux nationaux, provinciaux ainsi que les politiques vont attaquer Gambetta sur cette idée de nouvelle couche sociale qui sonne pour eux comme un appel à la révolte populaire. Ils le présente comme un véritable révolutionnaire qui désormais a abandonné son allure modérée et est décidé à attiser la lutte entre la démocratie et les classes dirigeantes” (Leon Gambetta exposé..., 2013).

³¹ Por meio de sua célebre frase registrada, como referência, nos dicionários franceses: “*Le cléricalisme? voilà l’ennemi !*” (Gambetta apud Nouveau Petit Robert, 2001 verbete “Cléricalisme”). Esta frase foi utilizada por Gambetta quando líder da maioria republicana na Câmara, em abril de 1876, para combater a campanha dos bispos franceses que denunciavam o caos republicano e bradavam em favor do poder temporal do Papa (Pierrard, 1968:60).

³² Apesar de contrariamente ao que pensávamos, não há nenhuma referência a assuntos religiosos no referido *Discours de Grenoble* (Gambetta, 1872). Entretanto, o simples fato de Gambetta defender a república como forma de governo, chamando as massas para participar do processo, já era um afronto aos setores mais conservadores da Igreja de Roma, ligada politicamente a Napoleão III.

³³ Não encontramos nenhuma explicação sobre a “Sala da Argentina”, mas parece ser uma referência a uma das salas no Vaticano onde ocorreram as discussões do Concílio do Vaticano I.

³⁴ À guisa de exemplo temos a densa e sintética obra de James Joll. *A Europa desde 1870*.

para a Igreja de Roma, para o papado. A ponto de Pio IX se declarar “o prisioneiro do Vaticano”³⁵. Pois, com a tomada de Roma pelo exército de Vittorio Emanuele II, no dia 20 de setembro de 1870, se formou um novo Estado Nacional: o reino de Itália, tendo Roma, finalmente³⁶, como sua capital. Além de todo esforço dos líderes deste movimento imperialista e nacionalista, a queda de Napoleão III foi essencial para esse processo. Visto que fora seu exército, até então, o defensor dos poderes papais em Roma. Mas, com a proclamação da República francesa, formada por líderes, como Gambetta, que defendiam a autonomia dos Estados perante a Igreja (o anticlericalismo), além da guerra praticamente perdida para a Prússia, fez com que o exército francês abandonasse Roma à sua sorte. Esses “eventos de setembro de 1870”³⁷, portanto, causaram a dissolução do poder temporal do papado perante os Estados Pontifícios, que a partir de então tornaram-se parte do reino de Itália. Nesse contexto, compreende-se a fúria de Dellestable ao autor do *Discours de Grenoble*, um dos responsáveis³⁸, portanto, pelo “aprisionamento”, ao menos metafórico, de Pio IX³⁹.

³⁵ Ironicamente o papa se declara “Prisioneiro do Vaticano” poucos meses depois de se votar a dogmatização de sua infalibilidade.

³⁶ Desde o final da década de 1850, Vittorio Emanuele II, juntamente com o Conde de Cavour, Garibaldi, dentre outros, lutam pela unificação italiana, a partir dos reinos do Norte; seja por meio de ocupação militar, seja por plebiscitos. O povo da Toscana, por exemplo, decidiu em plebiscito, realizado em março de 1860 pela união da monarquia constitucional, sob o comando do rei Vittorio Emanuele II. Em 17 de março de 1861 foi votada a lei que concebia o reino de Itália, sob o domínio do mesmo soberano. No 27 de março, Cavour anunciava sua célebre frase que serviria de modelo para diversos países católicos: “Libera Chiesa in libero Stato”, justificando desta forma a necessidade da tomada de Roma, aclamada no parlamento como a verdadeira capital do novo reino (Museo Centrale Del Risorgimento).

³⁷ Em outro trecho Dellestable (1872:9) diz: “Les horreurs des années 1870”.

³⁸ Nesse contexto, é esclarecedora a leitura que Dellestable fez desta “nova camada social” citada por Gambetta, que segundo ele seria fruto da nova escola francesa, herdeira dos “anos nefastos de 1789”, e a responsável pelos eventos de 1870: “Les clubs et leurs déclamations furent oubliés pour se jeter dans les spéculations de bourse ou de commerce et l'on croyait le monde tranquille. Cependant la nouvelle école était loin de dormir, elle suaitait de toutes parts dans la vie privée et se dédommageait de sa défaite dans la vie publique par les congrès, les expositions universelles ou agricoles, les banquets et les journaux. Elle alla chercher en Allemagne des adeptes que l'on vit affluer petit à petit dans la grande ville et y occuper les chaires universitaires ainsi qu'un grand nombre d'emplois dans le commerce, l'administration, civile et même dans l'armée, par la légion étrangère. 1870 est donc son oeuvre, elle doit eu avoir toute la gloire, et l'on a vu avec quel empressement cette école a cherché à mettre en pratique en France les théories que M. L. G. vante dans sa stupide rhapsodie” (Dellestable, 1872:3-4).

³⁹ Tal expressão se perpetuou por gerações de papas até o acordo de Latran em 1929 (curiosamente assinado por Mussolini), quando finalmente a instituição do papado reconheceu o fim dos Estados pontifícios, portanto o fim de seu poder temporal, bem como o reconhecimento da Itália como Estado soberano (Waché, 2002). Passado quase um século e meio desta contenda entre o Vaticano e a Itália, o atual papa Francisco, jesuíta, diz que “uma coisa boa que aconteceu com a Igreja foi a perda dos Estados Pontifícios, porque fica claro que a única coisa que o Papa tem é meio quilômetro quadrado. (...) Agora também há intrigas, porque há ambição nos homens da Igreja, há — lamentavelmente — o pecado do carreirismo”. Francisco, nesta releitura crítica da história do catolicismo, diz ainda que os “Estados Pontifícios, onde o poder temporal estava unido com o poder espiritual, era uma deformação do cristianismo, não se correspondia com o que Jesus quis e que Deus queria” (Francisco, 2013:242 e 360).

Porém, ainda na perspectiva do abade, Gambetta não estava sozinho, viera a se associar ao ex-Padre Hyacinthe Loyson, um dos mais ferrenhos adversários da Igreja de Roma e um dos líderes do movimento dos velhos católicos na Europa. Uma junção explosiva e repulsiva aos olhos da Igreja de Roma. Pois tinha-se de um lado um maçom republicano da extrema esquerda e, de outro, um católico liberal, crítico ferrenho ao dogma da infalibilidade papal e, por isso, excomungado pela Santa Sé. Ambos os reformistas franceses, que ao nosso ver, realmente se uniram num esforço político de desconstruir o “neocatolicismo”, o papado. Para tanto, contaram com a colaboração valiosa de um jovem de 20 poucos anos, com especial talento às letras e, portanto, com grande capacidade de exposição, argumentação e persuasão, sobretudo, na língua de Racine, já que o público alvo de suas ações eram os franceses. Acreditamos que foi desta forma que Santa-Anna Nery, “que já tinha adquirido na Italia a mais bella reputação de jornalista” (Rego, 1882:10) completa o triângulo católico-republicano, como uma espécie de sintetizador dessas ideias que definiam o papa não mais como um monarca absoluto, mas como um bispo-presidente, segundo tradução astuta e política de Ruy Barbosa.

Mas antes de entrarmos na significação histórica dessas ideias⁴⁰ e das relações de Santa-Anna Nery com membros deste triângulo, é preciso dizer que por muito pouco elas não foram completamente eliminadas da história, por meio do curioso desaparecimento da obra, ora difamada, ora afamada, *Le prisonnier du Vatican: l'Italie, la France et la Prusse*. De qualquer forma, como dissemos, mesmo antes de conseguirmos acessá-la, já sabíamos por Dellestable de se tratar de obra liberal e não ultramontana como fora propalado. Só este fato já seria suficiente para eliminarmos, por exemplo, a tese de que Santa-Anna Nery havia recebido seu título de barão pelo Vaticano em função desta obra. Soma-se a esta interpretação nossa busca em encontrá-la, pois se ela fora (a obra) a responsável pelo referido título de barão, o mínimo seria a encontrarmos entre os catálogos da biblioteca do Vaticano. Mas não a encontramos⁴¹. Deste modo, aproveitamos para enviar um email ao *Archivum Secretum Vaticanum*, apenas para legitimarmos nossa dedução, uma vez que ainda não havíamos encontrado a referida obra. A resposta nos foi fornecida diretamente pelo Secretário da Prefeitura do Arquivo Secreto do Vaticano e, conforme já desconfiávamos, nada foi encontrado.

⁴⁰ Para o leitor curioso, cf. o tópico 2.3 O Encontro com *Le prisonnier du Vatican*.

⁴¹ Pesquisado em <http://www.vaticanlibrary.va/home.php?pag=cataloghi_online>. Acessado em 15 de junho de 2012.

Egregio Signore,

In riferimento alla Sua e-mail del 4 maggio u.s., sono spiacente di dover La informare che in seguito ad una verifica condotta con l'ausilio dello *Schedario alfabetico* della *Segreteria dei Brevi* non è stato possibile rinvenire alcun riferimento in merito all'onorificenza di Suo interesse. Per ricerche più approfondite e mirate occorrerà conoscere la data esatta e completa (giorno, mese ed anno) del conferimento.

La saluto cordialmente,

Dott. Marco Grilli

Archivum Secretum Vaticanum

Segretario della Prefettura⁴²

De porte desta informação, quando em Roma, não perdemos tempo com os Arquivos Secretos do Vaticano e fomos em direção às bibliotecas públicas de Roma, uma vez que havíamos a informação de que o livro fora editado nesta cidade⁴³, e finalmente encontramos *Le prisonnier du Vatican* de L.G. nos fichários da *Biblioteca di storia moderna e contemporânea di Roma*. Porém, apesar da referência, os bibliotecários não encontraram a publicação, mas prometeram uma varredura pelas estantes da biblioteca, que poderia durar meses... Assim, seguimos para Florença, onde Santa-Anna Nery havia publicado sua primeira obra: *Les Finances Pontificales*⁴⁴. Nesta cidade, antiga capital do reino de Itália, pesquisamos na *Biblioteca Nazionale Centrale de Firenze*. E a alegria foi muito maior, pois além de toda atmosfera renascentista, encontramos nos antigos fichários, quase que abandonados da biblioteca, a referência às três primeiras obras de Santa-Anna Nery. Mas o entusiasmo acabou sendo bastante parcial, pois tanto *Le Prisonnier du Vatican*, como *La logique du coeur* haviam sido perdidas quando da inundação do rio Arno, em 04 de novembro de 1966, que devastou a cidade renascentista e sua biblioteca.

Entretanto, apesar desses desencontros pelas bibliotecas italianas, nosso maior espanto residia no fato de não encontrarmos essas obras nas bibliotecas públicas da França⁴⁵: “a filha mais velha da Igreja Católica” e país onde Santa-Anna Nery passou grande parte de sua vida. Assim, resolvemos empreender uma busca pelas instituições católicas de Paris e apesar de

⁴² Marco Grilli. *Re: Frederico José de Santa-Anna Nery*. Mensagem recebida de asv@asv.va em 25 de maio de 2012.

⁴³ O próprio Santa-Anna Nery (1898a) fornecia esta informação na orelha de seu livro sobre sua prisão em Fernando de Noronha de 1898.

⁴⁴ Somente esta obra já valeria uma tese, a começar pelo pseudônimo escolhido por Santa-Anna Nery: *Un Catholique Américain*. O que já denotava um antagonismo à Cúria Romana. Veja, por exemplo, o que Dellestable fala desta porção do globo: “Qui voudra se donner la peine de jeter un regard sur l'Amérique et scruter les causes de ses agitations perpétuelles devra avouer qu'elles sont toutes dues aux machinations des protestants et surtout aux sociétés secrètes. Celui en effet qui aura étudié attentivement la situation politique du Nouveau-Monde ne sera pas sans s'apercevoir qu'il y a là une puissance ténébreuse qui dispose de tout. Cette puissance s'appelle le secret. Apesar de Dellestable não dar nome aos bois, o tal segredo é a maçonaria. (Dellestable, 1872:9).

⁴⁵ Bem como nas bibliotecas públicas pesquisadas no Brasil para esta pesquisa.

todo auxílio das bibliotecárias e dos bibliotecários que gentilmente colaboraram conosco nessa pesquisa, reativando catálogos velhos, empoeirados, no fundo das últimas estantes, não a encontramos. Os próprios funcionários dessas instituições ficavam bastante intrigados com este fato, pois por serem obras católicas, independentemente da corrente, diziam que deveriam contê-las em seus acervos. O que parecia supor uma espécie de censura para com as três primeiras obras de Santa-Anna Nery, recheadas de fortes críticas ao neocatolicismo, ao papado. O teor dessas obras não correspondia, como vimos, com tudo que fora propalado historicamente sobre o autor em foco. Neste interlúdio, em que ainda não havíamos encontrado *Le prisonnier du Vatican*, aproveitamos para compreender melhor seus anos de formação católica numa dessas instituições.

2.2 Santa-Anna Nery seminarista?

Uma das instituições católicas em que buscamos os primeiros livros de Santa-Anna Nery foi o Seminário de *Saint-Sulpice* em Paris. Apesar de também não os encontramos, o resultado da pesquisa arquivística foi bastante surpreendente e condizente com tudo que demonstramos até agora. Expliquemos: Alguns pesquisadores contemporâneos⁴⁶ que se debruçaram sobre a obra de Santa-Anna Nery afirmam que o mesmo iniciara seus estudos na França por este seminário. Isso teria ocorrido nos idos de 1862 até 1867 (quando teria atingido um possível bacharelado em Letras e em Ciências por alguma universidade francesa). Tal educação justificaria perfeitamente o alinhamento de Santa-Anna Nery com o papado e a justificação de seu mítico baronato pela Santa Sé, uma vez que os sulpicianos eram bastante conhecidos por sua relação estreita com a ordem jesuítica e com o papado; sendo esta companhia a responsável pela formação dos padres na França⁴⁷. Além disso, nesta construção, o responsável pelo ingresso de Santa-Anna Nery nesta instituição fora seu “padrinho”, D. Antonio de Macedo Costa, também apontado como um sulpiciano. Ora, em nossa concepção, tudo isso fez parte das ideologias biográficas de Santa-Anna Nery, construídas para darem coerências às suas incoerências.

Vejamos que coisa interessante, pelo que pudemos aferir, esta educação sulpiciano de Santa-Anna Nery fora registrada primeiramente por Agnello Bittencourt (1973:448), quando

⁴⁶ Como Figueiredo (1996), Ribeiro (2003), Maior *apud* Vidal (2003), Coelho (2007), Sarges e Coelho (2008) e Bispo (2010).

⁴⁷ Cf. Molac, 2008.

este diz: “Naquele ano, 1862, o jovem Frederico José, sob inspiração e patrocínio de D. Antônio de Macedo Costa, seguiu para Paris, onde viria cursar o Seminário de *Saint Sulpice*; nesse estabelecimento chegou a receber ordens menores, mas preferiu não seguir a carreira eclesiástica (Informação verbal do Dr. Júlio Nery)”. Bastante importante é a fonte desta citação que se colou à imagem de Santa-Anna Nery: Júlio José Nery, filho de Silvério Nery, que também se tornou Governador do Estado do Amazonas em 1946⁴⁸.

Portanto, um membro da família Nery interveio em suas memórias póstumas, pois quando de nossa pesquisa no seminário de *Saint Sulpice* não encontramos os registros de sua educação para os anos indicados por seu sobrinho⁴⁹. Porém, para nossa surpresa, acabamos por encontrá-lo para os anos de 1868/1869, cursando teologia e filosofia, no alto de seus 20 anos⁵⁰. Não havia também possibilidade de ter recebido “ordens menores”, uma vez que estava matriculado na “ordem dos laicos”, além de o caracterizarem, explicitamente como “pas tonsuré” – “não tonsurado”⁵¹. Mas, o mais revelador ainda estava por vir, pois ao final da tabela de registro dos alunos do seminário, havia um campo denominado: “observations”, no qual constava a seguinte: “resté très peu de temps au séminaire n’a pas laissé une bonne

⁴⁸ Encontramos em Mendonça (2010) uma brevíssima nota biográfica dizendo que Júlio José Nery governou o estado do Amazonas por apenas um ano e que era neto de Silvério José Nery (o pai de Santa-Anna Nery), o que demonstra a perpetuação de poder da família Nery no Amazonas por décadas.

⁴⁹ Registre des notes, manuscrit 1117 (1830-1866), Seção de Manuscritos, Séminaire Saint-Sulpice (Paris). Também pesquisamos no Registre des ordinations (1850-1875) sem nada encontrar.

⁵⁰ Registre des notes, manuscrit 1118 (1867-1890), Seção de Manuscritos, Séminaire Saint-Sulpice (Paris). Este encontro gera um hiato sobre a formação de Santa-Anna Nery, que vai desde sua chegada à França (1862) até sua entrada no *Séminaire* (1868). Pois Rego (1882) não menciona o local de sua educação na França. Faria (1905) diz que ele estudou no colégio dos jesuítas. Nesse sentido, chegamos mesmo a empreender uma busca nos *Archives de la Compagnie de Jésus pour la Province de France*, mas o padre responsável pelos arquivos não se mostrou muito solícito, dizendo que seria impossível empreender uma pesquisa sem saber exatamente em que escola jesuítica ele teria estudado. Desta forma, com o auxílio das bibliotecárias do *Centre Sèvres – Facultés jésuites de Paris*, localizamos para o período de 1860 a 1870 uma única escola jesuítica em Paris (*Collège de l’Immaculée Conception de la rue de Vaugirard*). Enviamos novamente esta informação ao responsável pelos arquivos, que mais uma vez nos respondeu dizendo que nenhum Frederico José de Santa-Anna Nery, ou nome correlato, havia estudado por lá (Robert Bonfils. *Re: Frederico José de Santa-Anna Nery*. Mensagem recebida de robert.bonfils@jesuites.com em 14 de fevereiro de 2013). Um terceiro contemporâneo e amigo de Santa-Anna Nery, Silva Lisboa, passa a informação de que ele estudou no seminário de Nantes, também na França (Lisboa, 1901). Não chegamos a consultar este seminário, mas parece-nos bastante plausível esta hipótese, uma vez que Nantes será a cidade escolhida por Santa-Anna Nery para o nascimento do personagem principal de seu livro *Le pays du Café* e posteriormente *Aux États-Unis du Brésil*. No que se refere ao “bacharel em letras e em ciências” de Santa-Anna Nery na “Universidade da França”, descrito por Rego (*ibidem*), Faria (*ibidem*) e todos os demais pesquisadores que o reproduziram, implicitamente ou explicitamente, também não encontramos nenhum documento que confirmasse esses bacharéis. Apesar de intensa pesquisa realizada no *Archive Nationale* em Paris (as pastas pesquisadas podem ser conferidas no tópico *Fontes primárias*). Algo importante a frisar, é que muitos dos trabalhos que reproduziram esta informação entenderam “bacharel em letras e em ciências” como alguém que cursou uma faculdade nesses domínios, quando que na França do século XIX, o título de bacharel, emitido pelas academias da França, fornecia ao aluno a possibilidade de adentrar à Faculdade, correlato ao vestibular para o caso brasileiro.

⁵¹ Tonsura designa literalmente o corte de cabelo dos clérigos em forma de coroa. Em sentido figurado, o próprio clérigo.

impression”⁵². Ora, observação bastante pertinente e coerente, feita, provavelmente, pelo responsável dos alunos de um seminário que prezava pela obediência ao papado. Uma vez que pelos dados de que dispomos, em 1869 Santa-Anna Nery já estava em Roma, e não no seminário, participando do Concílio do Vaticano com seu “padrinho”, mas já tecendo estreitas relações com o Padre Hyacinthe Loyson e mais tarde com o próprio Leon Gambetta. Dificilmente um aluno desses poderia ter deixado uma boa impressão, ao menos para os ultramontanos.

Acreditamos também que Santa-Anna Nery teria abandonado o seminário, pois ao contrário de outros alunos, não constava nos seus registros notas de final de curso⁵³. Provavelmente este abandono se deu por ele ter preferido ficar em Roma, onde, possivelmente entrou no doutorado em Direito⁵⁴ e concomitantemente conseguiu trabalho como publicista em alguns jornais. Ao que parece, ele começou a colaborar com o jornal *Speranza*, do qual rapidamente se tornou editor-chefe. Segundo Pedro do Rego (1882:10), este jornal tinha o intuito de “congregar os esforços de todos os católicos que resistissem à infalibilidade papal”. Mas, mais uma vez a construção dúbia do amigo de Santa-Anna Nery, nos induz a pensarmos que se tratava de órgão da imprensa ultramontana, por congregar católicos que resistissem à infalibilidade papal, quer dizer aqueles que ainda tinham dúvidas quanto o dogma. Mas no próximo parágrafo, Pedro do Rego deixa claro, pela citação dos envolvidos nos jornais, se tratar de órgão dos velhos católicos: “Este jornal contava no numero dos seus colaboradores as maiores sumidades européas que se ocupavam com assumptos religiosos, como o padre Jacintho, o Dr. Huber, professor de filosofia de Munik e o deão da Abbadia de Westminster, Stanley.” (Rego, 1882:10).

⁵² Registre des notes, manuscrit 1118 (1867-1890, pg. 31), Seção de Manuscritos, Séminaire Saint-Sulpice (Paris). Agradecemos ao Padre Longère, responsável pela biblioteca e arquivo do Seminário de *Saint-Sulpice*, pela colaboração na transcrição dos registros.

⁵³ Encontramos ainda no livro de registros outros brasileiros, por exemplo, Antoine Joseph Bentès e Joseph Grégoire Coêlho, ambos do Pará e Manoel de Medeiros, do Ceará (Registre des notes, manuscrit 1117 [1830-1866:pg 338, 339], Seção de Manuscritos, Séminaire Saint-Sulpice). Algo que nos chamou a atenção foi não encontrar o nome de Antonio de Macedo Costa entre esses registros, pois o próprio Santa-Anna Nery dissera que ele era antigo aluno do seminário (Santa-Anna Nery, s/d:315). Entretanto, Santa-Anna Nery não especifica a cidade do seminário na França; a mesma coisa ocorre com Martins (2002:81). Algo importante sobre o Seminário de Saint-Sulpice em Paris é que ele era um seminário, praticamente, internacional, devido a grande quantidade de estrangeiros entre os seus alunos, sobretudo “ingleses, irlandeses, Americanos do Canadá, dos Estados-Unidos e do Sul, Australianos e Libaneses.” (LEVESQUE, 1919:1).

⁵⁴ Não temos muita informação sobre sua formação doutoral, pois as informações descritas por aqueles que a escreveram são bastante desconstruídas. Entretanto, em seu livro, *La Logique du Coeur*, consta a informação que Frederico José Nery já era Doutor em Direito, isso em 1871. Em nossas pesquisas para encontrar sua tese na Itália, achamos uma (no *Catalogo del libri italian dell'Ottocento – CLIO* da base de dados da BNF) de autoria de Federico Neri, denominada *Sui Pavimenti*. Publicada em italiano em Nápoles, no ano de 1873. Chegamos a solicitar uma cópia à biblioteca provinciale Scipione e Giulio Capone, em Avellino (Itália), onde a encontramos, mas não obtivemos resposta.

Ora, apesar de não explicitado, trata-se de velhos católicos⁵⁵, como o já citado padre Hyacinthe (que Rego traduz como Jacintho). Antonio Faria reforça esta informação quando diz que Santa-Anna Nery “estava na Cidade Eterna quando houve a queda do poder temporal. Seus artigos foram acolhidos pelos jornais liberais e foram tão bem vistos que ele ganhou a direção da *Revue L’Espérance* [*Speranza*], que tinha por colaborador o Padre Hyacinthe, o professor Huber, de Munique, o Cônego Dollinger (...)”⁵⁶. Santa-Anna Nery estava, portanto, no centro do mais importante grupo de católicos liberais da Europa.

A relação entre Hyacinthe e Santa-Anna Nery parecia ser a esta época a de um mestre e seu discípulo. Hyacinthe era vinte anos mais velho que Santa-Anna Nery e era bastante conhecido por sua oratória. Suas pregações de natal, na igreja *Notre Dame de Paris*, entre 1865 e 1869, lhe renderam uma grande projeção entre os diferentes grupos católicos: prestígio entre os católicos liberais e descontentamento do papado, que no próprio ano de 1869, durante o Concílio, lhe forneceu a excomunhão. Pois, Hyacinthe, como já dissemos, combateu veementemente o dogma da infalibilidade papal. Além disso, pregava a liberdade das igrejas nacionais, o fim do celibato para os padres e a tolerância e igualdade religiosa entre católicos, judeus e protestantes, o que reverberava como uma heresia para a Santa Igreja Católica. Acreditamos que suas palavras e seus círculos sociais possibilitaram ao jovem Santa-Anna Nery, deslumbrado pelas ideias do ex-Padre, sua inserção no universo jornalístico e literário religiosos. Quando da publicação de seu primeiro livro, em que assina com o próprio nome, *La logique du Coeur: Esquisses Philosophiques* (1871)⁵⁷, Santa-Anna Nery apresenta-o⁵⁸ com uma carta do “R. P. Hyacinthe” endereçada ao “Monsieur le Docteur F. J. Nery”⁵⁹. Nesta carta, Hyacinthe faz um breve elogio ao jovem que já aos vinte e poucos anos expressava em

⁵⁵ Com exceção do tal “Dr. Huber, professor de filosofia de Munique”, que não conseguimos encontrar referências biográficas, apenas com este nome.

⁵⁶ Faria (1905:XXVI). Importante esclarecer o leitor que não tivemos acesso ao jornal *Speranza* para confirmar esta informação. Mas mesmo tendo como fonte: Rego (op. cit) e Faria (op. cit) parece-nos bastante convincente suas informações, mesmo que distorcidas, uma vez que não havia necessidade de expô-las, por ter sido uma parte da história de Santa-Anna Nery que eles buscaram ocultar ou até mesmo denegrir. Nesse sentido, Faria (1905:XXVII) chega a chamar esta “primeira fase de Santa-Anna Nery” de “mística”.

⁵⁷ No único exemplar que achamos desta obra, na *Lambeth Palace Library*, em Londres, encontramos a seguinte dedicatória: “A Lady Augusta Stanley, très-humble hommage de l’auteur, Dr. Frederico José”. A referida Lady era esposa do Dr. Stanley (Matthew e Harrinson, s/d:168), citado por Rego (1882:10) como uma das maiores sumidades europeias em religião. Mas evidentemente sem esclarecer sua corrente. O referido Stanley era decano de Westminster e amigo íntimo de Hyacinthe, ele chegou a prefaciá-la uma de suas obras em inglês: *Catholic Reform* de 1874. Tal fato demonstra bem as relações de Santa-Anna Nery, para aquele momento, com diversos membros dos católicos liberais, em diferentes países europeus.

⁵⁸ Carta que o jovem Santa-Anna Nery agradece na introdução de seu livro, escrita em Roma no dia 25 de julho de 1871: “Je me tiendrai pour assez récompensé si mes lecteurs daignent y trouver, **comme l’homme illustre qui a bien voulu m’écrire l’incomparable lettre que je donnerai plus loin**, une étincelle de cet amour dont parle Dante, et ‘qui meut les cieux et les tourbillons d’étoiles’” (Santa-Anna Nery, 1871:4, o grifo é nosso).

⁵⁹ Reparem que aqui Hyacinthe já assina com o título recebido pelos anglicanos “R. P.” uma abreviação para Reverendo Padre. Enquanto Santa-Anna Nery já se titula como Doutor (Santa-Anna Nery, 1871).

suas linhas as marcas de um “grande escritor, sendo homem sábio e católico”; Santa-Anna Nery ainda para ele seria uma exceção à regra geral do Padre Lacordaire, que não se devia afrontar o público com uma obra feita antes dos quarenta anos. Em outro trecho, o Padre Hyacinthe comenta os últimos acontecimentos ocorridos em Roma e de que forma seu jovem discípulo e amigo os havia bem compreendido.

Je vous félicite, mon cher ami, d'avoir compris, au milieu des bouleversements politiques des ces années néfastes 1870 et 1871, que les questions religieuses sont plus que jamais à l'ordre du jour, et que de leur solution dépend la paix des empires comme celle des consciences. Je vous félicite d'avoir, tout jeune encore, consacré votre talent et votre ardeur à cette Eglise catholique si tristement compromise par ceux-là même qui prétendent la servir (Hyacinthe, 1871:6).

O jovem Santa-Anna Nery expõe, com destaque, em seu primeiro livro, a firme posição de Hyacinthe contra aqueles que o excomungaram e que, “infelizmente”, ainda comandavam a Igreja Católica. O “absolutismo papal”, para este grupo de católicos, era inadmissível, entre outras aberrações, para “a paz dos impérios e das consciências” (Janus, 1877). As questões religiosas, portanto, estavam na ordem do dia, uma vez que reinava a instabilidade entre os países latinos, leia-se nesse contexto os países católicos, em função do dogma da infalibilidade e do pretensão poder temporal do papa sobre os Impérios. Infalibilidade papal que fora votada no Concílio, no dia 18 de julho de 1870, quer dizer, dois meses antes da tomada de Roma pelos “italianos”. Analisando este movimento em retrospectiva, soa como um último grito dos ultramontanos contra a inevitável onda nacionalista que buscou a independência e unificação dos Estados sobre critérios diversos. E nesse contexto, por muitos denominado como liberal, não cabia mais ao papado a determinação legal ou temporal dos mesmos. Santa-Anna Nery, ao expor suas relações com o ex-Padre, explicita, certamente para desgosto de seu “padrinho”, D. Antonio de Macedo Costa, que está ao lado não só da antiga igreja, aquela do bispo-presidente, mas também do que ele mesmo chamara da “inevitável rota nacional” (L.G. , 1872:6).

Esta relação entre o movimento nacionalista europeu e os velhos católicos, apesar de estreita, parecia não interessar sua exposição. Assim, se refere Hyacinthe ao Santa-Anna Nery, em outra carta, datada de 12 de setembro de 1871.

Mon cher ami,
Soyez assez bon pour faire donner en Italie la plus grande publicité possible à la pièce ci-jointe.
Il importe qu'on voie dans le mouvement allemand, non un mouvement exclusivement ou étroitement national — mais comme il l'est en effet, un mouvement essentiellement catholique. Madame Merriman vous a écrit de ma part.

Elle vous a dit combien j'estime utile à vous, à votre journal, et en général à la bonne cause, que vous soyez ici pendant le Congrès. Pour peu que vos moyens vous le permettent, venez. On peut, du reste, se loger à très bon marché (Hyacinthe *apud* Faria, 1905:XXVI-XXVII).

Hyacinthe escreve de Munique, onde estava participando do I Congresso dos velhos católicos. Nesta carta, o reverendo expõe ao jovem Santa-Anna Nery que deveria dar o máximo de publicidade possível ao texto anexo, que infelizmente não o encontramos⁶⁰. Certamente Santa-Anna Nery deve tê-lo publicado no jornal *Speranza*, que Hyacinthe chama de “votre journal”, pois Santa-Anna Nery já devia ser o redator chefe. Hyacinthe ainda orienta Santa-Anna Nery quanto à publicidade, no sentido de revelar do movimento de unificação alemã, não um movimento exclusivamente nacional, mas um movimento essencialmente católico. Neste mesmo rumo, a nosso ver, pode ser lida a escolha do pseudônimo do autor de *Le prisonnier du Vatican*: L. G. Exatamente para confundir o clero e fazer crer que havia entre os nacionalistas republicanos (Leon Gambetta, por exemplo), políticos que não eram de todo, radicalmente contra a religião, mas contra a religião de Roma, especificamente. Desta forma, o movimento dos velhos católicos poderia ganhar mais adesões e ser reconhecido por outros Estados nacionais, além daqueles protestantes.

Santa-Anna Nery neste período parecia ter muitas relações com políticos franceses ligados a Leon Gambetta⁶¹, pois ele era o correspondente na Itália do jornal *La République Française*. O que já denota uma proximidade, a partir de Santa-Anna Nery, dos velhos católicos com os movimentos nacionalistas, sejam os republicanos, sejam os monarquistas. Entretanto, como seria muito difícil encontrar e analisar esses jornais antigos em que Santa-Anna Nery colaborou, o encontro com *Le Prisonnier du Vatican* poderia elucidar essas relações e as possíveis influências que perdurariam, ou não, no jovem Santa-Anna Nery.

⁶⁰ O texto anexo certamente não deveria ser nada palatável para os católicos ligados ao papado, como Antonio Faria, pois apesar dele expor o conteúdo da carta, oculta o anexo.

⁶¹ No jornal *Ilustração* do Rio de Janeiro, há uma nota biográfica sobre Santa-Anna Nery que diz que ele também era correspondente do *Patrie* de Genebra, que pertencia ao “famoso chefe radical Carteret” (Sant’Anna Nery, *Ilustração*. 1884:134). Esta informação é compactuada por Rego e Faria.

2.3 O encontro com *Le prisonnier du Vatican*

Et dans le Vatican, dans ce, palais le plus beau du monde, un homme est toujours roi que l'on y dit prisonnier. Cet homme était autrefois le chef de l'Eglise, le premier des Evêques; aujourd'hui il est l'Infaillible, il est maître absolu de la conscience et des idées du clergé et des fidèles, il s'est plus que déifié, il n'y a plus devant lui ni Etats laïques, ni Concordats, ni droits gallicans, les prêtres sont les serviteurs et les exécuteurs de sa seule volonté renie le progrès, la liberté, toutes les libertés, s'impose à tout et à tous. (...) Cet homme est-il là prisonnier, comme on le dit? Non. (L. G. (1872:8-9).

Pois é, caro leitor, como se pode ler acima, o famoso livro escrito por Santa-Anna Nery, que teria lhe fornecido um título de barão pelo Papa Leão XIII é o próprio anticristo, é a negação radical da política da igreja de Roma e, portanto, seu alvo. A estratégia do livro é dismantelar as estruturas históricas do *Syllabus* e do dogma da Infalibilidade papal, a maneira de *O Papa e o Concílio* de Döllinger. Porém, com algumas diferenças. A começar por quem fala, ou por quem falam, já que o livro a nosso ver é fruto do possível triângulo católico-republicano, formado por Gambetta, Hyacinthe e Santa-Anna Nery. São, portanto, os “latinos” buscando um reconhecimento e uma associação, principalmente entre a Itália e a França contra a “frieza” dos países do norte, como a Prússia. Daí o subtítulo do livro: *l'Italie, la France et la Prusse*⁶².

Nesses termos, o livro defende uma reforma liberal da Igreja Católica proposta pelos “Clérigos liberais” – os velhos católicos⁶³ –, mas produzida por sua fração latina, com foco nos países latinos. O ex-Padre Hyacinthe era o grande expoente desta corrente, já que era francês: o Latino dos latinos⁶⁴; em contraponto com o autor do *Papa e o Concílio* (traduzido por Ruy Barbosa) que era “alemão”. Assim, Santa-Anna Nery explicita esta divisão e a diferença “racial” entre “latinos” e “alemães”: O “P. Hyacinthe si plein d'onction et de sentiment pur, **si latin** et ayant toutes les qualités **du latin**, quand **ce latin** se trouve être religieux, alors qu'il est venu à Rome prêcher la doctrine qu'en Bavière prêche Döllinger, **si**

⁶² Santa-Anna Nery (1898) atualizou o nome do livro quando da citação de suas obras: a Prússia se transforma em Alemanha.

⁶³ “(...) et nous arriverons ainsi à traiter du grand mouvement réformateur qui se fait par ce qui s'est appelé le Vieux Catholicisme. La revolte du Clergé libéral a trouvé là sa formule nette, son code et son drapeau.(...) le Vieux Catholicisme a déclaré en revenir à l'ancien christianisme basé sur l'assemblée des fidèles, où le gouvernement ne provient que des délégations d'en bas et non du droit divin d'en haut et de l'absolutisme, tel qu'il fut aux siècles primitifs et que l'ont affirmé, réglementé les premiers Conciles avant l'intromission de la personnalité papale. Une fois qu'il a eu trouvé une formule raisonnée et historique, une loi claire sur laquelle se fonder et une voie logique et droite où s'engager, ce libéralisme religieux a marché hardiment et il en est arrivé à la solution de tous les problèmes qui divisent la chrétienté.” L. G. (1872 :64)

⁶⁴ Em vários momentos do livro Santa-Anna Nery fala do predomínio Francês sobre as demais nações latinas, como Itália e Espanha (Portugal nem é citado). Em determinado momento, fazendo uma alusão à guerra Franco-Prussiana ele diz que “La France morte, la race latine ne pourrait se flatter de vivre (L. G, 1872:91)”.

froid, si répulsif à nos yeux, si imbu de *raison religieuse*, si Allemand (...)” (L. G., 1872:69, o grifo é nosso). De um lado ele revela o *sentimento da religião*, os latinos; de outro a *razão religiosa*, os alemães. Temos nesta abordagem o posicionamento religioso de duas “raças” antagônicas, opostas na forma de sentir/pensar o mundo. Porém, que comungam das mesmas convicções político-religiosas no que concerne ao combate ao “maître absolu de la conscience et des idées”: o papado (L. G., 1872:8). Desta forma, o movimento dos velhos católicos tem na *razão* alemã sua base e no *sentimento* latino sua esperança.

Ce mouvement religieux, qui se rapproche en principe du protestantisme et qui n'est qu'une Réforme orthodoxe, a été initié dans les pays catholiques de l'Allemagne. Là, il compte les adhérents par milliers, il aura bientôt une si grande et si rapide expansion et une si solide base que ses fidèles pourront, quand il leur plaira, nommer un pape à eux. Il en a été tout autrement quand il a voulu s'étendre sur les pays latins. C'est qu'il y a une énorme différence dans les instincts et les facultés des deux races, et ce mouvement, en descendant parmi nous, s'est heurté à mille obstacles dont il ne s'était pas rendu compte. L'Allemagne a le sentiment religieux qui domine sa pensée grave, qui l'absorbe dans des devoirs restreints et dans la lecture d'un seul livre qui nous ennuie et nous répugne, qui l'attache à sa famille dans un cercle de solidarité étroite, qui se confond pour lui avec toutes ses obligations froides envers les prochains et la patrie. Ou plutôt ce n'est pas le sentiment religieux, ce mot *sentiment* ayant généralement, un autre sens; ce serait la *raison religieuse*, et l'Allemand est persuadé que c'est là le ferme lien d'une société. Pour nous [latins] au contraire et en nous cette *raison* n'existe pas, certaines âmes débordent d'un *sentiment*, effluve d'amour se déplaçant de la terre et où le cœur est plus ému que le cerveau (...) (L. G., 1872:67 e 68)⁶⁵.

Essas razões do coração que “a própria razão desconhece”⁶⁶ ou pelas próprias palavras de Santa-Anna Nery, esta “Lógica do Coração” repleta de latinidade, dificultaria a efetivação da luta desta “raça” contra a opressão da Igreja Romana. Assim, para os velhos católicos da “raça alemã”, como “Döllinger et ses collègues (...) dont tout le travail d'érudit consiste à calculer froidement une constitution de l'Eglise reconnue utile à la société, comme on organise un régiment ou un gouvernement parlementaire, ont-ils le plus grand mépris des Latins et ne le cachent-ils pas!” (L. G., 1872:69). Nesse sentido, Döllinger constataria, a partir do exame de cada nação, que “quanto aos Franceses, aos Italianos e aos Espanhóis, nós não temos nada a nos ocupar”⁶⁷. Ora, temos aqui uma fissura “racial” entre os velhos católicos alemães e latinos⁶⁸. E esses últimos farão um enorme esforço para mostrar aos primeiros a

⁶⁵ Cf. também do mesmo livro o capítulo VI: *Le Clergé libéral et le mouvement de réforme* (L. G., 1872:58).

⁶⁶ Santa-Anna Nery também compactuava com a célebre afirmação de Pascal: “le cœur a ses raisons que la raison ne connaît point.” Esclarecendo ainda que Pascal falava da “razão abstrata e mutilada, e não da razão completa, a qual compreende o coração.” (Santa-Anna Nery, 1871:22).

⁶⁷ L. G. (1872:69 e 70). Santa-Anna Nery chama esta provocação de Dollinguer de “(...) préférences orgueilleuses et prépotentes d'Allemand (...)”.

⁶⁸ Santa-Anna Nery contextualiza o nascimento do movimento dos velhos católicos, fruto do Concílio do Vaticano I, cujos dogmas afirmam princípios inaceitáveis, mas que foram uma resposta política do papa contra

viabilidade desta nova igreja dos velhos católicos no seio da latinidade: Roma. Aliado com os republicanos da esquerda francesa⁶⁹.

Nesse sentido, o livro tem como foco o público francês⁷⁰, por defender que apenas a França Republicana poderia salvar a Itália e garantir a união latina⁷¹. Tanto pela legitimação do novo Estado italiano perante os Estados pontifícios, quanto resguardando-a da influência prussiana. Assim, o livro faz um chamado aos franceses para que não aceitassem uma possível guerra contra a Itália, “selon le mot d’un trop illustre général, de *laver la honte française dans le sang italien*”⁷². E aproveita por criticar e combater as tendências clericais do atual governo Francês, ressaltando a ancestralidade desta prática naquele território⁷³.

Neste ponto, temos um diálogo com o pensamento de Gambetta que colocava o clericalismo como o grande inimigo da República. Assim, Santa-Anna Nery explicita que o principal papel dos clérigos liberais, a partir do movimento dos velhos católicos é o de definir novas relações entre a Igreja e o Estado, no qual não haveriam interferências entre ambas: “a Igreja livre no Estado livre”. A expansão deste movimento “simplifierait la marche des nations vers le progrès et la paix, et combien vite disparaîtrait le ferment de guerre, la cause de troubles qui s’appelle le cléricalisme” (L. G., 1872: 64).

Mais uma vez, vemos a afirmação de que somente com os velhos católicos as nações encontrariam o “progresso e a paz”. Verifica-se assim, um forte viés nacionalista do movimento, apesar de orientação contrária dada a Santa-Anna Nery por Hyacinthe⁷⁴. Neste rumo, os clérigos liberais compactuam com a célebre frase de Massimo d’Azeglio de que

os alemães e ao Bismark (L. G. 1872:70). Isto é, Santa-Anna Nery, sutilmente, joga a culpa do dogma da infalibilidade na prepotência e na formação do estado alemão. Complementando que “nous verrons si nous [latins] n’avons pas des facultés meilleures que nous emploierons à une tâche plus grande”. Uma referência explícita à formação da Itália e uma possível federação formada pelos países latinos europeus, especificamente, França, Espanha e Itália.

⁶⁹ Em algumas passagens, Santa-Anna Nery cita atos da esquerda francesa e italiana como bons exemplos a serem seguidos: “La gauche, préoccupée par dessus tout de la plénitude du droit national et civil voulait réduire le pape au rôle d’Evêque de Rome, libre dans ses agissements de chef des évêques du monde catholique, sans titre d’un ordre particulier et sans privilèges autres que ceux accordés à un Evêque” (L. G., 1872:12).

⁷⁰ “C’est encore et toujours à toi, peuple de France, que nous faisons appel, invoquant ton effort” (L. G. (1872:108). Não à toa o livro ter sido escrito em francês, apesar de ter sido editado em Roma. O livro, evidentemente, se utilizará da recente guerra franco-prussiana para combater o apetite territorial do império prussiano e com isso ganhar mais adeptos entre o público francês, que dentre tantas humilhações, tiveram ainda que assistir o nascimento do império Alemão, o I Reich, na sala de Cristal do palácio de *Versailles*.

⁷¹ Santa-Anna Nery dedica um dos últimos capítulos do livro, próximo à conclusão, para a defesa deste argumento republicano, gambetiano: “que la France sorte de son état provisoire et inquiet pour se donner définitivement à la véritable République” (L. G. 1872 :92, cap. VIII *Solutions vraies. La France républicaine*) Além disso, o referido livro sonharia ainda com uma possível federação dos países latinos (Espanha, Itália e França).

⁷² Em razão da recente derrota contra a Prússia (L. G., 1872:40).

⁷³ “(...) La France, toujours aux mains des cléricaux et des légitimistes (...)” (L. G., 1872:88).

⁷⁴ Conforme citação da p. 74.

“Nós fizemos a Itália, agora temos que fazer italianos”⁷⁵. Assim, no decurso do livro, Santa-Anna Nery não apenas qualificará a “nação italiana”⁷⁶, como a personificará, fornecendo-lhe voz, contra “seu principal inimigo”, numa possível guerra entre ambos: “ ‘Mais qu’il vienne! Le Vatican est là, qui lui est toujours ouvert et réservé. Nous ne l’avons point chassé. Que veut-il de plus que ce qu’il a? Notre existence [a nação italiana]? Ah! Non!’ ” (L. G., 1872:99).

Nesta leitura, o Vaticano, personificado pelo papado, é o verdadeiro inimigo das nacionalidades. Os velhos católicos, que buscam o comando da Cúria Romana, frente aos ultramontanos, poderiam em sua tese modificar essa situação. Demonstrando aos fiéis que, diferentemente do que pregava a instituição do papado, poderiam ser católicos e patriotas ao mesmo tempo, sem o comprometimento de nenhuma das partes. Desta forma, estaria garantido aos italianos tanto a religião católica como o “princípio da nacionalidade”⁷⁷, que fora negado tanto pelo Vaticano, quanto pela França clerical (L. G., 1872:59 *et seq.*). Nesta onda nacionalista-católica, Santa-Anna Nery solicita ao novo governo italiano que ajude os clérigos liberais nesta missão. Contradizendo o próprio lema proposto por Cavour: a “Igreja livre no Estado livre”.

É neste contexto também que a “instrução primária” entrará em cena como uma forma dos governos nacionais incutirem nas novas gerações esses princípios, frente à ancestralidade da Igreja Católica no processo educacional. Assim Santa-Anna Nery defenderá a organização de uma educação moral, promovida pelo Estado, com base nos deveres do cidadão, compreendido civilmente: “*Il nous faut une morale civile, nationale, libérale*”. Com esta tríade “Roma voltaria pela terceira vez a ser a capital intelectual do mundo, comandando a educação do mundo latino” (L. G., 1872:75 e 95).

Na crítica marxista de Hobsbawm (1990), podemos enquadrar o discurso de *Le prisonnier du Vatican* ao período clássico do liberalismo do século XIX, carregado de retórica

⁷⁵ Dito na primeira reunião do parlamento do recém-unido reino italiano (Latham, 1970 *apud* Hobsbawm, 1990:56).

⁷⁶ Nesses termos, Santa-Anna Nery chega mesmo a caracterizá-lo: “Le peuple italien est un des plus beaux peuples du monde, et qui le connaît et l’étudie doit l’admirer. Son élan n’est pas d’une heure, il a la volonté et la ténacité, en outre de la compréhension prompte et de l’instinct fin et sûr. Son calme et son sang-froid sont une garantie de sa force. Au vingt septembre tout autre peuple que le peuple romain se fût rué sur le Vatican; celui-ci sut se, retenir. Sa haine est grande, mais sa colère n’est pas aveugle et brutale” (L. G., 1872: 37).

⁷⁷ Durante todo o livro, Santa-Anna Nery irá utilizar deste argumento para a formação e consolidação do Estado Italiano e mesmo Alemão, como se segue: “Politiquement, elles revendiquent un droit international nouveau, le reconnaissance et l’unification des nationalités. Pour l’Italie ce droit est juste, logique, honnête, séculièrement réclamé et prévu, elle ne fait point de conquête, elle rend à elle-même, en même temps qu’à la totalité, chaque partie de la nation niée, trafiquée et tyrannisée. La Prusse se sert de ce grand principe pour expliquer ses coups de main, et si, ce qui est vrai, l’unité allemande devait se créer, ce ne pouvait être, en toute honnêteté, pour que tout ce qui parle allemand devînt la proie de la Prusse” (L. G., 1872 :40).

culturalista e nacionalista. O autor inglês defende para o período de 1830 a 1878 a era triunfante deste liberalismo burguês, denominado com a expressão da época de o “princípio da nacionalidade”, “do qual o desenvolvimento das nações era inquestionavelmente uma fase do progresso ou da evolução humana” (Hobsbawm, 1990:50). Assim, foram desenvolvidos pelos retóricos deste “princípio” um conjunto de elementos que caracterizassem o “sentimento nacional” – a raça, a língua, a religião, o território, a história, a cultura, etc. O caso de *Le prisonnier du Vatican* de Santa-Anna Nery é emblemático neste sentido, pois todos esses elementos são utilizados para a legitimação do novo estado nacional europeu⁷⁸.

Além disso, tanto no caso italiano como no alemão este princípio tornara-se “legítimo”, pois buscava também, além da equação: Estado = nação = povo, vinculando indubitavelmente nação e território, a união de um todo compacto com grupos dispersos da população. De outro lado, ele seria “ilegítimo” quando tendia a dividir um estado. “Na prática, isso significava que se esperava que os movimentos nacionais fossem movimentos pela expansão ou *unificação* nacional. Assim, todos os alemães e italianos esperavam juntar-se em um Estado nacional, tal como os gregos” (Hobsbawm, 1990:45). Ora, daí o papel deste triângulo católico-republicano de combater o papado⁷⁹, pois este, tanto com o dogma da infalibilidade, quanto com o seu poder temporal sobre os estados pontifícios, causava uma fissura na suposta integridade da Itália e mesmo do mundo latino.

O Estado, na equação exposta acima, teria o papel central, a partir de seus governos, neste trabalho de expansão, unificação e construção do nacional (Hobsbawm, 1990). Por essas razões é que Santa-Anna Nery faz menções e solicitações ao governo italiano com o intuito de colaborar com esta fração latina e religiosa dos velhos católicos. Acreditamos mesmo que a impressão de *Le prisonnier du Vatican* tenha sido em parte patrocinada pelo próprio governo italiano, tanto pela defesa deste, quanto pelas relações próximas entre Santa-Anna Nery e membros deste governo⁸⁰. Além disso, um ano antes, quando da publicação de sua primeira obra, *Les finances pontificales*, Santa-Anna Nery, que já fazia duras críticas não só à infalibilidade papal, mas às contas negativas e obscuras do Vaticano, teve seu livro editado pela *Imprimerie Royale* de Victorio Emanuele II, ainda em Florença⁸¹. Não por acaso,

⁷⁸ Apesar de Hobsbawm (1990:49) nos lembrar que no caso italiano, que teve no elemento linguístico uma forte referência à identidade nacional, apenas 2,5% da população falasse regularmente a “língua de Dante” no momento da unificação, pois o restante falava vários idiomas, com frequências incompreensíveis mutuamente.

⁷⁹ “Nous qui cherchons les moyens de combattre la Papauté telle qu’elle existe” (L. G., 1872: 64).

⁸⁰ Tanto Rego (1882) e Faria (1905) apontam essas relações para este momento.

⁸¹ *Les finances pontificales*, assinado *par un catholique Américain*, tem como objetivo principal discutir as finanças do Vaticano para aquele contexto da ocupação de Roma pela “Itália”. Logo no início, Santa-Anna Nery revela que “les finances des États Pontificaux sont un labyrinthe presque impénétrable, où manquent des guides

encontrarmos finalmente o livro *Le prisonnier du Vatican: l'Italie, la France et la Prusse* na biblioteca *di storia moderna e contemporânea di Roma*⁸², formada pela antiga biblioteca de Victorio Emanuele II.

Além do mais, segundo análise de Hobsbawm (1990:49) sobre os três critérios que permitiam a um povo ser “firmemente” classificado como nação, tanto a Itália como a Alemanha pertenceriam ao segundo critério “dado pela existência de uma elite cultural longamente estabelecida, que possuísse um vernáculo administrativo e literário escrito. (...) embora os seus respectivos ‘povos’ não tivessem um Estado único com o qual pudessem se identificar”. Entretanto, após os eventos de 1870, ambas as “nações”, cada qual a sua maneira, atingira, para a felicidade do autor de *Le prisonnier du Vatican*, a “rota inevitável do nacionalismo” (L. G., 1872:6). Faltava apenas às nações latinas um comprometimento católico e nacional; comunhão e colaboração mútua contra a ferocidade territorial alemã⁸³ e a infalibilidade papal.

2.4 O Mundo Latino e o Brasil: a “Questão Religiosa”

Les peuples ne sont pas encore absolument prêts à cette alliance, et ils ont encore un long délai qu'ils doivent employer à leur réorganisation particulière. Le jour viendra où la France elle-même ne craindra plus la Prusse et pourra défier une nouvelle menace. L'Italie pourra alors sans danger s'unir à elle, et elle à l'Italie. Et le monstre

sûrs; car les publications officielles sont rares et incomplètes, et les informations de source officieuse, toujours suspectes, sont encore difficiles à trouver” (1871:3). Com esta ressalva inicial, *un catholique Américain* faz duras críticas a essas contas obscuras, fruto das centenárias doações dos católicos aos papas que não fazem nada para cortar despesas, muito pelo contrário, fazem festas e concílios (*idem*:16). O livro, financiado pelo Estado italiano – “o governo de Florença” – defende, fortemente, que a Itália não deveria subsidiar, como vinha fazendo, a dívidas abusivas de Roma, governado por um Papa-Rei, incompetente e com finanças obscuras (*idem*:22). Bastante atual toda esta discussão sobre as contas do Vaticano. Pois, quando da posse do novo papa jesuíta (Francisco), este afirmou que uma das mudanças que operaria, seria a abertura das contas do Vaticano e de seu banco.

⁸² Os funcionários desta biblioteca encontraram o referido livro após quase dois meses de busca e por nossa sorte foi aprovado sua digitalização e posterior envio. Entretanto, neste interím, chegamos a encontrá-lo na *The British Library*, em Londres. Este último encontro sugere que além da proteção de Victorio Emanuele II, o livro contou também com a ajuda de um país protestante para sobreviver. Algo muito parecido ocorreu com os dois outros primeiros livros de Santa-Anna Nery: *Les finances pontificales* e *La logique du Coeur*. Pois o primeiro, além de o encontrarmos na *biblioteca nazionale centrale de Firenze*, só fomos encontrá-lo na *Niederländische Nationalbibliothek*, na Holanda; e também em Londres na *Lambeth Palace Library*, uma das mais importantes bibliotecas anglicanas da Inglaterra. Nesta biblioteca encontramos os dois últimos livros citados em uma mesma encadernação intitulada: “Papal”. Publicação composta por 15 livros, editados em diferentes lugares da Europa e em mais de cinco línguas. O primeiro em destaque na lombada é o “the popes finances” (*Les finances pontificales*). *La logique du coeur* é o de número 14. A edição inteira tem o intuito de desconstruir a Igreja de Roma pós o Concílio do Vaticano I.

⁸³ Neste ponto é bastante contundente, apesar de irônico, o resumo feito por Dellestable (1872:1) sobre o livro que ele refuta: “A Prússia quer invadir tudo. Há somente a França republicana que possa tudo reparar”.

allemand verra devant lui la grande famille latine forte comme avant de ses principes de liberté, et ces forces décuplées par son pacte fraternel (L. G., 1872: 95).

Pelo trecho retirado ainda da primeira obra católico-nacionalista de Santa-Anna Nery, verificamos como diversos grupos da sociedade francesa, entre velhos católicos e republicanos, aspiravam dar uma resposta à Alemanha por meio da construção simbólica de uma “família latina”; formada neste caso por França, Itália e Espanha. Importante assinalar a ausência de Portugal nesta trindade, pois à época, e mesmo hoje, era o país com o maior número de católicos da Europa, em números proporcionais. Uma vez que a base desta latinidade era a religião e não a língua. Talvez, este triângulo católico-republicano compactuasse com a tese da inviabilidade de “nações” pequenas, tanto em termos de território, como de população, sendo este o conceito “liberal” de nação, na qual esta teria que ter “tamanho suficiente para formar uma unidade viável de desenvolvimento. Se caísse abaixo desse patamar não teria justificativa histórica” (Hobsbawm, 1990:42). Ora, era exatamente o caso de Portugal ou da Bélgica. Alguns dicionários da época registravam ser “ridículo” que esses países quisessem ser nações independentes (Garnier-Pagés, 1842 *apud* Hobsbawm, 1990:42).

Outro conjunto de países completamente ausentes desta “família latina” são aqueles que formam a chamada América “Latina”. Santa-Anna Nery só se refere a um país “latino” americano em todo o livro: a Argentina. E ainda para se referir a uma sala do Vaticano que tinha este nome. Já o denominativo América fora utilizado, mas para se referir exclusivamente aos Estados Unidos da América⁸⁴.

Podemos pensar que esta ausência dos países “latinos” da América do Sul e Central, nesta possível “união latina”, fosse fruto da escala regional proposta pelo triângulo católico-republicano. Entretanto, a nosso ver, sua explicação se encontra no forte peso político dos bispos católicos da América do Sul para a dogmatização da infalibilidade papal. Uma vez que esses bispos formavam a maioria no Concílio do Vaticano I, aliados de Pio IX. Todos, sem exceção, votaram a favor da dogmatização. Segundo análise de Beirne (1969) os bispos latino-americanos se utilizaram das políticas conservadoras do ultramontanismo como munição contra os governos locais, como uma forma de resposta a uma suposta autoridade republicana ou monárquica (para o caso brasileiro) sobre os seus bispados.

O já mencionado Dom Antonio de Macedo Costa, “padrinho” de Santa-Anna Nery, e à época bispo do Grão-Pará, foi um desses bispos que teve participação ativa durante o Concílio

⁸⁴ Inclusive, quando Santa-Anna Nery escreve seu primeiro livro sob o pseudônimo de *un catholique Américain*, o mesmo também se refere a “América” como “Estados Unidos da América”.

(Mansi, 1923 *apud* Beirne, 1969:276). Macedo Costa, que também era tensionado às letras, já escrevia em seu jornal, *A Estrella do Norte*, lá pelos idos de 1863, sobre a ameaça da possível unificação italiana e o temor de seu grupo em perder o poder temporal sobre os territórios pontifícios. O prelado combatia a política Liberal de setores da França e, sobretudo, do Piemonte italiano, como Giuseppe Garibaldi e Victor Emanuele II. “O bispo afirmava que os acontecimentos na Itália e mesmo na França interessavam aos leitores brasileiros, não só porque estes viviam num país católico, como também no regime monárquico” (Martins, 2005:76).

Mas, evidentemente, a crítica de Macedo Costa não ficava restrita apenas ao Velho Mundo. No Brasil, ainda em 1863, bradou fortemente contra o decreto de Pedro II⁸⁵ que uniformizaria os estudos nos seminários, justificando este ato no subsídio do Estado. Num primeiro momento Macedo Costa apoiou a ideia e sugeriu ainda a inserção de algumas disciplinas que seriam fundamentais para o desenvolvimento intelectual dos jovens seminaristas, como a matemática, a trigonometria, a geometria, a aritmética e a álgebra. Macedo Costa se inspirava no modelo de *Saint-Sulpice*, onde os aspirantes ao sacerdócio aprendiam ainda física e química. Entretanto, o Imperador não só não as contemplou como ainda retirou do ensino dos seminários as cadeiras que Macedo Costa considerava as mais importantes, isto é, o ensino de língua grega, exegese bíblica, direito natural e eloquência sagrada, mantendo apenas as cadeiras de latim, francês, retórica e filosofia (Costa, 1863:331-334 *apud* Martins, 2005:79). Com a insistência de Macedo Costa, ainda no jornal *A Estrella do Norte*, para a conservação das disciplinas afetadas, o Imperador recomendou que os próprios bispos arcassem com os custos dos professores responsáveis (Martins, 2005:79)⁸⁶.

Esta é apenas uma das diversas dissidências entre o Império e a Igreja, antes da afamada “questão religiosa”. O que demonstra que o ambiente entre essas duas esferas de poder, tão imbricadas no passado e na própria constituição do Império, já dava sinais de fissura. Nesse sentido, o Concílio do Vaticano I, com suas definições ultramontanas, forneceu maior legitimidade para as autoridades eclesiásticas responderem, com a “lei de Deus”, à força, política e econômica, do poder secular.

Coberto desta legalidade religiosa, Macedo Costa lança um novo jornal, *A Boa Nova*⁸⁷, no qual passa a propagandear e defender as novas definições do Concílio. Por outro lado,

⁸⁵ Decreto 3073 de 22 de abril de 1863 (Cf. Martins, 2005:79).

⁸⁶ Ainda segundo Martins (2005:79-80), Macedo Costa teria respondido que os rendimentos dos bispos mal davam para cobrir suas necessidades pessoais e suas atividades religiosas.

⁸⁷ Segundo Martins (2002:85), o jornal *Boa Nova* de 1871, era uma espécie de continuação do jornal *A Estrella do Norte*, que deixou de ser publicado em 1869, provavelmente por sua ida ao Concílio do Vaticano I.

passa a lutar abertamente contra o Partido Liberal do Pará, especialmente, contra o *Liberal do Pará*, jornal daquele partido (Barros, 1997:392). Muitos líderes deste partido eram ligados à maçonaria e que defendiam, segundo esta doutrina, o racionalismo e o deísmo (Barata, 1999:29). Filosofias negadas pelo recente Concílio, que reinterava a essencialidade da revelação divina, desconsiderada pelos maçons, e a importância dos milagres, que eram desacreditados pelos mesmos. Desta forma, a Igreja Católica Apostólica e Romana legitimava, mais uma vez⁸⁸, a partir do Concílio do Vaticano I, a excomunhão dos descrentes, sobretudo àqueles ligados à maçonaria.

Assim, seguindo as novas bulas papais, D. Frei Vital, o bispo de Olinda, passa a excomungar maçons católicos, abrindo caminho para a já citada “questão religiosa”. Entretanto, D. Macedo Costa iria mais longe e passara a proibir a participação de maçons em irmandades e em confrarias religiosas. No caso dessas resistirem, ordenava-lhes sua suspensão. O alvo dos bispos estava centrado nos maçons envolvidos com os governos provinciais e imperial que iam contra os interesses da Igreja. Desta forma, no caso de D. Macedo Costa, a resposta maçônica⁸⁹ veio pelo próprio presidente da Província do Grão-Pará, que encaminhou recurso à Coroa pela continuação das Irmandades⁹⁰. O Ministério do Império expediu em 9 de agosto de 1873 um aviso para D. Macedo Costa suspender os interditos contra as Irmandades. O bispo do Grão-Pará, assim como o de Olinda, não consideravam as teses sustentadas pelo Estado e simplesmente as rejeitaram (Barros, 1997:406). Nesse sentido, é exemplar a resposta ultramontana de D. Macedo Costa quanto à autoridade suprema das “leis de Deus”, assistidas pelo Espírito Santo ao Sumo Pontífice, por meio de sua infalibilidade:

Não podendo eu sem apostatar da fé católica, reconhecer no Poder Civil autoridade para dirigir as funções religiosas, nem anuir de modo algum às doutrinas do Conselho de Estado, que serviram de fundamento a esta decisão, por serem elas subversivas de toda a jurisdição eclesiástica, e claramente condenadas pela Santa Igreja Católica Apostólica Romana; e sendo-me igualmente impossível, sem cometer clamorosa injustiça, reconhecer como regulares, como dignas de graças espirituais as Confrarias maçonzadas, sobretudo depois do procedimento

⁸⁸ Importante salientar, conforme nos lembra Barros (1997:393), que já havia todo um arsenal de documentos pontifícios a fulminar os “pedreiros livres”, os maçons, ao menos desde o século XVIII, sendo o último gerado no Concílio do Vaticano I pela Constituição *Apostolicae Sedis* de outubro de 1869. Portanto, bastava “a qualquer autoridade eclesiástica aplicar a doutrina”. .

⁸⁹ Quando Ruy Barbosa faz a tradução do *Papa e o Concílio* de Dölinguer, ele está diretamente envolvido em uma grande articulação maçônica, para mostrar ao público letrado brasileiro outras possibilidades de interpretação sobre o catolicismo. Sendo, portanto uma resposta orquestrada da maçonaria do Rio de Janeiro aos “ultramontanos”.

⁹⁰ Irmandades da Ordem 3ª de Nossa Senhora do Monte do Carmo, do Senhor Bom Jesus dos Passos e da Ordem 3ª de S. Francisco (Barros, 1997:400-401).

escandaloso que elas têm tido com o seu Prelado e com a Santa Igreja (...) tenho o profundo pesar de conservar-me inteiramente passivo diante dessa lamentável resolução do Governo e de manter em todo o seu vigor a pena espiritual que, no legítimo exercício de minha autoridade de Pastor, lancei sobre as ditas confrarias até que elas voltem ao verdadeiro caminho. Estou pronto, Sr. Ministro, a obedecer em tudo ao Governo de Sua Majestade; mas não posso sacrificar-lhe minha consciência e a lei de Deus (Macedo Costa *apud* Barros, 1997:407).

Segundo análise de Barros (1997), a partir dessa resposta a sorte dos dois bispos estava não só lançada como unida. Para o Governo Imperial não se tratava mais de um acontecimento isolado, mas da ameaça de um conflito que se generalizava. Assim, não bastava apenas a punição dos bispos para resolução da questão, pois esses, mesmo presos, teriam ainda autoridade sobre os fiéis. Desta forma, Barros sugere que a Missão Penedo, que se estendeu de agosto a dezembro de 1873, seria uma forma de o Império do Brasil solucionar a questão – religiosa – diretamente em sua origem.

Entretanto, paralelamente a essa missão, tanto D. Vital, quanto D. Macedo Costa, numa demonstração de força do Poder Civil⁹¹ sobre a Igreja, foram julgados e condenados pelo crime de desobediência ao Código Criminal e à Constituição Política (Barros, 1997). Interessa-nos neste ponto analisarmos, especificamente, as implicações da “questão religiosa” sobre o personagem em foco, pois, a nosso ver, tais acontecimentos causaram-lhe profundas transformações. Já que a partir disso, o jovem Santa-Anna Nery renovou seu círculo social e passou a se dedicar, como homem de letras e de negócios, ao Brasil. Mas a “ideia latina” permanecera, com outras roupagens e novo continente.

2.4.1 O Brasil Latino: *Revue du Monde Latin*

(...) synthèse vivante de l'oeuvre que nous poursuivons. Italien de nom, Brésilien de naissance, Français d'éducation et d'esprit, notre rédacteur en chef, M. de Santa-Anna Nery, est comme l'incarnation de cette fusion intellectuelle et morale des races latines, qui est la raison d'être et l'objectif de nos efforts. (Comte de Barral, 1887:1).

Dentre as várias vertentes sobre a construção do “mundo latino” – formado pelos “países latinos” da Europa e da América – temos aquela dos fundadores da *Revue du Monde Latin*⁹². Seu mentor foi Charles de Tourtoulon, quando em carta endereçada a Frédéric Mistral

⁹¹ Aqui poderia colocar os nomes dos membros do Supremo que votaram pela condenação dos bispos.

⁹² A *Revue du Monde Latin* (lançada em 1883 e em circulação até 1896) foi uma dessas raras revistas publicadas em francês e em Paris sobre os “países latinos”. Não encontramos no Brasil nenhum exemplar desta revista, apesar de membros da SGRJ frequentemente fazerem referências a ela na RSGRJ (provavelmente em função das relações entre o marques de Paranaguá e Santa-Anna Nery). Mesmo em Paris, nenhuma instituição a detém em

anuncia um novo meio de desenvolver a ideia *felibrina*⁹³, por meio da criação de uma revista que trouxesse à luz os “povos e os países latinos no presente e no seu passado, pesquisar e conciliar, e defender seus interesses diversos, preparar sua união permanente, objetivando a paz geral, preservando os progressos materiais, morais e intelectuais dos países latinos”⁹⁴. Com essas premissas, saía em setembro de 1883, o primeiro número da *Revue du Monde Latin*. Nesta ocasião, passados mais de dez anos da chamada “questão romana”⁹⁵, Santa-Anna Nery, que já vivia em Paris desde 1874, constava não só dentre os fundadores desta revista, como era um de seus proprietários, além de ter se tornado o redator-chefe entre os anos de 1885 e 1888.

Entretanto, diferentemente de seus discursos inflamados e anônimos, tanto de *Finances Pontificales*, quanto de *Le prisonnier du Vatican*, Santa-Anna Nery, juntamente com seu novo círculo social, passara a defender não mais uma possível “federação latina”, centrado na “raça latina” e formado exclusivamente por França, Itália e Espanha, como outrora⁹⁶. Entrava em cena, agora, a ideia de um “espírito latino”, composto pelos “povos latinos” que tinham o papel de consolidar no mapa do mundo, ainda a partir da França, os “países latinos” frente, principalmente, ao império alemão⁹⁷. Era mais uma vez a revanche francesa sobre a Alemanha, fortalecida por possíveis laços “religiosos, culturais e

sua integridade, seus exemplares estão espalhados de forma descontínua tanto em bibliotecas da capital parisiense quanto da região de *Île de France* (Cf. o tópico *fontes primárias*). Talvez, por esse motivo, esta revista tenha passado praticamente incólume pelos cientistas sociais que trabalham sobre o século XIX e o Brasil. Nesse sentido, encontramos um artigo (Santos, 1994) que se debruçou de forma bastante breve sobre as relações entre o Brasil e a França por meio da análise histórico-contextual das publicações sobre o Brasil nesta revista. Roger Barthe (1962:105 *apud* Chonchol e Martinière, 1985:67) diz que apesar de “éphémère, la *Revue du Monde Latin* avait représenté un effort vraiment sérieux en faveur de l'idée latine; sa collection – trop ignorée – reste précieuse”.

⁹³ Felibre foi um movimento literário do século XIX que tinha como objetivo restituir o provençal como língua literária (Larousse, 2010). Segundo Santos (1994:80) este movimento nasceu do encontro de dois poetas provençais: Frédéric Mistral (1830-1914) e Roumanille (1818-1891). Este último foi seu grande idealizador e buscava com esta criação estabelecer uma “máquina de guerra” clerical e monárquica. No primeiro número da revista há um artigo intitulado: “L'idée latine dans le midi de la France” (1883:131), que reforça esta tese do nascimento da revista pelos membros do movimento felibrino, narrando os encontros literários que vieram a reforçar esta união latina: “Si les belles paroles valaient de bons actes, il y a longtemps que, grâce aux félibres, les Latins seraient triomphants”.

⁹⁴ Terra, 1962: 7-8 *apud* Santos, 1994:80.

⁹⁵ Waché (2002) na terceira parte de seu trabalho – *Installation de la sécularisation* – diz que a proclamação do reino da Itália, em 17 de março de 1861, jogou luz sobre o problema da escolha da futura capital, lançando as bases sobre a “Questão Romana”: o fim do poder temporal do Papa.

⁹⁶ O próprio Santa-Anna Nery (1885a:407) chega a chamar de quimérica a ideia de uma “federação latina”, tão sonhada e discutida em seu *Le Prisonnier du Vatican*: “Il ne s'agit pas ici de poursuivre la chimère du panlatinisme, de réaliser une fédération politique de tous les peuples méditerranéens, rayonnant au delà des mers. Notre ambition sait se défendre d'une semblable utopie”.

⁹⁷ Em praticamente todos os números da RML há artigos sobre esta possível – e constante – ameaça alemã, em função da guerra franco-prussiana.

linguísticos” por meio da “ideia latina”, com numerosos países, tanto do Velho, como do Novo Mundo.

C'est donc entre le germanisme et le latinisme que la lutte est engagée, lutte pour la suprématie, sinon pour l'existence.

D'un côté, l'Allemagne, l'Angleterre, les États-Unis de l'Amérique du Nord. De l'autre, la France, l'Italie, l'Espagne, le Portugal, la Roumanie, la Grèce même et les nations néolatines du nouveau monde. Tels sont de part et d'autre les principaux champions — nous ne disons pas les seuls — du grand combat pour l'hégémonie intellectuelle, et, par suite, matérielle. (...)

La *Revue du Monde Latin* a déjà pris position dans ce débat. Ce qu'elle poursuit avec ardeur, c'est la cohésion de l'esprit latin.

(...) Elle voudrait que son influence civilisatrice se propageât dans le monde entier ; que les peuples latins travaillassent de concert à généraliser et à semer, au profit de tous, ce qui se dégage des efforts isolés des anglo-germans; qu'ils fissent, en un mot, les agents de tout progrès.

(...) Elle ne perdra jamais de vue son objet principal, qui est la défense du latinismo en général, et, en particulier, celle des intérêts économiques du monde entier.

Aux Latins le monde latin, telle est sa devise (Santa-Anna Nery, 1885a:407-408).

Nesta breve e sucinta explanação sobre os objetivos da *Revue* em seu contexto geopolítico, Santa-Anna Nery já como redator chefe, expõe que são os “latinistas” que estão construindo o “mundo latino”, diga-se de passagem, para si próprios. Num primeiro momento, através da consolidação de seus aspectos “*intellectuels*”, ou seja, a construção da “*Idée Latine*, issue du sentiment latin, c'est-à-dire des profondeurs de nos origines historiques et linguistiques, de notre temperament séculaire” (Santa-Anna Nery, 1885:407, 408); para numa segunda etapa firmar elos econômicos que garantiriam a esta união um fortalecimento hegemônico a todo grupo latino perante os outros, leia-se Alemanha, Inglaterra e Estados- Unidos ou o chamado mundo anglo-germânico.

O Brasil católico e monárquico, nesse contexto, terá um grande destaque no “mundo latino”. Na RML, desde seu primeiro tomo encontramos diversas publicações, abrangendo diferentes facetas deste singular estado monárquico no Novo Mundo: política, religião, literatura, história, geografia, antropologia, economia entre outros. Além de Santa-Anna Nery, que publicará assiduamente na revista, desde sua criação até a queda da monarquia, temos também a colaboração do conselheiro Pereira da Silva⁹⁸ e de Franklin Dória⁹⁹. A partir do ano

⁹⁸ O Conselheiro João Manuel Pereira da Silva (1817-1898), de origem portuguesa, era vinculado ao Partido Conservador no Brasil, tendo sido deputado e senador no Império. Escreveu diversos artigos para a RML, dos quais podemos destacar: *Le marquis de Pombal et la monarchie portugaise au XVIII siècle*; *Un jésuite. – Le père Antonio Vieira*.

⁹⁹ Franklin Américo de Meneses Dória, barão de Loreto em 1889 (1836-1906), foi presidente de diversas províncias, ocupando alguns ministérios. Franklin Dória era casado com a filha do visconde de Paranaguá (depois, em 1888, marques de Paranaguá, João Lustosa da Cunha Paranaguá), D. Maria Amanda de Paranaguá (Moya, 1941:219). Escreveu alguns artigos para a RML, como: *Les cortès portugaises et l'indépendance du Brésil (1829-1823)* e *La guerre d'Indépendance au Brésil*.

de 1885 teremos um significativo aumento nas publicações sobre o Brasil, pois Charles de Tourtoulon, até então o Diretor Geral da *Revue*, passa seu comando aos brasileiros conde de Barral e Santa-Anna Nery¹⁰⁰. O Conde de Barral tornar-se-á o novo Diretor Geral, até o ano de 1892, e Santa-Anna Nery seu redator chefe até o ano de 1888.

Juntos, conde de Barral¹⁰¹ e Santa-Anna Nery, defenderão explicitamente o viés monarquista da RML, da qual se transformaria na “defensora confessa e militante da fé monárquica” (Barral, 1888:2). Daí a importância do Brasil neste “mundo latino”, sobretudo latino-americano: uma ilha monárquica, unificada e estável, num mar de repúblicas, fragmentadas e instáveis¹⁰². O termo utilizado por Barral para expressar a particularidade política da RML também é bastante revelador: “fé monárquica”, coadunando com tese contrária a Cavour; pois se havia um Estado, este deveria ter apenas uma Igreja. Nesta fórmula, os Estados latinos deveriam seguir a religião católica (Barral, 1887:4). O Brasil mais uma vez seria um exemplo a ser seguido, pois a “nação [brasileira] era exclusivamente e sinceramente católica”, onde os dois poderes (espiritual e secular) viviam “em estreita união, onde a constituição proclama a religião romana religião de Estado, e onde o povo e o governo são de acordo para não querer atingir nem aos privilégios da Igreja, nem à autoridade de seus ministros”. É nesses termos que temos a aparição do Brasil na primeira página do segundo número da *Revue du Monde Latin*, por meio de um artigo intitulado : “*Le conflit religieux de 1872 au Brésil*, par***” (***, 1883:141).

O artigo está assinado pelos três asteriscos, demonstrando que quem o escreveu não queria ver seu nome correlacionado a uma questão tão cara às relações entre o Estado e a Igreja no Brasil. Contudo, fica bastante evidente que os membros brasileiros da RML concordavam com suas linhas, a ponto de permitirem sua publicação. Uma vez que era a imagem de um Brasil monárquico e católico que estava sendo divulgada, realçando seus laços

¹⁰⁰ Como forma de introdução do número de dezembro de 1885, Charles de Tourtoulon escreve: “*J’ai lâché le gouvernail aux Brésiliens*” (Terra, 1962:10 *apud* Santos, 1994:81). Meses antes, o próprio Santa-Anna Nery (1885a:405) já fazia os mais lisonjeiros elogios à direção de Tourtoulon que se transformaria no “Directeur-Fondateur. Mais la direction effective de notre Revue passe entre les mains de M. le comte de Barral, ancien secrétaire d’ambassade”.

¹⁰¹ Conde de Barral (1854-1914), depois marques de Barral e Monferrat, Dominique Horace de Barral, era filho de um nobre francês (de quem recebeu o título) e da condessa de Barral, governanta das princesas imperiais do Brasil. O conde de Barral também se casou com uma das filhas do visconde de Paranaguá: D. Maria Francisca de Paranaguá (Moya, 1941:220).

¹⁰² Em sua coluna mensal, *Politique et Diplomatie* (depois, em 1885, assumida pelo conde de Barral), Charles de Tourtoulon (1883:261) não só defendia o Brasil monárquico, como o colocava como exemplo: “Il nous reste à parler du seul gouvernement monarchique de l’Amérique, un empire qui peut servir de modèle aux république aussi bien qu’aux monarchies, et dont le souverain est le seul chef d’État (...)”. Quando da “Revolução no Rio de Janeiro” em 15 de novembro de 1889, o conde de Barral (1889:519) escreve que apenas com a monarquia o Brasil garantirá sua coesão e unidade, diferentemente das repúblicas vizinhas. E complementa: “La véritable République du Brésil, c’était la monarchie (...)”.

de latinidade segundo os preceitos deste novo círculo social de Santa-Anna Nery, que o colocava mesmo como a síntese deste processo, conforme epígrafe deste tópico. Nesses termos, tal construção permitia ao Brasil um maior reconhecimento entre os “países latinos”.

Entretanto, resta-nos compreender de que forma Santa-Anna Nery passa de uma vertente a outra nesta construção do “mundo latino” e, principalmente, deste “Brasil latino”, inserido na “América Latina”. Pois, quando jovem, colaborava com membros do governo francês – republicanos – e da intelectualidade católica francesa – liberais –, como Leon Gambetta e Hyacinthe Loyson, para propalar a utopia da “federação latina”. Nesse sentido, coadunava com a tese de que partes da intelectualidade e do governo francês se esforçaram para cimentar a ideia de latinidade do mundo europeu e americano (Soria, 2004). Depois, mais maduro, juntamente com um grupo de intelectuais, monarquistas e católicos, entre europeus e americanos, formando um grande círculo de entusiastas da “ideia latina”, estende seu campo de atuação para além das fronteiras da Europa Ocidental, principalmente sobre a América. Este grupo da RML parece estar em consonância com a outra vertente de pensamento que defende que foram os próprios intelectuais “latinoamericanos”, exilados na França, que refletiram e estenderam o conceito para a América. Paris seria, portanto, a capital europeia onde intelectuais “latinoamericanos” gestaram o nome de “America Latina”, em meados do século XIX (Granados, 2004). A análise da obra neryana, em seus diferentes momentos, exemplifica que a criação e difusão do conceito de latinidade, aplicada tanto ao continente europeu quanto ao americano, é fruto da intersecção dessas duas vertentes de pensamento.

2.5 Da “questão romana” para a “questão religiosa”

Mas, como vimos, o homem é antes de tudo plural: “O ser é singular e plural ao mesmo tempo; ser permanentemente arremessado entre um e outro ser”. É desta forma que Denis Crouzet (*apud* Dossel, 2005:324)¹⁰³ convida o leitor a adentrar em sua biografia de Charles de Bourbon, na qual defende que o biógrafo deve se desembaraçar de toda ilusão que se pretende absoluta. Nesse sentido, Crouzet adverte para que os estudos biográficos não busquem retrair uma possível integridade do ser, pois somos marcados, no decurso de nossa

¹⁰³ Dossel (2005:323) ao analisar esta perspectiva da obra de Crouzet diz que ele se junta às análises sociológicas de Bernard Lahire, Luc Boltanski, Laurent Thévenot, dentre outros.

existência, por paradoxos e descontinuidades, dificilmente compreensíveis. Já para o jovem Santa-Anna Nery, influenciado pelas ideias de François Guizot, “o homem, o ser humano é essencialmente um e simples” (Santa-Anna Nery, 1871:22).

Nesses termos, ambos os biógrafos de Santa-Anna Nery buscaram esta unidade para o autor de *Le Prisonnier du Vatican*, minimizando ao máximo esta antiga relação de Santa-Anna Nery com os velhos católicos. Pedro do Rego, como vimos, descreve a obra supracitada como consensual, “à que os acontecimentos deram plena razão.” Além disso, Rego nem chega a correlacionar este livro como obra de “clérigos liberais”, como se fossem coisas separadas. Das quase 40 páginas dedicadas à biografia do amigo, Rego dedica um parágrafo com quatro linhas para explicar os motivos da suposta separação de Santa-Anna Nery com os velhos católicos: “Em 1872, por ocasião do casamento do Padre Jacinto [Hyacinthe] com Mrs. Merriman, Sant’Anna Nery deixa a redação da *Speranza*, rompendo, estrondosamente, com os velhos católicos” (Rego, 1882:10).

E ponto final, não se escreve nem mais uma linha deste tema. Contudo, a causa apontada por Rego nos soa bastante simplória. Pois o casamento de Hyacinthe ocorreu no dia 02 de setembro de 1872, praticamente junto com a finalização de *Le prisonnier du Vatican*, em agosto do mesmo ano. Sua publicação, entretanto, foi posterior, quando Hyacinthe já estava casado. Pelas correspondências trocadas entre Santa-Anna Nery e Hyacinthe, supõe-se que Santa-Anna Nery já sabia da existência deste relacionamento, pois Hyacinthe já mandava recados da Senhora Merriman, como se fosse sua companheira, a Santa-Anna Nery¹⁰⁴. Além disso, estavam presentes na cerimônia de casamento de Hyacinthe os amigos ingleses a quem Santa-Anna Nery dedicou um exemplar de sua primeira obra: o casal Stanley¹⁰⁵.

Neste mesmo rumo, Antonio Faria parece ter sido mais discreto, mas não menos parcial que Rego. Faria, por exemplo, nem cita *Le prisonnier du Vatican* entre as obras de Santa-Anna Nery, provavelmente para não precisar justificar algo tão contrastante com a trajetória de um homem dedicado, “integralmente”, à sua pátria: monárquica e católica. Para explicar a separação de Santa-Anna Nery com os velhos católicos, Faria também faz referência a Hyacinthe, dizendo que Santa-Anna Nery ainda muito jovem fora “seduzido pelo grande talento do Dominicano”, se deixando levar com entusiasmo de “alma nova e fresca” no movimento dos velhos católicos. Depois, mais sarcástico, vai dizer que

¹⁰⁴ Conforme citação da p. 74.

¹⁰⁵ “Le 2 septembre 1872, l'abbé Loyson épousait au « Registry Office » de Marylebone, à Londres, une jeune veuve américaine appartenant à l'Eglise catholique, Mme Emily Buttefield, veuve de M. Edwin Ruthven Merriman, en présence notamment du Dr Stanley, doyen (decano, dignatário) de Westminster et de sa femme lady Augusta Stanley” (Bitard, 1878:311). Sobre a dedicatória de Santa-Anna Nery cf. nota 57 deste capítulo.

(...) felizmente o lado místico de Santa-Anna Nery não excusava seu bom senso; ele havia amado, admirado, defendido com toda força e generosidade de seus vinte anos um *prêtre* que ele crera dedicado de corpo inteiro à nobre causa de inspirar as almas de paixão e de verdade. Entretanto, ele recua o coração e o espírito, ferido e surpreso ao perceber que as considerações humanas tinham tido também parte na ruptura do Padre Hyacinthe com a Igreja (...)

Santa Anna Nery se separa dos velhos católicos, abandona sem lamentar a direção do *Espérance*, jornal que ficou conhecido graças a seu talento, adquirindo uma verdadeira autoridade no partido dos católicos liberais. Ele parte, então, para o encontro de seu padrinho, para lhe contar a novidade e se debruça em seguida em novos e diversos estudos literários, científicos e estéticos que lhe permitem sua potência intelectual e sua maravilhosa memória (Faria, 1905:XXVII).

Reparem que a primeira linha do último parágrafo é uma cópia do texto de Rego, demonstrando que Antonio Faria não só a conhecia como se apropriou da mesma para construir a sua biografia de Santa-Anna Nery¹⁰⁶. Tanto que a partir dessas relações com os velhos católicos, Faria estabelece uma fase “mística” a Santa-Anna Nery, superado pelo seu “bom senso”. A partir disso, ainda segundo Faria, Santa-Anna Nery entraria em sua segunda fase, na qual ele recomporia os laços com D. Antonio de Macedo Costa, que Faria diz ser seu padrinho, destacando o descontentamento¹⁰⁷ do prelado com esta fase de rebeldia – “mística” – de Santa-Anna Nery.

Algo é certo nesta construção: o peso de D. Antonio de Macedo Costa na vida de Santa-Anna Nery. Pois parece que fora ele o responsável por sua vinda à Europa, com apenas 14 anos de idade. Entretanto, diferentemente das descrições católicas, apostólicas e romanas dos dois biógrafos anteriores, acreditamos que a grande guinada na vida de Santa-Anna Nery tem relações diretas com o envolvimento deste bispo com a “questão religiosa” e o próprio dismantelamento do movimento dos velhos católicos na França. Pois, agora era o seu “padrinho” que precisava de munições literárias contra um suposto abuso do poder civil sobre o poder espiritual no Brasil. Além disso, a tal separação com os velhos católicos, estrelada entre Santa-Anna Nery e Hyacinthe pode nem ter ocorrido. Uma vez que o próprio Hyacinthe se separou dos velhos católicos, principalmente em função do forte peso dos alemães neste processo de reafirmação do primado sobre o papado. Mais uma vez, faltava espaço, neste caso

¹⁰⁶ São numerosos os trechos em que Faria simplesmente traduz a biografia de Rego sem nenhuma menção. Em alguns trechos ele chega não só a traduzir mas como dar novas autorias as possíveis cartas para Santa-Anna Nery, buscando aproximar o biografado dos ultramontanos, como D. Antonio de Macedo Costa.

¹⁰⁷ “Don Antonio de Macedo Costa déjà très contrarie du refus de Santa-Anna Nery d’entrer dans les ordres trois ans auparavant avait vu d’un fort mauvais oeil son intimité avec le Père Hyacinthe. Ils reprirent à partir de cette époque l’affectueuse correspondance qui dura jusqu’à la mort du vénéré archevêque” (Faria, 1905:XXVII).

político, para os católicos liberais franceses frente aos católicos liberais alemães¹⁰⁸. Assim, a nosso ver, restava a Santa-Anna Nery, talvez, retribuir ao homem que lhe assegurou no Velho Mundo não só sua vinda, mas todo um amparo – econômico e afetivo – que o jovem Santa-Anna Nery parecia não ter mais contado, sobretudo, a partir do novo casamento de seu pai e sua saída, mal explicada, do Brasil.

Pois, diferentemente do que apontam suas biografias e posteriores reproduções e imaginários¹⁰⁹, Santa-Anna Nery passou por dificuldades para se manter na Europa. D. Antonio de Macedo Costa deve ter lhe ajudado, indicando-o para os seminários, que lhe garantiam hospedagem e alimentação. Mas, após o seu suposto abandono de *Saint-Sulpice* e sua má impressão deixada, o jovem Santa-Anna Nery teve que conseguir trabalho para sua sustentação. Ora, este “casamento” com os velhos católicos lhe permitiu isto durante algum tempo. Com a desarticulação do movimento, entre franceses e alemães, o grupo se enfraqueceu. Logo, deve ter faltado trabalho, rendimento, etc. Concomitantemente a este processo, com o envolvimento de Macedo Costa na “questão religiosa” e sua possível prisão, acreditamos que Santa-Anna Nery pode ter aplicado a tal sentença bíblica: “O bom filho a casa torna”. Neste caso, Santa-Anna Nery se volta de corpo e alma à defesa de seu “padrinho”. Tudo o que os ultramontanos desejavam. Um jovem, repleto de energia, jornalista já consagrado pelos opositores, portanto, grande conhecedor da questão religiosa em sua origem; e o que é melhor, pelo outro lado da história. Com esta experiência da tese e da antítese, Santa-Anna Nery teria, supostamente, as condições necessárias para desenvolver a síntese da “questão romana” aplicada à “questão religiosa”.

Não sabemos ao certo quando ocorre esta mudança em nosso personagem central, mas se analisarmos seus escritos, temos algumas pistas. Após a escrita de *Le prisonnier du Vatican*, em agosto de 1872, em Roma, só fomos encontrar outro texto de Santa-Anna Nery em outubro de 1874. São as famosas crônicas, *Vêr, Ouvir e Contar*, publicadas em forma de

¹⁰⁸ Segundo Bitard (1878:312) diz que “Loyson, il rompit lui-même, en 1874, avec les ‘catholiques libéraux’ de Genève, déclarant qu’ils étaient animés d’un esprit qui n’était ‘ni libéral en politique ni catholique en religion’. O *Jornal do Commercio*, do dia 03 de setembro de 1874, também noticia o rompimento de Hyacinthe na Suíça: “O célebre padre Jacinto, que se divorciou da cúria romana para abraçar as doutrinas dos denominados velhos católicos, aceitando o cargo de Parocho em Genebra, acaba de demitir-se de suas funções, a seu turno intrigado com os aliados da véspera”.

¹⁰⁹ De certo modo, o comentário de Seráfico (2009:39) representa bem o imaginário que se tem sobre o barão de Santa-Anna Nery, atualmente, na Amazônia (entre os que o conhecem, evidentemente): “O surgimento da Escola Universitária Livre de Manaus (EULM), em 1909, alinha-se ao ambiente de prosperidade econômica e da sofisticação que explica a construção do teatro. A elite, que mandava seus filhos estudarem na Europa e tem no barão de Sant’Ana Nery ilustrativo exemplar, reivindicava cursos que evitassem a distância de seus rebentos, sem prejudicar-lhes a graduação”.

folhetins no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro¹¹⁰. Elas eram redigidas de Paris, a nova morada de Santa-Anna Nery a partir daquele mesmo ano. Parece que Santa-Anna Nery só conseguiu residir nesta cidade em função deste trabalho, que lhe permitiu renda suficiente para que vivesse na “Capital do Século XIX”, primeiro como folhetinista deste jornal, depois como seu correspondente político.

Nesse sentido, a amizade tecida com Júlio Constâncio Villeneuve, proprietário do *Jornal do Commercio* e à época ministro do Brasil na Suíça¹¹¹, foi bastante importante para Santa-Anna Nery. Villeneuve também católico – romano – e monarquista dava uma tônica suficientemente conservadora ao seu jornal. Tanto que muitos críticos da época chamavam o *Jornal do Commercio* de “diário oficial do Império”¹¹². Não obstante, no que concerne à “questão religiosa”, parece que o lado católico de Villeneuve prevaleceu – haja vista que este sim recebeu o título de conde pelo papa Leão XIII, por serviços prestados à Santa Sé¹¹³ –, abrindo bastante espaço para os “ultramontanos” mostrarem o seu lado da história e principalmente para se defenderem¹¹⁴. Deste modo, no mesmo mês que Santa-Anna Nery inaugura seu folhetim no *Jornal do Commercio*, seu “padrinho” expõe em quase quatro páginas do jornal todas as suas convicções e revoltas:

“Cremos, primeiramente, que, sendo necessaria ao homem uma religiao e uma religiao verdadeira, esta religiao não podia deixar de ser-nos revelada pelo proprio Deus.”

(...) acusado e pronunciado pelas justicas do nosso paiz como autor da nefanda conspiração contra a soberania nacional e as leis do Estado, e como tal preso em sua residência, levado publicamente pelas ruas, e encarcerado n’uma praça militar, no

¹¹⁰ Ver tópico: 3.1 *Vêr, ouvir e contar*.

¹¹¹ O jornal *Ilustração* do Rio de Janeiro, num artigo anônimo denominado *Sant’Anna Nery* (1884:134) diz que quem apresentou Santa-Anna Nery ao Júlio Constâncio Villeneuve foi Alfredo de Macedo, encarregado de negócios do Brasil na Espanha. O já citado (no 1º capítulo) português Silva Lisboa (1901) que diz que os dois se conheceram na Suíça: “(...) onde conheceu o activo Villeneuve, fundador do ‘Jornal do Commercio’ do Rio de Janeiro. Lançou-se abertamente ao jornalismo e foi durante cerca de 18 annos o correspondente em Paris da grande folha fluminense”.

¹¹² Sobretudo jornalistas da *Revista Ilustrada* e do *Besouro*, jornais de oposição ao regime monárquico.

¹¹³ Cf. Santos (1994), Sandroni (2007) e Cardoso (2010).

¹¹⁴ Isto não impediu o *Jornal do Commercio* de publicar textos e pedidos de outras correntes sobre a “questão religiosa”. O próprio Saldanha Marinho, responsável por solicitar ao Ruy Barbosa a tradução do *Papa e o Concílio*, desenvolve uma campanha neste jornal em prol da separação entre a Igreja e o Estado (***, 1883:280). No entanto, parece evidente o peso dos “ultramontanos”, pois como se pode perceber quem dá esta informação é o próprio autor anônimo da RML, que inaugura a “questão religiosa” na *Revue*. Este autor anônimo, claramente um defensor das ideais ultramontanas, coloca o *Jornal do Commercio* de 1872, 1873 e 1874 como uma de suas fontes basais. Outro autor “ultramontano” que colaborou muito com a questão no referido jornal foi o senador Antonio Candido Mendes, que se refere ao ministério Rio Branco com o seguinte teor: “Estou convencido Sr. Presidente, que o primeiro ministro de um país católico que, como o nosso, consagra, sustenta uma religião de estado, não pode, sem faltar a Constituição, servir um cargo dessa ordem máximo, tendo prestado juramento de manter essa religião” (Martins, 2005:185). Uma referência ao título de Grão-Mestre da Maçonaria do visconde do Rio Branco. Candido Mendes foi também o primeiro presidente da Seção da Sociedade de Geografia de Lisboa no Rio de Janeiro, em 1878 (Mary, 2010).

meio da consternação e das lágrimas do povo fiel, e pouco depois arrancado a seu querido rebanho, arrastado á barra de um tribunal incompetente, e condemnado, enfim, a quatro annos de prisão com trabalhos forçados!

A ordem do governo é declarada illegal e a obediência é recusada de um modo todo passivo, em virtude de princípios e leis do catholicismo, isto é, de uma Igreja e de uma religião que gosa há 16 séculos de existencia legal, publica e reconhecida no meio da humanidade civilisada, em virtude de princípios e leis de uma religião e de uma igreja que o governo e a nação brasileira tem abraçado e professado como primeiro elemento de sua organização social, como a verdadeira Igreja e religião de Nosso Senhor Jesus Christo, como a fonte fecunda do progresso, moralidade e civilização deste vasto e auspicioso Imperio da America.

Não, nem papas, nem bispos, nem padres, como dizem cegos sectarios, nem quanto Oriente maçonico ha no mundo, nem todas as forças combinadas do schisma, da heresia e da impiedade... poderão jamais corromper, desvirtuar e destruir a Igreja divinamente fundada sobre Pedro.” (Costa, 1874).

Através de trechos desta “carta pastoral” o bispo do Grão-Pará expunha aos fiéis não só sua precária condição humana, perante as “injustiças” do governo imperial, como aproveitava, antes, para legitimar o dogma da infalibilidade papal: “revelado pelo próprio Deus”. Assim, pautado nas “leis do catholicismo”, Macedo Costa justificava suas ações contra a maçonaria, “uma sociedade condenada” há séculos pela Santa Sé, além de outros grupos – “forças combinadas do schisma” – contrários aos rumos dado pela Igreja de Pedro, como os velhos católicos.

Afora este texto bastante extenso de Macedo Costa, o *Jornal do Commercio* publicou ainda uma série de estudos intitutados: “Uma palavra sobre a questão religiosa”. No total foram doze textos que tinham por subtítulo: “um brasileiro ausente”. Deixando claro que quem os escrevera era alguém distante da pátria, portanto com visão mais límpida, sem vícios, sobre uma questão tão fundamental à sociedade brasileira. Ao fim dos artigos constava a informação que o autor escrevia de Paris e usava o pseudônimo “Justus”. Se nos lembrarmos do pseudônimo de Döllinger para o *Papa e o Concílio* – “Janus” –, dá para encontrarmos certa relação de oposição no uso deste denominativo. “Justus”, ao invés de “Janus” que possuía duas caras, tinha apenas a face da “lealdade”, da “franqueza” e da “nobreza”, apenas para usar algumas palavras correntes no discurso de “Justus”, ao referir-se a sua postura. Numa palavra, uma pessoa justa.

“Justus”, além de dominar a língua portuguesa e francesa, se mostrava fluente em italiano e exímio conhecedor das políticas do novo governo da Itália, sobretudo, junto à Santa Sé. Em seu último artigo, publicado propositadamente no mesmo período em que a câmara dos deputados se achava reunida “para indicar summariamente um remedio á situação em que nos collocou o ministerio Rio-Branco com os seus excessos de zelo maçonico”, “Justus”

aproveitava para questionar a célebre fórmula de Cavour: “Igreja livre no Estado livre”, que segundo ele era tão afagada pelos representantes do Império brasileiro que a julgavam como “excelente panacéia para curar todos os nossos achaques actuaes, e acreditão que a Italia já gosa, há muito, dos benefícios de tão sublime doutrina” (Justus, 1874). Deste modo, “Justus”, com seu extenso conhecimento sobre a legislação italiana, traça uma análise jurídica, breve, sobre as relações entre a Igreja e o Estado Italiano, tendo como comparativo o caso brasileiro.

O *statuto* (constituição) italiano outorgado por Carlos Alberto proclama a religião catholica religião do estado, absolutamente como o pacto fundamental brasileiro; e nem as doutrinas revolucionárias que têm agitado a península nestes ultimos 50 annos, nem o espirito invasor que domina nos seus estadistas, ainda poderão annular de todo, na pratica, aquele artigo gravado no frontespício da lei!

Partindo desta premissa, absolutamente contrária à proposta de Cavour, “Justus” desenvolve ainda mais alguns pontos que revelam que a Igreja na Itália tem muito mais autonomia e mesmo poder sobre o Estado Italiano do que no caso brasileiro, onde “os ministros legislão sobre a religião; affirmão do alto da tribuna que são grandes nos orientes da maçonaria e filhos submissos da Igreja, e julgão ter salvado a pátria sómente porque accenderão uma vela a Deus e outra ao diabo” (“Justus”, 1874).

Ora, se retomarmos o livro raro de Santa-Anna Nery, *Le prisonnier du Vatican*, encontramos no capítulo II, *La Loi sur les garanties*, exatamente o mesmo discurso. Dizendo que o “governo italiano rende ao Soberano Pontífice honras reais sobre todo o território” (L.G. 1872:13). O segundo capítulo é o maior do livro de Santa-Anna Nery, são quase vinte páginas dedicadas exclusivamente a esta lei, que segundo seu próprio nome, garantia ao papado as seguranças jurídicas necessárias sobre o seu poder espiritual. Sendo, portanto, uma resposta do reino da Itália às nações católicas pela ocupação de Roma.

“Justus” irá citar e se basear exatamente nesta lei, que ele diz ter consultado na *Gazetta Ufficiale d'Italia*. Assim como Santa-Anna Nery, “Justus” irá demonstrar um profundo conhecimento sobre o campo jurídico, especificamente sobre o italiano e o brasileiro. Ora, se nos lembrarmos que Santa-Anna Nery era doutor em Direito e que nesta época, meados de 1874, há um hiato em sua produção jornalística, desde agosto de 1872, podemos suspeitar que “Justus” poderia ser o próprio Santa-Anna Nery ou alguém forjado por este novo círculo social do personagem central, formado pelo proprietário do *Jornal do Commercio*, por seu “padrinho”, dentre outros ultramontanos, como o já citado Alfredo Macedo.

Soma-se a esta hipótese, as informações prestadas por seus biógrafos, que dizem que após Santa-Anna Nery se separar dos velhos católicos, passou a viajar pelas capitais europeias em companhia de Júlio Contstâncio Villeneuve até se fixar em Paris. Porém, se Santa-Anna Nery não tinha dinheiro para ir ao congresso dos velhos católicos em Berlim, d'onde teria saído o dinheiro, agora, sem trabalho, para empreender tais viagens? Se estas viagens realmente existiram, o dinheiro poderia ser fruto deste trabalho, ainda como escritor, ainda de forma anônima, só que agora para um grupo preocupado em defender a ideia de que o Brasil era, exclusivamente, católico apostólico e romano. E que os bispos, D. Vital e D. Macedo Costa, como prelados da Igreja, tinham o direito, e mais que isso, tinham o dever de defendê-la, perante quem quer que fosse, inclusive do imperador Pedro II (Costa, 1886 *apud* Stella, 1887:11).

Deste modo, a RML em seu quinto aniversário de nascimento, já com a direção do conde de Barral e a chefia de redação de Santa-Anna Nery, abriu este número especial com um artigo intitulado: *Le conflit religieux de 1873 au Brésil, réponse de Mgr Macedo à M. le baron de Penedo*. O artigo foi escrito por Constanzo Stella e tinha objetivos bastante claros, expressos no próprio subtítulo do artigo. Mostrar a resposta de Macedo Costa ao barão de Penedo em relação a sua missão junto ao Vaticano, em 1873, segundo documentação inédita. Revelações estrondosas, segundo Stella, principalmente nos meios diplomáticos e religiosos. Portanto, ainda segundo seu autor, era preciso dar publicidade ao texto, escrito originalmente em português, numa língua que pudesse correr o mundo: o francês.

Desta forma, a RML, de forma indireta, da voz ao D. Antonio de Macedo Costa, por meio de uma fala dura, acusativa e desafiadora: “L’heure est arrivé, Monsieur le baron [Penedo], de tirer au clair tout cela, et de liquider nos comptes” (Costa, 1886 *apud* Stella, 1887:11). Macedo Costa, em resumo, defenderá a tese de que o barão de Penedo falsificou os documentos produzidos pelo Vaticano para favorecer o governo brasileiro e deslegitimar os bispos perante a própria Santa Sé.

La lettre, dit Mgr de Macedo après en avoir donné le texte et la traduction, fait l'éloge du zèle comme hautement criminel. La lettre qualifie la maçonnerie de peste pernicieuse; le gouvernement la présentait comme une société inoffensive. La lettre dit que la société maçonnique a été condamnée à diverses reprises par les Souverains Pontifes; les gouvernement prétendait que les catholiques du Brésil pouvaient en faire partie, parce que les Bulles pontificales n'avaient pas force de loi dans l'empire (...). (Stella, 1887:18)

Assim, a RML, sob direção do conde de Barral e a redação-chefe de Santa-Anna Nery, expõe o Estado Imperial brasileiro, em língua franca, para que o “mundo latino” soubesse que

a Santa Sé, no que concerne à “questão religiosa” no Brasil, ficou ao lado dos seus bispos e não ao lado do Estado Imperial, conforme publicações do barão de Penedo. Deixando claro, que ao menos nesta questão, o pendão da *Revue* estava mais voltado para as ideias ultramontanas do papado de Pio IX, propagado e defendido pelos bispos D. Vital e, principalmente, D. Antonio de Macedo Costa¹¹⁵, do que ao Império brasileiro de Pedro II, sob o ministério maçônico do visconde de Rio Branco¹¹⁶. Demonstrando, mais uma vez, que os “países latinos”, antes de serem monárquicos, eram, essencialmente, católicos.

2.6 A mátria amada

A partir da análise das três primeiras obras de Santa-Anna Nery, quase que proibidas, devido a grande dificuldade em acessá-las, percebe-se que a religião teve um peso determinante em sua formação. Como ele mesmo aponta, ainda que de forma bastante indócil, em *Le prisonnier du Vatican*:

Il est terrible, ce Catholicisme, pesant de tout son poids sur la poitrine et sur les membres de la Société moderne qui ne peut ni respirer ni faire un mouvement sans se ressouvenir qu'il est toujours-là! Il a fait l'éducation de nous-mêmes et déjà de nos enfants, et nos pères et nos grand-pères, qui en subissaient toute l'influence, n'ont pu émettre les idées nouvelles sans leur laisser encore ce vêtement de l'autorité cléricale (...). (L. G. 1872 :65).

Buscando nas entrelinhas do texto traços biográficos do autor, podemos nos fazer a seguinte indagação: Não seria também esta “autoridade clerical”, descrita pelo jovem Santa-Anna Nery, o próprio D. Antonio de Macedo Costa? Seu “padrinho”, portanto, responsável pelo jovem brasileiro que parecia não se adaptar ao ambiente austero dos seminários europeus? “Este catolicismo” deveria ser um “peso sobre os ombros” deste jovem: sozinho na

¹¹⁵ Pois d. Antonio de Macedo Costa publicou, incansavelmente, uma série de textos sobre a “questão religiosa” no Brasil, durante e após o ocorrido. Já D. Vital morreu, muito jovem, em Roma no ano de 1878; e ao que se depreende faleceu depressivo, carregando a culpa, cristã, por todas as consequências da “questão religiosa”, sobretudo àquela arremessada pela Missão Penedo e a possível repressão – desmentida posteriormente por Macedo Costa – do próprio Pio IX.

¹¹⁶ Entretanto, no ano seguinte, a RML publicou mais um artigo sobre a “questão religiosa”, denominado: *Encore 'le Procès des évêques' au Brésil, un point de fait*. O artigo, também anônimo (***, 1888), trazia, agora, a versão do barão de Penedo. Certamente, Santa-Anna Nery e o conde de Barral foram pressionados a fornecer um espaço da revista para o difamado barão de Penedo. Além disso, o conde de Barral, filho da condessa de Barral, tinha relações pessoais bastante próximas tanto com o Imperador, quanto com Penedo, que de certo modo, lhe obrigava a fornecer uma reparação a este último, o que parece justificar o título do artigo.

Europa, órfão de mãe, longe da família que lhe restou, do pai, da irmã, dos meio-irmãos, que mal conheceu, e tendo como “padrinho” um bispo que de vez em quando vinha lhe render visitas e ainda insistir para que ele seguisse a carreira clerical.

Em contraponto, o encontro com o padre Hyacinthe deve ter sido revolucionário para o jovem Santa-Anna Nery. Pois ele descobrira outro catolicismo, uma nova velha forma de pensar a Igreja Católica. A reforma liberal, na qual a “religião não interferiria mais nos debates nacionais, civis e sociais” (L. G., 1872:65). Compreendera também dois novos sujeitos na ordenação do mundo: o Estado e a Nação. O primeiro, o “verdadeiro” responsável pela educação e pela liberdade do indivíduo; além de permitir à Nação seu “natural desenvolvimento”. Santa-Anna Nery encontrara nesta abordagem um catolicismo compatível com suas angústias de um “exilado voluntário”. A separação entre a Igreja e o Estado ajudava-o a diminuir o peso da infalibilidade daquele catolicismo, a infalibilidade do Papa, o bispo de Roma, e por que não de outros bispos, como D. Antonio de Macedo Costa? Com este reformismo liberal, finalmente, os poderes seriam divididos e o peso citado acima pelo jovem Santa-Anna Nery, absolutamente dirimido.

Mas, como bem lembrara este jovem, a separação entre a elaboração política e as ideias religiosas é matéria “terrivelmente difícil, senão impossível, sobretudo quando essas ideias têm entraves e seguem fidedignamente certas doutrinas”. Finalizando, quase que com uma profecia para sua própria vida: “Muitos entre nós se religarão ao papa pelo espírito da contradição e pelo amor próprio da nacionalidade (...)” (L.G., 1872:72, 73). Neste trecho, Santa-Anna Nery se refere aos franceses que tensionariam a abandonar o movimento dos velhos católicos pela rivalidade com os alemães, os grandes responsáveis pela fomentação e perpetuação do movimento, sobretudo pelo trabalho de Döllinger. O jovem Santa-Anna Nery, assim como o próprio Hyacinthe, se desligou dos velhos católicos, este último seguiu caminhos protestantes, já Santa-Anna Nery, como vimos, se religou ao papado, por meio de seu novo círculo “latino”, com vistas à “ideia nacional”.

Deste modo, acreditamos que Santa-Anna Nery e Pedro do Rego construíram, ou melhor, reconstruíram juntos sua biografia. Com objetivos de apresentar à sociedade do Rio de Janeiro, apenas os grandes feitos do amigo, além de todos os louros conquistados no Velho Mundo e que restavam ser adquiridos no Brasil, após sua ausência de mais de 20 anos. Nesse sentido, valia a pena mostrar que Santa-Anna Nery chegou a tecer alguma relação com os

velhos católicos e principalmente com Leon Gambetta¹¹⁷. Pois este último morreria exatamente neste ano de 1882, ano em que, coincidentemente, Santa-Anna Nery a casa torna. Já os velhos católicos, como vimos, foi um movimento bastante atuante no Brasil que correlacionou diferentes correntes da política brasileira, sobretudo aquelas ligadas à maçonaria, em prol da autonomia do Estado perante a Santa Sé, motivados, primeiro pela “questão romana” e depois pela “questão religiosa”. Assim, quando Rego diz que Santa-Anna Nery se separou dos velhos católicos em função do casamento de Hyacinthe, ele busca despolitizar sua saída, revelando apenas a “coerência” de um católico apostólico romano para com as antigas leis do celibato católico, defendida mesmo pelos velhos católicos.

Nesta reconstrução, certamente suas primeiras obras não seriam bem quistas. Principalmente por aqueles membros católicos e monarquistas da RML. Assim, esse estranho desaparecimento de suas três primeiras obras, tanto das estantes francesas como das brasileiras, países em que Santa-Anna Nery mais atuou, é fruto de uma autocensura, uma política pessoal de esquecimento e ocultação, ou melhor, de ressemantização. Pois ele nunca deixou de citar ser autor dessas obras, só não revelava seus conteúdos. Pois, como afirmara Dellestable (1872:1), um dos poucos homens que teve acesso a esta obra, “A publicação, pelo seu título, cria-se algo, piedoso, devoto, católico; mas (...)”¹¹⁸. Assim, não havia nenhum problema em colocá-las no currículo de um autor que parecia querer demonstrar uma unidade existencial em torno de dois postulados: o catolicismo romano e as monarquias constitucionais do século XIX, da qual a brasileira seria exemplar, não fosse sua queda em 1889.

Desta forma, Santa-Anna Nery não só limpou as estantes das instituições católicas¹¹⁹ – francesas e brasileiras –, como apagou de seu passado essas memórias anticlericais e

¹¹⁷ Viotti (1953) analisando a influência francesa em São Paulo diz que diversos políticos brasileiros mantiveram correspondências com Gambetta, influenciando teoricamente a formação do movimento republicano em São Paulo e no Brasil.

¹¹⁸ Bastante revelador, neste senso, é o parecer da “Comissão subsidiária de trabalhos históricos” do IHGB, composta por Sacramento Blake e o Dr. Cezar Augusto Marques, para o ingresso de Santa-Anna Nery no grêmio brasileiro: “Pondo de parte obras publicadas pelo Dr. Sant’Anna Nery, que não se referem propriamente ao Brasil e á nossa historia, como O prisioneiro do Vaticano, escripto em que elle patenteia toda a extensão de seus sentimentos catholicos. As finanças pontificias, obra impressa por determinação do governo italiano, e a A logica do coração, trabalho philosophico que foi logo traduzido para o inglez, para o allemão, para o portuguez” (Blake e Marques, 1885:365). De certo modo, os parecistas seguem o roteiro exposto na biografia produzida por Rego (1882).

¹¹⁹ Certamente auxiliado pelos seus novos e antigos aliados ligados à Igreja de Roma, como D. Antonio de Macedo Costa.

republicanas, fornecendo à sua história a coerência necessária para se tornar propagandista, na Europa, de um país “verdadeiramente”¹²⁰ católico e monárquico: a pátria amada.

Daí surge mais uma impressão da obra neryana: a pátria como evocação à figura materna: a mátria. Apesar de toda carga semântica patriarcal, provinda do latim *patri* – terra do pai – pátria é um vocábulo feminino. Assim, para Santa-Anna Nery, quando da defesa do Brasil nos jornais europeus, o mesmo explicita sua política e sua noção de pátria. “A minha política cifra-se em defender o Brasil no estrangeiro sempre que o Brasil tenha razão e ainda mais pertinazmente quando não a tenha. A pátria é mãe: ninguém confesse os defeitos da mãe a estrangeiros”¹²¹.

Nesta metáfora neryana – chauvinista¹²² –, pátria é essencialmente católica. Não só por tudo que foi visto e discutido até este momento, mas principalmente por sua origem materna. Pois fora de sua mãe que Santa-Anna Nery apreendera o catolicismo¹²³, que o acompanharia por toda sua vida e morte. Além desta herança materna, Santa-Anna Nery, após esta reviravolta entre velhos católicos e ultramontanos, resolveu se apropriar do nome de sua mãe, um nome santo, quer dizer, uma santa: Santa Anna. Pois em todos os registros que pesquisamos, antes desta suposta ruptura com os velhos católicos, portanto, anteriores a 1872, encontramos em seus textos e documentos apenas o nome “Frederico José Nery”. Pressupondo que este fora seu nome de batismo, assim como de sua irmã e de seus meio-irmãos; a família “Nery”¹²⁴. O que nos leva a pensar que, nesses “anos nefastos” do início da década de 1870, o jovem Nery parecia ainda não ter encontrado sua identidade, ou melhor, queria modificá-la, pelo nome. Ao mesmo tempo em que mudara de grupo e de foco – da “questão romana” para a “questão religiosa” –, se dedicando, agora em 1874, exclusivamente às suas origens, à terra natal: o Brasil; com todas as suas questões nacionais a serem resolvidas, construídas e difundidas, seja no próprio Brasil, seja na Europa. Para tanto, o

¹²⁰ Em diversas passagens de textos ultramontanos encontramos este qualificativo para o catolicismo romano, como o “verdadeiro”.

¹²¹ Esta citação é relatada por Borges (1986: 134) que não aponta a sua fonte, depois encontramos a mesma ideia no jornal *Ilustração* do Rio de Janeiro, no qual o autor anônimo, exaltando os feitos do amigo descreve “o patriota exaltado, trabalhando constantemente pelo bom nome do seu paiz. Sant’Anna Nery dizia-nos um dia: ‘A minha politica cifra-se nisto: defender o Brazil no estrangeiro sempre que o Brazil tenha razão... e defendê-lo ainda mais pertinazmente quando mesmo a não tenha. A patria é mãe. Ninguém confesse os defeitos da mãe a estrangeiros!’” (Sant’Anna Nery, 1884:134).

¹²² O início da frase supracitada é uma paráfrase de uma ideia chauvinista criticada por um autor anônimo na RML: “Le chauvinisme, cette pourriture du patriotisme, est une infirmité incurable des Latins. ‘Je veux que mon pays ait raison alors même qu’il a tort, et je n’avouerai jamais qu’il n’a pas raison, dût mon obstination entraîner sa perte (...)’” (Les trahisons diplomatiques, 1885:70).

¹²³ Na apresentação do livro *La logique du coeur*, o jovem Santa-Anna Nery diz: “J’ai écrit ces pages sous un autre ciel, moins beau peut-être que celui-ci, mais où, pourtant, j’ai eu le bonheur de connaître avec les grandeurs de la religion de ma pauvre mère, toute les douceurs de la vraie amitié” (1871:3).

¹²⁴ Cf. Genealogia de Santa-Anna Nery.

jovem Frederico José Nery ameniza sua carga patriarcal harmonizando-a com o nome católico de seu legado materno. Mostrando, assim, que não era apenas filho de Silvério José **Nery**, mas, antes, de sua falecida mãe Johanna de **Santa-Anna**. Além de deixar bem claro, em sua assinatura – **Santa-Anna Nery** – e em seu brasão¹²⁵, malgrado os diferentes grupos católicos em que atuou, que era apenas um católico, *tout court*.

Nos próximos capítulos analisaremos a contribuição, agora, de Santa-Anna Nery, como homem de letras, de ciências e de negócios para a construção e divulgação deste Brasil monárquico e católico na Europa, em fins do século XIX: projeto nacional que sucumbiria ao centenário da “Revolução das revoluções”.

¹²⁵ Impresso na capa desta tese.

Ilustração 3 – Desenho de Santa-Anna Nery publicado no
Jornal *L'Amérique*, Paris, 14 de junho de 1889

Capítulo III

3 APÓSTOLO DAS LETRAS PÁTRIAS

Se a educação da criança deve ser feita por meio da escola, a do cidadão deve ser feita pela imprensa. Dahi provém innúmeras obrigações para os escriptores que tomam sobre si a missão de trabalhar para essa obra civilisadora (Santa-Anna Nery, 1884g:29 e 30).

No dia 14 de abril de 1888, Ferdinand Denis recebeu um convite do *Comité Franco-Brésilien pour l'exposition universelle de 1889*. A carta vinha assinada por Santa-Anna Nery e Eduardo Prado. O conteúdo expunha o objetivo: “A Comissão de Propaganda para a Exposição de 1889 reunir-se-há no Grand Hôtel, Boulevard des Capucines, a 16 do corrente, 2ª feira, às 4 h ½ da tarde em ponto”. Por essas linhas portuguesas vê-se que o público são os brasileiros na Europa e selecionados “amigos do Brasil” que compreendessem o seu idioma. Ferdinand Denis certamente era um dos mais importantes admiradores deste país situado nos trópicos, conhecendo-o bastante, especialmente, em seus aspectos históricos e literários. Denis contava neste momento com oitenta e nove anos de vida, grande parte desses dedicado a promover e a estudar a cultura ibérica e os países da atual América Latina, além de colaborar assiduamente com a biblioteca Sainte Geneviève, em Paris¹. Biblioteca que era quase que uma extensão de sua casa, onde passava a maior parte do tempo e que deixou para o seu acervo rico e vultoso material sobre o atual território do Brasil, desde os tempos da conquista. Documentos preciosos que ainda aguardam a garimpagem dos pesquisadores².

Convidar Ferdinand Denis para participar de uma reunião da “Comissão de Propaganda” desta exposição, era uma estratégia bastante perspicaz dos organizadores, a fim de legitimá-la tanto pelos amplos conhecimentos de Denis, quanto por seu prestígio social e intelectual por parte da *intelligentsia* francesa e brasileira³. Por certo, havia uma amizade

¹ Ferdinand Denis nasceu em Paris no dia 13 de agosto de 1798 e morreu nesta mesma cidade em primeiro de agosto de 1890. Com apenas 18 anos, Denis foi secretário do consulado francês em Salvador na Bahia por 4 anos. Esta passagem pelo Brasil parece tê-lo marcado profundamente, escrevendo o *Brésil* (dentre diversas publicações sobre este país) na coleção *L'Univers: Histoire et description de tous les peuples*, em 1837. Nos anos 1830, Denis ingressou na biblioteca Sainte-Geneviève, em Paris, donde foi, dentre outros cargos, seu diretor por mais de vinte anos, até 1885 (Sales *et al.*, 2012:1).

² Foi Ferdinand Denis, por exemplo, quem descobriu, e depois publicou, o único exemplar da obra de Yves d'Evreux – *Voyage dans le nord du Brésil* (1613-1614) – conservado na antiga Biblioteca Imperial de Paris (Garraux, 1898:315). Ferdinand Denis também foi o proprietário de todos os livros de Santa-Anna Nery encontrados hoje no acervo da biblioteca Sainte-Geneviève, além de conter grande parte dos números da *Revue du Monde Latin*. O *Guia de fontes para a história franco-brasileira* (Machado, 2002:245-249) traz alguns documentos desta biblioteca que podem ser verificados pelo sítio de internet de manuscritos franceses: <http://www.calames.abes.fr>. O Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) também detém valioso acervo sobre Denis e suas relações com o Brasil.

³ Segundo Antonio Cândido (2006:122), por exemplo, tanto Ferdinand Denis como Almeida Garret foram fontes diretas ao romantismo brasileiro, caracterizado pelo “critério da nacionalidade”, de estética romântica, relativista

entre os autores do convite⁴ e Ferdinand Denis que deve ter pesado para que o autor de *Brésil* aceitasse o pedido, apesar da idade avançada, e ajudasse esta comissão a realizar, senão o maior, o último grande empreendimento propagandístico do Brasil imperial na Europa. Haja vista que membros do governo imperial relutavam em participar desta exposição que comemorava o centenário de uma revolução que fora bastante cara aos membros da família real francesa e que tinha relação direta com os da família imperial brasileira⁵. Uma vez aceito o desafio, sobretudo pelo engajamento político-econômico do *Comité franco-brésilien*⁶, a base governista favorável à exposição aprovou o decreto de 18 de julho de 1888 que autorizava o governo a repassar até 300 contos de réis ao referido *Comité* para a participação brasileira na Exposição Universal de Paris (Catalogue Officiel, 1889:4; L'Empire du Brésil, 1889).

O trabalho iniciado pelo *Comité franco-brésilien* começara a colher seus primeiros frutos. Seus “homens de letras”, Santa-Anna Nery e Eduardo Prado, foram seus porta-vozes iniciais⁷, isso porque ambos viviam em Paris e contavam com uma extensa e elitizada rede social, composta por políticos, artistas, homens de letras, ciências e negócios da Europa e América Latina. Sendo os dois já consagrados, apesar de novos, em seus *metiers* e em suas relações. Tanto, que este fora um dos derradeiros, senão o último, compromisso profissional do velho Ferdinand Denis, pois certamente ele queria ver este Brasil monárquico – “civilizado” – divulgado da melhor forma possível, juntamente com seus amigos brasileiros⁸.

e ciosa dos fatores históricos. Alfredo Bosi (1994:98) no mesmo sentido diz que Ferdinand Denis, “autor de boa cultura ibérica e brasileira, já sob influência do historicismo romântico. Deixou um *Resumé de l'histoire littéraire du Portugal suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil*, Paris, 1826”.

⁴ Santa-Anna Nery (1883e:453) ao discutir a literatura contemporânea em Portugal dizia que com exceção de Ferdinand Denis “(de la Bibliothèque Sainte-Geneviève)”, nenhum outro sábio francês era capaz de apontar suas principais obras, analisá-las ou de lhes fazer uma boa crítica. Eduardo Prado (1889b) em seu artigo sobre a arte no Brasil para a Exposição Universal de Paris usará Ferdinand Denis como sua referência histórica. Ferdinand Denis também esteve presente na fundação da *Société Internationale d'études Brésiliennes*, idealizada por Santa-Anna Nery, realizada na sociedade de Geografia de Paris, em janeiro de 1886.

⁵ O Conde d'Eu, por exemplo, era o neto mais velho de Luís Felipe I, o rei deposto pela revolução de 1848 e filho do príncipe Luís Felipe José (duque de Orléans). Este último ficou conhecido como “Felipe Igualdade”, por ter votado pela morte de Luís XVI na convenção de 1792. Acabou provando do próprio veneno, pois também fora decapitado em 1793 (Larousse, 2010).

⁶ Sobre a formação deste cf. item 3.4 Bastidores da participação brasileira na Exposição universal de 1889.

⁷ O *Comité franco-brésilien*, fundado, do lado brasileiro, por eles e depois transformado no *Syndicat franco-brésilien*, ficou conhecido como o *Comité* iniciador da participação brasileira, conforme leitura sonolenta de Pedro II, registrado em seu diário no dia 29 de abril de 1888, às 11h: “Acabei de ler o impresso sob o título “Exposição Universal 1889. Comissão franco-brasileira iniciadora da Exposição de Paris, 1888. Vou deitar-me; estou com sono”. Santa-Anna Nery e Eduardo Prado foram também os responsáveis por reunir os brasileiros em Paris, além de simpatizantes como Ferdinand Denis, para colaborar com o *Comité* (L'Empire du Brésil, 1889).

⁸ Segundo Sales *et al.* (2012:2) a carta remetida por Santa-Anna Nery e Eduardo Prado ao Ferdinand Denis, em 14 de abril de 1888, encerra o acervo de Denis na biblioteca *Sainte-Geneviève*, no que se refere a compromissos laborais.

A imprensa era o local por excelência para este trabalho de propaganda. O jornal tornara-se no fim do século XIX um produto de consumação cotidiana. O aperfeiçoamento técnico e a redução dos preços de venda ajudaram a sua popularização. Pierre Albert (1970:65) chama o período de 1871 a 1914 como a “idade de ouro” da imprensa francesa, quando as tiragens diárias passaram de 1 para 5,5 milhões de exemplares apenas em Paris⁹. A imprensa passava a participar de todos os instantes e setores da vida francesa, “jamais ela havia sido tão ouvida”. Na leitura de Benedict Anderson (2008:67), o jornal é apenas uma “forma extrema” do livro, um livro vendido em escala colossal, mas de popularidade efêmera; indagando ainda se não seria uma forma de *best-sellers* por um dia, além de apontar sua obsolescência ao dia seguinte, como um prenúncio à própria finitude dos bens duráveis modernos que, curiosamente, vinha inaugurar¹⁰.

Anderson defende ainda a relação entre o jornal e o mercado como uma das fontes do vínculo imaginário das nações¹¹. Dizendo que o consumo diário do jornal, por vezes em dois períodos do dia, possibilita a criação de imagens quase que simultaneamente por milhares, milhões de leitores, causando uma “cerimônia de massa” dentro de um tempo vazio e homogêneo¹². O leitor, indubitavelmente, passa a ter consciência dos outros leitores, “cuja identidade lhe é totalmente desconhecida”. Para Anderson, essa é uma das imagens mais claras da “comunidade imaginada secular, historicamente regulada pelo relógio”¹³.

Para os homens de letras estrangeiros na “capital do século XIX”, o jornal, assim como o livro, reforçava este vínculo da “comunidade imaginada”, distante, por meio da propaganda pátria. Como uma forma de legitimação da nação estrangeira perante o “norte civilizador”, moderno, que significava a Paris de Walter Benjamin¹⁴. Além de angariar para a

⁹ Na *province* este número passa de 0,35 para 4 milhões (Albert, 1970:65).

¹⁰ Concordando com Marshall McLuhan, Anderson (2008:66) diz que “o livro foi a primeira mercadoria industrial com produção em série ao estilo moderno”.

¹¹ “Assim, dentro de um espírito antropológico, proponho a seguinte definição de nação: uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana” (Anderson, 2008:32).

¹² Anderson (2008), ao discutir as raízes culturais do nacionalismo, propõe que a possibilidade de imaginar uma nação só surgiu historicamente, dentre outras duas proposições, quando a cosmologia e a história se separam, daí a ideia de um tempo vazio e homogêneo, quando as origens do mundo e do homem deixaram de ser essencialmente as mesmas. Ele traz também o exemplo do romance neste tempo vazio e homogêneo, com a “ausência daquelas genealogias no começo do livro, que muitas vezes remontam à origem do homem, e que são tão características das antigas lendas e crônicas dos livros sagrados (Anderson, 2008:56).

¹³ “Esses companheiros de leitura, aos quais estavam ligados através da letra impressa, constituíram, na sua invisibilidade visível, secular e particular, o embrião da comunidade nacionalmente imaginada” (Anderson, 2002:80).

¹⁴ Renato Ortiz (2000:13) ao analisar a obra inacabada de Walter Benjamin, *Paris capital do século XIX*, diz, com base em anotações do autor, que ao renomear o seu projeto (originalmente de *As Passagens*) “desloca suas preocupações para uma totalidade que contém em seu bojo traços nodais para ser a “capital do século XIX”, ou melhor, um palco no qual se encenaria o drama da modernidade”.

“nação” propagandeada, não só certo reconhecimento, mas também o estreitamento das relações políticas, econômicas e culturais.

Santa-Anna Nery (1889a:XI) viera a se constituir na Europa, por meio de suas atividades ligadas à imprensa, no “*propagateur volontaire*” do Brasil, ora remunerado diretamente por membros do governo, ora por negociantes interessados no lucro desta propaganda pátria. Ele próprio transformara-se num desses homens de negócios, proprietário de jornais e revistas, que tinham o intuito exclusivo de propagandear suas “novas nações” no Velho Mundo, além de divulgar figuras políticas – nacionais – que lhe auxiliassem financeiramente ou politicamente nesta empreitada. Desta forma, Santa-Anna Nery conciliava e representava muito bem a interdependência entre o mercado e o jornal expressa por Anderson¹⁵.

Bastante revelador também é a expressão escolhida por Santa-Anna Nery para se autointitular: *propagateur volontaire*. Querendo demonstrar, com o qualificativo *volontaire*, que seu papel de propagandista do Brasil na Europa era algo espontâneo, portanto, sem remuneração e sem submissão a outrem, livre, quase que diletante, o que nos faz lembrar mais uma vez sua divisa: “nada por mim; por minha pátria tudo”.

Já o termo *propagateur* – propagandista – nos remete à formação educacional de Santa-Anna Nery com todas as suas contradições. Pois este termo fora empregado primeiramente pela Igreja Católica, no século XVII, quando o papa Gregório XV estabeleceu uma Comissão Cardinalícia para a Propagação da Fé (*Cardinalítia Commissio de Propaganda Fide*) que formava missionários para a difusão da religião com o auxílio de livros religiosos e litúrgicos. Era uma resposta à Reforma luterana, haja vista que a bíblia de Lutero fora um “*best-seller* extraordinário”¹⁶. Entretanto, enquanto Lutero propagava a sua fé em alemão, a Contra-Reforma insistia nas publicações em latim. O protestantismo compreendera, juntamente com o mercado editorial, a maior aceitação pelo uso das línguas vernáculas, que estavam sendo criadas e expandidas pelo capitalismo. Contribuindo diretamente para o surgimento da consciência nacional (Anderson, 2008:73-74).

¹⁵ Ortiz (1991:50) diz ainda que “a aproximação entre capital e mundo editorial também se manifesta na imprensa. Desde os anos 60 [XIX] os financistas começam a comprar vários jornais para a defesa de seus interesses. (...) Mas não se trata simplesmente de uma relação que se estabelece no nível ideológico; para ser rentável, um jornal requer investimento considerável; capital e edição são doravante partes de uma mesma engrenagem”.

¹⁶ Apesar de sua edição inicial ser de apenas 4 mil exemplares, ela fora excepcional para o período. Anderson (2008:67-74) complementa ainda que “nada menos do que 1/3 de todos os livros em alemão vendidos entre 1518 e 1525 era obra” de Lutero, abrindo caminho para a inauguração de uma “gigantesca guerra de propaganda religiosa que se alastrou pela Europa no século seguinte” (*Ibidem*:67).

Santa-Anna Nery por sua formação religiosa, ambígua, compreendera bem o uso da imprensa como propagação de ideias: religiosas e nacionalistas. Contudo, um novo elemento passara a moldar suas inquietações primevas, sobretudo, em razão de seu novo objeto de divulgação: o Brasil, “paiz novel e livre” (Santa-Anna Nery, 1884g:29). Para ele, o Brasil precisava se civilizar. O primeiro passo, para tanto, era torná-lo conhecido no mundo civilizado – a Europa ocidental –, que “nunca foi para nós mai carinhosa, nunca passou de madrastra”. Madrastra que desprezava o restante do mundo e qualificava o Brasil como uma “nação de selvagens” (Vêr, ouvir e contar, 19 de fev. de 1876).

Em sua constituição de propagandista do Brasil na Europa, Santa-Anna Nery buscara, por meio da imprensa, a modificação desta imagem, trocando “selvageria” por “civilização”. Entretanto, para que este “apostolado patriótico” pudesse se manter e se perpetuar, era necessário convencer os membros da elite brasileira para que lhe confiassem tal missão “voluntária”, fornecendo-lhe subsídios governamentais. Pois como nos lembra Santa-Anna Nery, lá pelos idos de 1880, “o ofício de cronista é duro mister pelo tempo que corre. Morar num quinto andar que os franceses, com os seus elegantes eufemismos, chamam de quarto. Não achar uma carruagem para ir à caça de notícias, e por mais de seus pecados, ter, custe o que custar, de alinhar um folhetim - será isto então vida regalada?” (Vêr, ouvir e contar, 6 de jan. de 1880).

3.1 *Vêr, Ouvir e Contar*

– um dos chefes deste jornal chamou-me e disse-me: “V. há de escrever-nos alguns folhetins, e há de tratar de *omni re scibili* e de mais alguma coisa que houver. O primeiro não há de ser lá essas cousas; o segundo há de parecer menos insulso, e d’ahi por diante V. estará senhor da matéria. Não havia remédio: aceitei. Note-se que eu acabava de chegar a Pariz, que eu deixara vivo, esplendido e folgazão, estava morto, luctuoso e melancólico. Não obstante, tomei a minha cruz e eis-me chegado ao termo do primeiro anno. (...) Não é facil, como julgão, interessar todos os leitores á narração desta vida européa (Vêr, ouvir e contar, 20 de jan. 1876:2).

No centenário do *Jornal do Commercio*, o mais antigo jornal em circulação do Brasil, foi lançada uma edição especial relatando e enfatizando os momentos mais importantes desta

folha fundada pelo francês Pierre Plancher, em 1º de outubro de 1827¹⁷. O editor e proprietário pelo jornal à época, Félix Pacheco (*apud* Sandroni, 2007:VII), dizia nesta edição especial, volumosa e secular que “a história do *Jornal do Commercio* está dentro do próprio *Jornal*”. Para narrá-la utilizou, portanto, publicações antigas do *Jornal*, além de correspondências inéditas entre os membros mais destacados. Dentre eles temos “a grande figura” de Francisco Antonio Picot, que de 1831 a 1890 ocupou diversos cargos, entre revisor, colaborador, chefe de redação, administrador e coproprietário. O Sr. Picot certamente foi o mais importante personagem deste jornal durante o século XIX. Nesta edição comemorativa, Félix Pacheco lhe deu papel de destaque para o período do Segundo Reinado (1841-1889). Entretanto, apesar de ser a “grande figura” do *Jornal do Commercio* para esta fase, careciam informações de ordem biográficas para situar melhor esta múltipla personalidade. Assim, Félix Pacheco se utiliza de um antigo folhetim – *Vêr, ouvir e contar* – publicado quinzenalmente nos rodapés do *Jornal do Commercio*, para noticiar sua saída com todos os louvores de quase sessenta anos de dedicação à mesma empresa.

Paris, 31 de Dezembro de 1890.

F. A. Picot

Hoje mesmo deixa as funções de representante da administração do *Jornal do Commercio* na Europa o Sr. Commendador Francisco Antonio Picot. O venerando octogenário retira-se ainda rijo, a despeito do peso dos anos, para desfructar ocios que fez jus, despendendo quasi sessenta annos da sua vida nesta empresa exclusivamente.

Não posso, não devo, não quero separar-me do meu velho chefe sem dizer-lhe adeus publicamente, e sem aproveitar-me do ensejo para lembrar aos leitores desta folha quem é o homem que por tão dilatado espaço de tempo, animou-a com a sua energia, levantou-a com o seu trabalho, ergueu-a com a sua inteligência ao grau de prosperidade em que hoje se acha. (...) desejo apenas enfeixar aqui algumas recordações pessoais, com a independência que elle sempre reconheceu no autor destas linhas.

(...)

Não sei se deixa muitos amigos, mas estou certo de que deixa muitos admiradores. (S.A.N, *Jornal do Comercio*. 24 jan. 1891).

O autor dessas linhas, como já foi apontado nos capítulos precedentes, foi Santa-Anna Nery. O criador do famoso folhetim que fez história na imprensa brasileira pelo *Jornal do Commercio*¹⁸. Sua ideia original foi inverter a lógica proverbial portuguesa que dizia: “ver, ouvir e calar”, substituindo o último termo pelo seu papel de escritor, de contador, de propagador do cotidiano nobre e burguês de Paris ao público desta folha fluminense. Iniciou

¹⁷ Sobre a história deste jornal em seus 180 anos de existência confira Cícero Sandroni (2007).

¹⁸ Sodré (1999:292) coloca o “Vêr, ouvir e contar” como o primeiro entre os principais folhetins da época da grande imprensa.

este folhetim ao final do ano de 1874 e o deixou quase que concomitantemente à saída do seu “velho amigo” Francisco Antonio Picot.

Pelo texto de Santa-Anna Nery, Picot sempre lhe forneceu a independência necessária para compor seus textos, diferentemente de grande parte dos demais colaboradores do *Jornal do Commercio*. Uma vez que Picot picotava sem nenhum pudor qualquer artigo que não seguisse a norma culta e o seu “bom senso”. Daí a frase final do artigo, demonstrando que o velho Picot havia criado muitas inimizades com o seu excesso de zelo. Nem mesmo os indicados pelo proprietário da folha ou mesmo por Pedro II passavam incólumes à diligência de Picot, que os demitia sem ressentimentos ou preocupação ao sinal de quaisquer deslizes¹⁹.

Neste rumo, o desligamento de Santa-Anna Nery com este folhetim é exemplar. Sabemos que foi o próprio Picot quem o destitui do ofício de folhetinista, não sabemos o motivo. Pelas correspondências de Picot se sugere uma incompatibilidade de tempo ou mesmo financeira²⁰ para tal ofício – como já expressara Santa-Anna Nery 10 anos antes, do “quinto andar” de Paris. Com o barateamento da mão de obra jornalística, a qualidade dos colaboradores também caía. Ao menos é assim que Picot se expressa sobre o substituto de Santa-Anna Nery, Jaime Séguier: “As chronicas do Séguier continuam a sahir cheias de erros que lhes tirão todo o valor. Há pedaços que não fazem sentido. Seria melhor suprimi-las de todo. Pois não haverá nesse escriptorio uma alma caritativa que consagre uma hora, de 15 em 15 dias, duas vezes por mez, 24 horas em todo o anno, para lêr uma segunda prova dessa malfada chronica?”²¹.

Talvez, por esta razão, apesar de Santa-Anna Nery não escrever mais este folhetim quando da saída de Picot, ele deve ter sido chamado para homenagear o “velho amigo” no lugar de Jaime Séguier. Uma vez que Santa-Anna Nery, ao menos até aquele momento, continuava como correspondente político do *Jornal do Commercio* em Paris. Para indigestão de Séguier:

Séguier ficou estomagado com o artigo de Labadic-Lagrange no *Figaro* de 11 para o qual chamei a atenção dos meus amigos na minha carta anterior. Estranhou que ahi se fallasse somente de Sant’Anna Nery como correspondente do Jornal em França. ‘Muito dado á *reclame* é este sujeito, diz Séguier. Depois do General Boulanger ainda não vi outro. Não me importo com gloriolas, mas dóe-me estar condemnado ao eterno *sic vos non vobis*. E não será o meu bom amigo quem estranhe que eu tenha muita honra em ser correspondente do seu Jornal e não veja com bons olhos

¹⁹ Cf. Picot, 16 jan. 1890 *apud* Como Francisco Picot (...), 1º de outubro de 1927:24.

²⁰ Nas últimas cartas trocadas entre Picot e os administradores do *Jornal do Commercio* no Rio de Janeiro há constantemente a informação de que Santa-Anna Nery estaria descontente com os valores recebidos pelo jornal, dizendo sempre que fulano ou sicrano de folhas francesas recebiam mais que ele. Até mesmo a esposa de Santa-Anna Nery chega a interceder junto a Picot para que o marido fosse melhor remunerado. Entretanto, Picot sempre dizia aos administradores do Rio de Janeiro que deixassem falar.

²¹ Picot, 12 jan. 1890 *apud Ibidem*: 23.

que outrem se attribua essa qualidade e implicitamente a paternidade dos meus artigos'. (Picot, 16 de jan. de 1890).

Por este desabafo de Séguier para Picot, vê-se que Santa-Anna Nery não era nenhuma unanimidade entre os brasileiros residentes em Paris. Além disso, ele é acusado de se aproveitar da “paternidade” dos artigos – *Vêr, ouvir e contar* – que já eram escritos por Séguier. Entretanto, o próprio Picot defendera Santa-Anna Nery desta acusação: “Séguier não tem toda a razão nesta queixa. Quando tirei a *Chronica* ao Nery, pediu-me este com insistencia que lhe mudasse o titulo de ‘Ver, ouvir e contar’. Tive muito trabalho em conserva-lo, e se Nery cedeu a final foi por consideração para comigo. Séguier pede-me, há muito tempo, que lhe deixe assignar os seus folhetins. Recusei sempre. Sou agora de parecer que vão assignados, ao menos, com as iniciaes de *J. de S.*”.

Dito e feito, em razão disso o *Vêr, ouvir e contar*, dedicado a saída de Francisco Picot, veio assinado com “S. A. N”. Fora a primeira vez que vimos as iniciais de Santa-Anna Nery neste folhetim. Durante 14 anos, de 1874 a 1888²², Santa-Anna Nery publicou quinzenalmente suas crônicas, sem assinatura, seja de Paris, onde morava, seja de outro lugar pelo qual passava.

Quando empreendeu uma viagem à Itália, em março de 1875, Santa-Anna Nery não deixava de relatar o que ocorrera em Paris, sobretudo, em assuntos relacionados à monarquia brasileira. Nesta ocasião, em Veneza, *Vêr, ouvir e contar* contestava a versão dada pelo jornal republicano de Thiers, *Bien Public*, que Pedro II teria decidido renunciar ao trono em favor de sua filha e de seu genro, o conde D’Eu, pois não suportava mais a pressão causada pela questão religiosa. Para espanto do cronista, tal notícia fora ainda reproduzida por outros jornais como o *Globe*, subindo “até as columnas do *Times* (...)”: “Safa! Que imaginação fecunda! Que sciencia da situação do Brazil! Problemas Sociaes! O redactor como que nos aponta no horizonte uma communa brasileira, e deixa-nos lobrigar pavoroso cataclysmas” (*Vêr, ouvir e contar*, 6 de maio de 1875:1).

Em diversos momentos deste folhetim, Santa-Anna Nery se refere a Pedro II com os mais dilatados elogios. Sempre que o monarca brasileiro estava de passagem pelo Velho Mundo, ou algo correlacionado a ele ocorria, Santa-Anna Nery não tardava em dar notícia. Assim o fez, quando a “Academia das sciencias também teve a sua sessão... magestática. No dia 25 do passado, o Sr. Daubrée communicou aos seus collegas o seguinte excerpto de uma carta que recebera de S. M. o Imperador do Brazil.” Nesta carta, Pedro II informava à

²² Santa-Anna Nery (1898a:75) diz que escreveu este folhetim 14 anos, entretanto, como vimos, ele chegou a publicá-lo depois de 1888 de forma esparsa.

Academia sobre um terremoto que ocorrera em São Paulo e ensaiava sobre suas possíveis causas, “na falta de informações de caracter científico”. O Imperador tendia a crer se tratar de algum desmoronamento subterrâneo, proveniente do solo, uma vez que o “proprio nome indígena do lugar – *Sorocaba* – significa lugar de fendas”. Santa-Anna Nery finaliza este tópico “magestático” do folhetim com o seguinte comentário: “Não falta quem admire o imperador russo que, de bengala na mão, ensinava às suas tropas os exercícios militares: *meia volta á direita! volver!* Prefiro o monarcha que disserta com a simplicidade de um erudito sobre questões que tanto interessão o mundo scientifico” (Vêr, ouvir e contar, 27 mar. 1875:2). Não tardaria muito tempo para Santa-Anna Nery anunciar que a mesma Academia francesa elegera Pedro II como seu membro correspondente. Até o telegrama do imperador agradecendo a eleição viria a ser publicado (Vêr, ouvir e contar, 10 abr. 1875:4).

Outra marca deste folhetim neryano são suas anedotas finais, geralmente relacionadas à nobreza. Santa-Anna Nery parecia querer com seus desfechos anedóticos – reais – que assim como o Brasil era monárquico e estava ligado dinasticamente às monarquias europeias, ele também tinha suas aproximações com a realeza, a ponto de saber detalhes burlescos da vida íntima de “Vossas Altezas”. Deste modo, por exemplo, ele expõe a fúria inconsequente da rainha italiana:

Um povo que nunca há de pedir contas ao rei, é o italiano (...).

Um dia, Victor Manoel presidia o conselho dos ministros; de repente, trazem-lhe um bilhete da condessa, com essas palavras: “Vem depressa. O Manoel está tão endiabrado, que, se não chegas já, dou com elle pela janella fóra.” O rei da Italia leu o bilhete, e, mostrando-o aos ministros: “Senhores, disse, vejo-me obrigado a deixalos. Conheço-a: seria capaz de fazer o que diz, e por isso vou-me.” E foi-se!” (Vêr, ouvir e contar, 18 de nov. 1874:1).

Esse viés monárquico do autor de *Ver, ouvir e contar* lhe proporcionou extensa rede social entre os membros da elite brasileira, como os citados por Rego em seu *Álbum Literário*²³. Por outro lado, lhe garantiram boas e duras críticas dos colaboradores da *Revista Ilustrada*. André Gil, por exemplo, dizia que Santa-Anna Nery era um plagiador, por meio das transposições linguísticas das folhas francesas, sobretudo o *Figaro*, para o jornal fluminense. Deste modo, Gil relata em tom jocoso:

Pudesso eu seguir a mesma estrategia de ir-me inspirar na Europa, o veriam que boas *Chronicas*, havia de dar aos leitores da *Revista*. Estabelecia logo concorrência com o folhetinista do *Jornal*.... Era *Figaro* quá *Fígaro* lá, thesourada d'ali thesourada de ca, e estava alinhavada a *Chronica*, rematando-a com alguma anedocta do *Charivari*, bem antiga, a mais antiga possível, ou ainda mais antiga. Somente havia do escolher um titulo mais analogo ao programma e em vez de *ver*,

²³ Cf. nota 26 do primeiro capítulo.

ouvir e contar, escrevia mais escrupulosamente: *escolher, traduzir e mandar...* (Gil, 30 de jun. de 1877:2)²⁴.

Junio, da mesma *Revista*, insistiria ainda sobre o *Figaro*, destacando agora o antirepublicanismo e o clericalismo de Santa-Anna Nery.

Outra andorinha que não faz verão é o autor do *ver, ouvir e contar*, do grande orgam. Elle, que só lê o *Figaro*, de que nos dá uma segunda edição incorrecta, é contra a republica, é contra Grevy e acha que tudo vai pessimamente em França. E' a mania de querer tapar o sol com as mãos.

E pretende collocar Napoleão IV no throno, restabelecer a monarchia em França, intrigando Gambetta com papá Leonardo e escrevendo ao Varejão que Grevy tem andado mal.

E' bastante tolo para a gente rir-se apenas.” (Junio, 05 de abr. de 1879:6).

Em outro número, com mais um jornalista da *Revsita Ilustrada* a ivestir contra o autor de *Vêr, ouvir e contar*, fica claro que eles não só sabiam quem era o autor, mas conheciam ainda suas influências mais silenciadas: “(...) e finalmente, de Paris, o sachrista do padre Jacintho a descompôr a republica franceza que deve estremecer em sua base com a opinião do *Vêr, ouvir e contar*. Estou mesmo a ver que um dia o Sr. Nery desmorona a republica do Sr. Grevy e colloca o Sr. Leonardo no throno da França!” (Lino, 08 de nov. de 1879:6). O jornalista expõe para o público de forma bastante irônica e sutil a grande contradição de Santa-Anna Nery: a influência dos velhos católicos (“Jacintho”, o ex-padre Hyacinthe) e do papado (“Sr. Leonardo”, o papa Leão XIII).

Parece que Lino obteve essas informações de André Gil, o responsável por rebatizar o folhetim para *escolher, traduzir e mandar*. Gil parece ter sido o primeiro jornalista da *Revista Ilustrada* a combater Santa-Anna Nery publicamente. Em publicação de setembro de 1877, Gil expõe em quase duas páginas da *Revista* – lembrando que haviam apenas quatro laudas textuais – “o Sr. N... correspondente em Pariz para o *Jornal do Commercio*”. Tudo porque Santa-Anna Nery havia se ocupado da *Revista Ilustrada* em seu folhetim, dizendo, simplesmente, que não a lia e que ela era insignificante em números de assinantes. Munido deste desprezo literário, André Gil viria a lastimar o “Sr. N... (e lastimei porque conheço-o desde muito tempo.... desde que o ilustre folhetinista conseguiu a proteção do já esquecido

²⁴ Em outro tópico Gil continua sua crítica: “Com uma thesoura e um dictionario de Roquete estava feita minha carreira. Podia abastecer do folhetins todos os jornaes da Corte, sem mesmo exceptuar a *Gazeta* que ja os dá aos pares. E decididamente o folhetim é a questão da época, ou antes a epocha é do folhetim. É sobre os folhotinistas que se esteiam presentemente todos os nossos jornaes. Em vez do simples baixo-relevo é hoje o folhetim a base do nosso edificio jornalístico.” Sobre este último ponto, Renato Ortiz (1991, 2º capítulo), em sua análise sobre o mercado e a cultura francesa no século XIX, dirá que o folhetim é a consagração da literatura comercial.

padre Jacintho)”. Quer dizer, parece que André Gil conhecera Santa-Anna Nery desde os tempos de Roma, quando ainda assinava como Frederico José Nery e trabalhava em conjunto com os velhos católicos. Entretanto, ainda segundo André Gil, após conhecer o papa Leão XIII, “o grande cururú”, Santa-Anna Nery fora magnetizado por este papa, deixando de lado o “padre Jacintho”. A partir dessas considerações, bastante parciais de André Gil, temos uma nova hipótese para a separação entre Santa-Anna Nery e os velhos católicos. Mas deixemos esta informação para o segundo capítulo e adentremos ao terceiro.

Gil viria a acusar “o Sr. Nery.... (lá me escapou o nome!)” de mercenário. Ele não chega a usar esta palavra, porém utiliza uma de suas acepções ao dizer que “seu programa é ‘amontoar notícias por dinheiro’” (Gil, 8 de set. de 1877:3). Junio, outro colaborador da *Revista*, que como já vimos, também não dá trégua ao autor de *Vêr, ouvir e contar*, diz que Santa-Anna Nery é até “pouco ambicioso” por pedir “apenas dez contos por anno e algumas condecorações” prometendo “em troca ‘fazer escrever maravilhas do Brazil na imprensa franceza’” (Junio, 25 de out. de 1879:7). Junio se refere a uma das falas do próprio Santa-Anna Nery em seu folhetim.

Não chegamos a encontrar tal publicação citada acima, mas nos folhetins pesquisados deparamos-nos frequentemente, como já vimos, com assertivas de que a má imagem do Brasil na Europa dificultava uma série de trocas entre esses dois mundos. Num desses momentos, Santa-Anna Nery diz que os jornais europeus começam a se ocupar mais do Brasil, mas como este é “tão pouco e mal conhecido” (...), “qualquer boato menos lisonjeiro póde ser-lhe muito prejudicial”. Daí Santa-Anna Nery utilizar uma metáfora bastante espirituosa para as consequências desta má propaganda: “Estamos na posição da moça que faz a sua primeira entrada num salão, todos lhe observão o porte e o traje, e ai da coitadinha se lhe fôr desfavorável a primeira impressão; nunca casará!”. Santa-Anna Nery defende que o Brasil ainda se encontrava no salão e esse seria o momento para bem maquiar a “moça” em sua primeira aparição. Pois do contrário perderíamos “braços civilizados” e “comércio” para as “repúblicas do Rio da Prata” (*Vêr, ouvir e contar*, 16 nov. 1875:2).

Nesse contexto, temos um ponto nevralgico na obra neryana, desde suas publicações no *Jornal do Commercio* até sua inserção na *Revue du Monde Latin*, em 1883: a disputa “literária”, leia-se “política e econômica”, entre o Brasil e as repúblicas hispânicas na América. Tanto, que nos discursos e práticas, primeiro da *Société de Gens de Lettres*²⁵ (SGLe)

²⁵ Nos registros da *Société de Gens de Lettres* até o ano de 1878 não encontramos o topônimo “América Latina”, mas “América do Sul”, designando apenas as repúblicas hispânicas na América meridional. De outro lado, isolado, cita-se o Brasil (Cf. Montagne, 1889).

e depois da *Association Littéraire et Artistique Internationale* (ALAI), “Brasil” e “América Latina” não faziam parte do mesmo contexto geográfico. A começar pela forma de governo. Desse modo, tanto os monarquistas brasileiros relutavam em participar deste mundo “instável” latino republicano americano, quanto os intelectuais e políticos da “América Latina” viam com desconfiança a imagem da “ilha monárquica num mar de repúblicas”.

3.1.1 Brasil, Portugal e América Latina

O *Jornal do Commercio*, que ha quasi dois annos pouco mais ou menos tem feito praça de litteratura, e de um pouco de jornalismo, ha um anno, si tanto, na sua primeira columna — encetou no dia 17 no seu largo roda-pé uns estudos críticos (*caras e caretas*), filhos do mesmo author do *Ver, Ouvir e Contar*, daquelle mesmo que representou a nossa litteratura (?) no Congresso Internacional litterario durante o tempo da Exposição, sob o pseudonymo de Sant’Anna Nery (X. 22 de Fev. 1879:62).

Como se vê, o antinerysmo e, principalmente, os opositores ao *Jornal do Commercio* – “o grande organ” – não estavam circunscritos apenas aos jornalistas da *Revista Illustrada*. A citação acima foi retirada do jornal *O Besouro*. Folha crítica e satírica, também ilustrada, da segunda metade do século XIX. No trecho selecionado, que mostra apenas o primeiro parágrafo do artigo, o autor anônimo “X” busca logo de início deslegitimar o autor²⁶ de *Ver, ouvir e contar*, indagando – por meio de uma interrogação entre parênteses – qual literatura representava Santa-Anna Nery no “Congresso Internacional litterario durante o tempo da Exposição”?

O colaborador do *Besouro* se refere a participação de Santa-Anna Nery no primeiro congresso internacional de literatura, realizado em Paris e organizado pela SGL. Nesta ocasião, em junho de 1878, sob a presidência de honra de Victor Hugo²⁷, foi concebida a

²⁶ Deslegitimando também o próprio nome de Santa-Anna Nery, dizendo tratar-se de um pseudônimo.

²⁷ Edmond About, presidente da SGL resume bem tanto o papel de Victor Hugo entre os homens de letras, quanto o espírito liberal do encontro pós os “nefastos anos de 1870”: “Victor Hugo viendra, n’en doutez pas. C’est sa pensée qui nous anime; il vous répètera, dans son magnifique langage, ce que je vous explique aujourd’hui. Nous avons pensé qu’il était opportun, qu’il était bon de profiter de cette Exposition universelle qui, peu d’années après nos désastres, rassemble à Paris des nations soeurs par l’esprit et le libéralisme, pour réunir les Latins, les Anglo-Saxons, les Slaves, parmi lesquels aujourd’hui nous ne comptons que des amis et pas d’ennemis, afin de discuter, d’élucider cette question jusqu’ici indéterminée qui s’appelle la propriété littéraire, pour chercher un moyen de protéger efficacement les droits de la pensée. (Très-bien!)” (Congrès littéraire international de Paris, 1878:16).

ALAI. Este primeiro congresso em Paris formulou de maneira geral os direitos dos escritores. Proclamando que o direito do autor sobre a sua obra não era uma concessão da lei, mas uma forma de propriedade que a legislação deveria garantir; dentre outros temas, como o reconhecimento do autor sobre o direito de tradução, a proteção internacional do direito do autor, a igualdade entre os autores de todas as nações. Entretanto, conforme nos lembra um *homem de letras* daquele momento, “o Congresso não decide nada; mas discutimos e apoiamos as coisas mais justas, para que essas coisas se tornem lei” (Ratisbone, 1889:III)²⁸.

Deste modo, os congressistas elegeram a estrutura do comitê da ALAI para que este organizasse o estatuto da associação e demais deliberações, sobretudo, junto aos governos dos países ditos civilizados, para que os mesmos apoiassem as resoluções sobre os direitos dos autores. Ficou decidido que a sede da ALAI seria Paris²⁹. Em função da proposta de um membro alemão, estabeleceu-se também a criação de comitês nacionais, evidenciando-se mais uma vez a rivalidade entre alemães e franceses. Para o comitê sede foi eleito um comitê executivo composto por setenta e cinco membros. Como já nos lembrou “X”, Santa-Anna Nery representava o Brasil ao lado de L. Simões da Fonseca³⁰. Diferentemente deste último, Santa-Anna Nery foi um membro destacado tanto deste comitê, quanto dos congressos literários realizados em Paris (1878) e Londres (1879)³¹. Santa-Anna Nery fez parte ainda de um grupo bastante seleto de políticos composto por José da Silva Mendes Leal, ministro de Portugal em Paris e membro do comitê de honra da ALAI, Torres Caicedo, ministro de São Salvador em Paris e membro do comitê de honra da ALAI (representando a “América Latina”), Emilio de Santos, deputado pela Espanha e membro do comitê executivo e Frédéric Baetzmann, membro do comitê executivo pela Noruega. Santa-Anna Nery, nesta ocasião aparecia como membro do comitê executivo da ALAI representando o Brasil. Esta comissão especial foi responsável por entregar a Victor Hugo os primeiros resultados da ALAI, bem como seu primeiro boletim, grande parte dele dedicado ao congresso literário de Paris. A comissão se encontrou com o autor de *Os miseráveis* no dia 05 de janeiro de 1879. Mendes Leal, naquele momento presidente executivo da ALAI diz que Victor Hugo “foi o arquiteto

²⁸ Louis Ratisbonne foi presidente da ALAI durante a Exposição Internacional de Paris de 1889. Ele foi o responsável por prefaciar um compêndio sobre os dez primeiros anos da ALAI.

²⁹ C'est là on offet que les écrivains des divers pays peuvent le plus souvent former et entretenir entre eux des relations amicales et confraternelles (Ratisbone, 1889:VIII).

³⁰ Nos boletins da ALAI não há quase informação sobre Fonseca. Encontramos apenas que ele era o responsável por alguma revista de medicina.

³¹ Santa-Anna Nery se destacaria principalmente como eloquente orador durante os congressos e como articulador no que se refere à estrutura da ALAI. Foi também o relator do estatuto, organizou os comitês nacionais, dentre outras atividades. Esteve também entre os condecorados, em função do sucesso do congresso de Londres, com título de *officier d'académie* pelo ministro da Instrução pública da França, Jules Ferry (BALAI, n. 6, 1879:2).

desta obra, e se ela vive, é ao senhor que ela deve sua permanência” (Allocution de Victor Hugo, 1879:1). Santa-Anna Nery juntaria ao discurso de Mendes Leal que Victor Hugo havia sido eleito pelo comitê executivo como presidente de honra da ALAI e acrescentaria que “todos nós, vindos de todos os pontos do globo, nós vos aclamamos e nós somos confiantes e honrados de ter um mestre como o senhor à nossa frente” (*Ibidem*, 1879:2). Victor Hugo agradeceria a confiança que lhe fora depositada e falaria com o mais alto entusiasmo sobre uma “raça” destinada a “marchar a frente”.

La race des littérateurs, race rare, marchera devant; les peuples la suivront.
La paix universelle sortira de cette immense fraternité spirituelle.
Votre oeuvre est grandiose; elle réussira. Elle ne peut pas rencontrer d'hostilité, car elle répond à un idéal de communauté que tous désirent ardemment.
Vous qui êtes plus jeunes que moi, vous en verrez les fruits.
J'ai toujours pensé que de l'alliance des lettres surgirait la pacification des âmes.
Soyez remerciés, Messieurs, vous et vos confrères (Allocution de Victor Hugo, 1879:2).

Victor Hugo expressara e ajudava a legitimar um movimento universal – parisiense – em prol desses homens, provenientes de todas as partes do mundo “civilizado”, que se encontravam compatriotas de um mesmo governo: “a República das Letras”³². Torres Caicedo diria no terceiro congresso da ALAI, em Lisboa, com a presença augusta de Dom Luis I e Dom Fernando (o Rei-Pai), que a “ALAI realizou a vasta federação de povos inteligentes, ela fundou a república universal das letras”. Confirmando as intenções de Victor Hugo de que a ALAI representaria a “Justiça, Reparação, Paz, elevação do nível intelectual e moral; e num futuro não muito distante, ela levaria a substituição das lutas sangrentas e estéreis com ferro e fogo pelas lutas pacíficas e fecundas da pluma” (Caicedo, 1880:9-10).

Contraditoriamente, esta república das letras teria a patronagem de diversos monarcas europeus³³ e até mesmo Pedro II, o único imperador do Novo Mundo, seria eleito para o seu comitê de honra, ao lado de Joaquim Manuel de Macedo, visconde de Rio Branco e barão de Penalva. Eram quatro membros brasileiros compondo o comitê honorário, frente a apenas três

³² Desconhecemos o uso desta expressão para outros contextos, mas parece que já era uma ideia corrente a relação entre a imprensa e a forma republicana. Assim, por exemplo, 20 anos antes Machado de Assis (1859:48) já se exprimia: “O jornal é a verdadeira forma de república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, vivendo em si as frescuras das ideias e o fogo das convicções”.

³³ O príncipe de Gales da Inglaterra, o rei Leopoldo II da Bélgica, o rei Humberto I da Itália, o rei dom Luís I de Portugal e a rainha Elisabeth da Romênia. Entretanto, para esta estranha “república das letras”, encabeçava a lista dos “membros protetores” o presidente da República francesa (Ratisbonne, 1889:XIV). Além desses monarcas, haviam também outros nobres condecorados como membros honorários, como o Rei-Pai de Portugal Dom Fernando, o barão de Taylor pela França e o conde Léon Tolstoi pela Rússia (Comité d'honneur, 1879-1880:15).

da América Latina. Tal fato demonstra o poder de persuasão dos brasileiros, Santa-Anna Nery e Simões da Fonseca³⁴, em garantir um grande número de agraciados pela associação, a fim de destacar o Brasil, a partir de seu “sábio imperador”, como um país de literatos, portanto, pertencente a mais alta linhagem civilizacional, segundo os parâmetros da “República das Letras”. Isso também garantia aos membros brasileiros da ALAI certo prestígio entre os mesmos agraciados, que poderia lhes ser útil em algum momento. Em outros termos, grande parte do comitê de honra da ALAI era utilizado como moeda de troca pelo comitê executivo, com o intuito de angariar não só fundos para a Associação, mas também apoio político em suas deliberações, conforme o próprio estatuto da ALAI³⁵.

Entre os representantes do comitê de honra para a América Hispânica – a chamada América Latina – temos na figura de Torres Caicedo o grande mentor. Caicedo seria eleito presidente perpétuo da ALAI, além de membro honorário pela América Latina ao lado do presidente de seu país, a República de São Salvador, Rapahël Saldivar. Ambos foram responsáveis, ao menos para o ano de 1880, pelas doações que totalizaram 1000 francos para a ALAI. Uma soma bastante volumosa se comparado às demais doações, que variavam entre 50 e 200 francos³⁶.

A pequenina República de São Salvador se ajuntara com outra república da América central, a Costa Rica, para formar a “América Latina”³⁷. Após o congresso de Londres o bloco latino da América começara a inflar, com presença de colombianos, venezuelanos, argentinos e chilenos³⁸. Brasil continuava à parte. Não tardaria muito tempo, para que um representante deste novo ente geográfico presidisse a ALAI. Torres Caicedo a presidiu efetivamente entre os anos de 1879-1880, tendo como seu vice-presidente um membro do Brasil: Santa-Anna

³⁴ Durante o Congresso internacional de Londres, Santa-Anna Nery juntamente com Torres Caicedo indicam o “antigo presidente do Conselho dos ministros do Brasil, promotor da abolição da hereditariedade da escrevidão, publicista, o visconde do Rio Branco”, para membro honorário da ALAI. Já Pedro II e barão de Penhalva foram propostos por Alphonse Pages, secretário da ALAI ao lado de Simões da Fonseca (Congrès littéraire international de Londres, 1879:8 e 11). Importante frisar que o visconde do Rio Branco estava presente no Congresso de Londres (Santa-Anna Nery, 1880:71). Assim como A. d'Escragnolle Taunay, que fora eleito membro do comitê executivo ao lado de Santa-Anna Nery e Simões da Fonseca.

³⁵ Statuts (1880:11): “Des membres honoraires. Art. XVI. – Les membres honoraires sont choisis, soit parmi les personnes qui, par leur influence, leur caractère, l'éclat de leurs oeuvres ou de leur situation, ont rendu et peuvent rendre des services à l'Association, soit parmi les donateurs; ils ne sont astreints à aucune cotisation; ce qu'ils versent est reçu à titre de don. Ils peuvent assister aux séances du Comité exécutif avec voix consultative. Ils jouissent de tous les droits qui appartiennent aux membres associés”.

³⁶ A doação da República de São Salvador, pelas figuras supracitadas e para aquele momento, foi a maior contribuição de um país, equiparada somente pelo membro honorário Koechlin Schwartz (Liste des donateurs, 1880:16).

³⁷ Quando do primeiro congresso em Paris, havia também um membro da Costa Rica, também eleito honorário, Manuel Peralta. Foi Rapahël Saldivar o responsável pela indicação de Peralta durante o congresso de Londres.

³⁸ Os novos membros da “América Latina” votados pelo congresso de Londres foram “Lázaro M. Perez (Bogota). — V. E. Quesada (Buenos-Aires). — Cecilio Acosta (Caracos). — Victoriano Lastarria (Chili)” (Comité exécutif, 1879:3).

Nery³⁹. América Latina e Brasil estavam, portanto, no alto da estrutura administrativa da ALAI durante o seu terceiro ano de vida. Talvez não fora ao acaso a escolha de Portugal para realização do III Congresso literário internacional⁴⁰. Além disso, havia um fator para os latinistas da Associação que determinava a escolha de Lisboa como o local para o novo encontro: o tricentenário de Camões.

O responsável por colocar Camões em cena no interior da ALAI foi Santa-Anna Nery, por meio de uma conferência intitulada: *Camoëns et la littérature portugaise*⁴¹. Nesta, segundo apreciação do conde de São Miguel⁴², Santa-Anna Nery, ao render homenagem às glórias portuguesas, fazia obra de patriota, uma vez que a história do Brasil se confundia com aquela de Portugal (Inauguration des conférences, 1879:10).

Durante sua conferência, Santa-Anna Nery engrandeceria exatamente a grande extensão da língua portuguesa, apesar da pequenez do reino, dispersa pelos quatro cantos do mundo e ocupando, apenas na América do Sul, dois quintos do continente. Aproveitando assim para enaltecer o Brasil perante a América Latina de então. O conferencista iria ainda divulgar alguns sofismas sobre a língua de Camões, colocando-a como “primogênita entre as línguas latinas”, justificando tal elucubração em outro sofisma de que “todo português, mesmo iletrado”, poderia ler em latim devido a “enorme proximidade” entre a língua mãe e filha (Inauguration des conférences, 1879:10)⁴³.

Deste modo, Santa-Anna Nery procurava dar a Portugal e ao povo português, por meio da língua de Camões, certa relevância, que lhe fora renegado, sobretudo, entre os latinistas, inclusive a si próprio, se nos lembrarmos que Portugal nem esteve presente na suposta “federação latina”, em seu *Prisonnier du Vatican*⁴⁴. Além disso, parecia perdurar o velho

³⁹ Além disso, para este período havia outro presidente: Pierre Zaccone e mais dois vice-presidentes: Adolphe Belot e Campbell Clarke (BALAI, n. 5, 1879).

⁴⁰ Outro fator importante era a presença do português Mendes Leal na presidência efetiva da ALAI durante esta escolha.

⁴¹ Esta palestra realizada no dia 17 de novembro de 1879 na sede da ALAI inaugura uma série de conferências sobre literatura estrangeira em Paris (Inauguration des conférences, 1879:10).

⁴² Durante esta ocasião, o conde de São Miguel presidiu a conferência de Santa-Anna Nery ao lado de Torres Caicedo. Provavelmente por se tratar de um português associado da ALAI, além de ter profundas e antigas ligações com a monarquia portuguesa, uma vez que se tratava possivelmente do 9º conde de São Miguel (Cf. Pereira e Guilherme, 1915).

⁴³ Anos mais tarde, Olavo Bilac iria poetizar “A última flor do Lácio”, referindo-se à delonga da língua portuguesa em relação às demais neolatinas, as línguas de Lácio na península itálica.

⁴⁴ Importante ressaltar que em 1876 ocorrera a Conferência Internacional de Geografia, conhecida como Conferência de Bruxelas, que teve como objetivo, traçado pelo rei belga Leopoldo II, “abrir à civilização a única parte do nosso globo em que ela não havia penetrado”; estava anunciada a partilha da África pelas potências europeias. Portugal, por meio de sua longa história no continente africano, defendia para esta cartografia colonial, o “mapa cor de rosa” (o *fundo territorial* entre a Angola e Moçambique, atravessado oficialmente por Serpa Pinto). É neste contexto também que se dá a formação da Seção da Sociedade de Geografia de Lisboa no Rio de Janeiro, em 1878, a fim de angariar apoio brasileiro para as pretensões territoriais portuguesas na África

medo, proveniente da morte do rei Dom Sebastião, da União Ibérica sob a supremacia da Espanha. Daí Santa-Anna Nery também explicitar em seu discurso, logo de início, certamente por influência de seus amigos portugueses, de que a “língua portuguesa não é, como pretende alguns ignorantes um dialeto espanhol”. Evidenciando ainda que nem mesmo o espanhol era dominante na Espanha e que o português havia se constituído à parte do reino vizinho. Aproveitando, assim, para deslegitimar qualquer tese nacionalista, amparada sobre critérios linguísticos, que poderia ser aplicada à península Ibérica⁴⁵.

Segundo o boletim da ALAI “o sucesso desta primeira conferência teria sido tão grande que elevou Santa-Anna Nery ao nível dos grandes críticos”⁴⁶. Torres Caicedo finalizaria a sessão dizendo que as conferências da ALAI seriam um “verdadeiro curso de literatura universal feita por autores nacionais” (Inauguration des conférences, 1879:10). Nesse sentido, foram proferidas novas conferências vertendo sobre a América Latina (a hispânica), a Noruega e as Índias Orientais.

Concomitante a essas atividades, a ALAI iniciava a preparação do III Congresso internacional de Lisboa que trataria “especificamente e completamente da questão da tradução, isto é, da questão literária verdadeiramente internacional, que poderia se resumir em duas palavras: exportação e importação” (BALAI, n.9, 1880:8-9). Assim, foram formadas duas comissões: uma sobre os aspectos literários e outra sobre a questão legal no que concerne às traduções. Diversos foram os membros da Associação que se disponibilizaram a escrever sobre o estado da arte da tradução em seus países⁴⁷. Mendes Leal, por exemplo, ficou responsável pela literatura portuguesa. Assim, coube a Santa-Anna Nery o Brasil. Fora a primeira vez que encontramos uma publicação sua sobre a “mátria amada”, denominado *Brésil*⁴⁸.

(Cf. Mary, 2010). Nesse contexto também podemos compreender a realização do Congresso internacional de literatura em Portugal, que originariamente ocorreria concomitantemente ao Congresso internacional de geografia, também em Lisboa.

⁴⁵ A *Revue du Monde Latin* noticiou em alguns números, com bastante reprovação, propostas de republicanos espanhóis sobre a formação da “grande república Ibérica”, sobretudo após a queda da monarquia brasileira. O colega de Santa-Anna Nery do jornal *L'Événement*, Gaston Routier, publicou com bastante entusiasmo que em função da “Revolução no Brasil” “On pourrait réaliser alors le rêve du parti républicain espagnol et portugais: la République des États-Unis d’Espagne et Portugal” (*L'Événement*, 02 dez. 1889:2).

⁴⁶ Pedro do Rego (1882:12, o grifo é nosso) aproveita esta informação do boletim da ALAI para dizer que: “O boletim oficial da Associação Litteraria Internacional (...) o colocava ‘entre os primeiros críticos da França’”. Repare que Rego coloca ao final da citação do boletim o recorte: ‘da França’, que não existe na citação original.

⁴⁷ Ao todo apareceram membros da Alemanha, Inglaterra, América do Norte, Brasil, Dinamarca, Noruega, Espanha, França, Hungria, Itália, Polônia, Portugal, Romênia e Rússia (BALAI, n.9, 1880:9).

⁴⁸ Cabe aqui uma reflexão, pois tanto Faria (1905), quanto o próprio Santa-Anna Nery (1898a), colocaram nas orelhas de seus livros a listagem bibliográfica de Santa-Anna Nery encabeçada por *Un poète brésilien*: “Antonio Gonçalves Dias”. Colocado como seu primeiro livro, publicado em 1871, no mesmo ano de *Les Finances Pontificales*, só que antes deste. Deixando transparecer que Santa-Anna Nery entrara na vida literária pela

Temos neste contexto, homens de letras, jornalistas e editores⁴⁹ descendo às arenas pela pátria. Cada qual, representante de suas “nações” ou de algo que as aproximasse e lhes alargasse as influências, como a “América Latina” de então. Entretanto, como apontou Voltaire ainda no século das luzes: “L’homme de lettres est sans secours; il ressemble aux poissons volants; s’il s’élève un peu, les oiseaux le dévorent; s’il plonge, les poissons le mangent (...). L’homme de lettres est descendu pour son plaisir dans l’arène; il s’est lui-même condamné aux bêtes” (Voltaire, 1964:255)⁵⁰. Deste modo, se consolida a ideia do ofício de escrever como uma arma, a fim de combater, numa arena pacífica – “A República das Letras” –, em prol do progresso da humanidade. Em diferentes momentos dos boletins da ALAI, encontraremos referências aos seus membros como “apóstolos do progresso”. Os propagadores, os propagandistas, portanto, da fé na “civilização”, por meio da escrita, da comunicação em todos os seus níveis, materiais e intelectuais. Civilização compreendida como desenvolvimento técnico e científico das diferentes nações. Para grande parte desses homens de letras, o início deste progresso estaria atrelado à invenção de Gutenberg, descrita como “a força expansiva das mais potentes”, que não parou e assim se perpetuará: “é a sua lei, é a lei mesmo do progresso”. Progresso que, para esses “apóstolos” da livre circulação, da liberdade das ideias, não teria fronteiras nacionais (Mendes Leal *apud* BALAI, 1880, n.10:4)⁵¹. Contudo, apesar desta utopia universal, o ponto de partida, a base discursiva e territorial, seria justamente os Estados nacionais, por meio da legitimação dos mesmos perante a “República Universal das Letras”⁵².

literatura brasileira e não por assuntos religiosos. Em nenhuma das instituições que pesquisamos encontramos este suposto livro sobre Gonçalves Dias. Interessante que Rego (1882) diz que após a publicação de seus livros religiosos é que ele escrevera sobre Gonçalves Dias. O mesmo fato aponta o jornalista anônimo do *Ilustração* (Sant’Anna Nery, 1884:134), o que parece demonstrar que Santa-Anna Nery, ao se defender como um patriota, em seu livro sobre sua prisão em Fernando de Noronha (Cf. o item: 4.2 Degredado), buscou forjar sua bibliografia encabeçando-a com uma obra nacional.

⁴⁹ George Hachette (da editora Hachette), por exemplo, fora eleito vice-presidente honorário da ALAI.

⁵⁰ Este trecho, extraído do dicionário filosófico de Voltaire, foi reproduzido por Montagne (1889:VIII) a fim de situar o “homem de letras” na história da *Société des gens de lettres*. Nesse sentido, também, Rego (1882:9), logo na primeira página, dizer que “Sant’Anna Nery entra na arena literária realizando a sua divisa: *Sicut ensis calamus*, a pena é como a espada”, para explicar o seu ofício.

⁵¹ Torres Caicedo (BALAI, n.10, 1880:8) diria por carta aos participantes do congresso de literatura de Lisboa que “L’Association littéraire internationale, présidée par l’idée, a mis en pratique un grand principe: l’égalité de toutes les entités politiques devant le droit et l’intelligence. Pour l’Association, il n’y a ni petit Etat, ni homme secondaire: il n’existe que des pensées, la lumière, le progrès, l’internationalisation, dans le sens fécond et fraternel du mot. Pour cela, elle veut dire paix et abolition de frontières, de castes, de zones, de couleurs. Pour elle, il n’y a que la production et l’échange libre d’idées, moyennant le respect du droit d’autrui ; l’unité dans la variété, l’alliance dans le vaste champ du sentiment et du travail; l’émancipation de la pensée”. Dentro deste espírito liberal Caicedo proporia ainda a união econômica, “jamais política”, da península Ibérica: “Et peut-être, avant longtemps, le Portugal entrera dans une union douanière avec la péninsule ibérique et réalisera une fusion d’intérêts, jamais politique, avec l’alliée nation castillane”.

⁵² Enquanto isso, Leopoldo II estava dirigindo o Congresso de Berlim, e dividindo a África segundo critérios estritamente nacionais.

Nesse sentido, como dito, cada escritor buscará exprimir o “sentimento nacional”, consolidando a “consciência nacional” de seus Estados⁵³, por meio da mais “alta” literatura, como os representantes supremos desta ideia nacional universalizante. Ideia essa que seria tão bem empregada por meio das metáforas: língua de Camões, língua de Dante ou língua de Cervantes. Talvez, não por acaso, Santa-Anna Nery escolhera Camões para iniciar o seu apostolado pátrio em prol, primeiro de Portugal, mas, sobretudo, visando o Brasil. Pois faltava a este último, ao menos em sua visão, um autor – como Camões – que abarcasse em sua plenitude o Brasil e que tivesse ainda certo alcance universal. Santa-Anna Nery justifica tal carência em sua independência tardia. Inclusive para ele, 07 de setembro de 1822 seria também o dia em que nascera a nossa literatura, juntamente com a construção da pátria. Fruto da nossa liberdade política em relação à Portugal, que permitiu ao Brasil possuir “écrivains de tout genre, mais encore une littérature nationale, une littérature brésilienne, laquelle se distingue de la littérature portugaise proprement dite par la forme et par le fonds” (Santa-Anna Nery, 1880:68). Não impedindo, porém, à literatura brasileira as influências da “mãe pátria”:

Celle littérature n’a pas poussé sur notre sol comme le fruit d’une génération spontanée. Elle a subi, tout d’abord et naturellement, l’influence des écrivains de la mère-patrie, le Portugal. Tous nos poètes étaient des bergers du Tage, et tous nos hommes d’Etat célébraient à l’envi les beautés des vieux codes lusitaniens. Mais c’était là une influence imposée par les circonstances, presque fatale (Santa-Anna Nery, 1880:68).

Neste rumo, Santa-Anna Nery parece comungar nas mesmas “motivações expressas dos colonizadores portugueses nas Américas, na Ásia e na África (....) de *dilatar a Fé* ao lado de *dilatar o Império*, de camoniana memória”⁵⁴. No entanto, como lembrava outro português, Pinheiros Chagas, que se tornara amigo íntimo de Santa-Anna Nery, o Brasil era agora o grande herdeiro da língua portuguesa na América. Composto por “um imenso mercado, que a cada dia se torna maior” (Pinheiro Chagas *apud BALAI*, 1880:27 *passim*). Esta união entre os portugueses e os brasileiros da ALAI garantiam aos primeiros seus direitos de escritores reconhecidos pela “pátria-filha” e com isso obteriam mais rendimentos com a exportação de

⁵³ Assim, por exemplo, se expressa F. Baetsmann, (*BALAI*, n.9, 1879:53) em seu relatório sobre tradução na Noruega: Au même temps les auteurs norvégiens conquièrent, pour leur propre patrie, une importance croissante. Le sentiment national, déjà si vif, grandit et commence à devenir une véritable conscience nationale.

⁵⁴ Alfredo Bosi (1992:15). Em outro momento, Bosi (1994:155-56) diz que esta ideia de que o Brasil tem uma literatura original a partir da independência, que influenciou diversos autores “românticos” como Joaquim Noberto, Pereira da Silva e Varnhagen, tem seus ecos em Almeida Garret e Ferdinand Denis.

suas obras para editoras e teatros do Brasil⁵⁵. Já os brasileiros asseguravam, por meio da língua portuguesa, um maior reconhecimento civilizacional do Império do Brasil – “de camoniana memória” – com as antigas metrópoles europeias e, principalmente, à frente das repúblicas hispânicas da América: a “América Latina” de então.

Desta forma, Santa-Anna Nery, ainda por meio da língua, colocaria o português e o francês como línguas irmãs, “todas duas saídas do velho tronco latino”, para dizer que depois da língua de Camões era a “língua de Victor Hugo” quem mais influenciava os literatos e jornalistas do Brasil até aquele momento. Tanto por seus romances, quanto por suas obras científicas. Justificando tal influência pelos germes liberais da Revolução Francesa que invadiram o espírito dos governantes e homens de letras no Brasil⁵⁶. Assim, corroborando com os ventos liberalizantes da ALAI, Santa-Anna Nery (1880:71-72) ousa “pedir à comissão de tradução para apresentar no próximo congresso de Lisboa um voto solene para que o Brasil participe, enfim, a este movimento irresistível que se faz sentir em todos os países em favor das ideias de probidade intelectual”.

Certamente Santa-Anna Nery fora influenciado pelo ambiente da ALAI e, sobretudo, por seus amigos portugueses para solicitar tal demanda ao congresso de Lisboa e consequentemente ao governo do Brasil. Pois o mesmo nos lembra, ainda em seu relatório, que Pinheiro Chagas já havia solicitado por carta ao imperador Pedro II para que acabassem as apropriações indevidas de obras portuguesas pelos jornais e teatros do Brasil. Pelo visto não houve resposta positiva. Santa-Anna Nery, entretanto, lembraria ao eminente amigo que essas “pilhagens raramente eram feitas por nossos compatriotas”. Mas, sim, por editoras, diretores de teatros e adaptadores de peças “que são quase todos, senão todos, estrangeiros estabelecidos no Brasil ou que se acham de passagem. Nós erramos em lhes dar asilo. Nossa legislação erra em lhes proteger” (Santa-Anna Nery, 1880:72). Acostumado com os finais anedóticos de suas crônicas no *Jornal do Commercio*, Santa-Anna Nery terminava seu relatório sobre tradução no Brasil com uma metáfora que fora bastante difundida pelos

⁵⁵ Em outro trecho, Pinheiro Chagas fala da importância do mercado brasileiro para os “vitimados” escritores portugueses: “(...) parece qu’ils nous disent: Vous êtes un petit pays, c’est vrai, mais on parle votre langue en Amérique, vous avez là au Brésil un immense marché, qui chaque jour devient plus grand. Si nous vous accordons ce droit de traduire nos livres, les traductions vont remplir tout aussitôt le marché portugais et le marché brésilien. Eh bien! vous vous trompez, messieurs, et je profite de cette occasion unique qui m’est offerte, d’élever ma voix au sein d’un congrès européen, que dis-je? d’un congrès universel, pour signaler au monde tout entier un fait incroyable, dont nous sommes, nous autres écrivains portugais, les victimes (Pinheiro Chagas *apud* BALAI, 1880:34).

⁵⁶ Santa-Anna Nery (1880:69) usará também como exemplo a publicação nos jornais brasileiros e a encenação nas províncias de inúmeras traduções e adaptações de peças dramáticas francesas. Assim ele aproveita para listar uma série de peças que tem como autor seus amigos franceses da ALAI, como um dos presidentes Pierre Zaconne e o secretário geral Jules Lermina (Santa-Anna Nery, 1880:69).

corredores e boletins da ALAI: “Car il serait souverainement révoltant que la loi protégeât la moutarde Bornibus et laissât piller *Notre-Dame de Paris*, de Victor Hugo!” (Santa-Anna Nery, 1880:73)⁵⁷.

O Congresso literário internacional de Lisboa, realizado em setembro de 1880, terminava seus trabalhos com a seguinte resolução: “I – Au nom de la probité, de la justice et du progrès, émet le vœu que l’empire du Brésil, qui a aboli la traite et émancipé les esclaves, poursuive son oeuvre honnête et civilisatrice, en reconnaissant les principes élémentaires de la propriété littéraire”. O desejo exposto por Santa-Anna Nery havia sido defendido veementemente durante o encontro por Pinheiro Chagas e aprovado em plenária. O único brasileiro presente no congresso foi o paraense José Veríssimo, que aproveitou para contestar o discurso de Pinheiro Chagas e indiretamente, sem citá-lo, atacar Santa-Anna Nery pela forma como colocou a questão em seu relatório⁵⁸.

O Congresso de Lisboa terminara sem a indicação de nenhum brasileiro para compor o comitê executivo. Parecendo transparecer que a resolução final do congresso poderia afetar indiretamente os brasileiros envolvidos, especialmente aqueles que buscavam na monarquia reconhecimentos e rendimentos. Além disso, os quatro brasileiros indicados e votados pelo congresso de Londres como membros honorários da ALAI, parecem não terem aceitado a indicação, uma vez que nos boletins posteriores seus nomes foram retirados desta lista especial⁵⁹. Entretanto, Simões da Fonseca continuara como membro da ALAI durante muitos anos⁶⁰; já Santa-Anna Nery simplesmente desaparecera após seu primeiro trabalho sobre o Brasil.

⁵⁷ Um dos membros da ALAI, Luis Ulbach, colocaria o Brasil no rol dos países rebeldes, exemplificado pela frase de Santa-Anna Nery “Il serait souverainement révoltant que la loi protégeât la moutarde Bornibus et laisse piller Notre-Dame-de-Paris, de Victor Hugo, que la traduction, c’est-à-dire la transfusion d’un sang différent dans les veines d’un pays, doit être faite avec prudence, avec toutes sortes de précautions de savoir et d’honnêteté. Que certains pays comme la Russie, le Brésil, les Etats-Unis, la Hongrie sont rebelles à toute convention. (BALAI, n.10:20-21).

⁵⁸ José Veríssimo (1880) inicia a sua fala com a ressalva de que ele não representava no congresso nem o governo, nem qualquer associação literária do Brasil. Diferentemente de Santa-Anna Nery, Veríssimo defenderia a tese de que somente naquele momento, “com os métodos da grande crítica, da luz brilhante do pensamento moderno, que a gente poderia falar em literatura brasileira verdadeiramente nacional ao menos para o romance”. Respondendo à questão posta pelo congresso sobre o porquê dos autores brasileiros produzirem pouco, Veríssimo contestaria a versão de Santa-Anna Nery e Pinheiro Chagas que diziam estar atrelada a falta de legislação específica. Veríssimo, com bastante audácia, dizia que a causa principal residia na concorrência dos escritores estrangeiros, especialmente, os portugueses. Veríssimo também era de acordo com a propriedade intelectual, mas não com as “opiniões monárquicas” de Pedro II que parecia ser contra a este princípio.

⁵⁹ Association Littéraire et Artistique Internationale, 1889.

⁶⁰ Simões da Fonseca apresentaria ainda uma comunicação sobre a propriedade literária no Brasil no congresso de Roma, em 1882. Durante o congresso de Paris em 1900, Fonseca já constava entre os membros honorários da ALAI (Association Littéraire et Artistique Internationale, 1900).

O autor em cena também não participou do congresso de Lisboa que ajudou a idealizar como vice-presidente da ALAI. Sua ausência pode nos suscitar algum mal estar em função das críticas que recebia de alguns órgãos do Brasil, que recorrentemente questionavam a presença de Santa-Anna Nery neste certame, uma vez que até aquele momento ele não era reconhecido como literato, mas sim como publicista, como jornalista das malfadadas crônicas *Vêr, Ouvir e Contar*. Não obstante, fora na *Revista Ilustrada* em que encontramos uma possível resposta para sua ausência.

Em Paris e para festejar o aniversario da nossa independência, deviam reunir-se os brasileiros n'um jantar honorariamento presidido pelo conde d'Eu... presidência honorária de um jantar! está ahi uma figura que a rhetorica deixou aos palacianos o privilegio de invenção — mas longe de confraternisarem nessa comemoração de garfo e faca, dividiram-se as opiniões. E eis o Sr. Nery encomiando o Sr. conde d'Eu e dirigindo amenidades áquelles dos nossos patrícios que jantaram alhures: 'Republicanos que vão ser commendadores no Rio de Janeiro, escreve o folhetinista do Jornal — depois do jantar'.

Republicanos que vêm ser commendadores, é possível; mas que pagam ao thesouro o direito da commenda, em quanto o Sr. conde d'Eu o esfalfa, para presidir honorariamento a juntaes no Café Riche (Alter, 1880:2).

Como o congresso de Lisboa ocorrera em meados de setembro de 1880, é bastante plausível que Santa-Anna Nery tenha preferido ajudar na organização do primeiro banquete comemorativo do dia 7 de setembro, pelo 58º aniversário da independência do Brasil, em Paris, sob a presidência do conde d'Eu. Nesta ocasião, foi fundada ainda a *Société de bienfaisance brésilienne de Paris* com o intuito de socorrer brasileiros desprevenidos e que tivessem que retornar ao Brasil (*Le Brésil*, 07 set. 1881:3). Parece que Santa-Anna Nery estava entre os seus fundadores e o conde d'Eu, mais uma vez, transformara-se no seu presidente-fundador⁶¹. Deste modo, Santa-Anna Nery ia se consolidando entre um grupo de entusiastas e defensores da monarquia, que via na figura do conde d'Eu e da princesa Isabel sua permanência.

Assim, Santa-Anna Nery, que estava longe de ser figura consensual na imprensa fluminense e mesmo de outras províncias e países, ajudava os seus detratores com munição contra o principal alvo dos combatentes do regime monárquico, ao menos para a última década do Império: Gastão de Orléans. O conde d'Eu parecia gozar de mínima ou quase nenhuma estima entre a população do Brasil. Do Rio de Janeiro ao Amazonas são diversos os jornais a insultá-lo e a ridicularizá-lo. O próprio imperador Pedro II lhe incumbiria da inglória missão de caçar até a morte Solano López, após a desistência de Caxias, que já dava a guerra

⁶¹ Rego (1882:14) fornece a versão de que foi Santa-Anna Nery o idealizador da “sociedade de beneficencia brasileira”.

por terminada em função da ocupação de Assunção (Schwarcz, 1998:311). Quando de passagem por Manaus, em 1887, o conde d'Eu praticamente ficou detido no navio que o conduzia a Tabatinga, tamanha insatisfação tanto do governo provincial quanto dos próceres republicanos contra ele (Monteiro, 1990:12).

Nesse sentido, o caminho conduzido por Santa-Anna Nery para se inserir na família imperial brasileira parece ter lhe garantido uma aversão crescente na imprensa, sobretudo, a republicana. Uma vez que Santa-Anna Nery já havia declarado abertamente seu apreço pela monarquia. Não obstante, por meio deste novo círculo social, que promovia banquetes suntuosos em Paris, sob a presidência honorária do conde d'Eu, Santa-Anna Nery assegurava prestígio entre esses pares, além de rendimentos.

Não tardaria muito tempo para que este mesmo grupo, composto por homens de letras, de negócios, políticos, militares e diplomatas brasileiros, residentes em Paris, fundassem a sociedade anônima do jornal *Le Brésil: courrier de l'Amérique du Sud*. Coincidência ou não, esta constituição jurídica se daria no mesmo dia em que nascera o príncipe dom Antônio, o terceiro filho da princesa Isabel e do conde D'Eu. Tal fato fora lembrado no primeiro número do *Le Brésil*, saído em Paris no dia 07 de setembro de 1881.

Já a data supracitada para o lançamento do periódico não fora ao acaso, comemorava-se o 59º aniversário da independência com um jornal que tinha o objetivo de dar publicidade na Europa à “verdadeira situação política e econômica da América Latina em geral e do Brasil em Particular” (*Le Brésil*, 07 set. 1881:1)⁶². Apesar da “política” preceder “econômica” na “verdadeira situação” do Brasil, o *Le Brésil* tinha nas questões “financeiras”, “industriais” e “comerciais”, entre Brasil e Europa, o seu foco⁶³. Havia várias seções fixas dedicadas exclusivamente para este fim: *Revue financière; Commerce, navigation, etc; Mouvement maritime; Chemins de fer et tramways*; além de anúncios na última página e às vezes na penúltima. Todavia, havia também um *Bulletin de l'Amérique du Sud* que contemplava politicamente os países do subcontinente. O Brasil tinha papel de destaque neste boletim, colocando em evidência seus homens políticos. Argentina também aparecia com frequência, ressaltando uma polaridade política e econômica com o Brasil nas suas relações com a Europa. Havia também uma seção denominada de *Informations* que era uma espécie de janela social aberta para os membros e apoiadores do *Le Brésil*, revelando suas promoções,

⁶² O *Le Brésil*, apesar da data de seu lançamento, aparecia no dia 05 e 20 de cada mês. Em geral era composto por 8 páginas, tendo na primeira um pequeno sumário.

⁶³ O editorial do *Le Brésil*, respondendo sobre sua “coloração política”, a um colega de outro jornal, diz: *Le Brésil n'est qu'un organe financier, industriel et commercial; en fait de politique, il ne parle que des faits accomplis, et son but est: Nada por mim, por minha Pátria tudo*” (*Le Brésil*, 05 de ago. 1882:2).

aposentadorias, viagens, palestras, condecorações (sobretudo monárquicas), bem como suas confraternizações em suntuosos banquetes, enfim, tudo que fizesse transparecer que o *Le Brésil* era o representante “legítimo” – do governo imperial⁶⁴ – do Brasil na Europa.

O redator-chefe, responsável também por escrever o *Bulletin de l'Amérique du Sud*, que portaria o Brasil e a América Latina na Europa, fora o antigo vice-presidente da ALAI. Santa-Anna Nery estréia nesta folha pelo simbolismo da data: *Le 7 septembre*. Com este título, apresenta ao público a data de nascimento de uma “nação livre e autônoma” (Santa-Anna Nery, 1881:1)⁶⁵. Aproveita assim para mostrar todo o “progresso” alcançado nesses “sessenta anos” em que “nós éramos menos que um povo; nós éramos uma colônia do pequeno reino de Portugal”. Não obstante, narra todas as façanhas de Portugal durante a conquista, acompanhado de todos os santos topônimos – Terra de Santa Cruz, etc – até chegar ao nome definitivo: “Brasil”.

Depois de esclarecer o leitor com os dados principais da “certidão” do Brasil: nome, origem e data de nascimento. Santa-Anna Nery lembra que não haviam estabelecido ainda a dimensão exata do Império “(on sait qu’il occupe le quinzième de la surface terrestre), était couché le long de l’Atlantique, avec ses côtes d’un parcours de 8,000 kilomètres (...). “En mot, tout était à faire”. Para tanto, “dependia de braços e de capitais estrangeiros”. A estratégia para este fim era mostrar que a antiga colônia portuguesa, saída de uma situação de pilhagem européia por mais de três séculos, conseguira em apenas 59 anos atingir a “magnífica jornada do progresso, da civilização e da liberdade”. Malgrada a escravidão, “lambeau de misère et de honte que l’Europe civilisée avait jeté sur nos épaules comme une tunique de Nessus”. Colocada esta ressalva, o autor em foco busca responder a uma questão, da qual elenca resumidamente a “verdadeira situação” daquele Brasil com o intuito de atrair o “capital estrangeiro” e os “braços europeus”:

Car, aujourd’hui, que sommes-nous? – nous sommes un peuple de plus de 12 millions d’habitants, dont la population, par conséquent, a triplé en un demi-siècle. Nous avons un gouvernement libre, dont la constitution politique, date du 25 mars 1824, et est la troisième constitution la plus ancienne du monde. Nous avons l’enseignement libre à tous ses degrés, l’enseignement primaire obligatoire dans presque toutes les provinces et gratuit, d’après la constitution. Notre agriculture, alors dans l’enfance, donne déjà des résultats encourageants. Le Brésil

⁶⁴ Deste modo, além de explicitar as relações íntimas entre os membros do jornal e o conde d’Eu, o jornal também revelava ser prestigiado e, sobretudo, consumido pelo “governo imperial”. Assim Argollo Ferrão, um dos proprietários do *Le Brésil*, durante mais um banquete em comemoração à independência do Brasil em Paris – a sexagenária – diz que o governo imperial passou a contar com o *Le Brésil* em alguns de seus estabelecimentos literários. Assim como o governo da Bahia, que passou a assinar o jornal, distribuindo-o em algumas de suas repartições (*Le Brésil*, 05 maio 1882:4).

⁶⁵ Todas as citações abaixo, salvo as indicadas, pertencem a esta referência.

produit à peu près le 45 0/0 du café du monde entier, et la cinquième partie de la consommation du café en Europe vient de nos provinces, dont la production annuelle est supérieure à 300 millions de kilogrammes.

Apesar de Santa-Anna Nery dizer que já éramos um povo, formado por 12 milhões de pessoas, cifra não desprezível para a época, o mesmo não o esclarece. Dizendo apenas que no Brasil haviam os “homens cor de cobre”; “africanos” que foram “despejados” em nossas praias; e o “europeu civilizado” que nos forneceu “sua língua, sua religião, seus costumes”. Deste último grupo viria o “progresso” de nossa comunicação, uma marca indelével do grau da nossa “civilização”. Com toda esta “instrução pública” descrita por Santa-Anna Nery, a estabilidade de sua antiga constituição, sua crescente produção agrícola, o Brasil contava ainda com ampla rede de navios internacionais e interprovinciais, que garantia ao seu “comércio marítimo” maiores rendimentos do que a França. Completava esses números progressivos, a extensão de sua rede ferroviária e telegráfica, totalizando mais de 12.000 km. Mas nada era comparado ao rio das Amazonas, “o maior de todos”, totalizando, somente em “território brasileiro”, “43 000 km” de hidrovia, “aberta à navegação de todos os povos”. Enaltecendo em sua propaganda o aspecto liberal do Império do Brasil; harmonizando a jovem nação com os ventos liberalizantes da velha Europa.

Após este quadro sintético e apologético da situação do Brasil na capa do primeiro número do *Le Brésil*, Santa-Anna Nery encontrara seu lugar ao sol entre os brasileiros residentes na Europa, a colônia brasileira em Paris: o redator-chefe, o diretor da redação, de um jornal que se postulava como o representante do Brasil – monárquico e liberal – na Europa.

Ainda pelo primeiro número do jornal, se percebe o entrosamento entre os atores do *Le Brésil* e o casal que, dinásticamente, governaria o Brasil imperial. Como a data da constituição jurídica da sociedade anônima, fora o dia do nascimento do terceiro filho da princesa Isabel e do conde d’Eu, não era de se estranhar que muitos dos envolvidos com a referida sociedade, entre proprietários e acionistas, fossem convidados ao batismo do príncipe Antônio, realizado em *Passy*, onde habitava o predestinado casal. Nesta ocasião, com ilustres membros das famílias monárquicas do Brasil e da Europa, Santa-Anna Nery conquistava seu passaporte imperial. Trabalhava agora juntamente com membros da nobreza brasileira, como o Visconde de Nioac (camarista da Imperatriz do Brasil), o barão de Aguiar d’Andrada (ministro plenipotenciário em Lisboa), o barão de Estrella, além de cavaleiros da delegação do Brasil em Paris como A. d’Araujo e P. Correa d’Araujo; com militares de prestígio como o J. G. d’Argôllo Ferrão (tenente da marinha imperial brasileira) e C. Braconnet (o capitão da

fragata da marinha brasileira); diplomatas como J. M. Barboza (vice-cônsul do Brasil em Paris); além de capitalistas e negociantes, como F. da Rocha, C. d’Almeida, V. Level e C. Pinto. Todos pertencentes ao círculo de amigos do conde D’Eu⁶⁶ e todos ligados diretamente ao novo órgão brasileiro na Europa que tinha como objetivo dar publicidade ao Brasil, desde “longo tempo desdenhado ou caluniado” pela velha “madrasta” europeia.

Santa-Anna Nery, nesta listagem, parece ser o único representante das letras pátrias, seja como jornalista, seja como literato. Assim, fora escolhido para ser o redator-chefe da folha. Publicando artigos de política externa e economia internacional, sempre evidenciando o papel de protagonista do Brasil frente à América do Sul⁶⁷. Daí também a explicação do nome e do subtítulo do jornal: *Le Brésil: courrier de l’Amérique du Sud*. Os dois entes geográficos, até então segregados pelos membros da ALAI, passaram a se mesclar em diferentes contextos do jornal; o Brasil migrara de forma bastante “natural” de um país da América meridional, da América do Sul, para finalmente galgar seu lugar na América Latina⁶⁸. O mentor, “latino-americano” Torres Caicedo, era um dos grandes propulsores desta ideia, como revela em carta a Santa-Anna Nery:

Vous savez que mon rêve doré est la mise en œuvre de la généreuse pensée du libérateur Bolivar: l’Union latino-américaine; et, dans cette union, le Brésil terre de liberté et de progrès, a sa place toute marquée nécessairement.
Je suis et je serai toujours républicain, mais je n’ai jamais pensé, comme quelques-uns de nos amis, que l’on dût regarder voir noble patrie avec défiance, tout simplement parce qu’elle a une forme de gouvernement différente de celle des autres pays Sud-Américains, car, si le Brésil sait défendre ses droits avec fermeté, il n’ignore pas la bravoure avec laquelle les républiques latino-américaines soutiennent intactes leur liberté et leur indépendance.
(...) unissons-nous; luttons sur le champ de l’industrie et du progrès (*Le Brésil*, 07 set. 1881:4).

⁶⁶ Todos os relacionados estavam presentes no batismo de seu filho em Passy no dia 27 de agosto de 1881. O conselho da direção do *Le Brésil* tomou também a iniciativa de realizar o segundo banquete da independência, agora no *hôtel Continental*, mais imponente que o anterior *café Riche*. Não obstante, a presidência efetiva continuava nas mãos do conde d’Eu. (*Le Brésil*, 07 set. 1881:3).

⁶⁷ Vale lembrar que esta política de valorização do Brasil na América do Sul se consolida com o Visconde de Uruguai, na década de 1850-1860, quando diversas embaixadas são abertas nos países da região, com intuito de solucionar os litígios fronteiriços do Império do Brasil (Antonio Carlos Robert Moraes, 22 out. 2013, informação pessoal).

⁶⁸ “Il leur manquait un organe qui les renseignât d’une manière régulière et précise sur les progrès accomplis jour par jour au Brésil et dans les Républiques hispano-américaine, dans toutes les branches de l’activité humaine. La presse quotidienne, de plus en plus absorbée par les questions de politique intérieure, ne peut que consacrer un espace très limité aux affaires étrangères et aux sujets d’économie internationale. La plupart de ses informations sont incomplètes ou ne se trouvent pas à la portée de tout le monde. Aussi croyons-nous rendre un véritable service aussi bien à l’Amérique latine qu’à l’Europe, en nous proposant de traiter tout particulièrement ces questions spéciales” (Direction, *Le Brésil*, 07 set. 1881:1).

Assim termina a explicitação do “sonho dourado” de Torres Caicedo, a maneira do *manifesto comunista* de Marx e Engels, com a diferença básica de que são os Estados os protagonistas desta “união latina”, por meio de seus homens de letras, de negócios e de ciências; jamais de seus proletariados. Caicedo também expõe um dos motivos, senão o principal, para que o Brasil não fosse acolhido de imediato ao ideal bolivariano: sua forma singular de governo para aquele contexto – republicano – “latino-americano”. No entanto, como já vimos, sua inserção se daria por outros critérios. Santa-Anna Nery, juntamente com seus círculos sociais, destacaria a “latinidade ancestral e dinástica” do Brasil, que lhe garantia papel de destaque entre os “latinos” do Novo Mundo, justamente por seu regime monárquico e seu povo católico. Regime e religião preponderantes entre os “latinos” do Velho Mundo, tão bem explorados, posteriormente, pela *Revue du Monde Latin*.

3.2 Uma palavra sobre região

Quando pela primeira vez Santa-Anna Nery enxerga a baía de Guanabara, traz em seu currículo, além dos destaques já mencionados por Pedro do Rego, o cargo de redator-chefe do *Le Brésil*. Assim, além de sua popularidade pelo *Vêr, ouvir e contar*, Santa-Anna Nery contava também com a publicidade, em língua francesa, de um periódico que era fruto de “obra patriótica” de brasileiros na Europa⁶⁹, disponível em alguns selecionados “estabelecimentos literários” da corte. Não por acaso, mais uma vez, Pedro do Rego conseguir compor quarenta nomes para o *Álbum Literário* consagrado ao amigo. Rego diz ainda que no *Le Brésil*, Santa-Anna Nery usava sua pluma como “autêntico patriota no centro”, desvendando o “Brasil” aos europeus, além de defendê-lo com veemência contra diversos interlocutores⁷⁰. Uma das formas encontradas pelo publicista para esta propaganda pátria foi passar ao mundo das letras, publicando um romance de viagem: *Le Pays du Café, voyage de M. Durand au Brésil*. Neste seu romance inaugural, propagandístico, *M. Durand* é um *épicier* – especieiro – de Nantes, que fez “*fortune en vendant pour deux sous de poivre et quatre sous*

⁶⁹ *Le Brésil*, 07 set. 1881:1. O jornal utilizava ainda como divisa um trecho do poema do marquês de Pedra Branca: “Nada por mim, por minha pátria tudo”. Lema utilizado por Antonio Faria (1905) para caracterizar Santa-Anna Nery.

⁷⁰ Conforme descrição de Pedro do Rego (1882:15-16): “Em Paris é redator chefe do periódico *Le Brésil*, revista quinzenal que trata quase que exclusivamente de assuntos relativos ao Brasil tornando-o devidamente conhecido na Europa por meio de uma propaganda metódica e inteligente. (...) Nos artigos da coleção *Le Brésil* encontram-se em quase todos os números, cartas dirigidas por Santa-Anna Nery à literatos, historiadores e jornalistas contestando tudo quanto escrevem contra o Brasil”.

de café” para nobreza e burguesia da cidade francesa. Após sua aposentadoria, resolve partir para o lugar de seus sonhos: o “pays du café, ce Brésil dont on te parle tant”. A esposa do comerciante de especiarias dizia que o marido enlouquecera em viajar para o “pays de la fièvre jaune et des serpents à lunettes”. De certo modo, é esta a imagem que Santa-Anna Nery pretendia mudar ao descrever a travessia de *M. Durand* pelo *pays du café* (Santa-Anna Nery, 1882a).

Ao todo Santa-Anna Nery publicou quinze capítulos em forma de folhetins sobre a viagem de *M. Durand* pelo Brasil. Nenhuma localidade perpassada por *Durand* é negligenciada pelo autor, todo o trajeto é descrito como um roteiro de viagem para facilitar a vida de um possível viajante ou, principalmente, imigrante. Assim, o especieiro segue para Bordeaux, “car c’est à Bordeaux qu’on s’embarque”. Passa por Lisboa, Dakar, avista Pernambuco, para finalmente encontrar a Guanabara: “la célèbre baie de Rio, la plus grande et la plus belle qui soit au monde”. Célebre baía que Santa-Anna Nery *menos conhecera e mais a amara*, pois ainda não havia penetrado em suas entranhas, entranhas essas que dariam no centro político do Império do Brasil, para quem vinha do oceano. Somente após a publicação do último folhetim do *Le pays du Café* é que ele viera a conhecê-la, em julho de 1882. Em razão disso, Santa-Anna Nery não fornece muitas imagens do Brasil, como da baía de Guanabara, explorando mais seus aspectos econômicos e históricos, como o dado de que Martim Affonso de Souza fora o primeiro a adentrá-la. Destacando assim, mais uma vez, os feitos dos esquecidos portugueses.

Já em território brasileiro, *M. Durand* desembarca no Rio, “le plus grand port commercial de l’Amérique du Sud”. Lá, encontra um conterrâneo, *Richard*, que passa a percorrer com ele as “grandiosidades” do *pays du café*. Sempre que possível, Santa-Anna Nery destacará deste Brasil suas grandezas, por meio de estatísticas financeiras ou geográficas, como o possuidor da maior flora do mundo ou do maior mercado da América do Sul. Grande parte de seus produtos também seriam elencados para que o comerciante de Nantes, quem sabe, se interessasse por novas “especiarias”, como suas madeiras, seus minerais, suas produções agrícolas, como o café, evidentemente, mas também a cana de açúcar, o chá, o tabaco e o algodão.

Para tanto, *M. Durand* empreende sua extensa viagem pelo *pays du café*, composto pelas províncias percorridas ou descritas, sendo elas o Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, em especial, mas também Bahia, Pernambuco, Ceará, Piauí, “Goiás do Norte e do Sul”, Paraná, Santa Catarina e “São-Pedro-do-Rio-Grande-do-Sul”. Nesta última província, *M.*

Durand, tendo como base um livro do visconde de São Leopoldo, diz que “dans ce pays, le Nord est renversé, et transporté au Midi” (*Le Brésil*, 20 maio 1882:4). Querendo dizer que tanto o clima, quanto a prosperidade do Sul do Brasil lembrava o Norte da Europa. Deste modo, *M. Durand* termina sua travessia pelo lugar que mais se assemelhava ao Velho Mundo, fornecendo rico quadro sobre a produção de “carne seca” em Pelotas⁷¹.

Este último folhetim, do dia 05 de junho de 1882, finaliza a primeira parte das viagens de *M. Durand*. Parece que Santa-Anna Nery não teve muito tempo para um melhor desfecho para esta primeira parte⁷². Não obstante, após pouco mais de um mês, já havia nas páginas do *Le Brésil* a seguinte publicidade:

LE PAYS DU CAFÉ
Voyage de M. Durand au Brésil
avec préface
par F.-J. de Santa-Anna Nery⁷³
(Première partie)

En vente, dans nos Bureaux, à partir du 10 courant.

Prix: 4 francs

L'auteur a fait procéder à un tirage exceptionnel de cinquante exemplaires sur papier teinté. Chaque exemplaire sera numéroté et vendu au prix de 10 francs, livré dans nos Bureaux. Les autres exemplaires ne sont pas numérotés.

Esta vendagem também ocorrerá no Brasil, pois quando de seu primeiro retorno, Santa-Anna Nery traz em sua bagagem este primeiro volume, conforme nos lembra Pedro do

⁷¹ Chamando o Rio Grande do Sul como “un véritable pays de Cocagne” (Santa-Anna Nery, 1882a).

⁷² Como pode ser visto pelo último parágrafo do folhetim que encerra a primeira parte: “Des navires espagnols et brésiliens s’emparent de cette carne secca de Pelotas et la transportent à Rio-Grande. Des commissionnaires l’achètent sur ce marché de vente et la livrent aux consommateurs, qui s’en font... des bosses. Fin de la première partie”. Nela, também pode ser observado, o peso para os assuntos econômicos, evidenciando possíveis concorrências internacionais com países europeus.

⁷³ Encontramos em diversos jornais de época, como *Le messenger* e o *Correio Paulistano*, a informação de que Santa-Anna Nery teria plagiado um viajante francês, o missionário Edouard Durand (1832-1881), para escrever *Le pays du Café*. Esta hipótese certamente foi lançada em razão do próprio subtítulo dado por Santa-Anna Nery à sua obra: *voyage de M. Durand au Brésil*. Além da informação de que ele era apenas o prefaciador da obra, não apontando sua autoria. Desconhecemos a razão para isso, talvez quisesse dar ao livro um ar ainda maior de ficção, fornecendo vida real ao seu personagem. Pois o *M. Durand* de Santa-Anna Nery era um comerciante de Nantes, que sonhava em conhecer o *Pays du Café* etc.; já o missionário Edouard Durand é um abade, pertencente à Sociedade de Geografia de Paris, da qual tornou-se seu arquivista e bibliotecário. Apesar de ter viajado ao Brasil, passando por Minas Gerais e, principalmente, pela Amazônia, o missionário era considerado um homem de gabinete, conhecedor de arquivos, tanto que há entre alguns, certa desconfiança de que fora realmente ele a empreender tais viagens, sendo o próprio Durand, missionário, acusado de plágio (Cf. *D’Amat*, 1970:652; *Broc*, 1999:133 e *Carneiro*, 2010). Mais tarde, Santa-Anna Nery complementaria o *Le pays du Café* com outro livro, denominado *Aux États-Unis du Brésil*, no qual assume sua autoria e o apresenta como continuação reformulada do primeiro (“Il y a huit ans, j’ai fait paraître quelques-uns des chapitres de ce livre. Depuis lors, j’ai entrepris trois voyages dans mon pays. Chaque fois j’en suis revenu les mains pleines de documents nouveaux, qui m’ont permis de refaire entièrement le travail primitif et de compléter avec le plus grand soin les parties destinées à renseigner le public sur les choses brésiliennes” [Santa-Anna Nery, 1890:V]). Entretanto, a confusão permanecera e alguns trabalhos (como *Coelho*, 2007) dizem que o livro *Aux États Unis du Brésil* é fruto das organizações dos trabalhos do missionário francês “*M.T Durand*” por Santa-Anna Nery.

Rego (1882:14): “Por fim, ao rever o Brasil, onde se acha ausente há 20 anos, traz a primeira parte do seu último livro – *Le pays du Café*, obra importantíssima que será completada por dois outros volumes sendo o segundo intitulado *Le Pays de Amazonas*”⁷⁴. Daí nosso interesse inicial em encontrar esse terceiro volume, que fecharia uma trilogia sobre o Brasil e seus *pays*⁷⁵. Tal encontro revelaria uma forma de pensar o Brasil sob os moldes da incipiente geografia francesa.

Nesse sentido, cabe aqui uma breve explanação sobre este conceito chave – *pays* – da geografia francesa do século XIX⁷⁶. Numa primeira acepção, podemos identificar o termo *pays* como forma equivalente do vocábulo português *país*, com o entendimento de Estado⁷⁷. No entanto, como vocábulo latino, *pays* tem uma longa trajetória semântica, que se remonta ao latim medieval: *pagus*. *Pays* era o habitante do *pagus*, uma pequena localidade rural. Aos poucos *pays* passou a designar tanto o morador como a morada, os pequenos agrupamentos humanos.

No século XVIII, *pays* é incorporado à nomenclatura geográfica francesa para designar divisões de terrenos com características geológicas distintas⁷⁸. No século seguinte, *pays* é usado como denominativo de regiões naturais, extrapolando o critério geológico para

⁷⁴ Ambas as obras, *Le pays du Café* e *Traços biographicos de F. J. de Santa Anna Nery* de Pedro do Rego, foram publicadas pela Livraria Faro e Lino do Rio de Janeiro.

⁷⁵ Pensamos que o terceiro volume poderia ser dedicado às “províncias do Norte”, como era chamada, de certo modo, a atual região nordeste. Assim teríamos o *Le pays du Café* caracterizando São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais e suas áreas de influência direta, como as províncias ao sul e ao leste de São Paulo; *Le Pays des Amazonas* designando as províncias do extremo norte: Grão-Pará e Amazonas. Porém, com a leitura de parte dos folhetins de *Le pays du Café* (uma vez que o jornal *Le Brésil* não está completo na *Bibliothèque d'Arsenal* [BNF]) compreendemos que Santa-Anna Nery deu um sentido mais amplo para o *pays du Café*, como apontado neste tópico.

⁷⁶ Marie-Vic Ozouf-Marignier, exemplifica muito bem o papel deste termo para o assunto que pretendemos abordar: “Pour la géographie du dernier quart du XIXe siècle, le pays revêt même le statut d'un paradigme. La reconnaissance d'unités homogènes du point de vue de leurs caractéristiques physiques et humaines contribue non seulement à orienter l'analyse géographique pour plusieurs décennies, mais elle participe à la délimitation épistémologique de la discipline géographique parmi les autres sciences. En effet, la nature du pays étant fondée sur ses composantes, géologiques, minéralogiques, pédologiques, botaniques et climatiques, son étude ancre la géographie dans les sciences naturelles et lui permet d'affirmer son autonomie par rapport à l'histoire, dont elle est traditionnellement l'auxiliaire (Marigner, 2004 :2). Paul Claval (1974 :19-20), no mesmo sentido, afirma que as noções de região natural e de *pays* constituem uma das abordagens mais originais dos cientistas franceses, em âmbito geográfico, em fins do século XVIII e princípio do XIX. Para mais informações sobre o conceito de *pays* e seu uso pela geografia francesa confira Carneiro (2011).

⁷⁷ Como a sugerida pela tradução brasileira de *Le pays des Amazonas*, editada pela Edusp e Itatiaia em 1979 e traduzida por Ana Mazur Spira: *O país das Amazonas*. Com o sentido de o Estado que detêm as Amazonas, por consequência, suas florestas e seu rio principal.

⁷⁸ Segundo Lucien Gallois (1908:8-9), diz que um dos primeiros usos nesse sentido foram as publicações de cartas geológicas do Norte da França, que evidenciavam a continuidade de zonas concêntricas da bacia franco-inglesa. A publicação de Guettard e Monnet, em 1780, expressa bem a ideia do termo: “La terre n'est point formée d'un mélange confus de matières, mais que ces matières y sont distinguées les unes des autres et y observent tel ordre, que pendant une certaine étendue de pays, on trouve que telle ou telle matière en forme le fond (...) De là naît naturellement la division des terrains que nous distinguons sous les noms, par exemple, de pays à craie, et de pays à coquilles, etc. (Guettard et Monnet, 1780 :VII *apud* Gallois, *op. cit* :8).

outros também de ordem física, como o clima e os rios. Nesse sentido, chegou a ser recomendado aos geógrafos que determinassem essas “regiões naturais”, fundadas sobre a natureza do solo, atribuindo-lhes seus antigos nomes de *pays*⁷⁹.

O uso desses antigos nomes tinha também o intuito de enfatizar a ancestralidade do homem na terra, como fruto de um longo processo de transformação da natureza. O que garantia à França, composta por esses *pays*, possessão “histórica” sob os mesmos. Não por acaso, muitos desses estudos geográficos serem feitos para o Norte e o Leste da França, regiões em que as fronteiras nacionais eram mais instáveis⁸⁰.

A geografia francesa, nesse sentido, cumpria o papel de identificar, na historicidade da paisagem⁸¹, esses *pays*. Geralmente batizados com topônimos latinos, a fim de se contrapor, especialmente, e mais uma vez, à língua germânica. Uma vez que o expansionismo prussiano havia deixado suas marcas após a guerra de 1870. Coube, portanto, ao Estado francês, por meio de seus geógrafos e historiadores, demonstrar a ancestralidade de seu território perante os vizinhos. Para tanto, metodologicamente, era necessário buscar a distinção, compreensão e delimitação dessas “pequenas regiões” para entender a “harmonia da própria França”:

On s'est aperçu qu'il n'y avait pas seulement en France, d'une façon générale, des contrées présentant de grandes diversités et même des contrastes: le Midi, le Nord, l'Est, l'Ouest, mais une foule de variétés vivantes, en bien plus grand nombre qu'on ne l'avait soupçonné jusqu'alors. Plus on poursuit cette étude attentive du sol français, cette analyse des diverses combinaisons qui résultent du milieu physique, plus on se pénètre de cette idée que, sous des apparences d'uniformité auxquelles il ne faut pas se tromper, et qui d'ailleurs rentrent dans les conditions d'harmonie générale qui sont la France elle-même, cette inépuisable et merveilleuse variété est peut-être ce qui caractérise le mieux notre pays. Et vous le voyez, je suis conduit à appliquer ce mot de *pays* à la France elle-même aussi bien qu'aux petites régions dont elle se compose. Car, comme on l'a bien dit ici même, ce souci des variétés locales n'est pas autre chose qu'une des formes de notre attachement au sol même de la Patrie (Vidal de la Blache, 1904:334-335).

Vidal de la Blache explicita ao final que esta ligação entre o “solo” e a “Pátria”, desvendada pela análise regional, é talvez quem melhor caracterize o país: a França. Fornecendo à geografia o papel de elaborar ideologicamente a construção da nacionalidade francesa. Marcelo Escolar (1996:51), neste senso, diz que a “Geografia contribui organicamente para a constituição da consciência nacional ensinando as bases territoriais da identidade entre solo e povo, e caracterizando a unidade da Nação em sua diversidade

⁷⁹ Assim recomendou d'Omalus d'Halloy (*apud* Gallois 1908:36) em sua obra: *Division de la Terre em régions géographique, conformément aux Éléments de géologie*. Paris, 1839.

⁸⁰ Ver Marignier e Robic (2007).

⁸¹ Paisagem vem do francês *paysage*, que por sua vez é derivado de *pays*.

regional. Resumindo, o ‘amor à Pátria’ passou a ser objeto de construção educativa e de fundamentação teórica”⁸².

Santa-Anna Nery, ao dizer que a educação do cidadão deveria ser feita pela imprensa, na qual os escritores “tomam sobre si a missão de trabalhar para essa obra civilisadora”⁸³, se utilizaria também desses discursos geográficos, por meio da “doutrinação patriótica”, para construção e divulgação destas ideias aplicadas ao Brasil. Assim, o personagem em foco, parece ter usado a noção de *pays* em suas duas acepções principais. Tanto como vocábulo da língua francesa, designando o “país do café”, quanto como terminologia geográfica, indicando a “região” do café. Entretanto, no que se refere ao último senso, o mesmo teve que adequá-lo à realidade – continental – do Brasil, expressando de certo modo seu pouco conhecimento sobre esta “região”. Pois o *pays du Café*, pela travessia de *M. Durand*, seria composto pelos atuais estados do Sul, Sudeste, e partes do Centro-Oeste e Nordeste. Para ele, todas essas províncias estavam de alguma maneira ligadas à economia cafeeira, tendo no Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Pernambuco seus principais mercados⁸⁴. Santa-Anna Nery não menciona para esta regionalização as províncias do “extremo norte” – Grão Pará e Amazonas –, para quem ele dedicaria outro livro, *Le pays des Amazones*. Assim, parece que essas duas obras – *Le pays du Café* e *Le pays des Amazones* –, analisadas sob as lentes do regionalismo, nos remetem ao período colonial brasileiro, quando Portugal possuía duas colônias na América: o Brasil, como *Le pays du Café*; e as antigas capitanias do Maranhão e do Grão-Pará, como *Le pays des Amazones*.

Diferente do livro *Le pays des Amazones*, tivemos muita dificuldade em encontrar um exemplar de *Le pays du Café*, apesar de encontrarmos no *Le Brésil* a publicação incompleta deste livro (na forma de folhetins). Parece que mais uma vez, o referido livro desapareceu das estantes das bibliotecas públicas do Brasil e da França⁸⁵. Entretanto, desta vez, parece que tal

⁸² Segundo Moraes (2002:27) “ao longo do século XIX, a geografia passa a ser (ao lado da história) uma das disciplinas básicas para o processo ideológico de legitimação do Estado, mediante o estudo do território. O levantamento das riquezas naturais nacionais, o conhecimento dos grandes acidentes geográficos, a noção da extensão do espaço pátrio, a exaltação da diversidade paisagística existente, tudo conduz ao enaltecimento do país e ao reforço do sentimento de a ele também pertencer”.

⁸³ Conforme epígrafe deste capítulo.

⁸⁴ Esta informação é dada por Santa-Anna Nery em seu segundo livro sobre o café, denominado de *La question du Café*, que viria a ganhar prêmio no concurso agrícola de 1883 pelo *Centro da Lavoura e do Commercio*. Nesta obra, que foi distribuída aos visitantes da exposição do café no *Palais de l’Industrie* em Paris, em janeiro de 1883, Santa-Anna Nery (1883a: 40) diz que Émile Levasseur escreveu um artigo sobre o café brasileiro, a seu pedido, de quem retira a informação de que o “Rio de Janeiro et Santos, dit-il [Levasseur], sont les deux principaux marchés du café. Bahia, Pernambuco ne viennent qu’au second rang”.

⁸⁵ De todas as bibliotecas públicas pesquisadas para esta pesquisa, encontramos apenas o referido livro na biblioteca do *Institut de France*, segundo o sítio <http://www.sudoc.abes.fr>. Entretanto, não conseguimos pesquisá-lo em função das regras restritivas desta instituição em privilegiar apenas seus próprios membros ou os indicados pelos mesmos. Entretanto, graças a uma nova pesquisa realizada pela historiadora Monica Dantas, a

censura não fora obra do próprio autor, mas de seus inimigos, conforme expressa pelo jornalista anônimo do *correio paulistano*:

Que o sr. Sant'Anna Nery faça em Paris litteratura officiosa e aleijada nada mais natural. Exerce uma profissão como outra qualquer, profissão que não deixa de ter os seus encantos quando condimentada pelos subsidios do thesouro, tal como succedeo no caso dos opusculos de propaganda do café. O que, porém, só nos pôde accarretar prejuizos são os demasiados desvelos officiaes e officiosos do sr. Nery quando intenta transformar aos olhos do estrangeiro em um verdadeiro *pays de cocagne* este bom imperio brasileiro já por elle chrysmado com o nome de *pays du café*...

Si o sr. Nery vier um dia a ter busto commemorativo e si acaso ainda então existir o *Centro da Lavoura e do Commercio*, fará certamente essa benemerita (?) associação depôr *aos pés*, do mesmo busto, si não uma corôa de flores, pelo menos algum galho daquelles cafeeiros phantasticos descriptos n'um opusculo que tem sido cuidadosamente arredado da circulação, entre nós, e devido á lavra do sobredito litterato em disponibilidade (O que dizem de nós, *Correio Paulistano*, 20 abr. 1883:2).

O jornalista do *Correio Paulistano* revela, dentre outras coisas, um programa sistemático, realizado por jornalistas, para “arredar de circulação” *Le pays du Café*. Tal política já surtira efeito⁸⁶. Neste texto, o *Correio Paulistano* chama, ironicamente, Santa-Anna Nery de “o embaixador honorario das letras patrias”, trabalhando “oficial e officiosamente”, ainda que de forma “aleijada”, para o governo. Assim, acusá-lo de praticar literatura “defeituosa” era também uma maneira de criticar as políticas do governo imperial, por meio do *Centro da Lavoura e Commercio*⁸⁷. Contudo, Santa-Anna Nery colaborara em muito com

quem aproveitamos para agradecer, a mesma descobriu haver um exemplar na FBN e outro na biblioteca da Câmara dos Deputados. Certamente, com o avanço nos sistemas de informações de museus e bibliotecas, reinventariando seus acervos com a ajuda de profissionais especializados, outros livros “raros” de Santa-Anna Nery e de outros autores, obliterados pela “tempo”, aparecerão.

⁸⁶ Em texto de *Le messenger du Brésil*, jornal francês publicado no Rio de Janeiro, outro jornalista anônimo diz que *Le pays du Café* era “livre introuvable”. Isso, um mês antes do *Correio Paulistano*. (*Le Brésil en Europe. Le messenger du Brésil*. 25 mar. 1883:1-2).

⁸⁷ O próprio Santa-Anna Nery nos esclarece quem são os envolvidos no referido centro e seus objetivos: “Le *centro da Lavoura e commercio*, qui répond à peu près à notre Société d'agriculture, se fit représenter à ces conférences. Ce cercle est composé d'hommes très versés dans les questions agricoles et économiques du pays. M. le vicomte de São Clemente en est le président. Le vice-président est M. J. C. Ramalho-Ortigão. Ses deux infatigables secrétaires sont MM. Honório-Augusto-Ribeiro et Hermano Joppert. M. Antonio-Thomaz Quartin est le trésorier de ce cercle. Le *Centro de Lavoura e commercio* étudia sans retard la question qui lui était soumise par le ministre. Il s'agissait de résoudre ce problème : *Quels sont les moyens les plus efficaces à employer pour améliorer la situation actuelle du marche de café du Brésil, au point de vue du développement de la consommation ?* Le *Centro* sous la présidence de l'éminent agriculteur, M. le baron du Rio-Bonito, arrêta les dispositions suivantes, qu'il soumit au Ministre le 15 juillet 1881: - Tous les ans, pendant le mois d'octobre ou de novembre, il se tiendra à Rio-de-Janeiro une exposition générale de café brésilien, comprenant surtout les provenances de Rio, Minas-Geraes, São-Paulo et Espírito-Santo. - Le gouvernement impérial accordera le transport gratuit et autres faveurs aux produits destinés à l'exposition. - Une Exposition de dessins et de modèles de machines agricoles sera annexée à l'Exposition de café. - Pendant la durée de l'Exposition, des conférences seront faites sur des questions économiques relatives au café. - Les Compagnies de chemin de fer accorderont des places à prix réduit aux personnes qui désireront visiter l'exposition. - Après la clôture de chaque Exposition annuelle les échantillons exposés seront divisés par séries et envoyés en Europe et dans l'Amérique du Nord,

seus detratores, ao tentar descrever este Brasil como um paraíso a civilizar-se⁸⁸.

Apesar de todas essas críticas por parte da imprensa fluminense, Santa-Anna Nery contava também com a colaboração de diversos colegas do jornalismo, além do próprio Pedro do Rego, a fim de enaltecer e defender seu trabalho. Assim se expressara também Argôllo Ferrão, um dos proprietários do *Le Brésil*, sobre seu retorno à Paris.

Notre rédacteur en chef, M. le docteur de Santa-Anna Nery, vient d'arriver de son voyage à Rio-de-Janeiro, où la presse et la plupart de nos hommes politiques lui ont fait l'accueil le plus chaleureux.

Les fondateurs du journal le *Brésil* sont fiers de toutes ces manifestations; ils savaient qu'en mettant M. de Santa-Anna Nery à la tête de la rédaction du journal leur choix mériterait l'approbation des hommes éclairés de leur pays (*Le Brésil*, 05 out. 1882 :1).

Este elogio de Argôllo e a aprovação dos “homens esclarecidos de seu país” não foram suficientes para sustentar Santa-Anna Nery no cargo. Pois, no número seguinte, chegava a informação de que o cargo de redator-chefe fora extinto, por conseguinte, seu antigo colaborador abandonara também o *Le Brésil*, conforme publicado no jornal: “Le conseil d'administration de la Société anonyme du journal *le Brésil* ayant décidé que, désormais, le journal n'aurait plus de rédacteur en chef, M. le Dr. F.-J. de Santa-Anna Nery a volontairement cessé d'y collaborer” (*Le Brésil*, 20 out. 1882). Com isso, assumiram a redação Argôllo Ferrão e o J. M. Barboza⁸⁹.

Não sabemos qual foi o motivo do conselho de administração do *Le Brésil* em eliminar o cargo de redator-chefe, afetando diretamente Santa-Anna Nery. Sabemos, entretanto, que Santa-Anna Nery continuava a tecer contanto com diversos de seus membros, como o barão de Estrella e o cavaleiro da delegação brasileira em Paris, “A. de Araújo”. Esta relação com Araújo lhe garantiu o desenvolvimento de seu trabalho propagandístico do Brasil na Europa.

afin d'y être exposés par les soins des consuls brésiliens. C'était décréter du même coup des Expositions nationales et internationales. Le ministre approuva ces sages mesures (...)” (Santa-Anna Nery, 1883a:60-61).

⁸⁸ O jornalista do jornal *Le messenger* o desqualificaria pelo excesso da narrativa, em função de incorreções, que levaria ao autor anônimo ensinar o autor de *Le pays du Café*: “Les nombreux *fazendeiros* de S. Paulo, Rio, Minas Geraes, qui lisent dans *Jornal do Commercio*, ou ailleurs, les articles de M. Nery, s'étonneront certainement de voir un Brésilien qui écrit; des livres sur le café, ignorer ce que tout le monde sait au Brésil. Non, M. Nery; la récolte ne se fait pas sans interruption; la maturation commence d'ordinaire en avril dans la province de Rio de Janeiro, en mai dans celle de S. Paulo, et la cueille dure d'ordinaire trois mois (*Le messenger*, 25 mar. 1883 :1). Santa-Anna Nery havia dito que o café no Brasil crescia como mato e que frutificava durante todo o ano, vulgarizando a antiga imagem do Brasil – difundida pelas literaturas de viagem do XVI e XVII – de que no Brasil se plantando tudo dá (sobre as representações de “natureza” no Brasil colonial Cf. Márcio Henrique de Mello Pereira, 2011). Santa-Anna Nery, assim, provava do antídoto e do veneno, pois ele próprio havia criticado Jules Verne por dizer que ele escrevera inverdades sobre o Brasil, dizendo que encontrou “erros inacreditáveis aos montes” na obra *La Jangada: 800 lieues sur l'Amazone* (*Le Brésil*, 20 abr. 1882 :1).

⁸⁹ Barbosa (vice-cônsul do Brasil na França), durante a ausência de Santa-Anna Nery, já havia tomado o seu lugar escrevendo os boletins da América do Sul.

Araújo, Marcos Antônio de Araújo e Abreu, era filho do barão de Itajubá, que meses antes havia se aposentado em Paris. Assim sendo, seu filho Araújo tornar-se-ia o novo encarregado de negócios em Paris, no lugar de seu pai. Ele se casara com Maria Elisa Pereira da Silva, filha do Conselheiro João Manuel Pereira da Silva⁹⁰ e de Maria Elisa de Saúvan Monteiro de Barros (neta do Visconde de Congonhas do Campo (Moya, 1941:45).

Araújo, que em 1883, receberia também o título de seu pai, tornando-se o 2º barão de Itajubá, tinha amplo e privilegiado acesso à elite imperial. Em cartas trocadas entre ele e o visconde de Paranaguá (José Lustosa da Cunha Paranaguá), que viera a ser o presidente do Conselho de ministros em 1883-1884, Araújo fala de suas relações com Santa-Anna Nery.

O Sr. Santa-Anna Nery, a quem tenho frequentes relações, e a quem dei o recado de sua Exa, empregará sem dúvida o seu talento e actividades em uma util propaganda em favor do nosso paiz, e dispõe de todos os meios para isso. Como o Exm. talvez saiba, desligou-se elle completamente do periódico “Brésil”, à vista da deliberação tomada pelo Conselho de Administração de supprimir o lugar de redactor em chefe. Não sei [se] foi acertada semelhante deliberação. O “Brésil” continua a ser redigido pelos cuidados do Sr. Manoel Barbosa e Sr. Argôllo, e veremos como suporta a falta de collaboração do Sr. Nery. Este encontrará facilmente outros meios de propaganda para merecer a confiança que o Governo Imperial nelle deposita (*Carta de Araújo ao visconde de Paranaguá*, 23 out. 1882 [AHMI]).

Santa-Anna Nery, apesar da queda no *Le Brésil*, havia conseguido manter relações com figuras influentes do governo imperial, que lhe permitia ainda rendimentos do tesouro nacional, pelo seu trabalho de publicista do Brasil na Europa. Ele, que já fazia parte do círculo íntimo do conde d’Eu, explicita-lhe suas razões pessoais em deixar o *Le Brésil*, sem deixar de anunciar que já havia conseguido nova folha parisiense para fazer propaganda pátria: “Tem mandado a Vossa Alteza o *Courrier International*, onde ora escrevo, depois que fui obrigado a sahir do periódico *Le Brésil* por motivos de dignidade profissional, e será para mim uma grande recompensa a saber que Vossa Alteza o tem lido” (*Carta de Santa-Anna Nery ao conde d’Eu*, 31 jan. 1883, o grifo é do autor [AHMI]). Nesta mesma carta, o “humildíssimo e reconhecido servidor” do conde d’Eu e da princesa Isabel, revela de forma bastante “desinteressada” o seu “irrequieto patriotismo” em defender as monarquias francesa e brasileira, representadas na figura do “Príncipe bom e generoso”.

Vossa Alteza não tem tempo que perder, mormente quando já sabe o respeitado e profundo reconhecimento que voto a Vossa Alteza. Nestes dias de bestial perseguição contra Aquelles a quem vossa alteza está ligado pelo sangue e pelo

⁹⁰ Que pouco tempo depois viria a colaborar na *Revue du Monde Latin* e que Santa-Anna Nery (1886a:29) dizia ser o “meu venerado mestre, o historiador J. M. Pereira da Silva”.

afeto, não posso, porém, deixar de vir humildemente trazer aos pés de Vossa Alteza as expressões sinceras da minha profunda e desinteressada dedicação. Nos meus folhetins, nas minhas correspondências, tenho procurado mostrar – não a Vossa Alteza que os conhece – mas aos nossos compatriotas, eivados infelizmente do espírito de imitação total ou de admiração [refletida] para com os demandos da actual política franceza, quanto é digno de afeto a nobre família que a loucura revolucionária quer ferir neste momento. Creia Vossa Alteza que essas minhas apreciações públicas são inspiradas, não só pela justiça da causa dos Príncipes de quem Vossa Alteza é digno descendente, mas também pelo desejo de pagar de algum modo a benevolência com que Vossa Alteza sempre dignou-se reconhecer o meu cioso e irrequiesto patriotismo. (...) De longe sempre acompanho os passos todos de Vossa Alteza, e não há acção de Vossa Alteza que não procuro publicar, a fim de que Brasileiros e estrangeiros saibão quem é o Príncipe bom e generoso com que a providência dignou-se mimosear o Brasil (*Ibidem*).

Por essas linhas, é manifesto que Santa-Anna Nery dispunha da proteção do conde d'Eu, por meio de um acordo tácito, no qual o primeiro o defendia, ao mesmo tempo em que lhe dava publicidade, seja no Brasil, seja no estrangeiro; e o conde o auxiliava com seu reconhecimento imperial, garantindo-lhe acesso privilegiado entre membros da nobreza, apesar de não integrá-la. Assim, Santa-Anna Nery passa a ser o homem de confiança do presidente do Conselho de ministros⁹¹, Visconde de Paranaguá, recebendo grande parte dos recursos do governo imperial para publicidade do “Brasil” na Europa. Esses recursos giravam em torno de 12 contos de réis, repassados ao encarregado de negócios⁹², que em Paris era o 2º barão de Itajubá. Santa-Anna Nery se utilizava também de sua estreita relação com Franklin Dória, genro do visconde de Paranaguá⁹³, para relatar seu trabalho de propaganda ao ministro⁹⁴.

Na França, após se desligar do *Le Brésil*, Santa-Anna Nery passava a colaborar com o

⁹¹ O Gabinete Paranaguá, iniciado em 3 de julho de 1883, foi substituído pelo Gabinete Sousa Dantas (outro antigo conhecido de Santa-Anna Nery) em junho de 1884.

⁹² Cf. *Carta de Araújo* ao visconde de Paranaguá, 23 out. 1882 [AHMI].

⁹³ A filha de Paranaguá, Maria Amanda de Paranaguá, esposa de Dória, era “amissícima da Princesa Izabel”, esposa do Conde d'Eu (Lyra, 1949:285).

⁹⁴ Assim, Santa-Anna Nery escreve ao visconde de Paranaguá: “Eu não tinha esperado pelo aviso de V. Exa. para encetar os meus trabalhos de propaganda que tenho relatado dia a dia ao Conselheiro Franklin Dória, e que expressei a V. Exa, como prometi em um relatório trimestral. A propaganda já está organizada em França; já entrei em relações com um importante periódico de New-York e estou em negociações com os jornais da Alemanha e da Itália, que são talvez os mais úteis para o fim que desejamos”. Depois, “encetarei conferências nos diversos centros comerciais, industriais e marítimos”. Santa-Anna Nery acrescenta ainda que tanto o 2º barão de Itajubá, quanto o conde de Villeneuve o ajudam muito em sua tarefa “patriótica” (*Carta de Santa-Anna Nery* ao visconde de Paranaguá, 09 dez. 1882 [AHMI]). Também em 1883, sob a presidência de Paranaguá (que perdurou no cargo por vinte e nove anos consecutivos), foi criada a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Segundo os estudos de Cardoso (2010), grande parte do material publicado na revista da sociedade (RSGRJ), era fruto da comissão científica de Geografia Política. Nesse sentido, Santa-Anna Nery, estando na França, passou a escrever sobre o chamado contestado franco-brasileiro, enviando seus textos para conhecimento de Paranaguá (*Carta de Santa-Anna Nery* ao visconde de Paranaguá, 9 maio 1885 [AHMI]). Santa-Anna Nery, mesmo após o fim do Gabinete Paranaguá, continuava lhe solicitando auxílio para que o governo imperial continuasse pagando os subsídios para o seu trabalho de propagandista na Europa, além de lhe solicitar cartas de recomendação para conseguir negócios diretamente com os presidentes das províncias (*Carta de Santa-Anna Nery* ao visconde de Paranaguá, 9 jul. 1885 [AHMI]).

Courrier Internationale. O novo periódico representante dos interesses do “Brasil” no Velho Mundo. Para isso, Santa-Anna Nery fazia sua autopropaganda, buscando tornar o periódico conhecido não só na Europa, mas principalmente no Brasil. Nesse sentido, passa a enviar exemplares não somente ao conde d’Eu e outros parceiros (como Paranaguá, Doria, etc), mas a todos os Ministérios do Império, semanalmente, além de diversas legações, consulados, câmaras de comércio, associações industriais e bibliotecas da Europa (*Carta de Santa-Anna Nery* ao visconde de Paranaguá, 09 dez. 1882). No Brasil, o responsável por fazer esses contatos foi seu amigo e colega de trabalho, Pedro do Rego:

Fomos hontem honrado com a visita do nosso distincto collega e comprovinciano, sr. Pedro G. Rego, redactor e correspondente do ‘Correio Internacional’, jornal que se publica em Pariz sob a direcção do sr. Gaston de Mez, e do qual é collaborador o nosso illustre conterrâneo sr. dr. Sant’Anna Nery.

O sr. Pedro do Rego veio a esta província e se destina a do Amasonas com o fim de vulgarisar aquelle importante jornal e ao mesmo tempo enviar-lhe informações exactas do estado de prosperidade da Amazonia.

Agradecendo a visita do nosso illusire collega, recommendamos ao publico o ‘Correio Internacional’, cuja importância não precisamos encarecer, sendo como é um jornal de propaganda e dos interesses brasileiros na Europa e principalmente na França.

De um numero que temos a vista reconhecemos o interesse que os nossos distinctos comprovincianos tomam pela causa do Brazil e o empenho com que procuram fazer conhecido na Europa o nosso paiz.

Correspondendo as vistas destes infatigáveis patriotas, abrimos em nosso escriptorio uma lista de assignaturas d’aquelle jornal, para a qual pedimos o auxilio do publico”. (O ‘Correio Internacional’. *O Liberal do Pará*, 15 nov. 1883:2).

Bastante esclarecedor o editorial do *Liberal do Pará* que diz não precisar “encarecer” o novo periódico, por sê-lo obra de propaganda, defendendo os “interesses brasileiros na Europa e principalmente na França”. Desta feita, alguns dias depois, o mesmo jornal do Partido Liberal publicava uma carta de Pedro do Rego dirigida à imprensa, na qual busca elevar o *Courrier International* frente às outras folhas, como o concorrente *Le Brésil*. A carta também revela a área geográfica escolhida por Santa-Anna Nery e Pedro do Rego para angariar novos negócios por meio do “apostolado das letras pátrias”:

“Representante de um importante órgão da imprensa franceza, publicado em Paris, o grande centro da mentalidade humana, d’onde se espalha, em foco luminoso, a civilização moderna, jornal que se fez, n’este ultimos tempos, o advogado graciosos da causa do engrandecimento e progresso do Brazil; irmão pela nacionalidade, irmão pela profissão, eu bem sabia que como irmão e como amigo, seria bem recebido.

A’ v. às illustradas redacções do “Gram Pará”, do “Liberal do Pará”, do “Diario de Belem” e Diário de Noticias” e bem como á todas aquellas que da Bahia até o Maranhão receberam-me amistosa e fraternalmente...”

“A direcção do ‘Courrier Internatioanl’ é do meu amigo e comprovinciano dr. Santa-Anna Nery, que de há muito, poz ao serviço do Brazil a sua brilhante penna de escriptor de nota, hoje encarregado da secção brasileira n’aquelle jornal, madaram-

me observar de perto o estado de progresso destas duas provincias, estudar e fornecer-lhes dados certos da prosperidade da Amazonia.”

“A imprensa, nossa aliada natural, o commercio, a administração e todos aqueles que almejam a prosperidade do seu paiz, virão de certo em nosso auxilio, ajudar-não a levar a cabo este nosso patriotico empreendimento.”

“Pedindo o auxilio de todos para o ‘Courier International’ que eu tenho a honra de representar, deixamos todavia a convicção dos bons serviços que elle presta, que prestará, na nobre propaganda em favor do Brazil.”

Trabalharemos para “esta rica, grande, fertil e esplendida região, que se chama – A Amazonia” (Rego, 1883:2).

Dá para entendermos agora o porquê Pedro do Rego ter sido o responsável pela primeira biografia – curricular – de Santa-Anna Nery. Rego era o agente de Santa-Anna Nery no Brasil (não sabemos se conseguiu isto antes ou depois de escrever a biografia), o representava perante a “imprensa, nossa aliada natural, o commercio, a administração e todos aqueles que almejam a prosperidade de seu paiz”. Ambos trabalhando juntos em prol deste “patriotico empreendimento”, “a nobre propaganda em favor do Brazil”. Pedro do Rego também estava lá para “observar de perto o estado de progresso destas duas provincias, estudar e fornecer-lhes dados certos da prosperidade da Amazonia”. Utilizando-se desde já do nome forjado para abarcar as províncias do Amazonas e do Grão-Pará: a Amazônia, “esta rica, grande, fertil e esplendida região”. Finalizando, portanto, com uma citação implícita de Santa-Anna Nery em seu mais novo trabalho: *Le pays de Amazones*⁹⁵.

Esta obra fora publicada originariamente, em forma de folhetins, na folha parisiense *Revue Sud-Américaine* (RSA), publicação bimensal de “política, economia, finanças e comércio dos países latinos da América”⁹⁶. Lançada primeiramente em 15 de julho de 1882, a *Revue Sud-Américaine* já enquadrava o Brasil como um desses países latinos da América, assim como o México, estendendo a ideia de “América do Sul” para aquela de “América Latina”, um combate explícito à doutrina *Monroe*, do qual Torres Caicedo (1882), mais uma vez, seria o portador desta ideia latina. Santa-Anna Nery, nesta união latina dos americanos,

⁹⁵ Pedro do Rego seria também o responsável pela venda deste livro em Belém do Para, conforme publicação no *Diário de Notícias* de 15 de abril de 1885 (*apud* Coelho, 2007:53).

⁹⁶ Esta revista tinha a direção e redação-chefe de Pedro S. Lamas (ex-cônsul e secretário da legação de 1ª classe da Argentina). O programa desta folha era bastante correlato com aquele do *Le Brésil*: “la Revue mettra sous les yeux des écrivains, des hommes politiques, des financiers, des industriels, de tous ceux, en un mot, qui lui feront j’honneur de la lire, des données statistiques, des travaux topographiques et ethnographiques des renseignements sur le mouvement et le développement du commerce et de l’industrie dans chacun des pays latino-américains” (*Pedro Lamas apud* RSA, 15 jul. 1882). Entretanto, logo no primeiro número, a revista já mostrava seu pendão vertendo para a Argentina em contraponto ao Brasil. Combatendo-o explicitamente e rivalizando com o *Le Brésil*. Santa-Anna Nery publicou nesta revista alguns livros em forma de folhetins (*Le question du Café*, *Le pays des Amazones*, etc), além de publicar diversos artigos sobre o Brasil. A leitura deste jornal mostra que a Argentina estava bastante organizada institucionalmente para recepção de imigrantes europeus, contando com *Bureaux de Renseignements* em diversas capitais europeias para os possíveis emigrantes, fornecendo guias que expunham todas as possibilidades de imigração na Argentina, por meio de informações jurídicas e geográficas. O Brasil só teria algo parecido quando da Exposição de 1889, sob os empenhos de Santa-Anna Nery.

era o porta-voz brasileiro⁹⁷. Publicando nesta revista diversos artigos e folhetins sobre a única monarquia do Novo Mundo. O *Le pays des Amazones* saiu em 15 de setembro de 1883, num momento em que a “Amazônia” começava a ser vulgarizada na Europa e no Brasil como uma região brasileira⁹⁸, portanto, com características e identidade próprias, tendo na agricultura de exportação – *pays du caoutchouc* – sua base econômica, assim como *Le pays du Café*.

Entretanto, diferentemente do que havia anunciado, Santa-Anna Nery abandona a ideia de continuar seu romance de viagem, pela travessia de *M. Durand*, talvez em razão das fortes críticas, e escreve uma obra “totalizante”. Respondendo de certa forma a crítica que recebera. Pois, falava, agora, com a autoridade de alguém que era filho da “terra encantada das Amazonas”, onde nutriu seus jovens anos. Segundo ele, grande parte dos autores que se debruçaram sobre a região, não só não a viveram – como ele –, como falsearam a realidade, privilegiando este ou aquele aspecto⁹⁹.

Le savant n'enregistre que certaines particularités de la flore ou de la faune; le géographe ne relève que des données topographiques; le trafiquant n'est attentif qu'aux phénomènes de la production; l'homme de lettres se contente d'exploiter le pittoresque en vue de ses descriptions. Aucun d'eux n'étudie le pays dans son entier, dans son harmonieuse unité.

Après avoir lu ces livres, dont quelques-uns sont signés par des maîtres illustres, nous nous sommes demandé s'il ne restait pas quelque chose à faire. C'est alors qu'il nous est venu à l'esprit de recueillir nos souvenirs et de mettre en quelques pages les documents les plus exacts fournis par les étrangers et par les plus compétents de nos compatriotes.

Nous croyons que c'est un moyen de faire connaître à l'Europe cette province des Amazones, que des gens de notre connaissance prennent encore pour une terre

⁹⁷ No centenário do nascimento de Simon Bolívar (“libertador, fundador da Colômbia e da Bolívia”) foi fundada em Paris a *Sociedade latino-americana, Biblioteca Bolívar*. Nesta ocasião, durante mais um banquete, diversos representantes da América Latina discursaram, entre eles Pedro S. Lamas, Torres Caicedo e Santa-Anna Nery. Este último contrastou em seu discurso com todos os outros latino-americanos, que falaram em espanhol, enquanto Santa-Anna Nery falou em francês, em nome do Brasil, destacando que as “cinq Républiques où Bolívar a planté le fier drapeau de l'indépendance, la nature avait dressé les Cordillères des Andes comme une muraille infranchissable. Mais; se corrigeant elle-même, elle y a creusé aussi cet admirable réseau amazonien qui qui nous unit à cette heure, qui nous unira chaque jour davantage, car déjà la vapeur le sillonne en tous sens, et, bientôt, des chemins de fer — comme celui du Madeira-Mamoré — auront fait tomber les dernières barrières” (Santa-Anna Nery *apud* RSA, 10 ago. 1885:14).

⁹⁸ O barão de Marajó também publicou em Lisboa, em 1883, um texto bastante crítico: *A Amazonia: As províncias do Pará e Amazonas e o Governo Central do Brasil*, no qual expõe, como antigo presidente da província do Pará, todos os “inconvenientes, os abusos, a arbitrariedade desse sistema” de centralização administrativa. Fornecendo margens às ideias separatistas da Amazônia (RSA, 01 jan. 1884). Santa-Anna Nery (1884c e 1884d) também publicou dois textos na RML sobre a Amazônia, neste mesmo momento, e colocava como fonte o texto de Marajó. Este último também foi colaborador da RSA. Machado (1989:325), assertadamente, defende a tese de que o termo “Amazônia” só passa a designar as províncias do extremo-norte, com a valorização da borracha e a integração de sua área produtora ao mercado internacional, modificando as condições locais.

⁹⁹ Neste ponto, Santa-Anna Nery se apropria de Ernest Renan, que dissera que para falar convenientemente de religião é necessário ter acreditado e não acreditar mais. Assim, “Nós afirmamos que, para descrever como se deve a terra encantada das Amazonas, é preciso tê-la visto muito e a ter deixado desde certo ponto” (Santa-Anna Nery, 1979:15, tradução do prefácio da 1ª edição de 1885).

fantastique et qu'ils confondent volontiers avec l'antique et mystérieuse contrée où des femmes guerrières chevauchaient sur des juments tartares aux bords du Tanaïs (Le pays des Amazones, RSA, 15 set. 1883:107)¹⁰⁰.

Em outras ocasiões, Santa-Anna Nery já havia se expressado sobre a “transformação completa no estudo da geografia” (Vêr, ouvir e contar, 23 ago. 1875:2) em razão, principalmente, dos congressos internacionais desta ciência, dos quais sempre cobrava a participação do Brasil, por meio do IHGB¹⁰¹. Entretanto, para o trecho supracitado, geografia designa a ciência descritiva, que apenas mostra “a situação do paiz, as cidades principaes, os rios, montes etc” (*Ibidem*). Ele não utilizaria, portanto, o sentido “moderno” de geografia, que ele mesmo apontara sobre a obra de Reclus: “O Sr. Elisée Reclus acaba de publicar na livraria Hachette uma geographia que há de operar uma revolução salutar, e substituir mais dia menos dia, com vantagem, esses velhos manuaes incompletos e atrasados, que ainda correm nossas escolas. Em vez desses aridos compendios teremos um quadro vivo e deslumbrante deste nosso globo e dos povos que o habitão” (*Ibidem*). Santa-Anna Nery diria ainda, neste mesmo *Vêr, ouvir e contar*, que “a geographia commercial e diplomática, a estatística, os dados industriaes e ethimologicos” ocupariam o primeiro lugar no rol dos estudos geográficos.

Ora, se seguirmos o roteiro da obra, que veio a se chamar *Le pays des Amazones: l'El Dorado, les terres à Caoutchouc* (1885), encontramos elencados essas primeiras grandezas da ciência geográfica em relação direta entre a “natureza”, o “homem” e sua relação – econômica – com o estrangeiro¹⁰². Deste modo, antes de publicá-lo na forma de livro, ele envia uma primeira versão a dois amigos do *Institut de France*¹⁰³: o barão de Hübner¹⁰⁴ e Émile

¹⁰⁰ Originariamente, este excerto fazia parte da introdução, quando da publicação do livro, em 1885, transformou-se em prefácio com poucas modificações. A edição brasileira traz este prefácio da primeira edição.

¹⁰¹ Sobre o Congresso Internacional de Geografia realizado em Paris, em agosto de 1875, “sob a presidência do vice-almirante La Roncière Le Neury”, Santa-Anna Nery diz que vários países enviaram representantes para esta “bella festa da inteligência”. Por isso, questiona: “E o nosso *Instituto Histórico Geographico*, por que é que não mandou um representante?...” (Vêr, ouvir e contar, 19 set. 1875:3). Em outro momento, quando a França iniciava a organização da exposição universal de Paris de 1878, onde ocorreriam vários encontros científicos, Santa-Anna Nery dizia que os “governos da Inglaterra, Alemanha, Belgica, França, Holanda, Itália e Suíça já haviam nomeados comissões especiais com plenos poderes escolhidos pelos sábios dos seus países”. E novamente vem a pergunta: “o que fará o Brazil? O que fará o Instituto Histórico e Geográfico? (...) O que fazem esses sábios? Julgão que o Brazil já é tão conhecido que não valha a pena incomodar-se? Julgão se tão ilustres que não necessitam ganhar renome? Façam favor de responder...” (Vêr, ouvir e contar, 20 abr. 1876:3). Ignoramos se o IHGB respondeu, o certo é que a Exposição universal de Paris de 1878 foi uma das poucas em que o Brasil imperial não participou.

¹⁰² “Pour étudier dans tous ses détails le *pays des Amazones* et mettra un ordre logique dans les documents que nous possédons, nous avons adopté une méthode de classification qui embrasse toutes les informations recueillies par nous sur la nature du pays, sur l'habitant de la contrée et sur l'Européen dans ses rapports avec les indigènes. Nous diviserons donc notre travail en trois parties bien distinctes : 1° la nature du pays ; 2° l'habitant ; 3° l'Européen et ses rapports avec l'habitant” (RSA. *Le pays des amazones*, 15 set. 1883:110).

¹⁰³ Algo remarcável desses ambientes em que Santa-Anna Nery circulava, como a ALAI e a RML, é a quantidade de profissionais que pertenciam ao *Institut de France*.

Levasseur¹⁰⁵. Ambos eram bastante conhecidos no Brasil, além de reconhecidos, o primeiro como diplomata e viajante; e o segundo como eminente economista e geógrafo, responsável, dentre outras coisas pela reforma do ensino de geografia na França. O que de certo modo justifica a escolha de Santa-Anna Nery pelos dois. Pois antes de receber quaisquer críticas, o autor de *Le Pays des Amazones* estampava no prefácio os pareceres positivos e elogiosos dos dois sábios renomados.

Apesar de não objetivarmos desenvolver uma análise minuciosa sobre a contribuição geográfica de Santa-Anna Nery na obra supracitada, mas apenas demonstrar sua apropriação do conceito de *pays* em suas representações do Brasil, objetivando sua propaganda pátria, não podemos nos esquivar do forte peso dado aos estudos geográficos na referida obra e que se estendeu por outros trabalhos de Santa-Anna Nery¹⁰⁶. Geografia esta, compreendida sob o rótulo de “Geografia Econômica”. Émile Levasseur¹⁰⁷ seria um dos grandes contribuidores

¹⁰⁴ Joseph Alexander Hubner (1811-1892) nasceu em Viena e havia sido embaixador da Áustria em Roma e em Paris, onde residia. Santa-Anna Nery sempre que possível dava notícia das viagens do barão de Hübner pelo mundo registrado em seu livro, seja no *Le Brésil* ou na RML. Em alguns números iniciais do *Le Brésil* Santa-Anna Nery relata todos os passos do barão em sua rápida passagem pelo Rio de Janeiro, dizendo que ele era bastante conhecido e reconhecido por todos os brasileiros, tendo antigas e estreitas relações com a igreja de Roma (*Le Brésil*, 20 jun. 1882).

¹⁰⁵ Émile Levasseur (1828-1911) nasceu em Paris e se formou na *École Normale Supérieure*. Levasseur era ao mesmo tempo historiador, geógrafo, estatístico e economista, tendo feito parte de inúmeros institutos de ciência (ver Claval e Nardy, 1968; Berdoulay, 1981). No Brasil seu trabalho era bastante conhecido entre a *intelligentsia* brasileira, não lhe escapando críticas entre alguns membros da SGRJ (ver Cardoso, 2010:52 *passim*). Santa-Anna Nery sempre o citava como fonte e exemplo de “brasilianista”, conforme poderá ser visto a frente.

¹⁰⁶ Além disso, Santa-Anna Nery foi membro de diversas sociedades de geografia, no Brasil e na Europa, da qual podemos destacar sua relação como membro correspondente do IHGB e da SGRJ; membro honorário da RGS e membro efetivo da *Société de géographie commerciale de Paris*. Santa-Anna Nery chegou ainda a representar a SGRJ no Congresso internacional de geografia de Paris, em 1889, além de ser conferencista no primeiro Congresso geográfico italiano, em Gênova, em setembro de 1892, no qual apresentou um trabalho intitulado *L'Émigration et l'immigration pendant les dernières années*. Entretanto, o geógrafo Henri Froidevaux criticaria brevemente este trabalho, dizendo que Santa-Anna Nery havia negligenciado a geografia em benefício da estatística, uma crítica indireta, também, ao “mestre” de Santa-Anna Nery, Émile Levasseur (Froidevaux, 1894:30).

¹⁰⁷ A relação entre Émile Levasseur e Santa-Anna Nery daria um capítulo à parte nesta história. Pois desde que Santa-Anna Nery inicia sua propaganda em forma de monografia “científica”, notadamente, a partir de *La Question du Café* (1883), ele usa como modelo os quadros estatísticos e econômicos estabelecidos por este membro do *Institut de France*. Deste modo, Santa-Anna Nery passa a ter como base de sua argumentação a estatística, revelando assim – “cientificamente” – as condições de produção, distribuição, circulação e consumo, todas elas subordinadas às potencialidades econômicas do território. Na primeira publicação de *Le pays des Amazones*, além do “prefácio” de Levasseur, há também um mapa de sua autoria sobre a América do Sul, que encerra a publicação. Levasseur também esteve presente na fundação da *Société Internationale d'études Brésiliennes* realizada na sociedade de Geografia de Paris, em janeiro de 1886, da qual tornou-se o presidente efetivo. No verbete *Le Brésil*, que Levasseur escreveu em parceria com o barão do Rio Branco (ver: Moraes, 2012), o livro *Le pays des Amazones* aparece como referência para a bibliografia geográfica brasileira. Esta relação com Levasseur parece ter levado Santa-Anna Nery a conhecer e posteriormente trabalhar com Paul Leroy-Baulieu, também membro do *Institut de France* e redator-chefe do jornal *L'économiste français*, do qual tanto Levasseur como Santa-Anna Nery foram colaboradores assíduos. Santa-Anna Nery, durante o banquete de comemoração da Exposição universal de 1889, chamou Émile Levasseur de “le plus connu – et j'ajouterais aussi le plus aimé – des Brésilianisant d'Europe”, em função de seu trabalho de vulgarização do Brasil. Santa-Anna

desta sistematização, na qual a geografia serviria de base aos estudos de “Economia Política”¹⁰⁸. Contudo, aos poucos, sob o rótulo de Geografia Econômica foram sendo assumidas também outras geografias, especialmente às produzidas no interior das sociedades de geografia, como a chamada “geografia comercial”, a “geografia industrial” ou mesmo a “geografia colonial”¹⁰⁹. Santa-Anna Nery explicitaria essa sua predileção no prefácio que escreveu para obra de outro amigo francês, também geógrafo, Henri Coudreau:

Je ne voudrais rien écrire de désagréable pour les géographes. La géographie physique est une belle chose. J’aime à savoir que Pará est le nom d’une île et d’une rivière. J’aime encore mieux apprendre que l’exportation du port de Pará en France s’est élevée, pendant la dernière période quinquennale, à plus de 40 millions de francs, tandis qu’elle n’était que de 15 millions dix ans auparavant. J’aime mieux connaître les usages commerciaux de cette place, que d’apprendre que l’héroïque Crevaux n’y a pas été invité à dîner par l’évêque ou par le gouverneur. M. Coudreau me semble avoir les mêmes préférences. C’était là également l’avis de l’un de ses plus éminents prédécesseurs, M. Ch. Wiener, son ancien de Normale Spéciale. Les pages qu’il consacre à la région des prairies, sa monographie de l’Amazonie, sont de véritables documents, à l’usage des prolétaires désabusés de l’Europe et des négociants et industriels en butte à une crise que l’Afrique Centrale est impuissante à conjurer. Son aperçu sur les essais de colonisation en Guyane nous montre en même temps comment il ne faut pas faire, si l’on veut réussir à peupler l’Amérique chaude. (Santa-Anna Nery, 1886b:XII).

Este prefácio¹¹⁰ figura na obra *La France Équinoxiale: études sur les Guyanes et l’Amazonie*. Livro que recebera da *Société de Géographie Commerciale de Paris* o prêmio da *Grande Médaille*¹¹¹. Neste, Henri Coudreau passava a utilizar a regionalização vulgarizada

Nery, nesta publicação, aparece como o inventor do termo “brasilianista”, inspirado nos trabalhos de Levasseur (*L’Amérique*, 08 out. 1889:3).

¹⁰⁸ Nesse sentido é bastante significativo a lista de publicações de Levasseur referente à “economia política” e à “estatística”, demonstrando o papel secundário da geografia, ao mesmo tempo em que fornecia a base: “*Géographie et statistique* (1878) (...); *De l’importance de la géographie physique pour l’étude des forces productives des nations* (1884) (...); *Statistique de la superficie et de la population des contrées de la terre* (1886-1887) (...); *L’Exposition universelle de 1889* (1888); *Le Brésil* (1889) (Cf. a lista completa em Levasseur, 1893:5-7). Levasseur, como responsável da reforma do ensino da geografia na França, explicitaria este papel da geografia como base para os estudos econômicos: “La géographie enseignée comme nous l’indiquons, est une préparation aux études économiques proprement dites, qui devraient avoir une certaine place dans notre classe de philosophie. Elle reçoit de l’économie politique la lumière des principes à l’aide de laquelle parfois elle éclaire et rassemble les faits et, à son tour, elle rend à l’économie politique, le service de mettre à sa disposition l’expérience des nations vivant sur la terre et de produire, dans un classement analytique et propre à faciliter les comparaisons, une multitude de faits, d’où, par réciprocité, peut jaillir une vive lumière jusque sur les principes” (Levasseur, *L’étude et l’enseignement de la géographie*, 1872:54 *apud* Rhein, 1982:232). Como professor do *Collège de France*, em 1885, Levasseur, já como professor titular, mudaria o antigo título de seus curso (“história das doutrinas econômicas”, dentro da cátedra de Economia Política, que dividia com Paul Leroy-Beaulieu) para ““*Géographie, histoire et statistique économique*’ qui en définit plus exactement l’objet. *L’enseignement est resté le même*” (Levasseur, 1893:9).

¹⁰⁹ Marie-Claire Robic, fevereiro de 2013, informação pessoal.

¹¹⁰ Também publicado, posteriormente, na *Revue du Monde Latin*: Santa-Anna Nery, 1886h.

¹¹¹ A obra recebeu também um prêmio durante a exposição universal de Amsterdã (Coudreau, 1886a). Santa-Anna Nery também teria sua obra sobre a Amazônia comentada por um colega da *Société de Géographie Commerciale de Paris*: “Originaires lui-même des régions qu’il décrit, chargé par l’Assemblée provinciale de

por Santa-Anna Nery. Ambos, após se conhecerem no navio *Bahia*¹¹², seriam dois importantes propagandistas da região amazônica na Europa, divulgando estatísticas progressistas, a fim de fomentar a imigração europeia para a região¹¹³.

Entretanto, como lembra Santa-Anna Nery, o povoamento proposto era para a “Amérique chaude”, que possuía um clima “quente”, clima este que os “geógrafos e economistas, que nunca se deram ao trabalho de ir estudar no local esta complexa questão (...), fiéis à tradição, que o branco não pode se aclimatar sob esta latitude” (Santa-Anna Nery, 1899:345). Assim, no *Le pays des Amazones*, Santa-Anna Nery expressa que a geografia “tradicional”, ligada à teoria determinista¹¹⁴, era um entrave propagandístico no que concerne à imigração. Daí, também, não só sua exaltação à geografia dita moderna, mas também seu uso intensivo em relação, sobretudo, ao tratamento estatístico dos dados econômicos sobre o território.

Retomando o conceito de *pays* na obra de Santa-Anna Nery, esclarecemos que o principal sentido proposto pelo autor em sua obra, *Le pays du Café*, se refere, principalmente, a *pays* como país, como o “país do café”, assim como falamos que o Brasil é o país do futebol, carnaval, etc. A compreensão regional é dada por nós, ao não encontrarmos referências nesta obra sobre as províncias da “Amazônia”, privilegiando um recorte geográfico pautado na economia do café. Já para o *Le pays des Amazones*, apesar do termo apresentar diferentes usos e recortes¹¹⁵, o mesmo tem um caráter claramente regional, abrangendo as duas províncias do extremo-norte do Brasil, que Santa-Anna Nery explicitaria como “Amazônia”. Tributário desta análise regional, o conjunto das duas obras poderia nos suscitar um pioneirismo de Santa-Anna Nery, ainda que aparentemente não consciente, no uso

l'Amazone de faire connaître cette province à notre vieille Europe, M. de Santa-Nery s'en est acquitté avec succès. Parisien par ses études et par son long séjour, il manie notre langue avec elegance, et son livre, de 372 page grand in-8°, sera lu avec plaisir, même par ceux qui n'ont pas un intérêt direct au pays de l'Amazone” (Louis Guiton *apud* Coelho, 2007:49).

¹¹² Cf. p. 17.

¹¹³ Não por acaso Henri Coudreau dedicar o livro ao Donatien Barrau, um dos mais importantes membros, e negociante, da colônia francesa em Belém do Pará. Santa-Anna Nery (1887c) realizaria ainda uma conferência na SGRJ, já como membro correspondente, sobre o povoamento da Amazônia, que contou com a “Augusta presença do conde d'Eu”. Ao final de seu texto sobre a Amazônia, na RML, Santa-Anna Nery (1884d:291) diz que “l'Amazonie est la région du monde la plus éminemment colonisable”.

¹¹⁴ “Bien que nous ne soyons pas un partisan outré de la théorie des milieux, et que nous n'accordions à leur influence qu'une part secondaire dans la formation, le développement et la nature morale des êtres intelligents et libres, nous avons dû cependant commencer ce travail sur l'Amazone par la description des lieux habités par la population [os europeus] que nous voulons faire connaître. Le cadre ainsi dessiné, il nous a paru plus aisé d'y adapter l'homme, l'habitant, avec son histoire politique, avec son organisation administrative, avec sa vie domestique et sociale, ses moyens de subsistance, communication dont il dispose, avec ses connaissances intellectuelles” (Santa-Anna Nery, 1899:127,128).

¹¹⁵ Conforme o próprio subtítulo que Santa-Anna Nery daria posteriormente ao livro *Le pays des Amazones, l'El-Dorado, les terres à caoutchouc*. No decorrer da obra também encontramos referências ao *pays* dos diamantes, etc.

de *pays* como terminologia geográfica aplicada tanto ao território brasileiro¹¹⁶, quanto a própria teoria geográfica moderna¹¹⁷. Contudo, se pensamos não haver uma consciência por parte de Santa-Anna Nery em relação à “geografia regional”, não podemos dizer o mesmo em relação aos romances regionalistas¹¹⁸. Produzido por grande parte dos entusiastas da *Revue du Monde Latin*¹¹⁹.

Em relação à noção de Estado, seu uso se torna mais patente quando o compreendemos no meio em que os mesmos, originariamente, foram apresentados. O *Le pays du Café* saiu primeiramente no *Le Brésil: courrier de l'Amérique du Sud* e o *Le pays des Amazonas* na *Revue Sud-Américaine*. Ambos, jornais que defendiam os interesses políticos e econômicos dos países latino-americanos na Europa. Deste modo, apresentar o Brasil como o “país do Café” ou como o “país das Amazonas”, neste contexto, significava deslegitimar os demais países vizinhos quanto aos dois principais produtos de exportação do Brasil naquele momento. E mais uma vez, a geografia econômica, por meio das estatísticas financeiras, aplicadas às zonas de produção, comercialização e consumo, vinham legitimar o discurso de Santa-Anna Nery a fim de colocar o Brasil entre “a primeira nação latina do Novo Mundo”. Nação “latina”, “monárquica” e “liberal” que necessitava, ainda, de capitais e imigrantes europeus para sua ascensão definitiva na senda do “progresso”.

Neste rumo, para que fazendeiros e negociantes do Brasil tivessem seus interesses defendidos e propagados no grande centro consumidor europeu, necessitavam de

¹¹⁶ Machado (1995:333), entretanto, aponta o trabalho de André Rebouças (1889) como pioneiro nesse sentido, conforme pode ser visto na p. 173. Correa (1987:27), por outro lado, diz que quem introduziu no Brasil o conceito de região natural, inerente ao conceito de *pays*, fora Carlos Delgado de Carvalho. Moraes (2012:248), neste rumo, chama a atenção para o volume 19 da *Nouvelle Géographie Universelle* de Élisée Reclus, publicada em 1894, “que também pode ser interpretada como proposta pioneira de regionalização do território brasileiro, usa como critério básico de repartição espacial as bacias hidrográficas”.

¹¹⁷ Se pensarmos que o livro de Vidal de la Blache, em que ele propõe o uso de *pays* como base para regionalização da França, é de 1888 (Cf. Vidal de la Blache. *Des divisions fondamentales du sol français*. In Camena d'Almeida e Vidal de la Blache, *France. Cours de géographie a l'usage de l'enseignement secondaire. Introduction*. Paris: Armand Colin, 1897 [1888]). Importante ressaltar que o próprio Vidal de la Blache seria dúbio na utilização deste termo, tanto ao privilegiá-lo, quanto à rechaçá-lo. Sobre a dualidade das abordagens regionalistas em Vidal de la Blache ver: Marignier e Robic, 2007.

¹¹⁸ Bourdieu (1989:105), ao privilegiar a ideia de *região*, em sua história social das categorias de pensamento do mundo social, dirá que para o entendimento do mesmo é necessário apreender a gênese do conceito de *região* em seus espaços de produção, quais sejam: “o campo literário no caso do estereótipo elaborado pelos romancistas regionalistas, o campo universitário no caso da unidade física e social delimitada pelos historiadores, pelos geógrafos ou pelos politólogos, o campo social no seu conjunto no caso da unidade política reivindicada pelos movimentos regionalistas”.

¹¹⁹ Neste rumo, o texto de Almiral (1885), *L'idée latine et les renaissances régionales*, é exemplar. O autor inicia por uma forte crítica a “ideia nacional” que uniformiza as leis, costumes, linguagem, arte, ciência, política, administração, etc. Assim, ele diz que o “renascimento regional” é o elemento que vem contestar a “organização uniformista” da Nação e a “ideia latina” estaria fortemente ligada ao “despertar das regiões”. Finalizando com a assertiva de que “a ideia latina, tal qual nós a compreendemos, tem por objetivo, não a unidade, mas a união da nossa raça” (1885:189).

representantes. Profissionais ligados às câmaras de comércio, às empresas de comunicação (marítima e ferroviária), com conhecimentos sobre as legislações alfandegárias e imigratórias, mas também de publicistas, os profissionais da imprensa, responsáveis pela disseminação da informação. Pelo alto custo desta propaganda, normalmente, era o Estado o responsável por arcar com esta divulgação, especialmente por meio de suas embaixadas ou consulados¹²⁰. Uma vez que era o conjunto da “Nação”, ou parte dela, que estava sendo difundida, beneficiando, de forma direta ou indireta, produtores, industriais e comerciantes de grande parte do território nacional.

O homem de letras ou o publicista que se sujeitava a fazer esta divulgação – patriótica – adquiria dupla recompensa. Tanto pelos proprietários da folha, quanto pelos governos. Para o caso da obra *Le pays du Café*, não dispomos de dados que confirmem que ela tenha sido encomendada por algum governo (provincial ou o imperial), apesar de ela ter saído num órgão repleto de membros do governo, que recebia subsídios do governo imperial. Entretanto, acreditamos que ela tenha servido como uma auto-propaganda do autor para angariar subsídios – pessoais – futuros. Pois seu livro seguinte, ainda sobre o café, conseguira patrocínio do *Centro da Lavoura e Commercio*, além de prêmio. Somente após este reconhecimento do poder central, é que Santa-Anna Nery, também em 1883, inicia sua propaganda em prol da Amazônia, decorrente de um contrato assinado entre ele e a Assembleia legislativa do Amazonas para divulgação da província na Europa¹²¹. No segundo semestre, deste mesmo ano, a “Amazônia” – *Le pays des Amazones* – já era apresentada/propagandeada na Europa em forma de folhetins. Demoraria ainda mais dois anos para que ele saísse na forma de livro e marcasse a vida e a morte de Santa-Anna Nery como sua obra prima¹²².

¹²⁰ Havia uma crítica recorrente entre a geração de 1870 sobre a decadência do corpo diplomático brasileiro. Santa-Anna Nery, por seu trabalho de propagandista na Europa, era colocado como exemplar “diplomata” na Europa, ao menos entre os seus pares. Assim se expressa o autor de *Por que me ufano de meu país*: “O Brazil tem na Europa ministros plenipotenciarios, encarregados de negocios, consules, vice-consules, addidos, - um mundo diplomatico, numeroso e inutil. Entretanto o seu único representante verdadeiro é Santa-Anna Nery, que apresentando as credenciais do seu talento, tem sido o embaixador do nosso progresso, formando a legação de nosso espirito” (Affonso Celso Junior *apud* Rego, 1882:26). De certo modo, se pensarmos que os três pilares da diplomacia são: “representação, negociação e informação” (Carlos Alberto Asfora, julho de 2012, informação pessoal), temos de concordar com o papel de Santa-Anna Nery na Europa, também, como diplomata.

¹²¹ Seu irmão, Silvério Nery, era deputado da referida Assembleia, responsável, dentre outras coisas, pelo relatório que pôs fim à escravidão no Amazonas, em 10 de julho de 1884 (Santos *et. al* 1980:50).

¹²² Como vimos no 1º capítulo, Santa-Anna Nery ficou conhecido, postumamente, não só como o autor de *Le Pays des Amazones*, mas como alguém que dedicou grande parte de sua vida à Amazônia. Não havendo muitas referências sobre suas relações com as províncias do Sul. O mesmo ocorreu quando a “Comissão subsidiária de trabalhos historicos” do IHGB, composta por Sacramento Blake e o Dr. Cezar Augusto Marques, analisou a relevância da produção textual de Santa-Anna Nery para adentrar ao grêmio, em 04 de setembro de 1885, destacando *Le pays des Amazones*, publicado na RSA (Blake e Marques, 1885:366-367). A candidatura de

3.3 As bellas festas da inteligência e do trabalho

Au milieu de ses grandes préoccupations en 1889, durant l'Exposition, il écrivait à sa jeune belle-fille, qui se trouvait aux eaux, en Bavière, avec sa mère, les lignes suivantes empreintes d'un charme admirable: "Je travaille sans cesse, ma mignonne, mais du travail aride, ennuyeux, qui me fait regretter d'autant plus nos douces canseries et nos petites recherches historiques et littéraires. J'ai dû mettre tout à fait de côté notre cher "St. Antoine"; Sta. Izabel de Portugal doit m'en vouloir aussi. Pas un instant pour mes vieux classiques. Je deviens aussi *épiciier* que l'était M. Durand, avant de faire le tour du Brésil, à force de fréquenter tous ces bons exposants, qui, d'ailleurs, sont les plus braves gens du monde. Ma popularité est si grande qu'on voudrait me faire mourir d'indigestion à force de déjeuners et de diners! La section brésilienne a un succès fou. On y déguste du café dans de jolies tasses revêtues des armes impériales. Tu verras tout cela plus tard. L'essentiel est de bien soigner ta chère mère et de me la ramener bien portante". (Carta de Santa-Anna Nery a sua enteada Maud, 1889 *apud* Faria, 1905:XLII).

Nos idos de 1879, quando a ALAI realizava o seu segundo congresso, em Londres, um membro alemão, Loewenthal, insistiu fortemente para a criação de "comitês nacionais", além da sede central de Paris¹²³. Santa-Anna Nery, então vice-presidente da ALAI, se ofereceu para criar o relatório que pautaria a criação dos referidos comitês. Neste, o vice-presidente defende que os comitês nacionais tenham em seu seio todos os elementos necessários para frutificação da "boa semente" da propriedade literária nacional. Quais sejam: "um jornalista", "um literato", "um editor", "um capitalista" e "um membro do parlamento". Santa-Anna Nery especifica ainda a função de cada um neste conjunto: "O jornalista distribuirá nossas ideias na imprensa; o literato e o editor serão os representantes naturais dos nossos interesses; o capitalista representaria o *nerf de la guerre*¹²⁴, e o membro do parlamento, após a movimentação pacífica, quando a ideia de propriedade literária estiver bem estabelecida em

Santa-Anna Nery como membro da SGRJ se daria no mesmo ano (RSGRJ, n. 4, 4º trimestre. Tomo I. 1885:384), provavelmente dada pelos mesmos critérios, que infelizmente não constam da referida publicação. Antonio Faria (1905:XXXVIII) diz que *Le pays des Amazones* foi traduzido ainda para o italiano, pelo diretor do jornal *l'Amazonia*, de Gênova e esgotada rapidamente (há um exemplar na biblioteca da Câmara, em Brasília). A obra também foi traduzida para o inglês, conforme tradução de seu genro G. Humphery (disponível na rede mundial de computadores). Ainda segundo Faria, esta tradução valeu a Humphery sua eleição como membro da RGS. Se esta informação for verdadeira, dá para entendermos o porque desta sociedade londrina ter eleito Santa-Anna Nery seu membro honorário. Esta obra de Santa-Anna Nery foi ainda inteiramente revisada pelo autor em 1899, sendo possível analisá-la sobre dois contextos: o imperial e o republicano.

¹²³ "Ce terrain neutre que vous voulez créer en France doit exister dans tous les pays où l'on a le souci de la dignité des écrivains. Et chez toutes les nations, on doit travailler de concert à la défense de la propriété littéraire. Or, seuls des Comités nationaux disposeront des éléments nécessaires pour agir efficacement" (Loewenthal *apud* BALAI, n.9, 1880:6).

¹²⁴ Nesse sentido, *nerf de la guerre* designa o "dinheiro", o "capital" necessário para que a ação ocorra.

todos os espíritos, poderia traduzir em lei positiva nossas *intenções*¹²⁵” (Santa-Anna Nery, 1879:13-14)¹²⁶.

Quando o jornalista Silva Lisboa tenta compreender as razões da morte de Santa-Anna Nery, descritas no primeiro capítulo, o mesmo diz ser fruto daqueles homens que “labutam desesperadamente em negócios múltiplos em que se fatiga o espírito e o coração”¹²⁷. Santa-Anna Nery, nesta cartinha graciosa enviada a sua enteada, resume esses “múltiplos trabalhos” na figura do personagem central de sua trama pelo *pays du Café*: o *Épicier M. Durand*.

Os dicionários brasileiros não nos dão muitas pistas sobre o entendimento múltiplo da forma equivalente “especieiro”, além daquela já descrita – o comerciante de especiarias. Já os franceses, nos dão mais pistas, uma vez que este vocábulo faz parte do vernáculo francês há pelo menos sete séculos. Assim, numa primeira acepção encontramos aquela dos dicionários brasileiros, que para os séculos XVII e XVIII iria se estender para a ideia de um comerciante em geral. Num segundo senso, seria o proprietário de uma *épicerie* (um mercado voltado para produtos alimentícios, como as nossas mercearias, por exemplo). O terceiro sentido proposto é pejorativo, designando um homem de espírito estreito, que não está acima de seu próprio comércio, resumindo, um burguês. Por consequência, temos a quarta e última acepção, designando uma pessoa que busca apenas ganhar dinheiro (Nouveau Petit Robert, 2001).

Ao chegar ao fatídico ano de 1889, Santa-Anna Nery tornara-se um *épicier* no amplo entendimento da palavra, aplicado, especialmente, em sua relação com a imprensa e seu principal produto de venda: o “Brasil”. Ao longo da década de 1880, Santa-Anna Nery não só desenvolveu trabalhos como jornalista, homem de letras e ciências, mas também como editor, capitalista e como representante do governo brasileiro. Desempenhando, desta feita, – de forma “profética” – todo o conjunto proposto para os comitês nacionais da ALAI. Comitê este que Santa-Anna Nery teria defendido para o Brasil, mas que parece não ter sido levado adiante pelos homens de letras brasileiros¹²⁸. Nesse sentido, é fundamental também o entendimento de homem de letras para o nosso *épicier*:

¹²⁵ No original, *desiderata*.

¹²⁶ O relatório produzido por Santa-Anna Nery foi aprovado em plenária com poucas modificações. De certo modo, os apontamentos propostos por Santa-Anna Nery refletem muito bem as análises empreendidas por Anderson (2002) e Ortiz (1991), já discutidas na primeira parte deste capítulo.

¹²⁷ Cf. p. 126.

¹²⁸ Bastante significativo ter sido um brasileiro radicado em Paris a desenvolver a estrutura dos comitês nacionais para a ALAI e que foram acatados por diversos países, como a idealizadora Alemanha, mas também Espanha, Itália, Colômbia, Uruguai, Venezuela, etc. (BALAI, n.7, 1979:16). Santa-Anna Nery chega a dizer que defenderia esta estrutura para o Brasil, mas não sabemos de fato como a informação foi recebida. Entretanto, como um entusiasta dessas agremiações das belas letras, compondo mesas e reuniões com o célebre Victor Hugo, é expressivo que ele não tenha sido chamado para participar, por exemplo, da formação da Academia Brasileira de Letras, formada por alguns de seus conhecidos como Affonso Celso Junior, Machado de Assis, Escragnoille

(...) ce sont ses hommes de lettres: ses romanciers admirables, ses inimitables auteurs dramatiques. Ils exportent les idées françaises, un article très demandé; et, par la trouée que font leurs oeuvres, passent les ballots de marchandises. Ces hommes de plume font plus pour son commerce que toutes ses chambres syndicales et que tout son corps consulaire, et si la rue du Sentier était reconnaissante, elle leur donnerait une participation dans ses bénéfices (Santa-Anna Nery, 1889g:465).

Na citação acima, retirado de um artigo sobre “comércio e navegação” para a Exposição Universal de 1889, está explícita a relação entre literatura e economia. Sendo a primeira o meio de fomentação da última. Indo de encontro ao pensamento de seu círculo de literatos, formado pelos membros da ALAI, pois como nos lembra ainda Santa-Anna Nery, se as ruas de comércio soubessem da eficácia desta propaganda, pagariam parte de seus lucros a esses mercantilistas das letras¹²⁹.

Se analisarmos a produção bibliográfica de Santa-Anna Nery, a partir da década de 1880, veremos uma capacidade literária que impressiona, tanto pela quantidade de obras, quanto pela variedade de temas abordados¹³⁰. Temas esses, por excelência, voltados para dar forma à “consciência nacional” do Brasil. Se na década de 1870 o jovem Frederico José Nery participava da consolidação da Itália por meio do “princípio da nacionalidade”, agora, Santa-Anna Nery, propagandeava a “ideia nacional”; construía e reproduzia uma ideia de Brasil na Europa.

Taunay, entre outros. Talvez por isso, Santa-Anna Nery chega a desdenhar da “*L'Association des Gens de lettres du Brésil*”, dizendo que ela pouco fala dela e que seria muito “difícil estabelecer laços profissionais duráveis entre escritores de um país onde a propriedade literária não é reconhecida” (Santa-Anna Nery, 1889i:609). Ora, mas não era exatamente este um dos intuitos de se formar os comitês nacionais da ALAI: “traduzir em lei positiva nossas *intenções*” (Santa-Anna Nery, 1879:14)?

¹²⁹ Percebe-se que Santa-Anna Nery apesar de distante da ALAI, neste momento, não se distanciou de seus membros, além de se mostrar alinhado com suas ideias, como a expressa por Pinheiro Chagas, que viria a ocupar a vice-presidência da ALAI no lugar de Santa-Anna Nery, logo após o Congresso de Lisboa. “Ce serait donc oiseux d'entreprendre la tâche de défendre la propriété littéraire. Mais on parle de mercantilisme, on regrette que le Congrès s'occupe, presque exclusivement, de ces questions d'intérêt; on dit que nous rabaissons notre noble profession au niveau d'un métier ou d'une industrie. Eh bien! messieurs, moi j'accepte cette désignation et je m'en enorgueillis. Oui, nous sommes des industriels, et nous forgeons la nuit, sur notre enclume, des idées qui vont peut-être, le lendemain, comme l'acier des épées, reluire en plein soleil, comme le bronzé des cloches, sonner, le tocsin des grandes révolutions, comme le fer dès boulets, démolir les murailles de quelques vieux préjugés. Oui, nous sommes des industriels, et s'il y a des industriels qui fabriquent la locomotive qui nous emporte à travers le monde sur ses ailes de feu, nous, nous fabriquons la pensée qui emporte le monde à travers les espaces, sur la route lumineuse du Progrès; et s'il y a des industriels qui tordent et déroulent, dans leurs ateliers, ces minces tils de fer qui vont bientôt à travers les airs frémir au souffle de l'électricité, les grands poètes de notre temps, dans le silence de leurs appartements cisèlent dans le métal grossier de la parole humaine la strophe aérienne qui va bientôt frémir et transmettre au monde tout entier le souffle magique de la Liberté. Oui, nous sommes des industriels, et c'est là notre grandeur. Nous sommes des ouvriers, et nous travaillons comme les autres dans ce grand atelier de la civilisation moderne (Applaudissements!)” (BALAI, n. 10, 1880:34-35).

¹³⁰ Conforme pode ser vista em parte no tópico Publicações de Santa-Anna Nery, já que a lista apresentada não é exhaustiva.

Os meios propostos para esta propaganda eram variados, apesar de terem na pluma o seu centro¹³¹. Desde seus folhetins – *Vêr, ouvir e contar* –, Santa-Anna Nery chama a atenção para “as bellas festas da inteligência e do trabalho”, nas quais as nações vinham apresentar ao mundo seu grau civilizacional, tendo como base o progresso de seu comércio, indústria e ciência. Neste “concerto econômico dos grandes Estados”, o mundo era concebido como um “grande corpo, um organismo gigantesco”, no qual Santa-Anna Nery defendia para o Brasil, mais uma vez, a supremacia entre os latino-americanos frente o continente “civilizador”, a Europa; dando-lhe lugar de destaque na chamada divisão internacional do trabalho, faltando-lhe apenas “braços” e “capitais”, e sobrepujando recursos (“riquezas”) naturais (Santa-Anna Nery, 1889d:X-XI). Deste modo, ele próprio passara a propor e organizar exposições permanentes do Brasil na Europa¹³². A *Société Internationale d’Études Brésiliennes* (SIEB) fundada em Paris, em janeiro de 1886, se insere neste contexto. Proposta por Santa-Anna Nery e Pedro Correa d’Araujo¹³³, a sociedade tinha como objetivo divulgar, permanentemente, produtos brasileiros no “coração do mundo”¹³⁴, a fim de angariar ao Brasil trocas comerciais diversas. Para tanto, foi alugado um local em Paris – “a meca do mundo” – disponibilizando ao público uma “pequena biblioteca” com os “principais jornais” do Brasil, além de “alguns livros, mapas e documentos fidedignos”. Além disso, a sociedade oferecia cursos de língua portuguesa – “os únicos existentes em Paris”¹³⁵ – para facilitar o intercâmbio entre os comerciantes. A província de Pernambuco foi a primeira a ter seus produtos expostos

¹³¹ Em carta escrita ao presidente da província do Grão-Pará e editor chefe da revista da SGRJ, Tristão de Alencar Araripe, Santa-Anna Nery expressa muito bem os meios propostos para um propaganda pátria efetiva: “A propaganda na Europa deve ser feita por meio de frequentes artigos em jornais e publicados periodicamente em diversos países. Seria útil a publicação de um — Guia do imigrante —, dando em linguagem singela, ao alcance de todas as inteligências, informações gerais, relativamente aos favores concedidos aos imigrantes, noções sumárias acerca da província, do clima, das vias de comunicações, do comércio, da produção, das condições de existência, conselhos sanitários, etc. (...) A esse conjunto de meios de propaganda, juntar-se-hão circulares, contando as mesmas informações, remetidas ao corpo consular brasileiro, às câmaras de comércio, às sociedades de geografia e de colonização, e profusamente distribuídas pelos centros agrícolas e industriais. Algumas conferências, com projeções, completarão essa propaganda prática e constante” (Santa-Anna Nery, *Lettre au Illm. e exm. sr. conselheiro Tristão do Alencar Araripe, presidente da província do Grão-Pará*. Paris, 08 de janeiro de 1886 *apud Diário de Belém*, 10 jan. 1886).

¹³² Em seu livro *Le pays des Amazones* (ver capítulo VII), Santa-Anna Nery propõe exposições permanentes da Amazônia na Europa, com destaque para os tipos de produtos e seus valores na Amazônia e na Europa.

¹³³ Irmão do barão de Itajubá, Secretário da delegação imperial do Brasil em Berlim. A SIEB tinha como presidente efetivo Émile Lèvasseur e como presidente honorário o conde Ferdinand Marie de Lesseps (1805-1894). Este último, um dos grandes entusiastas da circulação global, tendo sido o responsável pela abertura do canal de Suez (1869) e pelo início da abertura do canal de Panamá (Larrousse, 2010).

¹³⁴ Todas as citações a seguir, exceto quando indicada, se referem a Santa-Anna Nery, 1887a.

¹³⁵ “Nous avons donc fondé deux cours gratuits de langue portugaise. Deux de nos compatriotes – un chambellan de S. M. l’Impératrice et un attaché à la Légation impériale du Brésil ont bien voulu d’en charger. (...) Grâce à ces cours, la connaissance de notre langue – langue tellement négligée qu’elle n’est même pas acceptée dans les programmes officiels de l’Université de France – la connaissance de notre langue s’étendra peu à peu” (Santa-Anna Nery, 1887a:911).

na SIEB. “Cette exposition embryonnaire a été honorée de la visite de S. M. l’Empereur du Brésil et de celle de Mgr. le comte d’Eu. L’un et l’autre, après l’avoir parcourue, ont daigné nous dire: – ‘Persévérez; c’est un bon commencement’”.

Os membros da SIEB perseveraram e tempos depois, o governo imperial passava a subsidiar a sociedade. Santa-Anna Nery havia empreendido, em meados de 1887, mais uma viagem ao Brasil. Durante esta, conseguiu do conselheiro Rodrigo da Silva a promessa de subvenção via Ministério da Agricultura. Nesta ocasião, Santa-Anna Nery aproveitara também para conseguir apoio político e econômico para a participação do Brasil e suas províncias na Exposição universal de Paris de 1889, conforme podemos ler no *Liberal do Pará*:

“Acha-se novamente entre nós o Ilustre dr. Sant’Anna Nery, o distinto filho desta região que elle tão dignamente tem sabido representar no velho mundo. O seu fim, emprehendendo esta viagem aos lares patrios, é promover os meios de fazer o Brazil figurar honrosamente no jubileu industrial que a França pretende realizar em 1889. Não pode haver mais patrióticos e nobilissimo commetimento! Oxalá que, para leva-lo a effeito, conte o dr. Nery com esforçados auxiliares” (Planche, 1887:2).

Apesar de toda a benção do jornalista do *Liberal do Pará*, Santa-Anna Nery parece não ter conseguido apoio inicial de sua província natal para a Exposição, além de ver a Assembleia legislativa do Pará desautorizá-lo frente a um contrato firmado com o presidente da província¹³⁶. Já no Amazonas, mais uma vez, a Assembleia legislativa disponibilizou “60 contos de réis, pouco mais que 150.000 francos” para representação da província na Exposição de 1889 (*L’Amérique*, 14 jun. 1889:3). Por parte da representação nacional, Santa-Anna Nery esteve a mercê das condições políticas, não favoráveis à participação pátria, no que viera a ser a última participação do Império do Brasil numa Exposição Universal.

¹³⁶ A *Sociedade Central de Imigração* (da qual Santa-Anna Nery chegou a ser representante em Paris), por meio de sua revista, nos revela parte da contenda entre os diferentes proponentes para atrair imigrantes ao Pará. De um lado, Santa-Anna Nery, que seria responsável por agenciar a província na Europa, por meio de um escritório central em Paris e possíveis filiais em outros países europeus, com intuito de propagandear, por diferentes meios, o Pará. Receberia para isso a quantia de 26 contos de réis por ano; de outro lado, João Antonio Rodrigues Martins, cônsul brasileiro em Gênova, que se dispunha, mediante pagamento de passagens para os imigrantes, enviar italianos para trabalharem nas lavouras do Pará. A *Revista da Sociedade Central de Imigração* verte o seu pendão para a proposta de Rodrigues Martins, alegando que o contrato com Santa-Anna Nery é demasiado vultoso para a frágil situação financeira por que passava a província, acrescentando ainda a importância de se priorizar agricultores para o Pará (Imigração para o Pará, set. 1887, *passim*). O *Liberal do Pará*, meses depois noticiava a decisão da “Assembleia Provincial” em romper o “escandaloso” contrato entre Santa-Anna Nery e o presidente da província. Antigos aliados de Santa-Anna Nery, como Domingos Olympio e o barão de Igarapé-miry, votaram pelo distrato (Assembléia Provincial sessão de 24 de novembro, 1887:2).

3.4 Bastidores da participação brasileira na Exposição universal de 1889

Como já apontado no início deste capítulo, havia muita resistência por parte de membros da elite imperial em participar de uma Exposição, fruto de um projeto de governo – a III República Francesa – em consolidar, perenizar e comemorar a interpretação republicana da história nacional francesa¹³⁷. Nesse sentido, o ministério Cotegepe aparecia como um entrave à participação brasileira¹³⁸, pois somente com o novo ministério de João Alfredo Correa de Oliveira, em 10 de março de 1888, é que membros da colônia brasileira em Paris e comerciantes franceses, interessados nesta participação, puderam contar com a ajuda política e econômica do governo imperial; há apenas 14 meses antes da abertura oficial da Exposição.

Antonio da Silva Prado, irmão de Eduardo da Silva Prado, aparece também como figura central neste processo. Na apresentação do livro *Le Brésil en 1889*¹³⁹, uma das obras mais importantes produzida para esta exposição e financiada pelo governo, Antonio Prado é posto como o primeiro político – então ministro das Obras públicas – a declarar que o Brasil participaria oficialmente da referida exposição, isso ainda em setembro de 1885. Entretanto, após sua saída, em maio de 1887, o governo mudara de opinião. Antonio Prado retornaria como ministro dos Negócios Estrangeiros juntamente com o novo Gabinete João Alfredo. “Coincidentemente” e concomitantemente ao novo ministério, em 14 de março de 1888, se daria a formação do *Comité franco-brésilien*, divulgado como a “Comissão franco-brasileira iniciadora da Exposição do Brasil em Paris”¹⁴⁰. Amédée Prince aparece nesta mesma publicação como o responsável por instigar membros da colônia brasileira em Paris, sobretudo, Santa-Anna Nery e Eduardo Prado, a trabalharem pela participação do Brasil no certame. Prince era “*secrétaire de la Chambre syndicale des Négociants-Commissionnaires de Paris*”, e como tal, representava os interesses de sua classe. Como secretário, apresentou aos dois brasileiros os desejos dos “negociantes” e “industriais” franceses na participação do

¹³⁷ Pascal Ory (1997:465), na coleção dirigida por Pierre Nora, diz de início que “l’histoire voulut que la premier centenaire de 1789 fût fêté en France alors que les hommes qui se réclamaient le plus explicitement de cet héritage étaient au pouvoir”. Deste modo, a “Exposição do Centenário” se insere na política da III República francesa, que juntamente com seus *hommes de lettres et d'affaires*, em consolidar a forma republicana com o próprio nascimento da França; organizado em três eixos intercambiáveis: “o historiográfico, o monumental e o cerimonial”.

¹³⁸ Em janeiro de 1888, o governo imperial chegou a declarar ao ministro francês do Rio de Janeiro que o Império do Brasil não se faria representar na exposição de Paris de 1889 (*L’Empire du Brésil*, 1889).

¹³⁹ Explorado no próximo tópico: 3.5 A síntese monárquica: *Le Brésil en 1889*.

¹⁴⁰ A comissão mal nascera e já encaminhara ao Rio de Janeiro, ao Presidente do Conselho, João Alfredo, uma carta solicitando o seu apoio. Ao mesmo tempo em que o visconde de Cavalcanti (Diogo Velho de Cavalcanti e Albuquerque) parte para Cannes a fim de conseguir a anuência e proteção de Pedro II à comissão franco-brasileira (*L’Empire du Brésil*, 1889).

Brasil na Exposição de 1889, bem como dos “exportadores” e todos os demais homens de negócios envolvidos com o comércio exterior. Amédée Prince defendia também seus próprios interesses como proprietário da *Amédée Prince et Cie*, empresa que agenciava produtores e proprietários de estabelecimentos comerciais franceses nos “dois mundos”, particularmente na “América do Sul, no Extremo Oriente, no Canadá e nas Colônias Europeias da África” (Amédée Prince et Cie. 1886)¹⁴¹.

No Brasil, a *Amédée Prince et Cie* estava presente em mais de 15 cidades, número inferior apenas ao do Chile, em termos de representações comerciais nesta economia-mundo¹⁴². Para esta empresa, a posição geográfica de um Estado era “um dos elementos principais de sua prosperidade e de seu desenvolvimento” (nessa perspectiva, o Brasil levava vantagem em relação ao Chile para o consumo do mercado Europeu). Através deste determinismo, distribuía aos seus clientes mapas continentais de suas áreas de atuação, com o intuito de apresentar novos mercados “où se poursuit la lutte commerciale dont les fabricants français doivent sortir victorieux”. Para a realização deste imperialismo econômico de grupos franceses, a *Amédée Prince et Cie*, desde 1870, não cessava de “chercher dans ces contrées des débouchés nouveaux pour notre industrie, en portant nos efforts sur les capitales d’États, puis sur les ports de mer alimentant des provinces intérieures et enfin sur les villes reliées à ces ports par des voies ferrées ou fluviales”. Os comerciantes franceses, deste modo, mantinham-se informados sobre a situação geográfica do planeta, escolhendo localidades nas quais seus produtos pudessem prosperar¹⁴³. Para além da determinação geográfica dos Estados, estava também a questão da comunicabilidade de seu território, possibilitando, por meios técnicos ou diplomáticos, a livre e eficaz circulação de mercadorias¹⁴⁴.

Fazendeiros e demais produtores brasileiros, na outra ponta, dependiam dessas condições para chegarem aos mercados consumidores, especialmente, o europeu e estado-unidense. O capital externo aplicado às redes de circulação – ferrovias, hidrovias, portos, telégrafos, etc. – servia, portanto, aos dois extremos: o centro (produtor da tecnologia e

¹⁴¹ Com exceção da América do Sul e México grande parte das localidades em que a *Amédée Prince* mantinha relações comerciais eram fruto do colonialismo francês. Revelando que a ideia de “aos latinos o mundo latino” prosperou para a França, como “o Latino dos latinos”.

¹⁴² A *Amédée Prince et Cie* além de contar com grande parte da imprensa nas cidades em que mantinha relações, produzia para os seus clientes na França um órgão de publicidade de seus trabalhos e seus princípios: *Comptoir International de Publicité*. Neste eram publicados mapas com as áreas de atuação da “casa de comércio” no mundo. Em 1886, ela estava presente em 16 localidades de Norte a Sul do Brasil, como Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Santa Catarina, Porto Alegre, Rio Grande, dentre outras (Amédée Prince et Cie, 1886). As demais citações, sem identificação, exceto quando indicadas, pertencem a esta publicação.

¹⁴³ Para além da ideia do “mundo latino”, em 1883, o governo francês criou a Aliança francesa, a fim de estender a influência da França no estrangeiro pela propagação da língua e da cultura francesa (Larousse, 2010).

¹⁴⁴ Nesse sentido, é exemplar a abertura da livre navegação do rio Amazonas, em 1867.

consumidor de matéria-prima) e a periferia (dependente da tecnologia e produtor de matéria-prima), a velha lógica colonial, sob novas roupagens. O Estado periférico, nesta divisão, ficava com grande parte do encargo financeiro para o fornecimento da estrutura viária, fruto de empréstimos junto aos Estados centrais, interessados tanto na venda tecnológica, nos juros dos empréstimos, quanto na acessibilidade às matérias-primas.

Neste sentido, percebe-se que a participação brasileira na “Exposição do Centenário” surge, também, desses interesses – liberalizantes – combinados. A política nesta interpretação é tributária ao desenvolvimento econômico – a Economia Política¹⁴⁵ – desses homens de negócios, infiltrados diretamente ou indiretamente nas decisões de Estado. A família Silva Prado, a mais importante e representativa do ciclo do café¹⁴⁶, estava duplamente representada nesta reaparição do Brasil na Exposição de Paris. De um lado, Antonio Prado, um dos mais ricos cafeicultores do país, proprietário de ferrovias, senador, conselheiro e ministro do Império, responsável, dentre outras coisas, pela execução do decreto assinado pela princesa Isabel que autorizava o governo a despendar até 300 contos de réis para ajudar o *Comité franco-brésilien pour l'Exposition universelle de Paris et les exposants brésiliens qui prendront part à la dite Exposition* (L'Empire du Brésil, 1889). Do outro lado do Atlântico, em Paris, Eduardo Prado, o irmão caçula (vinte anos mais novo que o primogênito Antonio), diretor do referido *Comité*, que receberia as subvenções do Império.

Eduardo Prado, bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo, como o irmão, nesta ocasião, não contava ainda com trinta anos de idade. Contudo, já havia percorrido grande parte do mundo, publicando parte de suas impressões de viagem, além de colaborar com o jornal *Correio Paulistano*, de propriedade de seu irmão, Antonio Prado. De posse deste capital cultural e financeiro, Eduardo Prado, que residia em Paris, convergia para sua residência diversas personalidades do final do século XIX, representantes de diferentes nacionalidades: franceses, portugueses e brasileiros prevaleciam em seus jantares suntuosos

¹⁴⁵ Nesses termos conflui o programa de Émile Levasseur como professor do *Conservatoire des Arts et Métiers* na cadeira de *économie politique et législation industrielle*, em 1882, composto por 40 a 44 lições, com duração de cinco anos, consagrados “sucessivement à la production, à la répartition, à la circulation, à la consommation des richesses, à la législation industrielle et commerciale” (Levasseur, 1893:3). Paul Leroy-Beaulieu, antigo presidente da Sociedade de Estatística, detinha a cadeira de Economia Política, desde 1881, no *Collège de France*. Levasseur (ibidem:8,9) diz que até o ano de 1893 Leroy-Beaulieu trabalhou com temas diversos, dos quais podemos destacar alguns anos: “1883: O papel do Estado no mundo econômico. Contradições econômicas de Proudhon”; “1886: Distribuição de riquezas. Pesquisas sobre a natureza e as causas da riqueza das nações, por A. Smith”. “1889: Do crédito, da moeda e dos bancos. Parte do curso completo de economia política de J.-B. Say [o criador da cadeira de Economia Política, em 1830, no *Collège de France*], relativo a distribuição e consumação de riquezas”.

¹⁴⁶ Darrell Levi (1977:13) diz em seu estudo sobre a família Prado, que até o ano de 1889 os Prado possuíam quatro grandes fazendas ao longo das ferrovias paulistas, além de frigorífico, casa de exportação e vidraria.

na *rue Rivoli*¹⁴⁷. Segundo relatos da época, era comum a presença de Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Anthero de Quental, Elisée Reclus, Émile Levassuer, Alfredo de Carvalho, barão do Rio Branco, Oliveira Lima, Santa-Anna Nery, entre outros (Pitanga, 1901:390; Pereira, 1902:14).

Entre seus pares, Eduardo Prado, apesar de sua formação em Direito, era reconhecido como homem de letras, de alta erudição e conhecimento, um Príncipe na suposta descrição de Eça de Queiroz¹⁴⁸. Abastado pelos negócios da família, Eduardo Prado construiu uma das mais importantes brasileiras de seu tempo¹⁴⁹. Biblioteca que serviu de referência para muitos de seus contemporâneos, e posteriores, e que se ligou indelevelmente à construção/imagem de seu padrão: a de homem viajado, cultivado pelas experiências internacionais; pelos raros e atuais estudos pátrios e científicos¹⁵⁰. Eduardo Prado, que também era católico praticante, frequentador de novenas, para espanto de alguns amigos¹⁵¹, àquela época, colaborava para o *Jornal do Comércio*, pertencente ao conde (pela Santa-Sé) de Villeneuve e outros órgãos europeus. Contudo, comungava na mesma noção – mercantilista – de letrado de seu tempo e de seu círculo, conforme expressado por Santa-Anna Nery. Eduardo Prado representava na Europa os interesses de seu irmão Antonio Prado, para quem conseguiu a compra da Rio Claro Railway Company, Ltd. expandindo a Companhia Paulista para além de Campinas, rumo ao centro cafeeiro (a “terra roxa”), composto por diversas fazendas dos Prado. Eduardo Prado viera ainda a intermediar um empréstimo entre o governo da Província de São Paulo, influenciado por Antonio Prado, com o governo de Londres, em 1888¹⁵². Neste mesmo ano, portanto, se daria a formação do *Comité Franco-Brésilien* para a Exposição de Paris de 1889, composta em sua direção pelos “homens de letras” do Brasil: Eduardo Prado e Santa-Anna

¹⁴⁷ Olavo Bilac faz uma longa descrição nesse sentido (cf. Berriel, 2000:32).

¹⁴⁸ Diversos trabalhos apontam o personagem “Jacinto” da obra inacabada [finalizada por Ramalho Ortigão], *A cidade e as serras*, de Eça de Queiroz como inspirado na figura de Eduardo Prado. Neste sentido, é bastante sugestiva a descrição da biblioteca de “Jacinto”: “Que majestoso armazém dos produtos do Raciocínio e da Imaginação! Ali jazem mais de trinta mil volumes, e todos decerto essenciais a uma cultura humana. Logo à entrada notei, em ouro numa lombada verde, o nome de Adam Smith. Era pois a região dos economistas. Avancei – e percorri, espantado, oito metros de economia política (Queirós, 1994:29).

¹⁴⁹ No IEB há o catálogo da biblioteca de Eduardo Prado (1916), apresentado em francês, espanhol e português, para venda integral, à época, por 50 contos de réis ou fracionado por exemplar em leilão. São elencados mais de 70 temas numa imensidão de títulos, sendo preponderantes aqueles ligados à “história (38%) seguidos por arte e literatura (19%), política (10%), ciências sociais (8%), trabalhos de referências (7%), economia (6,4%), religião (5,8) e ciências físicas (5,8%)” (Levi, 1977:226). O exemplar do IEB pertenceu originariamente ao Alfredo Taunay, que posteriormente, em 1931, ofertou ao amigo Yan de Almeida Prado. Após leitura à lapis de Yan, ele deixa ao final escrito que para uma biblioteca desta se formar, por sua experiência de brasilianista (o IEB se forma a partir da brasileira de Yan de Almeida Prado), levariam pelo menos setenta anos. Eduardo Prado morreu com 41 anos de idade.

¹⁵⁰ Cf. a apresentação do Catálogo da biblioteca de Eduardo Prado (1916).

¹⁵¹ Cf. Pereira, 1902.

¹⁵² Ver: Graham, 1973:204 *apud* Berriel, 2000:29.

Nery; e pelos “homens de negócios” da França: E. Lourdelet (presidente *de la Chambre syndicale des Négociants-Commissionnaires de Paris*) e E. Pector (presidente *de la Chambre syndicale du Commerce d'exportation*)¹⁵³. Amédée Prince, nesta estrutura, aparecia como o secretário geral do *Comité*, contando ainda com C. Pra (*vice-président de la Chambre syndicale des Négociants-Commissionnaires de Paris*) como seu tesoureiro. A estrutura do *Comité* era, portanto, majoritariamente, formada por negociantes franceses interessados no mercado brasileiro. Mas, também, por brasileiros interessados nos financiamentos e imigrantes europeus, além dos rendimentos pela intermediação. Eduardo Prado e Santa-Anna Nery, neste conjunto, serviram como os articuladores entre os membros da colônia brasileira em Paris e seus colegas de geração no Brasil. Coube ao visconde de Cavalcanti (Cavalcante de Albuquerque) – “delegado especial” do *Comité* – a intermediação entre os membros do governo imperial. Diogo Velho, como era chamado pelo amigo Pedro II, conseguira deste último a célebre carta ao *M. Berger* (diretor geral da Exposição), para reservar um bom lugar à Exposição brasileira¹⁵⁴. De volta ao Brasil, o visconde fora fundamental na relação com os membros do partido Conservador, como o visconde de Figueiredo, entre outros, para o apoio efetivo dos membros do parlamento ao referido *Comité* e a preparação da Exposição preparatória no Rio de Janeiro.

Desta forma, podemos dizer que o impulso econômico para que o Brasil se fizesse representar na Exposição Universal de Paris de 1889 é fruto da colaboração conjunta de duas gerações: parte dos chamados membros da geração de 1870 e a presença de figuras de relevo do Partido Conservador, como Antonio Prado (que viera a recusar o título de visconde de São Paulo)¹⁵⁵, João Alfredo e o visconde de Cavalcanti. O responsável pela proposta de subvenção do *Comité* na Câmara dos deputados foi Affonso Celso Junior, apoiado ainda por Matta Machado, Carneiro da Cunha, Joaquim Nabuco e Penna; já no senado, onde foi aprovada, contou com a ajuda do visconde de Ouro Preto (pai de Affonso Celso Junior) e por Antonio Prado, que viera a ser o executor do decreto assinado pela princesa Isabel.

Com a aprovação dos recursos do governo imperial, a comissão franco-brasileira poderia iniciar oficialmente seus trabalhos junto à comissão preparatória da Exposição universal. Entretanto, a fim de obter os recursos destinados à exposição do Brasil, a comissão

¹⁵³ As informações sobre a construção e a estrutura do *Comité* podem ser encontradas em diversas publicações de 1889, sobretudo, àquelas ligadas diretamente ao Santa-Anna Nery (1889b; 1889c, *Journal l'Amérique*) ou indiretamente como o *Catalogue Officiel* (1889).

¹⁵⁴ Barbuy (1996:213) diz que esta carta, assinada do próprio punho do Imperador do Brasil, envaideceu os franceses, que atenderam ao pedido do Pedro II, garantindo ao Brasil um lugar de destaque, ao pé da torre Eiffel.

¹⁵⁵ Lyra (1949:21). Sobre o significado político dos títulos entre o período joanino e o alvorecer do Segundo Reinado ver a dissertação de mestrado de Oliveira (2013).

inicial teve que se transformar juridicamente em sindicato, surgindo, assim, o *Syndicat du Comité Franco-Brésilien*. Curiosamente, os únicos membros que se mantiveram nesta nova forma jurídica foram o E. Lourdelet como presidente, Eduardo Prado como vice-presidente e Amédée Prince, ainda, como secretário geral. Santa-Anna Nery, assim como os outros membros franceses do *Comité* ficaram de fora no momento da administração dos 5/6 dos recursos destinados pelo Império do Brasil¹⁵⁶. O liberal Souza Dantas aparecera nesta nova formação ao lado de Eduardo Prado, como vice-presidente e Carlos Ferreira d’Almeida como o tesoureiro¹⁵⁷.

No interlúdio entre a reforma do *Comité* e do *Syndicat franco-brésilien*, o ministério – abolicionista – de João Alfredo realizou a maior revolução nas relações de trabalho no Brasil: a passagem do trabalho escravo para o trabalho servil; arduamente desejada, costurada e defendida pelo “bando de ideias novas” de 1870¹⁵⁸. Para os brasileiros que estavam em Paris, organizando a Exposição do Brasil, a abolição da escravidão proporcionou um grande espetáculo de civilidade ao império de Pedro II. Pois, para este grupo, finalmente, o Brasil havia cumprido a profecia de Victor Hugo, a saber: “Avant la fin du siècle, l’esclavage aura disparu de la terre. La liberté est la loi humaine. Nous constatons d’un mot la situation du progrès. La barbarie recule, la civilisation avance” (Victor Hugo, 1884 *apud* Abolition de l’esclavage au Brésil, 1889:124)¹⁵⁹.

¹⁵⁶ Dos 300 contos de réis destinados ao *comité* ficou decidido que 1/6 seria destinado a comissão no Rio de Janeiro, por meio de figura do visconde de Cavalcanti e o restante, 5/6, para a comissão em Paris (*L’Amérique*, 14 jun. 1889:2).

¹⁵⁷ R. Benoist d’Etiveaud e Adolpho Klingelhofer apareciam também como secretários do referido sindicato (Santa-Anna Nery, 1889b).

¹⁵⁸ Dentre os autores analisados por Angela Alonso (2002), poderíamos citar Joaquim Nabuco, André Rebouças, Lauro Sodré, Rodolfo Dantas, Rui Barbosa e Sá Valle; apenas para ficar naqueles que mantiveram alguma relação com Santa-Anna Nery.

¹⁵⁹ Esta carta de Victor Hugo, datada de 25 de março de 1884, é bastante significativa, pois foi escrita para comemorar a abolição da escravidão da primeira província do Brasil: o Ceará. Victor Hugo havia sido convidado para um banquete, em Paris (no restaurante *Bréban*), neste mesmo dia, para festejar esta abolição, sob a presidência de Victor Schoelcher e organização de José do Patrocínio, auxiliado por Santa-Anna Nery. Como ele não pode comparecer, enviou a referida carta, agradecendo ao imperador do Brasil pelo ato. Neste banquete, Santa-Anna Nery realizou um dos discursos mais inflamados em prol da Amazônia, da “raça cobre” (os ameríndios) e da monarquia constitucional de Pedro II. Isso em função da grande presença de republicanos franceses e brasileiros, como Edmond Bazire, que colocavam a República como a forma de governo mais elevada. Vale a pena reproduzir aqui este discurso, tanto pela dificuldade em acessar esta fonte, quanto por expor pontos de vista do autor, até então ignorados por nós, no que se refere a defesa dos indígenas no Brasil por sua própria origem: “Eu pertenço pelas minha origens a raça dos mestres do sol, que os europeus transformaram em escravos e que um papa teve dúvidas em declará-los como homens, pois a Europa civilizada parecia os considerar como alguma coisa de intermediário entre a besta e o selvagem. Olhem para mim, e vejam se eu não tenho o aspecto de um homem. O senhor Schoelcher assinalou a pouco que o Brasil é uma exceção vergonhosa no concerto das nações civilizadas. Ele esqueceu talvez da Espanha. Ele também esqueceu de dizer que a escravidão não é uma instituição nossa, mas uma invenção europeia, que desembarcou nas nossas praias os negros da África, pois eles não conseguiram transformar em escravos os aborígenes do Brasil.” E continua: “No Brasil, a monarquia não é resultado de uma usurpação, mas um governo legítimo aclamado por quase a

Rumo a esta senda do progresso e da civilização, o barão de Mamoré, Rodolfo Dantas, barão de Estrella, Eduardo Prado e Santa-Anna Nery, realizaram, ao lado dos franceses, o maior evento comemorativo da abolição da escravidão, fora do Brasil, “na meca [cristã] do mundo”, em 10 de julho de 1888¹⁶⁰. Fora mais um banquete no *Hotel Continental*, mas agora no “grande salão de Festas”, com direito a cardápio abolicionista¹⁶¹ e exposições dos projetos arquitetônicos para a construção do pavilhão brasileiro na Exposição que se anunciava¹⁶². Victor Schoelcher, prestigiado político francês, abolicionista, responsável pela proposição à Assembleia que decretou o fim da escravidão nas colônias francesas (em 1848), foi convidado a presidir o “*banquet commémoratif de l’abolition de l’esclavage au Brésil*”¹⁶³. Em frente ao Schoelcher, na mesa central, contando com 120 pessoas, estava o preferido de Pedro II para sua sucessão, o príncipe Dom Pedro Augusto, duque de Saxe¹⁶⁴. Ao lado dele se encontravam Le Royer, presidente do Senado francês e Jules Simon, antigo presidente do conselho francês. O barão de Arinos (que mais tarde transformara-se em visconde de Arinos) estava ao lado direito de Schoelcher, como “o enviado extraordinário e ministro plenipotenciário de S. M. o Imperador do Brasil”. Duas mesas paralelas à central, composta por 38 cadeiras cada, foram montadas para comportar a enorme procura em participações¹⁶⁵.

totalidade dos cidadãos. Quando a gente tem a felicidade de possuir um chefe de estado tão liberal e esclarecido como Dom Pedro II, a gente o guarda. A república é uma forma de governo, e não uma panaceia”. O jornalista anônimo da RSA (01 abr. 1884) que registrou o evento, diz que “após algumas palavras de Patrocínio, foi finalizada a sessão e a grande cordialidade cessou de reinar entre os convivas de todas as opiniões”.

¹⁶⁰ Os anos de 1888 e 1889 foram repletos de comissões mistas entre brasileiros e franceses. Por ocasião da abolição da escravidão formou-se a “comissão franco-brasileira do banquete comemorativo da abolição da escravidão no Brasil” que teve como “Presidente: G. Gerville-Réache, député de la Guadeloupe, avocat à la Cour d’Appel. (62, rue Claude-Bernard); Vice-presidente: Conselheiro barão de Mamoré, sénateur, ancien ministre, chambellan de S. M. l’Empereur du Brésil (4, rue Christophe-Colomb); Vice-presidente: Conselheiro R. de Souza-Dantas, ancien ministre (6, avenue de l’Alma); Boissy-D’anglas, député de l’Ardèche, ancien ministre plénipotentiaire (222, rue de Rivoli); G. Hanotaux, député de l’Aisne, ministre plénipotentiaire (3, rue de la Planche); C.-J. Paillard-Ducléré, député de la Sarthe, ministre plénipotentiaire (96, boulevard Haussmann); Baron d’Estrella, chambellan de S. M. l’Impératrice du Brésil (14, place Vendôme); E. da Silva Prado, homme de lettres (226, rue de Rivoli); F.-J. de Santa-Anna Nery, Secrétaire, homme de lettres (21, rue Berlioz); Jules Auguste, Secrétaire, homme de lettres (40, rue de Saints-Pères)” (Abolition de l’esclavage au Brésil, 1889).

¹⁶¹ O “menu” do jantar começava por “Potages, consommé aux Perles du Brésil”, passando pelo “saumon Nouveau sauce Rio-Branco” (referente à lei do ventre-livre), “Rots, Canetons Truffés sauce Rodrigo Silva”, “Entremets, Bombe João-Alfredo” e “Gâteau à la Prado”, os três parlamentares (Rodrigo Silva, João Alfredo e Antonio Prado) associados à lei áurea (L’Abolition de l’esclavage au Brésil, 1889:29).

¹⁶² Louis Dauvergne, arquiteto, presente no banquete, recebeu o primeiro lugar no concurso para a construção do pavilhão brasileiro na Exposição (L’Abolition de l’esclavage au Brésil, 1889:15).

¹⁶³ As ideias de Victor Schoelcher podem ser conferidas em suas obras: *Histoire de l’esclavage, pendant les deux dernières années* (2 vol. Paris, 1847) e *Des colonies françaises. Abolition immédiate de l’esclavage* (Paris, 1842).

¹⁶⁴ Pedro Augusto era filho da segunda filha de Pedro II, D. Leopoldina, que desde sua morte passou a viver com os avós (Cf. Schwarzc, 1998:433 e Carvalho, 2007:201).

¹⁶⁵ Ao todo, participaram oficialmente do banquete 196 pessoas, “homens ilustres” da sociedade europeia e americana, entre políticos, homens de letras e de ciências, artistas, negociantes, banqueiros, etc. Nos últimos dias antes do banquete, a comissão responsável recebeu ainda mais de duzentas adesões que não puderam ser aceitas,

Eduardo Prado e Santa-Anna Nery presidiam as mesas laterais em nome do Brasil¹⁶⁶. Enquanto a velha geração ocupava o centro da mesa principal, na figura do barão de Arinos e do príncipe Pedro Augusto (como o herdeiro do trono de Pedro II); esta nova geração ficava ao lado, trabalhando nos bastidores, para que o Brasil fosse bem apresentado e representado, por meio de seus principais e mais tradicionais ícones¹⁶⁷. Certamente, Eduardo Prado e Santa-Anna Nery acreditavam na perpetuação do império, no jubileu de Pedro II, e que em algum momento os seus serviços seriam reconhecidos¹⁶⁸, consagrados, quiçá, com algum título, cargo ou condecoração.

Eduardo Prado permanecera na elite das estruturas organizacionais que se formaram ao longo da preparação para a Exposição de Paris de 1889. Seu último cargo foi de Comissário Geral adjunto do Brasil na Exposição de Paris, ao lado de E. Lourdelet e abaixo, apenas, do visconde de Cavalcanti, o Comissário Geral do Brasil na Exposição. Este Comissariado Geral, contando com os mesmos membros franceses, negociantes¹⁶⁹, se formou um pouco antes da abertura da exposição, “para melhor se comunicar com a alta administração da exposição” (*L’Amérique*, 14 jun. 1889). Santa-Anna Nery ficara com o cargo de Comissário do Brasil, ao lado de Souza Dantas (que já vinha do *Syndicat*), e os “estrangeiros” para as comissões: barão de Albuquerque (“ancien député”); Eduardo Ferreira Cardozo (“attaché à la Légation impériale du Brésil”); o barão de Estrella (“chambellan de S. M. l’Impératrice du Brésil”); visconde de Figueiredo (“président de la Banque Internationale du Brésil”); e Manoel Augusto Teixeira (“ingénieur, secrétaire de la commission du ministère des travaux publics en Europe”) (Santa-Anna Nery, 1889c:V; Natali, 1889).

em razão da falta de espaço, fato lamentado pela publicação que divulgou o evento (*L’Abolition de l’esclavage*, 1889:25).

¹⁶⁶ O barão Boissy d’Anglas, deputado francês, vizinho de Eduardo Prado dividiu com ele a presidência da “mesa da galeria”; e Dislère, conselheiro do Estado francês, compartilhou a presidência da “mesa da janela”, ao lado de Santa-Anna Nery (*L’Abolition de l’esclavage*, 1889:26).

¹⁶⁷ Como Pedro II não pode participar do banquete, por estar se tratando em *Aix-les-Bains* (França), o mesmo enviou um telegrama que foi lido durante o banquete e reproduzido (fac-símile) na publicação destinada a dar publicidade à abolição. Outra carta que foi reproduzida na publicação foi a do cardeal Charles Lavigerie que não pode participar (*L’Abolition de l’esclavage*, 1889:33).

¹⁶⁸ Santa-Anna Nery, conforme pode ser visto em seu desenho que abre este capítulo, ao publicar sobre a participação brasileira em Paris no *L’Amérique*, apresenta a ilustração de todos os envolvidos com a Exposição brasileira e se coloca (como número 11) neste conjunto do lado esquerdo do Visconde de Cavalcanti (o número 1), o Comissário geral do Brasil na Exposição de 1889.

¹⁶⁹ Amédée Prince permanecera como o secretário geral do comissariado, não trocando de função em nenhuma das mudanças jurídicas das comissões que representaram o Brasil na Exposição de Paris.

Tornaram-se todos os demais franceses “comissários do Brasil na Exposição”: M. C. PRA, vice-président de la Chambre syndicale des Négociants-Commissionnaires de Paris; M. D. PECTOR, président de la Chambre syndicale du commerce d’exportation; M. Raymond-Benoist d’Etivau, négociant; M. Adolpho Klingelhoefer, ancien négociant”. Carlos F. de Almeida (“negociante”), permanecera também como o tesoureiro do comissariado, como era do sindicato (Santa-Anna Nery, 1889c:V; Natali, 1889).

Para o comissariado, Santa-Anna Nery não aparecia mais como “homem de letras”, mas como o “directeur du journal *l'Amérique*”. Jornal que passou a sair toda terça-feira, a partir de 14 de maio de 1889. A data, apesar de não ser redonda, era a mais próxima da entrada definitiva do Brasil no concerto das nações civilizadas – “as nações livres” (*Histoire d'un an*, 1889)¹⁷⁰. Nas palavras de Santa-Anna Nery, o 13 de maio de 1888 “inaugurava a era do Jovem Brasil”, desprendendo-se das amarras que o prendia ao colonialismo europeu, na qual a escravidão, segundo ele, fora a pior herança. Deste modo, o diretor e fundador do *L'Amérique*, justificava a criação deste jornal, para este ano fatídico aos monarquistas – o centenário da Revolução Francesa –, pelo significado, ou melhor, o ressignificado da Revolução Francesa para os latino-americanos. Pois antes de ser uma ode ao sistema republicano, a Revolução representava a libertação do novo continente, à exceção dos Estados Unidos da América, que ocorrera antes. Assim, segundo análise do jornal de Santa-Anna Nery, por influência das ideias liberais da Revolução surgira a independência dos estados americanos¹⁷¹. Neste rumo, o primeiro nascimento do “Velho Brasil” fora 1822. Nascera agora, o “Novo Brasil”, no dia 13 de maio de 1888, fruto de uma nova emancipação, a da “consciência nacional” (*L'Amérique*, 1889:2).

Santa-Anna Nery, como *épicier*, tomou para si a missão de divulgar esta “boa nova”, por inúmeros meios. Uma vez que não conseguira, conforme almejava, nenhum cargo público que lhe possibilitasse trabalhar menos. Deste modo, deixou a chefia da redação da *Revue du Monde Latin*, e fundou e dirigiu o jornal *L'Amérique*. Além disso, durante a exposição foi membro de diversas comissões do comissariado brasileiro, das quais podemos destacar a de “publicidade” (responsável pela preparação de brochuras e livros que deviam aparecer na Exposição) e a de “estudos” (responsável pela participação do Brasil nos congressos internacionais durante a Exposição)¹⁷². Santa-Anna Nery trabalhou também em prol da

¹⁷⁰ Assim como todas as demais citações, exceto quando indicadas.

¹⁷¹ “*L'Amérique* comprend, en ne tenant pas compte des colonies et domaines que l'Europe conserve encore dans le Nouveau-Monde, dix-neuf Etats indépendants. Ce sont : dans l'Amérique du Nord, les Etats-Unis; dans la partie méridionale de l'Amérique du Nord, le Mexique. Guatemala, Honduras, Salvador, Nicaragua et Coata-Rica; dans les Antilles, Haïti et la République Dominicaine; dans la région nord-est de l'Amérique du Sud, le Venezuela; dans la région de l'est et du centre, l'empire du Brésil; dans la région sud-est, le Paraguay, l'Uruguay et la République Argentine; enfin, dans la région du Pacifique, le Chili, la Bolivie, le Pérou, l'Equateur et les Etats-Unis de Colombie”. O jornal de Santa-Anna Nery, acrescentaria que o território ocupado por esses Estados era quase três vezes maior que a Europa, fornecendo ao Brasil e aos Estados Unidos a supremacia territorial (*L'Amérique*, 1889:2).

¹⁷² A Comissão de estudos tinha como presidente o visconde de Cavalcanti, seus membros eram Santa-Anna Nery, Fernandes Pinheiro e Eduardo Prado. Santa-Anna Nery fora escolhido para representar o Brasil em diversos Congressos durante a Exposição, como o da Agricultura; da *Société des gens des lettres*; das Tradições populares; da Intervenção dos poderes públicos na emigração e imigração; das Sociedades cooperativas de consumação; e da Paz. Nesta última, Santa-Anna Nery foi o responsável por anunciar a paz entre o Brasil e a

representação das províncias amazônicas (onde contava com maior influência e amigos), que acabaram sendo apresentadas em um pavilhão – “*palais de l'Amazonie*” – à parte¹⁷³.

Antes de adentrarmos nos significados deste “novo Brasil”, anunciado por Santa-Anna Nery e produzido por seus círculos monárquicos, achamos por bem mostrar que uma de suas ideias principais sobre o Brasil não envelhecera: a ideia latina. Quando em 1881, Torres Caicedo viera expressar seu desejo de ver o Brasil unido à latinidade americana, havia ainda resistências de ambos os lados. Depois, Santa-Anna Nery, juntamente com seu círculo monárquico-católico, os membros da *Revue du Monde Latin*, consolidava o Brasil, com destaque, como membro da América-Latina. Agora, no momento em que Santa-Anna Nery finalmente fundara e dirigia seu próprio jornal, *L'Amérique*, sem depender de conselhos administrativos ou outras instâncias, ele escolhera a carta de outro membro da ALAI, também honorário como Caicedo, para divulgar a ideia latina e o Brasil. Jules Simon, um dos fundadores da III República francesa, conhecido de Santa-Anna Nery, provavelmente, desde seus tempos de Roma, quando ainda era um jovem correspondente do *Republique Française* de Leon Gambetta, fora o escolhido para apadrinhar o novo órgão destinado a “vulgarizar o Brasil na Europa” (*L'Amérique*, 1889:2)¹⁷⁴.

Argentina, por meio da arbitragem estado-unidense, um exemplo das nações do Novo Mundo às guerras fronteiriças do Velho continente (*L'Amérique*, 25 jun. 1889).

¹⁷³ “Resta-me falar do Pavilhão ou Casa Amazônica, que só na última hora tomou esse nome, pois em princípio era o nome do Templo dos Incas que lhe fora dado, mas não tendo podido alcançar monumentos relativos ao domínio inca com que fosse dada uma ideia de sua civilização e costumes, na exposição da habitação humana tentada por Mr. Garnier foi solicitado (.....) aquela construção n'ella expor os objetos que possuía o conselheiro Ladislau Netto aceitou essa tarefa, e com os objetos colhidos em diversas Províncias e alguns do Museu do Rio de Janeiro, outros mandados por Sant'Anna Nery, e finalmente pela comissão do Pará foi possível executar uma exposição Pré-histórica e também da actualidade que offereceu grande interesse aos anthropologistas e os apaixonados das ethnographies”. Assim, o barão de Marajó (*apud* Coelho, 2012:105) explicita o porquê do Pará e do Amazonas terem um lugar à parte na Exposição. Coelho esclarece ainda que em razão do grande gasto do Amazonas com a Exposição, 150 mil francos, justificava-se algo mais suntuoso para esta última, daí a ideia do “*palais de l'Amazonie*”, do qual Santa-Anna Nery parece ter sido, mais uma vez, central, segundo palavras do seu amigo, o barão de Marajó: “Pede a justiça que entre os membros do commissariado distinga um pelos seus serviços prestados ao Brazil, e especialmente ao Pará e Amazonas; refiro-me ao sr. Sant'Anna Nery, que pelo seu trabalho incessante já na imprensa, publicando o seu jornal América, para o que não poucos sacrificios se impõe, já por diversas publicações como o ‘Guia do Emigrante’, escrito em totalidade por ele, e o bello livro ‘O Brasil em 1889’” (*apud ibidem*:103). Barbuy (1996:229), entretanto, faz uma ressalva importante ao dizer que “em toda a documentação brasileira (...) denomina-se o prédio da Casa Inca como ‘Pavilhão da Amazônia’”, enquanto na documentação francesa inexiste esta nomenclatura, o que parece demonstrar uma estratégia de propaganda interna, até para justificar o montante gasto pelas províncias da Amazônia.

¹⁷⁴ Santa-Anna Nery também teceu relações com Jules Simon quando de sua participação na ALAI. No congresso de Paris, em 1878, ambos chegaram a se intercalarem no púlpito. Nesta ocasião, Santa-Anna Nery viera a fechar uma das sessões do congresso, agradecendo em nome da América do Sul e do Brasil, dizendo que este último era “filho da França, saído de seu sangue e de seu pensamento”. Aproveitando, também, para agradecer Jules Simon, “le philosophe qui a soutenu tant de luttres pour la liberté de la pensée et combattu pour l'affranchissement de l'humanité” (Congrès littéraire international de Paris, 1878:119). No congresso de Londres (1879), Jules Simon não pode comparecer, mas mandou seu recado por carta, conforme relato de um dos membros: “M. Blanchard Jerrold annonce qu'un grand nombre de lettres d'excuses lui ont été adressées, et en lit une de M. Jules Simon, membre du Sénat français, qui sera jointe au présent procès-verbal. L'orateur termine par

Deste modo, Jules Simon (1889), em carta endereçada a Santa-Anna Nery, datada de 13 de maio de 1888, relembra os “eventos de 1870”, quando o “princípio das nacionalidades” refundaram o mapa da Europa pela “metafísica”, quando deveriam ter atendido, “unicamente, aos interesses das populações e a manutenção da paz”. Após esta crítica à guerra franco-prussiana e seus desdobramentos, Jules Simon parece recordar ao amigo seus escritos de *Le Prisonnier du Vatican*, demonstrando que suas ideias teriam evoluído.

Je ne crois pas qu'en invoquant l'union des nations latines des deux Mondes, vous ayez pour but de créer une ligue nouvelle où les peuples de race latine se réuniraient dans une alliance offensive et défensive contre les race germaniques. Ce serait commencer par la fin; vous êtes trop sage pour ne pas commencer par le commencement, et le commencement, c'est de faire renaître les bons rapports entre les individus, les échanges de bons procédés, les visites fréquentes, et les alliances commerciales qui finissent toujours par entraîner les alliances politiques (Simon, 1889:2).

O velho tema da rivalidade franco-prussiana, revisitado pelas “raças latinas” contra as “raças germânicas” e vice-versa. Entretanto, segundo Jules Simon, a ideia da federação latina contra a influência germânica (exposta em *Le Prisonnier du Vatican*) era demasiadamente ingênua, por colocar o “fim” no “começo”. E para atingir a derrota da “raça germânica” era preciso, antes, uma união econômica e estável das “raças latinas”, para depois, “naturalmente”, levar às alianças políticas¹⁷⁵. Jules Simon parece compartilhar, nesse sentido, do círculo de Economia Política de Santa-Anna Nery, composto por Levasseur e Leroy-Beaulieu, do qual a política é consequência das relações econômicas.

O banquete comemorativo da abolição da escravidão em Paris (do qual Jules Simon discursou em agradecimento à princesa Isabel), bem como, a composição do que veio a ser o Comissariado do Brasil na Exposição de 1889, expressa bem esta aliança latina, promovida, principalmente, por brasileiros e franceses. O referido banquete, por exemplo, não contava entre os seus 196 convivas um único alemão ou inglês, apenas um húngaro e talvez algum estado-unidense, vinham destoar esta festa da “latinidade”, composta pelos “representantes

ces mots: ‘Il me reste à vous rappeler que la langue officielle du Congrès est la langue française: dans la grande république des lettres, c’est, en effet, la langue qui nous divise le moins’” (Congrès littéraire international de Londres, 1878:5).

¹⁷⁵ Visão compartilhada pelos membros da *Revue du Monde Latin*. Jules Simon (*ibidem*) expressa ainda todo o “sentimento” comum da “pátria latina”, forte fomentador das relações econômicas, tendo na política, talvez, seu principal empecilho: “Vous croyez, comme moi, que tous les individus de race latine ont entre eux des affinités de langage, d’idées et de sentiments, qui en font les citoyens d’une même patrie. Je le crois comme vous; et je regarde comme un grand bonheur que les peuples latins soient en même temps le principal marché les uns des autres, de telle sorte que la question commerciale soit en parfait accord avec la question sentimentale. Nous pensons de la même façon, et nous avons besoin des mêmes marchandises; il est donc nécessaire que nous soyons amis. Chaque fois que nous nous unissons, l’humanité fait un pas en avant; quand la politique nous désunit, elle recule”.

bem autorizados das nações: Franceses, Portugueses (...), Italianos, Espanhóis, filhos das duas Américas, homens de toda cor e de toda opinião” (Santa-Anna Nery, 1888 [discurso] *apud* Abolition de l’esclavage au Brésil, 1889:63).

É preciso também destacar que a grande maioria dos presentes no banquete eram homens¹⁷⁶ entusiastas desta ideia latina, provindos de diferentes funções e cargos, cada qual, a sua maneira, responsável por fomentar e consolidar este mundo – econômico, político e cultural – latino. Assim, temos representados no banquete (sem citar os já indicados anteriormente, além dos membros da comissão franco-brasileira do banquete)¹⁷⁷ os **sábios da Economia Política**: Émile Levasseur¹⁷⁸ (“membre de l’Institut, professeur au Collège de France”), Paul Leroy-Beaulieu (“membre de l’Institut, rédacteur en chef de l’*Économiste français*”) e G. de Molinari (“membre correspondant de l’Institut, directeur du *Journal des Économistes*”); **Geógrafos**: Charles Gauthiot (secrétaire général de la Société de géographie commerciale de Paris), Noirot (de la Société géographique); **Políticos franceses**: René Goblet (“ministre des affaires étrangères, député et conseiller général de la Somme, ancien président du conseil”), Jules Ferry (“député et président du Conseil général des Vosges, ancien président du conseil”), Jules Méline (“président de la Chambre des députés, ancien ministre”) e Georges Berger (“directeur général de l’Exposition Universelle de 1889”); **Políticos brasileiros**: barão do Rio Branco, barão de Albuquerque, barão de Marajó, barão de Sabóia e barão de Teffé; **Proprietários e fazendeiros do Brasil**: Joaquim Ferreira Cardozo, Paula e Souza, barão de Guamá, Eduardo de Oliveira e João Tibiriça Piratininga. **Representantes de bancos**: barão de Caters (“de la banque Parisienne”) e E. de Werbrouck (“directeur de la Banque Parisienne”); **Negociantes**: A. Bourjolly (“négociant à Port-au-Prince [Haïti]”), F. Castelões (“négociant à Rio-de-Janeiro”), Charles Delinois (“negociant à Saint-Thomas [Antilles danoises]”) e A. Tedesco (“Négociant de tableaux modernes”); **Proprietários e diretores de jornais, revistas e editores**: Argôllo-Ferrão (“directeur du journal *Le Brésil*”), Charles Delagrave (“Libraire-éditeur”), A.-L. Garraux (“libraire à São-Paulo”), Carlos de Moraes (“directeur de la *Gazeta de Noticias de Bahia*”) e Francisco Picot (“un des

¹⁷⁶ Apesar da *lei Áurea* ter sido assinada pela princesa Isabel, não havia no referido banquete uma única mulher.

¹⁷⁷ As informações abaixo foram retiradas do livro *Abolition de l’esclavage* (1889), no qual há a lista completa dos convivas no banquete.

¹⁷⁸ Levasseur, como o inspirador do termo “brasilianista”, viera ainda proferir uma comunicação na “Academia de Ciências Morais e Políticas do Instituto de França”, no dia 09 de junho de 1888, sobre *L’Abolition de l’esclavage au Brésil*, na qual traça um histórico sobre a questão nos países “civilizados”, para depois adentrar nas políticas do Império e seus membros em relação à escravidão. Nesse texto, Levasseur revela ser um leitor da *RML*, citando um texto de Franklin Doria (o barão de Loreto). O texto de Levasseur parece ter sido publicado em diversos meios, nós o encontramos tanto no livro *Abolition de l’Esclavage* (1889), quanto no *L’Économiste Français* de 16 jun. 1888.

propriétaires du *Jornal do Commercio* de Rio-de-Janeiro”); **Jornalistas e homens de letras:** Bois-Glavis (“*Le Gaulois*”), Domício da Gama e Lafayette de Castro (ambos do Brasil), Gounouilhac (“correspondant de la *Gironde*”), Nivert (“rédacteur du *Moniteur des Colonies*”) e Mariano Pina (Portugal). Além de membros da *Revue du Monde Latin*, como: Ed. Godefroy (“administrateur de la *Revue du Monde Latin*”) e A. de Saint-Georges (“secrétaire de la rédaction de la *Revue du Monde Latin*”).

A listagem acima não é exaustiva no que se refere aos participantes e suas atuações, tampouco para o número de funções apontadas pelos seus representantes, aparecendo ainda médicos, engenheiros, arquitetos, advogados e artistas, do qual Victor Meirelles de Lima (“artiste peintre, professeur à l’École des beaux-arts de Rio-de-Janeiro”) era o único brasileiro¹⁷⁹. Entretanto, o número de políticos, negociantes, proprietários, fazendeiros¹⁸⁰, jornalistas e homens de letras, foram preponderantes no referido banquete. Demonstrando que a comissão organizadora, além de querer dar visibilidade à abolição no Brasil¹⁸¹, por meio de um suntuoso banquete, priorizou as relações econômicas e políticas entre os convivas.

Relações latinas, quase que franco-brasileiras, como se depreende das nacionalidades convidadas para a comemoração, sem falar dos membros das comissões mistas tanto para o banquete como para a exposição. O que nos leva a pensar que havia, também, uma questão geopolítica para este grupo que insistira na participação do Brasil na Exposição Universal de

¹⁷⁹ Santa-Anna Nery já havia se debruçado sobre a obra de Meielles, sobretudo, o “Combat Naval de Riachuelo” (Cf. Santa-Anna Nery, 1883f).

¹⁸⁰ É expressiva a grande quantidade de fazendeiros – “planteurs” – que participaram do banquete. Querendo transparecer ao Brasil e ao mundo, que os mesmos apoiavam a abolição, apesar de serem os maiores “prejudicados”. Assim, na publicação *Abolition de l’esclavage* (1889:128) dizia que o conde de Nova Friburgo e seu irmão, o conde de São Clemente, “os maiores proprietários rurais e os maiores produtores da província do Rio e de Brasil”, já haviam libertados seus escravos no começo de 1888. Citando também, neste mesmo sentido, as iniciativas “generosas” do conde de Araruama, do visconde de Uruguai. “Todos esses grandes proprietários declaram estar contentes dos resultados obtidos e do serviço feito à liberação de seus escravos”. Neste mesmo rumo, o jornal de Santa-Anna Nery ao traçar a história deste “novo Brasil”, com apenas um ano de vida, diz que “L’agriculture elle-même, qu’on prétendait ruinée, s’est relevée d’elle-même. Mais ceci demande quelques éclaircissements. Après l’abolition de l’esclavage au mois de mai de l’année dernière, les planteurs, obligés de payer des salaires aux ouvriers agricoles puisqu’ils ne pouvaient plus compter sur le travail servile non rétribué, sollicitèrent l’appui du gouvernement pour conjurer la crise qu’ils redoutaient. Le gouvernement vint à leur secours, et M. João Alfredo signa avec la Banque du Brésil, le 3 août 1888, une convention créant une caisse de crédit agricole dans le département hypothécaire de la Banque (...). Hé bien! ces agriculteurs qu’on dépeignait comme entièrement ruinés; ces agriculteurs, qu’on voulait sauver à toute force, ont montré qu’ils étaient plus vivants que jamais. Ils n’ont même pas eu besoin d’épuiser le crédit que leur ouvrait le gouvernement, et, un an après l’abolition, ils n’ont encore emprunté que 7.000 contos, alors qu’on leur en offrait plus de trois fois davantage” (Histoire d’un an, 1889:3).

¹⁸¹ O banquete contou ainda com ampla publicidade, possibilitada pelos seguintes órgãos: “*Journal des Débats, Le temps, Le Figaro, Le Soleil Le Matin, L’Événement, Le Gil Blas, Le Voltaire, Le Gaulois, Le Rappel, Le Journal des Économistes, L’Économiste Français, Le Monde Illustré, Agence Havas, Le Brésil, Revue du Monde Latin, A Illustração, Le Nouveau Monde*, Paris; *La Gironde*, de Bordeaux; *The Times*, de Londres; *L’indépendance Belge*, de Bruxelles; *Pester Lloyd*, de Budapest; *Jornal do Commercio, Gazeta de Noticias, Cidade do Rio*, de Rio-de-Janeiro; *Gazeta de Noticias*, de Bahia; *Correio Paulistano*, de São-Paulo” (Abolition de l’esclavage au Brésil, 1889:23).

Paris de 1889. Pois, o Brasil, naquele momento, era bastante dependente dos empréstimos ingleses, o que fazia com que o governo brasileiro e seus produtores recorressem constantemente ao mesmo país a fim de negociar e renegociar suas dívidas. Com isso, acabavam por encontrar dificuldades em acessar novos créditos, em funções das relações já desgastadas entre as mesmas partes. Antonio Prado, por exemplo, encontrara bastante dificuldade para quitar suas dívidas com o mercado financeiro britânico, a frente da Companhia Paulista de Estradas de Ferro¹⁸². João Alfredo, então presidente do conselho e ministro das finanças, se explicava para a câmara dos deputados, em 27 de agosto de 1888, dizendo que os “Ingleses estão sempre muito bem informados sobre as coisas do nosso país, sabiam que o ministério organizado em 10 de março iria se ocupar da reforma do estado servil”, para depois dizer que a lei de 13 de maio não teria exercido nenhuma influência sobre o último empréstimo inglês, que teria sido alvo de muitas críticas (João Alfredo, 1888 *Apud* Abolition de l’esclavage, 1888:127).

Nesse sentido, este pomposo banquete, bem como a Exposição de Paris, serviram como a consagração desta união latina: via Brasil, “a primeira nação latina do novo mundo” (Santa-Anna Nery, 1889d:X) e França “a grande nação latina do mundo” (Tourtoulon, 1884:534). O sonho dourado lançado por Torres Caicedo fora finalmente realizado por Santa-Anna Nery e seus círculos sociais, faltava, agora, apenas, colher os frutos, ou melhor, os títulos e os rendimentos.

3.5 A síntese monárquica: *Le Brésil en 1889*

Ma chère femme,
Hier, vers sept heures, j’ai reçu un exemplaire, encore incomplet de mon livre: *Le Brésil en 1889*. Il y manque la carte du Brésil en chromolitographie. Tout incomplet qu’il est, je te l’envoie. Je veux que tu aies la primeur d’un ouvrage qui n’aurait jamais vu le jour sans tes conseils, sans tes encouragements affectueux. Je ne fais qu’accomplir un doux devoir de coeur, en offrant ce premier exemplaire à mon amie adorée, à ma femme bien aimée, à celle qui m’a toujours assisté dans me

¹⁸² Richard Graham (1973:63 *apud* Berriel, 2000: 26-27) “que estudou a participação inglesa nos primórdios da industrialização brasileira, observou que ‘quase todas as linhas que serviam a região cafeeira de São Paulo estavam ligadas ao mercado financeiro britânico, de uma maneira ou de outra’. Por meio de empréstimos, capitalistas ingleses obtiveram influência nas várias estradas de ferro que surgiram no período, como a Companhia Sorocabana, a Estrada de Ferro Ituana. Esses empréstimos ‘foram difíceis de ser resgatados, devido à baixa das taxas cambiais. Por exemplo, uma estrada particular, a Companhia Paulista de Estrada de Ferro, tomou emprestada à Inglaterra a quantia de 150.000 libras em 1878, com prazo de 20 anos para vencimento. Devido à desvalorização da moeda brasileira, este empréstimo foi saldado com as maiores dificuldades. O pagamento final foi feito em 1898, dentro do prazo estipulado, mas representou mais do que o dobro da quantia em ‘mil-réis’ originalmente emprestada”.

travaux maussades et qui est l'inspiratrice de tout ce que je fais de bon e d'utile pour un pays qui m'en récompense si mal. Il te rappellera toutes mes luttes et toutes me veilles de l'anné 1888-1889 et restera comme un des meilleurs souvenirs de notre vie (Carta de Santa-Anna-Nery a sua esposa, 02 ago. 1889 *apud* Faria, 1905:XLIII).

Logo após nossa decisão de empreendermos uma pesquisa sobre Santa-Anna Nery, fomos ao Rio de Janeiro levantar materiais para a pesquisa. Sabíamos por nossas leituras que Santa-Anna Nery havia tecido relações com Ruy Barbosa e que ele fora, inclusive, o responsável por retirá-lo da prisão¹⁸³. Deste modo, visitamos a *Casa de Rui Barbosa*, onde encontramos as primeiras cartas da baronesa de Santa-Anna Nery falando em “minha pobreza”; “ninguém pode negar os serviços prestados por Sant’Anna Nery ao Brazil durante quase 30 anos, embora a inveja se esforce por ocultal-os” (Carta da baronesa de Santa-Anna Nery a Rui Barbosa, 11 dez. 1903). Cartas que contradiziam (e, por isso, nos instigaram) toda uma produção textual com o intuito de louvar Santa-Anna Nery, sobretudo em sua relação com a Amazônia. Num momento de descontração entre a leitura dessas cartas lamuriosas da baronesa, fomos visitar a casa de Ruy Barbosa, na rua São Clemente, com sua rica, e ainda preservada, biblioteca. Ao percorrê-la, ficamos buscando entre os inúmeros exemplares um livro do personagem em cena. Após mais de uma hora, entre milhares de títulos, desistimos da busca e ao sairmos, eis que líamos na última estante, à direita de quem sai da biblioteca (pela porta do meio) o título *Le Brésil en 1889*, escrito por Nery. Desnecessário divulgar nosso contentamento em mais um achado. No entanto, depois da *Casa de Rui Barbosa*, passamos a encontrar o *Le Brésil en 1889* em quase todas as instituições em que pesquisamos, demonstrando ter sido uma obra que contou com ampla distribuição, dentro e fora do Brasil¹⁸⁴.

O livro organizado por Santa-Anna Nery, que contou com vasta colaboração, foi pensado no interior da “comissão de publicidade” do antigo *Syndicat franco-brésilien*, que também custeou a obra. Esta comissão, responsável pelas publicações a serem apresentadas e vendidas durante a Exposição, no pavilhão do Brasil, preparou uma série de livros e brochuras com o intuito de apresentar um Brasil melhor preparado para o “concerto econômico das nações”.

¹⁸³ Cf. item: 4.2 Degredado.

¹⁸⁴ Alguns dos exemplares que encontramos do livro pelas instituições francesas (como na BMNHN e na MQB) foram doados por Ladislau Netto. O exemplar do Museu Paulista, por exemplo, foi doado por Escagnole Taunay. Ferreira *et. al* (2010:76) diz que *Le Brésil en 1889* pode ser entendido “não apenas como uma obra para consumo externo, produzida por um grupo fiel à Monarquia – e subsidiado por ela – para mostrar ao mundo um novo Brasil, próximo da Europa, monárquico e civilizado, mas também como um produto para consumo interno, como uma defesa da monarquia, que, aliás, repercutiu significativamente nos jornais brasileiros”.

Dentre essas obras, talvez a de maior relevância “acadêmica” foi o *Le Brésil* organizado por Émile Levasseur¹⁸⁵. Tanto pelo renome do autor, quanto por ter sido produzida para um verbete da *Grande Encyclopédie*, da qual conheceu, durante a Exposição, edição específica¹⁸⁶. Como apêndice desta obra foi publicado um *Album de vues du Brésil*, sob a direção de Rio Branco e cuidados de Pedro II¹⁸⁷. Além desta, realizou-se, sem autoria, o *Catalogue Officiel* do Império do Brasil, com a lista de produtos e produtores apresentados por classe para a Exposição e o livro *Abolition de l’Esclavage au Brésil: loi du 13 mai 1888*, que teve o intuito divulgar o ato em si, bem como o referido banquete comemorativo em Paris. Santa-Anna Nery apresentou também duas obras: *Le Folk-lore Brésilien*¹⁸⁸ e *Le guide de l’émigrant au Brésil*¹⁸⁹. E Benjamin Mossé assinou uma biografia do Imperador, *D. Pedro II: Empereur du Brésil*, revisada inteiramente por Rio Branco¹⁹⁰.

Entretanto, apesar deste amplo leque de publicações criadas em torno da Exposição, para todos aqueles que se debruçaram sobre a participação brasileira na Exposição Universal de Paris de 1889, *Le Brésil en 1889* aparece como obra indispensável¹⁹¹. Livro volumoso, com mais de 700 páginas, mais um grande mapa do “l’Empire en Chromolithographie”,

¹⁸⁵ No ano de 2000 esta obra ganhou sua 1ª edição brasileira, acompanhada ainda do *Album de vues du Brésil* feita por Rio Branco (Cf. Levasseur, 1889).

¹⁸⁶ Moraes (2012:232) diz, por exemplo, que *Le Brésil* é onde estão mais explícitas as concepções de geografia de Rio Branco.

¹⁸⁷ Cf. Kossoy, 2002.

¹⁸⁸ Este livro foi publicado originariamente na RSA, também em forma de folhetins como *Le pays des Amazones*. Quando de sua publicação em forma de livro, Santa-Anna Nery convidou o príncipe Roland Bonaparte para prefaciá-lo, expondo claramente suas preferências monárquicas. De certo modo, *Le Folk-lore Brésilien* marcou profundamente as memórias póstumas de Santa-Anna Nery, em razão do destaque dado a obra por Câmara Cascudo (1935-1936:210). Este dizia que Santa-Anna Nery fazia “folk-lore quando iniciávamos, timidamente, o estudo das tradições populares”. Esta obra, também recebeu tradução para a nossa língua, por Vicente Salles, em 1992. Este mesmo autor publicou ainda uma pequena biografia, destacando as contribuições de Santa-Anna Nery no campo do folclore. Grande parte dos trabalhos que se debruçaram sobre o autor em cena privilegiaram esta vertente de sua obra. Nesse sentido, há três dissertações de mestrado: Figueiredo (1996), Ribeiro (2003) e Coelho (2007). Esta última, entretanto, amplia um pouco mais a discussão ao se debruçar também sobre a obra *Le pays des Amazones*.

¹⁸⁹ Este texto, há tempos anunciado por Santa-Anna Nery (cf. nota 130 deste capítulo), expõe ao possível emigrante um quadro bastante amplo sobre o porquê emigrar e principalmente o porquê do Brasil. Fornecendo as condições jurídicas e as vantagens disponibilizadas pelo governo imperial e provinciais. Depois, em mais de cem páginas, Santa-Anna Nery descreve as condições geográficas das vinte províncias do Brasil, dando maior espaço para aquelas da Amazônia. O tema da imigração na obra neryana mereceria um estudo à parte. Apenas para o âmbito desta pesquisa, compilamos mais de dez textos, entre livros e artigos, que tratam do tema. No entanto, toda sua vasta obra enfoca indiretamente este assunto, uma vez que um dos principais objetivos do seu papel de propagandista na Europa era a atração desses imigrantes ao Brasil.

¹⁹⁰ Segundo Viana Filho, 1996:131 (*apud* Moraes, 2012:240) Benjamin Mossé teria sido contratado pelo conde de Nioac para escrever um livro para a comemoração do jubileu do reinado de D. Pedro II, entretanto, dado o desconhecimento da matéria por parte de Mossé, Rio Branco efetuou uma ampla revisão da obra, transformando-se “paulatinamente no verdadeiro autor da biografia”.

¹⁹¹ Todos os autores analisados para esta pesquisa e que se debruçaram, diretamente ou indiretamente, sobre a Exposição universal de 1889 citam e se utilizam desta obra para compreender os diferentes significados desta exposição em suas pesquisas, como: Hardman (1988), Machado (1995), Barbuy (1996), Pesavento (1997), Heizer (2005), Cizeron (2009), Ferreira *et. al* (2010), Moraes (2012).

revelando inúmeras rotas marítimas entre a América do Sul, a Europa e os Estados Unidos, além de demonstrar a configuração territorial do Brasil, pretendida por Rio Branco¹⁹². O livro vinha ainda recheado de quadros estatísticos e gráficos, em consonância com os ensinamentos dos sábios do *Institut de France*: Paul-Leroy Beaulieu e Émile Levasseur.

O editor da volumosa obra foi Charles Delagrave, responsável também por um breve prefácio, “*Au Lecteur*”, no qual contextualiza a obra ao leitor. Neste, diz que o *Syndicat du Comité Franco-Brésilien* o contatou em meados de novembro de 1888, solicitando os seus cuidados para as edições das obras destinadas “à faire mieux connaître le Brésil actuel, à l’occasion de l’Exposition Universelle de 1889” (Delagrave, 1889:VIII)¹⁹³. Dizendo ainda que se não fosse Santa-Anna Nery¹⁹⁴, a reunir em alguns meses, apesar da distância entre Brasil e França, um grupo de escritores que lhe permitiu “publier un livre absolument nouveau sur le Brésil actuel”.

Charles Delagrave tinha bastante interesse na edição dessas obras que “davam uma ideia bastante exata da nova evolução que alcançou, neste momento, o grande império da América do Sul” (Delagrave, 1889:VIII). Pois sua livraria publicava¹⁹⁵, principalmente, livros voltados para o ensino, em seus diferentes níveis, “primário”, “secundário” (“clássico ou especial”) e “superior ou elementar”. Deste modo, contemplava os ramos das “letras, ciências matemáticas e naturais, história e geografia, línguas antigas e línguas vivas, gramática, instrução moral e trabalho manual”, com a participação de autores diversos¹⁹⁶. No que se refere particularmente à geografia, Delagrave colaborou com um “movimento particular de publicações cartográficas e topográficas, graças à fundação do *Institut géographique*¹⁹⁷ dirigido por E. Levasseur de l’*Institut*, e o coronel Niox” (Vapereau, 1893:83)¹⁹⁸. Em relação à Exposição Universal de Paris, Delagrave fora ainda membro do júri e relator da classe

¹⁹² O mapa apresentado ao final do volume – da América do Sul – foi extraído do Atlas organizado pelo coronel Niox, editado também pela Charles Delagrave, sendo inteiramente revisado pelo barão do Rio Branco.

¹⁹³ Delagrave editou ainda *Le guide de l’émigrant au Brésil* de Santa-Anna Nery.

¹⁹⁴ Delagrave (*Ibidem*) acrescenta que Santa-Anna Nery revisou todos os capítulos, além de ter acrescentado, em alguns momentos, notas preciosas.

¹⁹⁵ As informações sobre Delagrave foram retiradas de: Vapereau (1893) e Curinier (1918).

¹⁹⁶ A lista dos nomes podem ser conferidas nas obras referenciadas da nota supracitada.

¹⁹⁷ Charles Delagrave publicou, por exemplo, em 1875 um texto chamado *Instructions générales aux voyageurs*, sendo o primeiro método a substituir o questionários da *Société de Géographie de Paris*, criado em 1824 (Cf. Lejeune, 1993), além de ter sido o responsável pela edição da *Revue de Géographie* (Curinier, 1918:89).

¹⁹⁸ Curinier (1918:85,86) diz que Delagrave reuniu em torno dele diversos geógrafos, como “Levasseur, do *Institut*, o general Niox, professor da escola de Guerra; Vidal de la Blache, Naud-Evrard, Périgot e diversos outros representantes autorizados desta ciência”. No tópico *Fontes primárias* desta tese podem ser conferidas duas obras de Levasseur editadas por Delagrave.

XVI¹⁹⁹, a de Geografia. Nesse sentido, bastante esclarecedor a abrangência e as áreas de atuação desta ciência no relatório geral da Exposição:

CLASSE 16.

Cartes et appareils de géographie et de cosmographie. — Topographie.

Cartes et atlas géographiques, géologiques, hydrographiques, astronomiques, etc.

Cartes physiques de toutes sortes. Cartes topographiques planes ou en relief.

Globes et sphères terrestres et célestes. Ouvrages et tableaux de statistique. Tables et éphémérides à l'usage des astronomes et des marins (Picard, 1892:24)²⁰⁰.

Vale lembrar que a “classe” de geografia pertencia ao segundo grupo – “educação e ensino. Material e procedimentos das artes liberais” –, preocupado, dentre outras coisas, com a organização, métodos e materiais para o ensino, além de impressão e edição (Picard, 1892:22).

O *Le Brésil en 1889* contou, nesses contextos, com o amparo editorial de um homem que estava bastante atento com a geografia que estava sendo produzida e servida, principalmente, à “instrução pública”, bem como com os meios mais “modernos” para esta propagação, que já contava com altas tiragens – e vendas – em diversos meios de impressão²⁰¹.

Assim, o livro organizado por Santa-Anna Nery, se seguirmos o roteiro de seu sumário, veremos as noções de “geografia” e de “economia política”, concebidas pelos sábios do *Institut de France* (e reproduzidas pelos organizadores da Exposição para a Classe 16), impressas pelo editor dos “livros didáticos”²⁰² e divulgadas pelo homem que se autointitulou como o *propagandista do Brasil na Europa*, exatamente, naquele momento²⁰³.

Deste modo, temos para os quatro primeiros capítulos, textos de geografia física que demonstram as potencialidades econômicas do território. O primeiro capítulo, “*Notions*

¹⁹⁹ A Exposição de Paris desenvolveu uma “classificação geral” dos “produtos” nacionais, conforme se lê no catálogo geral: “1º groupe. Oeuvres d'art (classes 1 à 5). 2º groupe. Education, enseignement, — Matériel et procédés des arts libéraux (classes 6 à 16). 3º groupe. Mobilier et accessoires (classes 17 à 29). 4º groupe. Tissus, vêtements et accessoires (classes 30 à 40). 5º groupe. Industries extractives. — Produits bruts et ouvrés (classes 41 à 47). 6º groupe. Outillage et procédés des industries mécaniques. — Électricité (classes 48 à 66). 7º groupe. Produits alimentaires (classes 67 à 73). 8º groupe. Agriculture, viticulture et pisciculture (classes 73 à 77). 9º groupe. Horticulture (classes 78 à 83)” (Picard, 1892:16).

²⁰⁰ Vale ressaltar, que segundo o mesmo relatório (*ibidem*: 367), os expoentes brasileiros foram agraciados com 13 prêmios nesta “classe” que tinha como membro um amigo do Brasil. Não sabemos se por favorecimento, ou não, a classe de geografia foi uma das que o Brasil ganhou mais prêmio. Dentre eles destacamos os prêmios que receberam “medalha de ouro”: como o “Comissariado geral do Brasil” ao apresentar “Mapas murais do Brasil, pintados a partir de documentos inéditos”; O IHGB por suas publicações a mais de meio século; e o barão de Teffé, por seus mapas de exploração do rio Javary (*L'Amérique*, 01 out. 1889:2).

²⁰¹ *Le guide de l'émigrant au Brésil*, por exemplo, contou com uma tiragem de 20.000 exemplares.

²⁰² Curinier (*idem*:86) é quem fornece este status ao Charles Delagrave.

²⁰³ Esta célebre frase de Santa-Anna Nery foi dita quando da apresentação de seu livro *Le Folk-Lore Brésilien* (1889).

générales”, é de autoria do próprio Santa-Anna Nery (tendo como fonte explícita as obras de Capistrano de Abreu, A. do Valle Cabral e Orville A. Derby), que fornece a situação, limites e superfície do território²⁰⁴, com detalhes para sua extensa costa, voltada para o Atlântico (Europa)²⁰⁵, e composta ainda por ilhas “abstraídas” dos pontos extremos da superfície continental, como Fernando de Noronha e Trindade²⁰⁶. Nesse sentido, Santa-Anna Nery destaca a continentalidade do território do Império do Brasil por ter fronteiras com “todos os Estados e colônias da América do Sul, exceto o Chile”. A partir daí, o autor faz um breve resumo da situação atual das fronteiras em relação aos vizinhos (com destaque para a Guiana Francesa) e os possíveis litígios, esclarecendo que em função desses seria difícil calcular o tamanho do território em sua exatidão, que seria avaliado em 8.337.218 km²²⁰⁷. Após descrever longamente, e minuciosamente, os acidentes geográficos da costa, com destaque para as barras dos rios, onde seriam possíveis a construção de diversos portos, o autor adentra o território, em sua “configuração vertical”: “*Aspect physique, Montagnes et Plateaux*”. Neste ponto, Santa-Anna Nery conta com os estudos de Orville Derby (“diretor da seção de geologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro”)²⁰⁸, do qual mais uma vez empreendera uma longa análise descritiva dos “planaltos” (preponderantes), “planícies” e “depressões” do território, percorrendo todas as províncias, com destaque para os altos picos da “serra do Mar”, “serra da Mantiqueira”, além daqueles ainda desconhecidos para o período, localizados no interflúvio entre as águas que correm para o Amazonas e o mar da Antilhas²⁰⁹. Passando à estrutura geológica e mineral do território (o quinto e último tópico: “*Structure géologique et Minéraux*”), Santa-Anna Nery se ressentia da falta de estudos, malgrado investigações

²⁰⁴ Santa-Anna Nery (1889e:1) acrescenta ainda que “nous nous sommes borné à résumer ici les notions données par MM. J. Capistrano d'Abreu et A. do Valle-Cabral dans leur beau travail sur la géographie de Wappaeus, qu'ils ont refondue dans la partie se rapportant au Brésil”. Depois, ele cita ainda a extensão em quilômetros dos pontos extremos do território, fundamentado no “professor L.-J. Martins Penha” (*Ibidem*:3).

²⁰⁵ Na segunda parte do texto, “*Côtes, Caps et Baies*”, Santa-Anna Nery (*Ibidem*:3) compactua claramente com o determinismo da posição geográfica das nações e da geografia física como base para as relações econômicas: “La configuration horizontale du Brésil présente la forme d'un triangle, dont le centre est ouvert au commerce extérieur au moyen de quelques grands fleuves à peine. Cependant, sa position géographique est privilégiée: deux tiers de ses frontières sont formés par des côtes maritimes, et celles-ci, quoique peu découpées, offrent, cependant, un grand nombre de ports, qui seront signalés plus loin, au chapitre II”.

²⁰⁶ Sobre a contenda entre o Brasil e Inglaterra acerca da ilha de Trindade ver: Garcia (2006).

²⁰⁷ Apesar de Santa-Anna Nery dizer que não há como precisar o tamanho do Império, o número 8.337.218 km² é reproduzido em mais dois artigos do volume, tanto no texto do barão de Tefé, “*Hidrographie*”, quanto no de Favilla-Nunes, “*Population, territoire, électorat*”. Neste último, o autor chega a somar a extensão de cada província, mais o município neutro, para chegar ao tamanho exato do território. Tal fato demonstra um consenso do organizador com seus autores nesta representação geográfica.

²⁰⁸ Com base em seu estudo, extraído do livro *Brazil Geographico e Historico* de Capistrano de Abreu e Valle Cabral (*Ibidem*:10)

²⁰⁹ Após a década de 1970, sobretudo, com o projeto Radam Brasil, descobriu-se que os picos mais altos do Brasil se localizam exatamente nesta zona, sendo o pico da Neblina e o monte Roraima os pontos culminantes da cadeia Parima-Pacaraima.

“geognósticas” de “d'Eschwege, Sellow, Martius, Pissis, d'Orbigny” (*Ibidem*:14). Corroborando, assim, com Derby, de que apenas com as recentes pesquisas “paleontológicas” de “Hartt e seus colaboradores” é que se pode ter uma “*notion plus claire de la structure géologique du pays*” (*Ibidem*:14). A partir disso, foram desenvolvidas novas classificações estruturais dos planaltos, planícies e depressões, evidenciando a presença de “pedras preciosas” em diversos sistemas montanhosos, como o ouro e o diamante. O minério de ferro (bastante procurado pelos países centrais para a modernização de suas formas de produção, circulação e exposição²¹⁰) aparece com destaque, colocando a região “*huronniennes*” do Brasil (formada pelas “*régions de la Serra-do-Espinhaço, de la Canastra, de la Matta-da-Corda et des montagnes de Goyaz*” [*Ibidem*:15]) como uma das mais ricas do mundo neste minério. O carvão não fica de fora deste profícuo quadro natural, se estendendo por uma “região muita vasta (...)”, indo de São Paulo ao Rio Grande do Sul²¹¹ e já sendo explorado nesta última província. Indicando ainda, segundo estudos de Orbigny, a presença de carbono na área do rio Guaporé. Zonas salíferas, em Pernambuco, Bahia e Alagoas também são lembradas pelo autor²¹². Por fim, ainda no campo geológico-geomorfológico²¹³, Santa-Anna Nery coloca em evidência as linhas de “areia e argila brilhantemente colorida, que constituem um traço bastante característico da costa setentrional do país” (*Ibidem*:21), oferecendo-a ao deleite dos turistas de todo o mundo. Alertando-os, ainda, de que o Brasil continental não conta com nenhum vulcão, ativo ou inativo²¹⁴.

Neste primeiro capítulo, em pouco mais de vinte páginas, Santa-Anna Nery fornece ao leitor, basicamente, uma síntese da “geografia física” do território brasileiro, para que outros temas possam se desenrolar sobre um espaço já desvendado, inclusive em sua gênese geológica. Assim, para aqueles que não querem se aprofundar nesses aspectos físicos do território, basta ler este primeiro capítulo para estarem bem informados sobre suas potencialidades, sobretudo, econômicas. Caso contrário, o leitor encontrará ainda mais três

²¹⁰ Lembrando que foi Gustave Eiffel, “o mágico do ferro”, o responsável pela construção da torre “Eiffel” para a Exposição Universal de Paris de 1889. A torre, construída em ferro, foi feita com porcas e parafusos, para que fosse desmontada após a exposição. Acabou se transformando no grande símbolo da modernidade – *la belle époque* – e perpetuou-se até os nossos dias, sendo o monumento mais visitado do mundo, ainda hoje.

²¹¹ A pedologia também é abordada nesta parte, como produto da transformação de diferentes rochas ao longo do tempo, salientando a *terra rôxa*, fruto da intrusão de diques de “*diorite*” nas formações planáticas de São Paulo; possibilitando imensa fertilidade ao seu solo (*Ibidem*:17).

²¹² “*Dans toute cette région le sol est impégné de sel, et il est probable que des couches salifères entrent dans cette formation*” (*Ibidem*:19).

²¹³ Santa-Anna Nery dissertará ainda sobre assuntos complexos, para geólogos e geomorfólogos, sobre a formação das diferentes estruturas e formas de relevo, compreendendo esses estudos como a gênese das formas terrestres, diferente dos estudos “geognósticos” apontados no início do texto.

²¹⁴ Lembrando que “*la petite île montagneuse de Fernando-de-Noronha est le seul point connu du territoire brésilien ayant une origine volcanique*”.

capítulos dedicados, respectivamente, à hidrografia, à climatologia e à mineralogia. O primeiro deles é assinado pelo barão de Teffé, que aparece nesta publicação²¹⁵ como “Contre-amiral de la marine impériale, directeur du *Bureau Hydrographique de Rio-de-Janeiro*, membre correspondant de *l’Institut de France (Académie des Sciences)* et de *l’Académie des Sciences de Madrid*, chambellan de S. M. l’Impératrice du Brésil, etc” (Teffé, 1889:24). Portanto, após a síntese física do território empreendida por Santa-Anna Nery, o *Le Brésil en 1889*, passa a palavra a um dos mais importantes e reconhecidos membros da elite imperial brasileira²¹⁶ e mesmo da elite científica mundial, representada pelo *Institut de France*. Após a breve “notícia” (em apenas nove páginas) de Teffé sobre as condições dos portos no Brasil, o terceiro capítulo, “*Climatologie*”, vem assinado por Henri Morize, “*Astronome à l’Observatoire Impérial de Rio-de-Janeiro*”. Morize aparece como um jovem e promissor astrônomo, que teve o seu extenso trabalho supervisionado, diretamente, pelo diretor do *Observatório imperial do Rio de Janeiro*: L. Cruls (Morize, 1889:35). O quadro físico do Império do Brasil é finalizado pela mineralogia, por meio de um estudo do Diretor da *Escola de Minas de Ouro Preto*, o francês Henri Gorceix. Gorceix, que era amigo de Pedro II, tinha cursado na *École Normale Supérieure de Paris* e ganhou prêmio do *Institut de France*²¹⁷.

Após este primeiro bloco, em que se revelou a estrutura física do território, adentra-se ao campo da história, população e trabalho. Temos, neste sentido, três artigos. O primeiro deles é da lavra do barão do Rio Branco: “*Esquisse de l’Histoire du Brésil*” (capítulo 5), que aparece como “membro do conselho de S. M. o Imperador e membro do *Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*”. O filho do visconde do Rio Branco apresenta o maior artigo da coletânea, com mais de oitenta páginas, em que apresenta a formação territorial do Brasil, da “descoberta” à abolição da escravidão²¹⁸. O segundo texto, “*Population, Territoire, Électorat*”

²¹⁵ Ao início de cada artigo, há uma nota de rodapé, provavelmente produzida pelo organizador, fornecendo as informações curriculares de cada colaborador.

²¹⁶ O barão de Teffé fora também membro da antiga seção no Rio de Janeiro da Sociedade de Geografia de Lisboa, e depois, participou mais assiduamente em prol da geografia do Brasil na SGRJ (Cf. Mary, 2010 e Cardoso, 2010).

²¹⁷ Cf. Lima (1977), neste trabalho há em anexo correspondência trocada entre Gorceix e o Pedro II (1874-1891).

²¹⁸ Moraes (2012) ao analisar as relações entre o barão do Rio Branco e a Geografia diz que nesse texto, que chegou a ser publicado em livro, à parte, também por Charles Delagrave (e outra traduzida para o português, em 1894), o barão do Rio Branco chega a sobrepor e a reproduzir algumas ideias e trechos em que colaborara para a outra obra já citada de Levasseur: *Le Brésil*. Entretanto, Moraes destaca que neste texto Rio Branco expõe minuciosamente a “descoberta e as primeiras explorações e assentamentos (...) com muitas descrições geográficas e, várias vezes, corrigindo informações coletadas por Varnhagen. Uma vasta literatura de cronistas coloniais, de cartas jesuíticas, de memórias de viajantes, é revisada numa análise que revela grande preocupação com a toponímia e as localizações. Pode-se considerar que uma ótica de constituição do território comanda a narrativa, com os temas do domínio do espaço e do seu povoamento ocupando o papel de eixo de toda a argumentação. Nesse sentido, o estudo da população e sua distribuição na colônia aparecem como essenciais, assim como as divisões administrativas e eclesiásticas vigentes. A história militar emerge nesse contexto como

(capítulo 6), é de Favilla-Nunes, que como não pertencia a nenhuma instituição, nem possuía cargos ou condecorações é apresentado como alguém que “s'est fait connaître au Brésil par une série d'études de statistique dont quelques-unes ont été publiées par les soins du Gouvernement. Cette notice, que nous avons arrangée, est empruntée à l'une de ces études qu'il nous a envoyée” (Favilla-Nunes, 1889:189). Assim, o referido texto, em pouco mais de dez páginas, se dedica a apresentar a “população”, o “território nacional e das províncias”, e a “representação eleitoral nacional”, com mais de dez quadros estatísticos, do qual o último é uma síntese de grande parte dos anteriores²¹⁹. Por último, Santa-Anna Nery, em “*Travail servile et travail libre*” (capítulo 7), traça um breve histórico sobre a transição “gradual” e “pacífica” do trabalho escravo para o trabalho livre, dedicando-se, por meio de diversas estatísticas de que o Brasil só prosperará com a imigração europeia, que em contrapartida, auxiliará os próprios países emigrantes, como vinha ocorrendo com a Itália²²⁰.

Nesses primeiros sete capítulos, podemos dizer que foram apresentados os contextos geográficos e históricos do território e da população do Brasil. A partir do oitavo, passa-se ao campo da “economia política”, segundo os ensinamentos dos “sábios do *Institut de France*”. Assim, temos elencados, de forma direta ou indireta, nos dezoito capítulos restantes, temas ligados à produção, distribuição, circulação, consumo e legislação.

O texto que inaugura esta “parte” é do engenheiro André Rebouças, “*Les zones agricoles*” (capítulo 8). “Professor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, autor de um grande número de obras estimadas, cujas algumas são citadas ao longo deste trabalho” (Rebouças, 1889:215). O artigo de Rebouças, segundo Machado (1995:333-334), inaugura também um novo olhar – regional – sobre o território brasileiro, a partir de critérios

um dos vetores de investigação, com o autor estabelecendo números detalhados das tropas, das fortalezas e do armamento disponível. No contraponto, a história dos tratados e dos limites neles pactuados também adquire relevo”.

²¹⁹ O último quadro síntese denominado “representação nacional comparado com o território, a população e a receita geral das províncias” reflete bem o uso das estatísticas comparadas como forma de compreensão da realidade. Segundo seu autor, que critica a pouca quantidade de eleitores no Brasil, diz que a estatística comparada fornece indicações preciosas ao Estado (Favilla-Nunes, 1889:203). Elisée Reclus (1894:443) diz que após Favilla-Nunes ter sido encarregado à direção do recenseamento, em 1892, os dados sobre a população do Brasil melhoraram.

²²⁰ Santa-Anna Nery como um entusiasta da estatística e da imigração diz que: “comme les chiffres sont plus éloquents que de simples affirmations, nous citerons ici un exemple frappant de cette prospérité. Dans un rapport présenté dernièrement par M. le commandeur Grillo, directeur général de la Banque nationale, au Conseil de l'industrie et du commerce, sur un projet pour la création d'une banque de crédit colonial, il est établi que, du Brésil seulement, les expéditions d'argent, faites par les Italiens émigrés à leur famille demeurée au pays, se montent annuellement à 10 millions de lires. L'Italie ne perd donc pas tout, en perdant quelques-uns de ses enfants, et la mère-patrie bénéficie de ses travailleurs d'outre-mer en recueillant une partie de leurs épargnes, en même temps qu'elle étend ses débouchés commerciaux par leur intermédiaire (Santa-Anna Nery, 1889f:208). Santa-Anna Nery finaliza este artigo com um quadro estatístico (para os anos de 1887-1888), mostrando que as oscilações do câmbio, após a abolição, tendem a diminuição. Demonstrando, assim, segundo opiniões contrárias, que o Brasil tendia à estabilização econômica com a substituição do “trabalho servil para o trabalho livre”.

geográficos. Ao todo, Rebouças divide o Brasil em dez zonas, nas quais expressa suas potencialidades vegetal (agrícola), animal e mineral²²¹, indicando também suas vias – frágeis – de comunicação (fluvial, portuária ou ferroviária), além de mostrar dados de exportação e as possibilidades para a imigração²²². Por conseguinte, J-M. Leitão da Cunha, “Député à l’Assemblée générale législative pour la province de Pará”, apresenta o artigo “*Institutions agricoles*” (capítulo 9), no qual busca aproximar o Brasil da Europa, por meio da apresentação de doze estabelecimentos voltados para o desenvolvimento da agricultura e criação no Brasil²²³.

Após esses dois capítulos “agrícolas”, fontes de riquezas do Brasil imperial, são expostos três capítulos voltados para o sistema financeiro do/no Brasil. O primeiro deles é anônimo, denominado “*Poids, système monétaire*” (capítulo 10)²²⁴. O segundo, “*Finances*” (capítulo 11), é de autoria de Amaro Cavalcanti, que parece ter sido o único suplente dentre os dezoito colaboradores. Originariamente, Santa-Anna Nery convidou o barão de Paranapiacaba para escrever sobre as finanças no Brasil, mas este último encarregou Cavalcanti, “conhecido no Brasil por outros trabalhos, distinguindo-se ultimamente por estudos econômicos de um

²²¹ “L’immense territoire du Brésil peut être divisé en dix zones agricoles, qui sont: I. La zone Amazonienne, comprenant les provinces de Pará et de l’Amazonie. II. La zone du Parnahyba, comprenant les provinces de Maragnon et de Piahy. III. La zone de Céará. IV. La zone de Parahyba-du-Nord, comprenant les provinces de Rio-Grande-du-Nord, de Parahyba-du-Nord, de Pernambuco et d’Alagôas. V. La zone du San-Francisco, comprenant les provinces de Sergipe et de Bahia. VI. La zone du Parahyba-du-Sud, comprenant les provinces d’Espírito-Santo, de Rio-de-Janeiro et de San-Paulo. VII. La zone de Paraná, comprenant les provinces de Paraná et de Santa-Catharina. VIII. La zone de l’Uruguay, comprenant la province de Rio-Grande-du-Sud. IX. La zone Auro-ferrière, comprenant la province de Minas-Geraes. X. La zone Centrale, comprenant les provinces de Goyaz et de Matto-Grosso” (Rebouças, 1889:215).

²²² Segundo Ferreira *et al.* (2010:103) o texto de Rebouças “é fortemente normativo, refletindo bem o momento da trajetória de André Rebouças em que o texto foi produzido: após participar do movimento abolicionista, dedicava-se agora especialmente à causa da imigração”. O texto de Rebouças é o segundo maior do volume, com duas páginas a menos que o do Rio Branco, entretanto é o que mais se utiliza de quadros estatísticos em todo o trabalho (28), tratando especialmente das produções e comercializações de cada “zona agrícola”, enfatizando o papel da pequena propriedade (composta por brasileiros e imigrantes) neste processo. Carvalho (1998:213-214) diz que nos anos de 1880 “a lição que Rebouças extrairia dos processos de modernização alemão e italiano o levaria a diagnosticar que no Brasil, de modo análogo ao que ocorria aos demais países periféricos do capitalismo maduro, o limite à expansão do mercado interno era agrário; como também era nesse âmbito que se tratava o debate sobre a liberação das forças materiais e espirituais da nação. Assim, o programa agrário de Rebouças concebia a pequena propriedade não apenas como instrumento de política agrícola, mas como alternativa à organização social e política do Império”.

²²³ As instituições apresentadas são: “Institut agricole de Rio-de-Janeiro, Institut agricole de Bahia, Institut agricole de Sergipe, Établissement Rural de San-Pedro-d’Alcantara, Orphelinat Isabel, École agricole de Piracicaba, Colonie Blaziana, Asile agricole de Sainte-Isabelle, Orphelinat Christina, Institut de la Providence, Station agronomique de Campinas et École vétérinaire et agricole de Pelotas (Cunha, 1889).

²²⁴ Apesar de não constar autoria, acreditamos pertencer a Santa-Anna Nery, uma vez que no *Guide de l’Émigrant au Brésil*, publicado no mesmo ano e pelo mesmo editor, há um capítulo, *Renseignements utiles*, no qual são expostos os mesmos dados (correlacionado as moedas e medidas em diferentes países do mundo com as do Brasil), a fim de informar os possíveis imigrantes (Santa-Anna Nery, 1889b:156). O referido artigo no *Le Brésil en 1889* tem o mesmo intuito.

grande valor” (Cavalcanti, 1889:318). “*Banques et institutions de Crédit*” (capítulo 12)²²⁵, de autoria de *Luiz Rodrigues d'Oliveira*, “Ancien vice-président de la *chambre syndicale des négociants-commissionnaires de Paris*, membre-correspondant de l'*Institut historique et géographique de Rio-de-Janeiro*, membre-fondateur de la *Société de géographie commerciale de Paris*” (Oliveira, 1889:347), finaliza a descrição – estatística – das condições econômicas e financeiras do Brasil, “présente à l'heure qu'il est, l'aspect le plus flatteur, et que les capitaux étrangers peuvent y trouver un placement aussi sûr que rémunérateur” (Cavalcanti, 1889:345).

Neste rumo, são apresentados mais três capítulos, frutos dos capitais externos e fundamentais para o “progresso” e o nível “civilizacional” da nação. Assim, temos o artigo, “*Chemins de fer*” (capítulo XIII) do “Chef de la Commission du Ministère des travaux publics du Brésil en Europe et aux États-Unis d'Amérique, anciens président de la *Société des Ingénieurs du Brésil*, membre de l'*Institut polytechnique du Brésil*, de la *Société des Ingénieurs civils de France* et de la *Société The Institution of Civil Engineers d'Angleterre*”, o engenheiro Fernandes Pinheiro. Diferentemente de grande parte dos trabalhos do presente volume, que buscam descrever seus objetos pelas províncias do Brasil, Pinheiro introduz historicamente a construção das estradas de ferro para o conjunto da nação. Depois, informa detalhadamente, sempre por meio de estatísticas, a condição – “próspera” – atual das mesmas. Para finalmente apresentar, como se fosse um contrato jurídico (em todas as suas etapas e em mais de doze páginas), o regime legal para a concessão de estradas de ferro no Brasil aos estrangeiros. O autor finaliza com os mais lisonjeiros elogios à atual situação

²²⁵ Neste trabalho são apresentados os bancos e instituições de crédito por província (para as que os detinham), assinalando-se a presença maciça de sucursais inglesas, assim temos para o Grão-Pará: Banco Commercial do Para. — Banco do Pará novo. — Succursale à Belem-do-Pará de la “London and Brazilian Bank Led”. — Succursale à Belem-do-Pará de la banque “English Bank of Rio-de Janeiro Led”. — Succursale à Belem-do-Pará du “Banco Internacional do Brazil” (a grande quantidade dessas instituições financeiras no Pará está ligada diretamente à economia da borracha); Maranhão: Banco do Maranhão. — Banco Commercial do Maranhão. — Banco hypothecario; Pernambuco: Banco Hypothecario. — Succursale à Pernambuco de la “London and Brazilian Bank Led”. — Succursale à Pernambuco de la Banque “English Bank of Rio-de-Janeiro Led”. — Succursale à Pernambuco du “Banco Internacional do Brazil”; Bahia: Banco da Bahia. — Banco Mercantil. — Sociedade de Commercio. — Caixa Hypothecaria. — Succursale à Bahia de la “London and Brazilian Bank Led”. — Succursale à Bahia de la Banque “English Bank of Rio-de-Janeiro Led”. Rio de Janeiro: Banco do Brazil. — Banco Internacional do Brazil. — Banco do Commercio. — Banco commercial do Rio-de-Janeiro. — Banco Industrial e Mercantil. — Banco Rural e Hypothecario. — Banco Predial. — Banco de Credito Real do Brazil. — Banco União do Credito. — Banco del Credere. — Banco auxiliar. — Caixa de Credito Commercial. — Banco popular. — London and Brazilian Bank Led. — English Bank of Rio-de-Janeiro Led. — Brasilianische Bank für Deutschland; São Paulo: Banco de Credito Real de São-Paulo. — Banco Mercantil de Santos. — Succursale à São-Paulo du “Banco Mercantil”. — Banco Commercial de São-Paulo. — Banco da Lavoura de São-Paulo. — Succursale du “Banco do Brazil” à São-Paulo. — Deux succursales de la Banque “English Bank of Rio-de-Janeiro Led”. — Une succursale à Santos et une agence à São-Paulo de la “London and Brazilian Bank Led”. — Société en commandite “Nielsen o Cie”; São Pedro do Rio Grande do Sul: Banco da Provincia. — Succursales de la “London and Brazilian Bank Led” à Rio-Grande-do-Sul, Pelotas et Porto-Alegre. — Succursale à Porto-Alegre de la Banque “English Bank of Rio-de-Janeiro Led”; e Minas Gerais: Banco Territorial e Mercantil de Minas (Oliveira, 1889:381).

econômica e política do “Brasil livre” no “centenário dos grandes princípios da humanidade e da dignidade humana” (Pinheiro, 1889:433). Na sequência temos mais um artigo de Santa-Anna Nery, “*Commerce et navigation*” (capítulo 14), que se utiliza basicamente da estatística e da análise comparativa, para mostrar que o Brasil da abdicação de Pedro I e do jubileu “próximo” de Pedro II, do ponto de vista financeiro, passou de 31 milhões de francos para 410 milhões em receitas de Estado. Tal dado, segundo o autor, é resultado das trocas comerciais estabelecidas entre as vinte províncias e o mercado externo²²⁶. A navegação – internacional e nacional – aparece como consequência deste comércio, por meio das movimentações nos portos do Brasil. Santa-Anna Nery destaca ainda que os ingleses são os que mais ganham em investir e comercializar com o país – “304 milhões de francos por ano” – enquanto que com os franceses essas trocas representam “apenas 178 milhões de francos” (Santa-Anna Nery, 1889g:461). Nesse sentido, o autor apela ao governo francês para suspender a circular que proíbe não só a emigração para o Brasil, mas também a alta taxaço sobre o café brasileiro, resumindo de forma liberalizante: “Or, qui dit commerce dit échange, et les échanges ne sont dictés que par l’intérêt” (*ibidem*:463). Desta maneira, “le Brésil marche, et heureux ceux qui s’associeront à son essor!” (*ibidem*:465). Finalizando este “tópico” dedicado à circulação, Santa-Anna Nery assina também o capítulo 15, “*Postes, télégraphes et téléphones*”²²⁷. Artigo curto, no qual o autor contextualiza um pouco a história dos correios, do telégrafo e do telefone no Brasil. Demonstrando, ainda a partir de estatísticas, a evolução do Brasil nesses meios de comunicação, com cabos submarinos ligando diversos continentes (países sul-americanos, Europa, e em breve com os Estados Unidos). Afirmando, também, que em relação ao telefone, o Brasil conta com uma ampla área de atuação, “de uso ordinário até a Amazônia”, sendo, portanto, maior do que o da França. Por fim, Santa-Anna Nery diz que o ministro da Agricultura aprovou o avanço tecnológico promovido pela província de Alagoas para que as demais províncias passem a combinar o serviço telefônico

²²⁶ Santa-Anna Nery aproveita para combater o determinismo dos economistas e mesmo de colaboradores do *Le Brésil en 1889* (especificamente o artigo de Henri Morize, em que este diz que as zonas tropicais, como a Amazônia, não são propícias aos europeus) ao dizer que “ces économistes paraissaient croire que les régions tempérées du Brésil auraient une évolution beaucoup plus rapide que les régions tropicales et surtout que la plaine équatoriale de l’Amazonie. Les faits se sont chargés de les éclairer, et s’il y a deux phénomènes dignes d’étude dans la situation économique du Brésil actuel, c’est, d’un côté, le progrès réalisé par la zone tempérée douce dont la province de San-Paulo est la garde avancée, et, d’un autre côté, le développement commercial de la plaine équatoriale de l’Amazonie” (Santa-Anna Nery, 1889g:442). É deste texto, também, que retiramos a noção de “Homem de letras” do personagem em cena, utilizado neste capítulo (*cf.* citação da p. 149).

²²⁷ Santa-Anna Nery (1889h:467) diz em nota que “pour les *Postes*, nous devons quelques renseignements précieux à M. J. Maximino Serzedello, qui a bien voulu nous envoyer une notice historique sur le service postal au Brésil. Tous nos chiffres sont puisés dans les excellents rapports officiels du directeur général des postes, M. Luiz Betim Paes-Leme”.

com o telegráfico. Demonstrando, mais uma vez, as evoluções do “Brasil atual” (Santa-Anna Nery, 1889h:472)²²⁸.

Por meio dessas “excelentes” perspectivas – “geográficas” e “econômicas” – o leitor é convidado, mais uma vez, a tomar parte da história do Brasil, compreendendo esta como a “história da imigração”. Nesses termos, Eduardo Prado²²⁹ conta a história do povoamento no território, afirmando, de início, “que a grande maioria dos catorze milhões de habitantes do Brasil é composta por descendentes ou representantes das raças do velho mundo (...)” e que “a existência da nação brasileira é a melhor prova das condições favoráveis que essas raças lá encontraram para seu desenvolvimento no passado e sua expansão no futuro” (Prado, 1889:473). O texto “*Immigration*” (capítulo 16) é, portanto, um chamado ao Velho Mundo para que continuem enviando seus “braços” (no caso francês, para que comecem) ao “nord du Brésil aussi bien qu’au sud, et peut être encore mieux là qu’ailleurs, l’immigration des industriels, des commerçants et de leurs capitaux peut trouver un emploi rémunérateur immédiat” (*ibidem*:506). Compondo o coro dos artigos precedentes, Prado colaboraria ainda com outro artigo, “*L’Art*” (capítulo 18), no qual busca traçar, desde a chegada dos portugueses, um panorama das artes (cerâmica, arte plumária, pintura, arquitetura, música, bordados, paisagismo, dentre outros ornamentos) no Brasil, destacando, por fim, o papel da *Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro*.

Na sequência, é apresentado o único artigo produzido em “grupo”: “*Instructions publiques*” (capítulo 19). Encabeçado por Santa-Anna Nery, seguido pelo barão de Sabóia, L. Cruls e o barão de Teffé. O texto aborda, sempre pela análise estatística²³⁰, a situação – “promissora” – do ensino no Brasil em seus diferentes níveis: “primário” (“gratuito”); “secundário”; “superior”, com destaque para suas “faculdades” (“Direito e Medicina”); e seus

²²⁸ Nesse sentido, o jornal *L’Amérique* (27 ago. 1889) publicou que houve no pavilhão do Brasil, no dia 22 de agosto de 1889, a gravação num fonógrafo (do concessionário Carlos Monteiro e Souza do fonógrafo Edison para o Brasil) para ser enviado ao Imperador e a Imperatriz. Gravaram o barão de Penedo, professor Charcot (do Instituto da França) e sua esposa, o senador Pereira da Silva, o general Moraes Ancora, Santa-Anna Nery, barão de Marajó, José Veríssimo e o engenheiro M. A. Teixeira.

²²⁹ Assim como Santa-Anna Nery, Eduardo Prado aparece no presente volume sem nenhuma indicação curricular, exceto os já citados no início da publicação como membros do Comissariado do Brasil na Exposição Universal de Paris de 1889.

²³⁰ De certo modo, a base (com a repetição de diversas passagens) deste artigo foi publicado por Santa-Anna Nery em 1884 na *Revue Pédagogique*, em Paris e depois na *Revista Pedagógica* de Buenos Aires (Cf. Santa-Anna Nery, 1884e; 1884f). Vidal *et al.* (2003) lembra da contribuição de Santa-Anna Nery para a constituição do campo da história da educação no Brasil, especialmente, em seus “malabarismos estatísticos”, empenhado em “demonstrar a pujança da instrução pública no Brasil que, em 1877, ostentava uma frequência escolar 12% superior à francesa (de acordo com os cálculos do autor)” (2003:39). Vidal *et al.* recorda, nesse sentido, a conclusão de Santa-Anna Nery (1884f) para a educação no Brasil em relação à Europa: “Le Brésil n’est pas tout à fait en retard sur la civilisation européenne”. Sendo, exatamente, a mesma conclusão do *Le Brésil en 1889*.

institutos de ciência, representados por seus autores²³¹. Nesse mesmo sentido, temos a colaboração do “directeur du *Muséum national de Rio-de-Janeiro*, membre de *l’Institut historique et géographique du Brésil* et de *l’Académie Royale des sciences de Lisbonne*” (Netto, 1889:614), o conselheiro Ladislau de Souza Mello e Netto, no qual dedica um capítulo inteiro à história, publicações, serviços e projetos do Museu Nacional. Em seu artigo, “*Sciences. Le Muséum National*” (capítulo 21), Ladislau Netto, conforme indica no título, coloca o referido museu como um centro irradiador de ciência no Brasil, estabelecendo diálogos e colaborações com diversas instituições nacionais e internacionais, além de contar com a participação de importantes cientistas europeus, norte-americanos e brasileiros. Finalizando o campo da ciência e do ensino, temos um texto intermediário entre a “instrução” e a “assistência” pública, que teve como base um “trabalho oficial” do barão de Itajubá, “*Protection de l’enfance*” (capítulo 23)²³². Nesse sentido, o texto é fruto da pena de Santa-Anna Nery, que pode ser percebido logo na apresentação:

Dans un pays aussi vaste que le Brésil, où l’assistance publique, comme l’instruction, se trouve décentralisée et confiée aux provinces et aux municipalités, il est difficile de réunir en peu de temps un grand nombre de données positives. Cependant, tout incomplètes qu’elles soient, les informations consignées ici permettent d’apprécier une partie de ce que l’on a déjà fait au Brésil pour la protection de l’enfance. Un illustre homme d’État autrichien, M. le Comte de Hübner, écrivait en 1882, à son retour de l’Amérique du Sud, que ‘le Brésil est, avant tout, un pays charitable’. Il faut espérer que la lecture de ces pages confirmera la vérité de cette parole (Itajubá, 1889:653).

Bastante verdadeira a informação do pouco tempo para reunir “um grande número de **dados positivos**”, deixando explícito, tanto a pressa para finalização do livro, a tempo da Exposição (que acabou saindo após o início da mesma), quanto o intuito da propaganda positiva, em todos os aspectos da nação, se possível. Assim, para a “proteção da infância” é apresentado uma lista de instituições²³³ preocupadas em confirmar a benevolência e empenho do Império – e as palavras do conde de Hübner – para com as crianças desamparadas.

²³¹ O que parece justificar a participação dos três, eminentes, “coautores” (pois, em verdade, serviram como fonte): barão de Saboia (Vicente Cândido Figueira Saboia), deão da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Abolition de l’esclavage, 1889:21); L. Cruls, diretor do *Observatório Imperial do Rio de Janeiro*; e barão de Teffé, presidente da *Repartição Hidrográfica do Império*.

²³² Por isso, quando se apresenta o autor deste capítulo há a informação “d’après barão de Itajubá”, colocando-o como “membre du conseil de Sa Majesté l’Empereur, envoyé extraordinaire et ministre plénipotentiaire du Brésil près le gouvernement de Sa Majesté le roi d’Italie” (Itajubá, 1889:654).

²³³ Ao todo são apresentadas três instituições principais: Compagnies d’apprentis de marine, Compagnies d’artisans apprentis, Compagnies d’apprentis mineurs des arsenaux de guerre; e demais nas províncias. Hardman (1988:108), criticamente, diz que “ao lado dos asilos de mendigos, essas instituições constituíram um dos ensaios mais importantes, no século XIX, para produzir um contingente de proletários modernos, adestrados nos

A “*Presse*” (capítulo 17), a “*Littérature*” (capítulo 20), as “*Propriétés Industrielle et Littéraire*” (capítulo 22) e a “*Organisation judiciaire*” (capítulo 24), fundamentais neste “concerto econômico”, conforme desenhado pelo *épicier* Santa-Anna Nery, também estão representados neste volume. O primeiro artigo foi escrito pelo “coproprietário e redator chefe da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro” (Araújo, 1889:509)²³⁴, o jornalista Ferreira de Araújo. O autor, entretanto, inicia sua análise da imprensa pela política, afirmando que “dire ce qu’est la presse à Rio-de-Janeiro, c’est dire ce qu’elle est à peu près dans tout le Brésil. La différence la plus caractéristique entre les deux est celle-ci: dans les provinces, la presse est politique avant tout; dans la capitale, elle est principalement neutre” (*ibidem*:509). Esta “neutralidade” é explicada pela “nociva organização e indisciplina dos partidos” no Brasil, nos quais “conservadores” e “liberais” se confundem e, muitas vezes, mudam de lado, como no caso da abolição da escravidão, promovida pelo ministério conservador de João Alfredo. Nesse sentido, podemos dizer que Ferreira de Araújo apresenta o artigo mais crítico da coletânea, em relação à política praticada no Império e suas implicações para a imprensa. Santa-Anna Nery como o autor de “*Litterature*”, e bom propagandista, ao falar da imprensa, destoa do amigo Ferreira Araújo: “Grâce au régime de liberté absolue dont nous jouissons, grâce aussi aux moeurs parlementaires qui ont pris racine de bonne heure dans notre pays, la presse brésilienne a pris un développement dont le gros public ne se doute guère en Europe” (Santa-Anna Nery, 1889i:606). Com este texto, podemos perceber também uma mudança de postura em relação à literatura brasileira, concebida pelos círculos da ALAI²³⁵, e revista, agora, com seus novos parceiros, como o barão do Rio Branco e Eduardo Prado. Pois, a literatura nacional não provinha somente da independência, mas desde o período colonial. Neste percurso histórico mais longo, Santa-Anna Nery diz que o Brasil “reivindica” para si “os naturais da colônia portuguesa da América do Sul”. Listando uma infinidade de nomes e estilos para esses “escritores brasileiros” (*ibidem*:592)²³⁶. Adentrando ao “Brasil atual”, Santa-Anna Nery situa a “literatura” como um grande campo envolvendo o “romance”,

ofícios mecânicos e nas artes marciais, prontos para entrar no inferno da fábrica ou da guerra, como soldados da pátria ou, conforme as carências, do exército industrial de reserva.

²³⁴ O organizador acrescentaria que Ferreira de Araújo era um dos melhores jornalistas do Brasil (*ibidem*:509).

²³⁵ Por meio de seu relatório *Brésil* de 1880, apresentado à ALAI e analisado a partir da p. 118.

²³⁶ Ferreira *et al.* (2010:91) ao analisar o texto de Rio Branco na mesma obra diz que “a julgar pela história contada por Rio Branco, em 1624 já existiam o Brasil e os brasileiros e pela primeira vez um navio europeu é tratado como invasor”. Do mesmo modo, Eduardo Prado (1889, *passim*), que intitula de *brasileiros* os próprios imigrantes e seus descendentes nascidos no Brasil.

“teatro”, “eloquência”, “história”, “jornalismo”, “ensino”, “direito”, “filosofia”, “etc.”²³⁷. Apontando, por fim, as instituições brasileiras que compõem a maioria dessas áreas.

Nos dois capítulos dedicados ao campo jurídico, o primeiro deles também é assinado por Santa-Anna Nery, “*Propriétés Industrielle et Littéraire*”, no qual é apresentado, basicamente, ao público francês, a tradução da “lei de propriedade industrial de 14 de outubro de 1882” e as tentativas, “ainda” de garantir o direito à propriedade literária²³⁸. O segundo texto, de autoria do conselheiro S. W. Mac-Dowel, “*Député de la province de Para à l'Assemblée générale législative, ancien ministre [da justiça] d'État*”, se resume a noticiar a “evolução histórica da organização judiciária no Brasil”, tendo como base, o Brasil independente. Salientando que a principal reforma judiciária, “ainda em vigor” é de 1871, em que retirou das autoridades policiais o poder de julgamento (Dowel, 1889:680-681).

O corpulento livro de Santa-Anna Nery termina pela defesa nacional: “*Arsenaux de Marine*” (capítulo XXV). O colaborador foi J. Alves Barboza, “*Capitaine de corvette de la marine impériale du Brésil*” e naquele momento em “missão do governo na Europa” (Barboza, 1889:687). O texto se resume em descrever a força naval brasileira, apontado a quantidade de instrumentos para a defesa, apresentando desde navios a canhões, até a distribuição das companhias militares pelo território. A guerra do Paraguai é lembrada como um importante momento, quando se desenvolveram diversos estabelecimentos militares no Brasil, como o arsenal do Rio de Janeiro, tema principal do exposto. Alves Barboza lamenta que as riquezas minerais – “excepcionais” – do Brasil, em particular, as minas de ferro, não sejam exploradas, dependendo de exportações, o que explicaria o atraso brasileiro para o progresso da construção naval metálica. Acrescentando que a “grande corrente de emigração européia (...) permitirá, sem dúvida, de ter uma mão de obra mais hábil e menos cara” para colaborar com o progresso nacional. O autor finaliza o texto, e o volume, com uma última estatística dos gastos do governo com o arsenal da marinha.

Pela presente e sucinta apresentação de *Le Brésil en 1889* percebemos o empenho de Santa-Anna Nery em divulgar o “novo Brasil” na Europa, como um país inserido na

²³⁷ Deste modo apresenta uma enorme lista de autores contemporâneos para todas essas áreas, finalizando com o seguinte comentário: “Le lecteur européen ne nous pardonnerait pas d’oublier ici le nom d’un savant qui s’est acquis une renommée universelle, et auquel l’Institut de France a ouvert ses portes en le nommant membre associé étranger de son Académie des sciences. Nous voulons parler de Dom Pedro d’Alcantara, empereur du Brésil” (Santa-Anna Nery, 1889i:608).

²³⁸ Santa-Anna Nery (1889j:651-652) finaliza esta parte dizendo que o visconde de Cavalcanti apresentou ao Senado, em 1886, um projeto de lei para regular a questão, mas que estaria emperrado em alguma comissão. Deste modo, Santa-Anna Nery se recorda dos tempos da ALAI e finaliza que “dès 1879, alors que j’avais l’honneur d’être vice-président de l’Association littéraire internationale, il serait souverainement injuste que la loi protège la moutarde Bornibus et laisse piller Notre-Dame-de-Paris, de Victor Hugo”.

“sociedade moderna” pela liberdade de suas instituições (promovida pela “monarquia democrática”), pela potencialidade de seus recursos naturais, pelo progresso de sua agricultura, comércio, indústria, ciência e educação. Revelando um país – intrinsecamente – ligado à Europa pela história, pela língua, pela religião, pelos costumes, pela dinastia dos Bourbon e Habsburgo (sem falar dos Bragança), e mais recentemente, pelos imigrantes, um dos principais focos da política externa imperial.

Para tanto, Santa-Anna Nery reuniu em torno de si um grupo, até então, fiel à monarquia e próximo ao Imperador para expor a “entrada definitiva do Brasil na civilização”; além de contar com antigos amigos e colaboradores. Deste modo, temos como coautores para esta obra de propaganda, quatro conselheiros de Estado²³⁹: Ladislau Netto, barão do Rio Branco, barão de Itajubá e Mac-Dowel; o filho do barão de Mamoré (antigo senador e ministro de Estado), Leitão da Cunha; um camareiro da Imperatriz do Brasil, portanto, íntimo da família imperial, além de diretor de instituição do Estado, o Almirante da marinha imperial: o barão de Teffé; três diretores de instituições imperiais: Ladislau Netto (já citado), L. Cruls, e Henri Gorceix; médico da Casa Imperial: barão de Sabóia; renomados engenheiros, responsáveis por pensar a modernização do Brasil: Fernandes Pinheiro e André Rebouças, sendo este último, amigo do Imperador, assim como Eduardo Prado²⁴⁰. Enfim, grandes entusiastas e servidores da monarquia brasileira, agrupados por Santa-Anna Nery, para esta propaganda pátria – patriótica – “atual”.

“Brasil atual” referendado pelas lentes da Economia Política, Geografia e Estatística²⁴¹. O nosso *Épicier* tinha uma predileção por esta última, conforme lemos na continuação da viagem de *M. Durand*: “La statistique est ma science préférée; elle est la moelle de l'économie politique, et si nos lecteurs français n'étaient pas aussi épris de belles-lettres qu'ils le sont, je ne ferais entrer que des chiffres dans mon journal de voyage (Santa-Anna Nery, 1890:234).

Já no *Le Brésil en 1889* entram outros suportes argumentativos para confirmação do “progresso, incessante, sério, profundo, nas artes, nas letras, nas ciências, como na agricultura, a indústria e o comércio, - na política mesmo e na administração, como na

²³⁹ Pelas correspondências trocadas entre o barão de Loreto (Franklin Americo de Menezes Doria, colaborador da *RML*) e Santa-Anna Nery verifica-se que este havia também convidado Loreto, então conselheiro do Estado, para colaborar com seu livro de propaganda do Brasil, para a Exposição de Paris, com um artigo sobre “Organização Política do Império” (Carta de Santa-Anna Nery ao barão de Loreto de 14 set. 1888 [AHMI]).

²⁴⁰ Como pode ser visto no diário de Pedro II (AHMI).

²⁴¹ Em seu diário, Pedro II registra um jantar em companhia de Levasseur “com quem muito conversei sobre **economia política, geografia e estatística** [sic], prometendo-me diversas publicações suas e assistindo depois Eduardo Prado que veio visitar-me” (Diário de Pedro II, dia 15 out. 1890, o grifo é nosso).

economia social e nos saberes humanos” (Santa-Anna Nery, 1889d:XVIII). Mas, a estatística é dorsal, tanto pelas constantes cifras, datas, inúmeros números, garantindo “idoneidade” aos “fatos”, quanto pela expressiva quantidade de quadros estatísticos e gráficos: 139 ao todo, frente às 691 páginas dos vinte e cinco capítulos; portanto (e estatisticamente), um pouco mais que 1/5 da obra.

Santa-Anna Nery, como o organizador, utiliza-se largamente desta ciência em suas composições. Na introdução – “*Le Brésil Actuel*” (leia-se, *Le Brésil en 1889*) – da obra, Santa-Anna Nery não chega a utilizar nenhum quadro ou gráfico numérico. Todavia, a estatística comparada é a base de sua argumentação para a apresentação da atualidade brasileira. Assim, Santa-Anna Nery utiliza dois momentos do Brasil em sua análise: o Brasil da Exposição universal de Paris de 1867 e da Exposição de 1889 (“o Brasil atual”)²⁴². Antes, Santa-Anna Nery (1889d:IX) diz que “os povos não são mais, como outrora, individualidades totalmente independentes uma das outras. Eles tendem cada vez mais a compor um grande corpo, um organismo gigantesco (...) participantes em uma larga medida das benesses da produção universal”. Caracterizando as Exposições Universais como uma “forma de inventário oficial para a maior parte dos ramos de sua produção”, afirmando que para terem consciência de seu estado econômico, é necessário comparar com os “amigos” ou os “concorrentes” os vizinhos, uma vez que na “luta internacional do comércio e da indústria, tudo é somente questão de relação e de relação”²⁴³.

Isto posto, Santa-Anna Nery estabelece sua escala relacional e o lugar primevo do Brasil na América Latina. Mais uma vez, o Brasil monárquico *versus* as repúblicas latinas do Novo Mundo, num momento – adverso – de exaltação ao republicanismo. Como o país não entrara neste certame oficialmente, mas via uma comissão, suas instalações no *Champ de Mars* eram mais modestas que as dos vizinhos²⁴⁴, daí também Santa-Anna Nery, juntamente com os demais membros do *Syndicat franco-brésilien*, investirem em publicações propagandísticas que perdurariam por muito mais tempo, e circulariam em mais espaços, do

²⁴² A escolha dos anos de 1867 para ser comparado ao de 1889 revela não só a busca por situações correlatas, exposições, Paris, etc, mas principalmente, por ser um em que o Brasil estava em guerra (a Guerra do Paraguai), portanto, quando os números, sobretudo, econômicos, eram forçosamente desfavoráveis, o que permitiu ao autor sobrepujar os números do “Brasil atual”.

²⁴³ Nesse sentido, “O espetáculo das exposições acaba por ser uma forma de sublimação dos conflitos entre os Estados modernos do século XIX. O aspecto da disputa por tecnologias e mercados está implícito no sofisticado sistema de premiação aos melhores exibidores nas diversas categorias. Desde a Great Exhibition são lançados votos, dos patrocinadores aos participantes, para que a paz entre os povos de boa vontade se eternize. Trata-se de adaptar a ‘insociável sociabilidade’ dos Estados-indivíduos num intercâmbio duradouro, próspero e pacífico, baseado em competições amistosas, espécie de olimpíadas das proezas industriais.” (Hardman, 1988:75).

²⁴⁴ Cf. Barbuy (1996).

que meros pavilhões, fadados à destruição, pós o desfecho da festa²⁴⁵. O que parece justificar o porquê do Brasil vir a Paris:

Le Brésil est venu à Paris, non pas pour en imposer aux yeux, mais pour faire constater à la vieille Europe qu'il n'est pas indigne, par ses progrès réalisés, d'entrer plus largement encore dans le concert économique des grands États. Le Brésil est venu à Paris, non pas pour rechercher la vaine satisfaction de récompenses honorifiques, mais pour nouer plus solidement les liens qui l'attachent à l'Europe, pour ouvrir de nouveaux débouchés à ses matières premières, et surtout pour donner confiance à tous ceux qui seraient prêts à le choisir pour leur nouvelle patrie, à y porter leur travail ou à y faire fructifier leurs capitaux (Santa-Anna Nery, 1889d:X,XI).

“Braços” e “capitais”, citados em abundância no conjunto da obra destinada a anunciar o “novo Brasil”, ainda “liberal”, ainda “latino”, ainda “católico”, mas, agora, “livre”. Revelando ao mundo uma “Revolução feita ontem”. Trazendo à Paris uma “Bastilha destruída e a libertação de mais de um milhão de homens”²⁴⁶. Assim, tanto em 1867, quanto em 1889, o Brasil permanecia coerente com seus ventos liberalizantes, segundo o autor.

Santa-Anna Nery (*ibidem*:12) lembra das imagens, “já antigas”, do Brasil na Europa: “*le Brésilien d'opérette, la fièvre jaune et les serpents à sonnettes*” (Santa-Anna Nery, 1882a), quando “todos” recomendavam a imigração para a “América do Norte” e desdenhavam do Brasil, como a esposa do *M. Durand*, em 1881²⁴⁷. “Les choses ont bien changé depuis. Nous avons été vulgarisés. On s'est occupé de nous. Le Brésil a conquis l'attention. Il a beaucoup fait parler de lui dans les journaux, dans les ouvrages de toute sorte. Il a même créé des sociétés d'études”. Nesta explanação, Santa-Anna Nery transforma-se no próprio “Brasil” por meio dos empregos pronominais “*nous*” e “*il*”. Aproveitando, assim, para se autopropagandear, seja como jornalista e homem de letras dedicado à vulgarização do Brasil, seja como fundador da SIEB. E continua sua autopromoção e sua personificação do Brasil: Ce progrès nous honore, car il est en grande partie notre oeuvre. C'est le Brésil qui a

²⁴⁵ “Santa-Anna Nery preparou duas publicações que parecem destinadas a perpetuar o *souvenir* do Brasil, mesmo após o fim da Exposição Universal, como se diz, os pavilhões passam e os escritos ficam” (Natali, 1889:3).

²⁴⁶ Em contraponto, Santa-Anna Nery diz que o Brasil em 1867 libertou o Amazonas à livre navegação das nações amigas. Esta ideia da “bastilha destruída” designando liberdade, um dos temas da Revolução Francesa era bastante recorrente entre seus amigos do círculo da ALAI. Assim, por exemplo, Torres Caicedo (1880:8) se expressara no Congresso literário de Lisboa: “L'Association littéraire internationale a levé très haut l'étendard glorieux de l'émancipation de la pensée; elle a jeté à bas la Bastille des exploiters des idées d'autrui; elle a crié sus à ceux qui maintenaient le dernier vestige existant de l'esclavage: les travaux forcés du producteur d'idées au profit du trafiquant de livres qui, plus avide que le planteur de Cuba, ne s'occupe même pas de donner un morceau de pain à ses esclaves”.

²⁴⁷ Cf. p. 129.

révélé le Brésil au monde. C'est lui qui s'est fait connaître en s'affirmant partout. Il ne doit guère sa nouvelle réputation qu'à lui-même (*ibidem*:XII, XIII).

Após essas ressalvas, Santa-Anna Nery inicia sua análise estatística comparada, com a Amazônia, por meio da venda de sua borracha, que passou de “3 milhões de kg” (1867) para “16 milhões” (1889). Prossegue, assim, com outros números favoráveis ao Brasil, buscando legitimá-lo como supremo entre as nações latinas do Novo Mundo e mesmo com os Estados Unidos da América²⁴⁸. Ao destacar a Amazônia, da qual é um porta-voz remunerado, Santa-Anna Nery não pôde esquivar-se de bem posicionar a província de seu colega de *Comité franco-brésilien*: Eduardo Prado. Assim, diz que São Paulo mostra o “que pode o sangue latino injetado nas veias de um povo do novo mundo” (*ibidem*:XIII). Dizendo que ninguém a conhecia há vinte anos, e que somente em 1888, mais de cem mil imigrantes da Europa desembarcaram em suas fazendas de café: “C'est la prospérité assurée, car ce qui manque le plus au Brésil, ce n'est pas la terre, ce sont les bras” (*ibidem*:XIV)²⁴⁹. Outras províncias são lembradas, de passagem, sobretudo, as que se fizeram representar na Exposição²⁵⁰.

Caminhando para o final apologético de sua apresentação, dizendo que o “gigante da América do Sul, adormecido durante longo tempo, acordou enfim” (*ibidem*:XV), Santa-Anna Nery diz que o Brasil e suas províncias sofrem de duas evoluções, passando do estado comercial para o agrícola e industrial, simultaneamente. “A palavra escravidão desapareceu de nosso país, foi riscada de nossas leis”, sem derramamento de sangue, como nos Estados Unidos. Por isso, “em meio às aclamações” o Brasil “entrava definitivamente na civilização, sobre os aplausos do mundo inteiro, que parecia nos reconhecer tamanha a audácia” (*ibidem*:XV). Apresentando, ainda, mais uma lavra de dados estatísticos comparativos sobre o Brasil em 1867 e em 1889, constatando “em todas as ordens da atividade nacional um progresso imenso” (*ibidem*:XVI)²⁵¹. Finalizando com a certeza de que o Brasil, quando se compara, “se orgulha!”.

Por essa linha de investigação percebe-se também uma exaltação à segunda metade do reinado de Pedro II, especificamente, pós-guerra do Paraguai, sobretudo, a partir do ministério

²⁴⁸ Como, por exemplo, quando busca comparar as extensas e despovoadas províncias do Grão-Pará e do Amazonas com a Argentina e com os Estados Unidos: “La province de Pará a une exportation de 188 francs par tête et par an; celle de l'Amazonie en a une de 174 francs; tandis que la République Argentine n'a que 108 francs, et les États-Unis de l'Amérique du Nord à peine 76 francs 60” (*ibidem*:XIII).

²⁴⁹ E continua: “La province de San-Paulo peut être avantageusement comparée à n'importe quel département français pour sa richesse, ses exploitations rurales et son administration locale. Les voies de transport y ont atteint un grand développement relatif, et son réseau ferré, d'une étendue de près de 2.500 kilomètres, a été construit, à l'exception d'une seule ligne, au moyen de capitaux nationaux”.

²⁵⁰ “Ceará, Pernambuco, Bahia, Espirito-Santo, Minas-Geraes, Paraná. Rio-Grande-du-Sud, etc” (*ibidem*:XIV).

²⁵¹ De certo modo, Santa-Anna Nery resume os dados apresentados no interior dos demais artigos nesta apresentação.

Rio Branco (o pai do barão do Rio Branco), enfatizando as medidas liberais como marco: a abertura à navegação internacional do rio Amazonas e a abolição da escravidão, mesmo quando realizadas por conservadores. Santa-Anna Nery aproveita também, como já apontado, para inserir – positivamente – seu trabalho de propagandista para o período analisado, donde buscava consolidá-lo perante a elite imperial, donde “era tão mal recompensado”²⁵², e a própria sociedade fluminense, por meio da imprensa, onde sofria seus maiores ataques.

Sua estratégia funcionara, o *Le Brésil en 1889* fora uma obra ovacionada pela imprensa em geral. Até mesmo a *Revista Ilustrada*, acostumada a acossar Santa-Anna Nery, teceu os maiores elogios ao seu organizador e sua obra²⁵³. Certamente, finalmente, Santa-Anna Nery seria recompensado, não fosse o apagar das luzes imperiais e o amanhecer republicano, três meses depois de publicado uma de suas obra primas.

²⁵² Conforme confidenciara a sua esposa (segundo Antonio Faria), em carta na epígrafe deste tópico.

²⁵³ “Recebemos: - *Le Brésil en 1889*: Ahi está um volume de grande importancia. É uma brochura de 691 paginas, impressa sob a direção do nosso distincto compatriota o Dr. Sant’Anna Nery e sob o patrocínio do comité – *Franco Brasileiro*, que tão bons serviços nos prestado na – *Exposição*. A obra pe collaborada por varios escriptores brasileiros” (Pacificum, 12 out. 1889:7). Talvez, o pseudônimo do jornalista da *Revista Ilustrada* explique esta benevolência com Santa-Anna Nery. O *Bulletin officiel de l’Exposition de 1889* registraria ainda a conferência de Santa-Anna Nery no *Grand-Théâtre*, no dia 03 de setembro de 1889, denominada *Le Brésil en 1889* (*L’Amérique*, 10 set. 1889:5).

Ilustração 4 - Fotografia do barão de Santa-Anna Nery na contracapa de *The land of the Amazons* (1901).

Capítulo IV

4 FOGES CÃO, QUE TE FAZEM BARÃO

Com presteza Pedro II agradecera o grupo de brasileiros em Paris, responsável pelo banquete comemorativo da abolição da escravidão, que contou com a representação de seu neto, o príncipe d. Pedro Augusto. Santa-Anna Nery, um dos organizadores, eloquente orador, foi o responsável pelo discurso – *toast* – em nome da “colônia brasileira em Paris” (*Abolition de l’esclavage*, 1889:60). Colônia esta, presente no banquete, representada por Eduardo Prado, barão do Rio Branco, barão de Sabóia, barão de Teffé, barão de Mamoré, Alves Barboza e Fernandes Pinheiro, apenas para citar os colaboradores do *Le Brésil en 1889*. Mas, também, pelo barão de Marajó, conselheiro Souza Dantas, barão de Estrella, Silvio de Sá Valle, Domício da Gama, Augusto Teixeira, para citar aqueles ligados diretamente ao Comissariado do Brasil na Exposição de 1889¹. A “colônia brasileira em Paris” continha uma parcela importante desses homens que buscavam dar legitimidade à perpetuação do Império, seja no Brasil, seja na Europa, conforme pode ser vista, em parte, na foto abaixo:

Ilustração 5 - “Exposição Internacional de Paris, 1889. Sentados, da esquerda para a direita: Barão do Rio Branco, Eduardo Prado, Santa Anna Nery, Ramalho Ortigão. Em pé: Domício da Gama, Visconde de Cavalcanti, Ladislau Neto, Barão da Estrella e Barão de Albuquerque”.

Fonte: Rio Branco: 100 anos de memória (2012:22).

Sentados, barão do Rio Branco, Eduardo Prado e Santa-Anna Nery, lado a lado, esses homens com cartolas, bengalas e bigodes, os grandes articuladores da última representação pátria, imperial, do Brasil em uma Exposição universal. Os três também eram conhecidos em Paris como a “santíssima trindade literária”, segundo relatos de época². “Santíssima”, porque

¹ Sobre o lugar de cada um na estrutura do Comissariado geral do Brasil para a Exposição de 1889 ver: *Catalogue officiel* (1889) e *L’Amérique* de 14 jun. 1889.

² Cf. nota 117 do primeiro capítulo. Não encontramos mais nenhuma outra referência sobre este suposto grupo.

de alta estatura (intelectual e religiosa), mas também santa, católica, daí “trindade” para designar tríade. E “literária”, pois tratava-se dos grandes mestres das letras pátrias, possuidores de invejáveis bibliotecas. Ao computarmos, por exemplo, a quantidade de laudas que escreveram para a divulgação do Brasil na Europa, apenas no *Le Brésil en 1889*, verifica-se que quase metade do volumoso livro saiu das penas desta tríade³.

Ao lado dos três, também sentado, estava um português, Ramalho Ortigão, que aparece nesta foto como o mais descontraído, carregando no semblante um leve sorriso. Sorriso maroto, de alguém que está prestes a fazer uma troça ou já fez. Sua postura é também a mais despojada. A cadeira está inversa, sentado como quem monta à cavalo. Na sua mão esquerda, além da bengala, Ortigão parece querer revelar para a eternidade da fotografia um bilhete, uma cédula, que parece conter um símbolo em forma de losango, com um círculo no meio. Seria o ingresso para visitar o pavilhão do Brasil na Exposição? Não sabemos. Mas podemos aventar ser seu próprio ingresso em participar de um grupo tão seleta, do qual Ortigão se mostrava bastante à vontade⁴.

Já os brasileiros, estavam todos sisudos, como que querendo transmitir sobriedade à causa nacional, que desde a abolição da escravidão, o sonho monárquico dava ares de esfacelar-se, junto com ele, a própria integridade do território do Brasil. A publicação do jornal *L'Amérique*, dirigido por Santa-Anna Nery e sob redação-chefe do português Fernando Xau, também pode ser entendida neste contexto. Sua data de saída, o 14 de maio de 1889, era propositadamente pela defesa deste “novo e jovem” Brasil, trazendo estatísticas diversas que comprovavam sua evolução, em apenas um ano de vida (um ano de abolição)⁵. Mas, a presença do português na redação do jornal, também significava que apesar de “novo”, este “Brasil” mantinha, e estreitava, seus laços com a “mãe-pátria”, de quem havíamos herdado sua língua, sua religião, seu território, enfim, sua civilização. Por tudo isso, foi lá, primeiramente, que Pedro II, encontrou sua guarida, pós o “golpe militar” que lhe destituiu o poder, em 15 de novembro de 1889. *L'Amérique*, entretanto, não noticiou a queda da última monarquia do Novo Mundo. Não porquê não quisesse fazê-lo por razões políticas, como

³ Sem citar as colaborações de Rio Branco e Eduardo Prado para o *Le Brésil* e os demais livros de Santa-Anna Nery citados no capítulo precedente.

⁴ Lembremo-nos que Ramalho Ortigão foi vice-presidente do *Centro de Lavoura e Comércio* (cf. nota 87 do terceiro capítulo). Além disso, Ortigão recebeu o título de Grão-Cruz da ordem de Leopoldo da Bélgica, em razão de seu trabalho como vice-presidente da instituição supracitada, na Exposição da Antuérpia de 1886. Nesta ocasião, também foram condecorados Antonio da Silva Prado, visconde de S. Clemente, Santa-Anna Nery, dentre outros (*Novo e Completo Índice Chronologico da Historia do Brasil*. Abr. 1886:281). Santa-Anna Nery, por meio de seu personagem – *épicier* – M. Durand, dizia ironicamente que Ramalho Ortigão, “le grand écrivain portugais (...) se propose de me faire concurrence en publiant prochainement un livre sur le Brésil. Mais je le devancerai, et, comme presque personne ne lit le portugais, je tiens mon succès” (Santa-Anna Nery, 1890:230).

⁵ Cf. p. 160.

alguns jornais portugueses o fizeram⁶, mas em razão do rompimento entre os laços de poder que garantiam recursos econômicos para a propaganda pátria – imperial – de *L'Amérique* no Velho Mundo.

Deste modo, os últimos números (25 e 26) de *L'Amérique* foram publicados no dia 09 de novembro de 1889. Interessante notar que foram dois números impressos em conjunto, diferente de todos os que lhe antecederam. Isso, em razão de não ter havido publicação por mais de duas semanas, o que ocasionou o acúmulo e a publicação num sábado, quando originalmente era para sair às terças-feiras. Analisando retrospectivamente esta situação, poderíamos já pensar que algo não andava bem para esses apóstolos das letras pátrias brasileiras, que pareciam carecer de boas informações sobre o “Brasil atual”, além de recursos. Pois, os últimos números do *L'Amérique* são compostos, em grande medida, pelos artigos já publicados no *Le Brésil en 1889*, no *Le Brésil* de Levasseur e mesmo textos antigos de Santa-Anna Nery.

Destoando desta lavra apologética, que buscava, ainda, fornecer ao Brasil a imagem de um oceano pacífico, sem revoltas, sem tormentas, onde se podia navegar num mar de esperança e de harmonia política e econômica, Eduardo Prado publicara um artigo revelador e, verdadeiramente, atual: “*Les destinées politiques du Brésil*”. Este artigo fora uma tradução para o francês de seu texto publicado, originalmente, na *Revista de Portugal* de Eça de Queiroz⁷. Sua primeira publicação no *L'Amérique* data de 22 de outubro de 1889, dando seguimento em 09 de novembro, no último número do jornal, que conseqüentemente não deu continuidade ao texto de Eduardo Prado, deixando inacabado “os destinos políticos do Brasil”, ao menos, em língua francesa.

O referido artigo tinha como mote duas perguntas que, para o autor, estavam imbricadas em sua origem: “À l'heure actuelle, de nombreuses questions s'agitent dans le monde politique brésilien; elles se résument toutes dans les deux points simultanés de cette double interrogation: la monarchie continuera-t-elle à exister? Le Brésil demeurera-t-il uni?”. Dito isto, Prado correlaciona às duas perguntas suas antíteses diretas para o caso brasileiro: a “república” e a “federação”. Complementando que elas “ne peuvent être séparées, car elles

⁶ Em nossas consultas na Hemeroteca Municipal de Lisboa, ao pesquisarmos o jornal *Diário Ilustrado* (de 15 de novembro a 19 de dezembro de 1889) não encontramos nenhuma menção sequer da queda da monarquia brasileira. Este fato não tem nenhuma relação com o possível “bairrismo” do jornal em tratar apenas assuntos portugueses. Pelo contrário, é uma atitude claramente política em não vulgarizar a queda dos Braganças no Brasil. Lembremos que foi neste jornal que encontramos ricas informações sobre a morte do brasileiro Santa-Anna Nery, conforme imagem que abre o primeiro capítulo desta tese.

⁷ Em nota, há esta informação: “Cet article est traduit du 4^o fascicule de la *Revista de Portugal*, récemment créée par l'éminent écrivain portugais Eça de Queiroz, actuellement consul général de Portugal à Paris” (Prado, 22 out. 1889:3).

révèlent toutes deux le doute dans lequel sont mises la forme du gouvernement et l'unité de la nation". Deste modo, "federação", e consequentemente "república", são colocadas como sinônimo de "fragmentação". E todo o texto, pelo menos os dois artigos publicados em *L'Amérique*, circula em torno da "ideia republicana" como "a forma mais aparente das tendências que nós chamamos de destrutivas", sobretudo, em relação ao objeto de análise, a "história do Brasil".

O texto todo, nesse sentido, é uma defesa explícita do sistema monárquico, que também se encontrava em transição iminente, devido à frágil saúde do Imperador. Eduardo Prado revelava que com a república ocorreria não só a fragmentação do Brasil, mas junto com isso, o próprio esfacelamento da identidade nacional, que tinha no território (herança da América Portuguesa e preservada pela monarquia brasileira) a sua base⁸.

Um mês antes, o *L'Amérique* publicava outro texto que mostrava, agora, membros da família imperial brasileira, também preocupados com os destinos políticos do Brasil. Santa-Anna Nery dava voz, mais uma vez, a um dos principais desafetos desta família, ao olhar de grande parte da imprensa nacional. O título do artigo, já expressava, de certa feita, o seu conteúdo: "*Déclarations du Comte d'Eu*" (que naquele momento estava em viagem pelo Brasil)⁹, que segundo o jornal eram dignas de atenção:

La monarchie du Brésil n'a aucun intérêt personnel à soutenir. Si jamais elle avait la certitude que la nation veut se passer d'elle, elle serait la première à s'incliner devant la volonté nationale. Mais, tant qu'elle sera persuadée que la grande majorité des Brésiliens ne souhaitent pas un changement radical dans la forme de gouvernement qui existe dès les premiers temps de l'indépendance du pays; tant qu'elle sera convaincue que la grande majorité des Brésiliens voient, au contraire, dans **la monarchie actuelle la première sauvegarde de son unité et de son unité** et de son évolution pacifique elle ne désertera pas le poste où elle a été placée par la confiance de la nation (Conde d'Eu, 1889:3, o grifo é nosso).

Conde d'Eu, nesta viagem pelas províncias do Brasil, tentava acalmar os ânimos exaltados contra sua possível subida ao poder, juntamente com a "ultracatólica" princesa Isabel. Ele utilizava como argumento, para a permanência monárquica, o mesmo motivo expresso por Eduardo Prado, que talvez por um erro tipográfico de edição, ou não, repetia duas vezes que a monarquia atual era a primeira a salvaguardar a unidade nacional: o

⁸ Sobre esta tradição territorialista na formação brasileira, veja Moraes (2002).

⁹ "O conde d'Eu, por sua vez, não despertava simpatia alguma. Teve sempre comportamento exemplar, ma não era poupado pela oposição republicana. Ridicularizavam-no por tudo, pela avareza, pela exploração de aluguéis de cortiços, por ser carola, desengonçado, malvestido, surdo, por falar um português carregado de erros. Era 'o francês'. Silva Jardim, o mais exaltado propagandista da república, escolheu-o como alvo predileto de seus violentos ataques. Seguiu-o na viagem que fez ao Norte em 1888, e em discursos públicos pedia nada menos que o fuzilamento do conde, sonhando com uma nova Revolução Francesa no Brasil" (Carvalho, 2007:201-202).

território¹⁰. O local escolhido para esta declaração, também fora estratégico: Belém do Pará. O Grão-Pará foi a última capitania portuguesa a aderir ao Brasil independente e que continha, nas palavras de muitos, um forte viés separatista. O próprio Santa-Anna Nery chegou a ser acusado de incitar esta fragmentação, indiretamente, em razão da grande divulgação que dava à Amazônia¹¹.

Durante este ano de 1889, o personagem central desta história, assim como o sistema monárquico brasileiro, continuava a receber críticas constantes da imprensa em geral¹². Apesar de toda exaltação e defesa que Santa-Anna Nery, juntamente com seu grupo de monarquistas, produziu em prol do Brasil Imperial na Europa, não foi suficiente para a perpetuação deste sistema. Do mesmo modo, os círculos sociais elencados por Santa-Anna Nery para esta propaganda e toda sua autopromoção por meio das “letras pátrias”, também não lhe foram suficientes para que recebesse, ao menos, uma recompensa oficial. Nesse sentido, é exemplar a carta que ele envia ao barão de Mamoré¹³, ao final do ano de 1888.

Alguns amigos lembrarão-se, há mezes, no momento em que chovião distinções honoríficas¹⁴, de perguntar-me se aceitaria a carta do conselho. Respondi ingenuamente que sim, mesmo porque taes conselhos só se dão quando pedidos. Depois, ficou tudo no tinteiro. Acredito, porém, que a bôa vontade desses amigos

¹⁰ Endossando o coro, logo após a queda da monarquia, o conde Barral (1889:519) escreve que apenas com a monarquia o Brasil garantirá sua coesão e unidade, diferentemente das repúblicas vizinhas. E complementa: “La véritable République du Brésil, c’était la monarchie (...)”.

¹¹ No mesmo texto citado acima, Barral (*idem*:520) diz, em tom de cataclismo, que “les provinces de Para et d’Amazonas, qui abusaient déjà singulièrement du nom d’Amazonie, se constitueront en pays indépendant, et certaines provinces pauvres, telles que Matto Grosso, Sergipe, Piahy, etc., qui ne pouvaient prospérer qu’à l’aide du budget général de l’empire, seront retardées d’un siècle dans la voie du progrès et de la civilisation”.

¹² No jornal *L’Amérique* (30 jul. 1889), por exemplo, Santa-Anna Nery diz que “Le journal de M. Argôllo-Ferrão s’est empressé de reproduire une fausse nouvelle me concernant. J’ai opposé à cette nouvelle le démenti le plus formel. M. Argôllo-Ferrão n’a pas inséré mon démenti. Il y a quinze jours de cela”. Em outro momento, saiu em alguns jornais do Rio de Janeiro, como no *Jornal do Commercio*, que Santa-Anna Nery teria sido demetido de suas funções de agente de imigração na Europa. Tal decisão partia do novo ministro da Agricultura, o conselheiro Lourenço Cavalcanti d’Albuquerque, que substituiu o conselheiro Rodrigo da Silva. Santa-Anna Nery responderia ao ministro pelo *L’Amérique* (16 jul. 1889 :3) dizendo haver algum “malentendu extraordinaire (...)”. En effet, *je ne suis pas, je n’étais pas agent d’émigration. Bien plus : je ne remplis, ni ne remplissais aucune mission, soit officielle, soit officieuse, dépendant de votre Ministère ou de tout autre. Voila qui est clair*”. Essas afirmações de Santa-Anna Nery, contradizem, por exemplo, a informação de que o ministério da Agricultura, via o ministro Rodrigo da Silva, subsidiaria as atividades da SIEB (Cf. p. 151).

¹³ Ambrósio Leitão da Cunha, o barão de Mamoré (em 3 mar. 1883), nasceu em Belém do Pará em 1821 e faleceu no Rio de Janeiro em 1898. Foi desembargador, Conselheiro, Deputado, Senador, Ministro de Estado, Presidente do Pará, Bahia, Pernambuco, Maranhão e Paraíba (Moya, 1941:151-152).

¹⁴ Oliveira (2013:199) explica esta chuva nobiliárquica: “Durante o Segundo Reinado, incluindo as regências da princesa Isabel, foram ofertados 1138 títulos, inclusive as honras de grandeza para barões e viscondes. O ano de 1854 foi o primeiro ano do reinado de d. Pedro II a ter um número bastante elevado de concessões, ou seja, foi durante o chamado Gabinete da Conciliação que foram ofertados 62 títulos. Há que se destacar que, até então, o número de nobilitações por ano não havia alcançado sequer 20 títulos. Ainda que a quantidade de títulos concedidos tenha se elevado em alguns anos das décadas seguintes, a quantidade de títulos concedidos no ano de 1854 só foi superada nos dois últimos anos da monarquia, 1888 e 1889, quando foram ofertados, respectivamente, 115 e 123 títulos, sendo que tais concessões estavam relacionadas aos debates envolvendo a abolição da mão de obra escrava”.

póde ser auxiliada pela influência de V. Exa. mórmemente junto do Conselheiro João Alfredo e do Conde de Motta-Maia, que sempre me prodigalisarão sinceras e espontâneas provas de apreço. Quando se dão louros a tanta gente que nunca fez cousa alguma para justificá-las, é para estranhar que os meus vinte annos de trabalhos litterarios fiquem sem recompensa official.

Daqui a oito dias, sahi à luz uma nova obra minha, e, em Maio, publico três volumes, por ocasião da Exposição.

Adeus, meu caro Barão. Mande-me sempre ás suas ordens, pois sabe que sou devéras, e com a maior consideração,

De V. Exa.

Amigo reconhecido e Patriota dedicado,
Santa-Anna Nery

Esta carta, datada de 03 de novembro de 1888, pertence ao fundo do Museu Imperial, *doação de Leitão da Cunha*¹⁵. J. M. Leitão da Cunha era o filho do barão de Mamoré que colaborou com o *Le Brésil en 1889*. O que parece demonstrar que esta colaboração pode ter tido influência do “caro Barão. Mande-me sempre ás suas ordens”. Pois no *Le Brésil en 1889*, aparecia na nota curricular de Leitão da Cunha que ele era filho do barão de Mamoré (antigo senador e ministro de Estado). Entretanto, mesmo com a carta ou com o provável favorecimento de seu filho, além de Mamoré ter sido o vice-presidente do memorável banquete da abolição em Paris, o mesmo não conseguira interceder junto ao presidente do Conselho, João Alfredo, ou quem quer que fosse para que Santa-Anna Nery recebesse o tão almejado reconhecimento imperial. O máximo que conseguira, fora um telegrama de Pedro II, agradecendo-lhe pelo patriotismo¹⁶.

Neste cenário, grande parte das esperanças de Santa-Anna Nery deveriam estar assentadas no possível trono de Isabel e, sobretudo, do conde d’Eu, com quem parecia manter laços pessoais, religiosos e econômicos, mais estreitos.

¹⁵ Um mês antes, em 04 de outubro de 1888, Santa-Anna Nery oferece ao J. M. Leitão da Cunha seu livro *Le pays des Amazones*. Neste livro, encontrado na biblioteca do Museu Imperial, há uma dedicatória para Leitão da Cunha datado de Paris.

¹⁶ Em carta, datada de Paris em 20 de setembro de 1888, enviada a Franklin Doria, Santa-Anna Nery o cumprimenta, sem tanto entusiasmo, pelo título nobiliárquico que ele vinha de receber, juntamente com sua esposa: barão e baronesa de Loreto. Ele comenta também do grande sucesso do banquete comemorativo da abolição da escravidão em Paris, do qual recebeu um telegrama do Imperador agradecendo-lhe pela organização [AHMI].

4.1 O Brasil vai a Portugal

Santa-Anna Nery foi um dos jornalistas a noticiar a chegada da família imperial brasileira, após o banimento, em Lisboa. Ele foi enviado pelo jornal francês *L'Événement*¹⁷, mas acabou colaborando para outros jornais sobre o evento, como o *Jornal do Commercio*. No dia 07 de dezembro de 1889, lá estava Santa-Anna Nery a relatar todos os passos do “Imperador” (sem jamais utilizar o prefixo *ex*). Seus relatos, pró-monarquia, contrastavam fortemente com os de Gaston Routier, colaborador do mesmo jornal. Routier fora o responsável por anunciar a queda da monarquia brasileira sobre o título de: “*La Révolution au Brésil*”, saído somente no dia 18 de novembro de 1889. O termo utilizado por Routier já demonstrava o seu apreço pelos “revolucionários”, segundo ele, influenciados pela mãe das Revoluções, só que com uma diferença precípua: sem derramamento de sangue (com exceção da morte do barão de Ladário), o que aumentava o seu apreço por esta “revolução brasileira”. Pedro II também fora exaltado pelo jornalista, por não oferecer resistência, dizendo ainda que a França ficaria feliz em lhe oferecer abrigo, por ser um homem das letras e das artes. Entretanto, apesar de francês, Routier iria dizer que a fala do conde d’Eu no Pará (reproduzida no *L’Amérique*) teria ajudado os revolucionários a tomar o poder, por defender a monarquia como a única via para as mudanças que o Brasil almejava e necessitava. Nesse sentido, para Routier, a resposta teria sido a “revolução” e consequentemente, a “República”. Outras teses, por meio de novos artigos e novas fontes, vão sendo elencadas pelo jornalista francês para explicar as causas da “revolução”. Como o descontentamento da oligarquia rural com o fim da escravidão e a carolice da possível imperatriz do Brasil, a princesa Isabel, que sofria forte influência da cúria romana, por meio dos jesuítas; além da antiga “questão religiosa”, segundo ele, ainda fortemente presente nas relações entre Estado e Igreja no Brasil imperial¹⁸.

Por outro lado, quando Santa-Anna Nery passa a escrever sobre a família imperial em Lisboa, o mesmo busca adornar a situação¹⁹. A viagem de exílio de Pedro II é narrada de forma idílica, enaltecendo passagens do Imperador, em que parecia sublimar a recente queda:

¹⁷ “*L’Événement* será représenté à Lisbonne, au moment de l’arrivée de l’ex empereur, par M. Santa-Anna Néry, qui nous adressera sur cette arrivée et les incidents auxquels elle pourra donner plusieurs correspondances” (Clausse, 1889:1).

¹⁸ “afirma-se que D. Antonio de Macedo Costa foi o “autor da notavel carta pastoral collectiva dos bispos brasileiros, em que o episcopado declara aceitar a Republica e egual procedimento aconselha ao clero e aos fiéis” (Anthologia brasileira:103).

¹⁹ Todas as citações abaixo foram retirados das notícias publicadas por Santa-Anna Nery no *L’Événement* a partir do dia 09 de dezembro de 1889.

Quand *l'Alagoas* [o nome do navio que o transportou] a passé l'île de Fernando-Po, Don Pedro a fait lâcher dans les airs une colombe blanche, en lui disant: 'Je suis entré dans les mers de l'Europe. Va, messagère, porter au Brésil tous mës souvenirs'. Le 2 décembre, jour de sa fête, un banquet a eu lieu à bord. Au dessert, la comtesse d'Eu a porté un toast à son père. Don Pedro s'est levé et a dit: 'Je bois à la prospérité du Brésil'. Tous les assistants ont levé leur verre. Puis le plus grand silence s'est fait autour de la table du banquet.

O “grande silêncio” foi rompido apenas quando Pedro II desembarcou em terras portuguesas e muitos lhe questionavam sobre sua atitude futura, da qual respondia com simplicidade: “se me chamarem, eu irei”. Santa-Anna Nery expunha, nesse sentido, uma oposição entre Pedro II e o conde d’Eu. Pois este último não aceitava a passividade de Pedro II e havia lhe pedido que abdicasse em seu favor ou de seu filho Pedro (o príncipe do Grão-Pará). Solicitações que dom Pedro II refutou. Assim, Santa-Anna Nery complementa que “Dom Pedro est parfaitement résigné et ne veut prendre aucune attitude politique: il préfère se livrer à ses études favorites et ne veut rien faire pour entraver le nouveau gouvernement du Brésil”²⁰. Com isso, todas as demais notícias da família imperial em Portugal são descritas por Santa-Anna Nery como se a mesma estivesse em mais uma de suas viagens, auxiliando com o mitificação de Pedro II como o “rei filósofo”, amante das letras e das artes, mesmo após a sua deposição²¹. Narrando, desta maneira, suas visitas a castelos (como o de Cintra), escolas, museus, etc. Até mesmo no dia em que morrera a imperatriz Teresa Cristina (que há tempos se noticiava sua indisposição), Pedro II visitava o museu de belas artes.

Diversos amigos da família imperial, antigos conhecidos de Santa-Anna Nery, também são lembrados por suas penas a renderem visitas e honras ao ex-Imperador, como seus antigos ministros: visconde de Ouro Preto, barão de Loreto e Cândido de Oliveira. Além de André Rebouças, conde de Villeneuve²² e o conde Mota Maia (que acompanhara Pedro II no *Alagoas*).

Algo a se destacar desta descrição de Santa-Anna Nery, que busca naturalizar o exílio de Pedro II, exaltando o caráter do monarca diante daqueles que o destronaram, é sua

²⁰ Por essas palavras, Pedro II se mostrava coerente com as palavras de Almeida Garret, citado por Eduardo Prado (*L'Amérique*, 09 nov. 1889), seis dias antes da queda da monarquia: “Si son trône était en péril, il est possible qu’il [Pedro II] prononçât les paroles que Garrett prête au roi Juba, dans la scène 7 du 3eme acte de son *Catão*: ‘(...) Nasci, amigo, no throno; mas se o throno ha de custar-me uma so violencia, um so gemido, (...) – abjuro o throno”.

²¹ Schwarcz (1998) aborda em seu livro, amparada em ampla pesquisa documental, esta construção simbólica da figura pública de Pedro II.

²² Picot (12 jan. 1890 *apud* Como Francisco Picot (...), 1º out. 1927:23) dizia aos administradores do *Jornal do Commercio* que “S. Exa. (Villeneuve) sente que o *jornal* continue a escrever o *ex-imp.* ou *D. Pedro de Alcantara*, ou o antigo *regimen*. Pensa que se deveria dizer *durante o Imperio*, e acrescenta que se ahi estivesse diria franca e abertamente D. Pedro II, assim como se diz Napoleão III. O Imperador foi expulso é certo, mas há de ser D. Pedro II quer queirão que não”. Não passou muito tempo, Villeneuve vendeu o *jornal* para José Carlos Rodrigues.

capacidade em servir, pelos mesmos meios – a imprensa –, ambos os lados: os monarquistas, de forma explícita; e o “governo provisório”, de forma implícita. Expliquemos: enquanto Santa-Anna Nery noticiava os passeios de Pedro II por Portugal, o mesmo aproveitava para atualizar o leitor sobre as últimas medidas do novo governo brasileiro, dando especial atenção ao novo ministro das finanças, Ruy Barbosa. Assim, no mesmo dia em que Santa-Anna Nery escreve sobre a chegada da família imperial em Lisboa, onde “la population leur a fait un accueil respectueux”, ele comenta sobre um suposto ruído sobre a saída de Ruy do governo, colocando-o, ainda, como “um dos principais autores da revolução”²³. Dias depois, dando especial atenção ao Ruy Barbosa, ele consegue informações privilegiadas que desmentiam o fato.

Assim, do mesmo modo que Santa-Anna Nery enviava cartas ao Pedro II, ao conde d’Eu, ao marquês de Paranaguá, ao barão de Mamoré, ao barão de Loreto, entre outros, fornecendo-lhes sua pena e seus contatos na imprensa para bem representá-los na Europa, o mesmo o fizera ao Ruy Barbosa, um dia, apenas, à data “revolucionária” do Brasil: o 15 de novembro de 1889. Conforme se lê:

Pariz, 16 de novembro de 1889

21, Rue Berlioz

Meu caro Ministro,

Não lhe dou parabéns porque sei quão difícil é a posição em que se acha e quanto trabalho terá para tirar o nosso paiz do caminho errado que [ilegível] seguindo financeiramente.

A notícia da Revolução produziu aqui profunda sensação, e, pelo paquete de 20, receberá os jornaes em que trato de commentar os telegramas que recebemos.

Não sou do [número?] dos Persas que adorão o sol ao nascer, e, embora sempre esquecido pelo Império que lá se foi, conservei affecto desinteressado pelo [ilegível] Dom Pedro. No [quadro?] actual, porém, julgo poder prestar alguns serviços ao paiz, e estou persuadido de que o meu eminente collega terá a [feito?] reparar as longas injustiças de que tenho sido victima.

Se não for possível confiar-me a missão de obter das diversas potências da Europa o reconhecimento do novo governo, peço-lhe que se lembre de mim quer para a delegacia do Negocio em Londres, quer para o serviço da emigração.

Deve estar informado de que tenho aqui um periódico, fundado em Maio, L’Amérique.

[ilegível] quer informações telegraphicas, que julgas opportunas serão publicadas aqui imediatamente, e [communicadas?] aos principais jornaes europeos, porque, como sabe, sou um dos membros da directoria da imprensa estrangeira. Não me poupe, portanto, quer para o seu serviço particular, quer para o serviço público, e [creia-me] sempre, com profunda estima e sincera admiração,
Santa-Anna Nery.

²³ O homem que estava sendo cotado para sucedê-lo era o maçom Saldanha Marinho, o mesmo que lhe havia encomendado a tradução do *Papa e o Concílio* (Cf. p 61).

Esta carta expressa a volatilidade política de Santa-Anna Nery em permanecer ao lado daqueles que detinham o poder, sejam eles conservadores (como João Alfredo), liberais (como Souza Santos) ou republicanos como Ruy Barbosa. Demonstrando que seu papel era de propagandista pátrio, tendo como ferramenta a imprensa e lugar de divulgação a Europa. Além do mais, em razão de frequentes ataques de membros do próprio Império e da falta de reconhecimento (leia-se títulos, cargos e rendimentos), Santa-Anna Nery não teve nenhum pudor em solicitar ao novo ministro – das finanças – um cargo público a fim de representar o novo governo republicano, que, contraditoriamente, tantas vezes maldisse.

Contradições à parte. É muito significativa a data desta carta: um dia após a proclamação da República. Sobretudo, para um, até então, monarquista convicto. Pois o mesmo revela de Paris, simplesmente, que o “Império lá se foi”. Desdenhando, mesmo, de seus elogios para com o Imperador. Sem exprimir qualquer reação ao “quadro atual” brasileiro. Revelando a imutabilidade da situação, diante das importantes e atuais informações que parecia conter, graças aos serviços telegráficos disponibilizados aos homens da grande imprensa (no seu caso o *Jornal do Commercio*). Ao menos, para Ruy Barbosa, nesta carta, Santa-Anna Nery esclarece não haver qualquer sinal de Restauração. A República, que há poucos dias era posta em seu jornal como a forma mais destrutiva de governo, era agora um fato para o Brasil. Um sistema de governo, que este propagandista – “desinteressado” – do Império queria ajudar a consolidar na Europa. Caso não fosse possível, ele lembra ao eminente colega duas possibilidades: “a delegacia do Negocio em Londres” ou “o serviço da emigração”. O que nos permiti compreender, que para Santa-Anna Nery, parte da responsabilidade do “quadro atual” – o fim da monarquia – tem sua base na questão financeira, seja em relação aos capitais externos, seja em relação aos “braços” europeus, ambos fundamentais para a modernização do Brasil e que Santa-Anna Nery, por tudo que havia feito neste ano de 1889, poderia auxiliar, e muito, o novo sistema – inevitável – de governo²⁴. Vendendo mais uma vez o seu trabalho, não importando o conteúdo ideológico, apenas a forma pátria, a ideia nacional.

Além disso, Santa-Anna Nery já era colaborador de *L'Événement*. Entretanto, não fora ele o responsável por noticiar o evento do dia 15 de novembro, mas sim, seu colega Gaston Routier, apenas no dia 18 de novembro. Ora, mas se Santa-Anna Nery já expressara tanta certeza em relação ao fatalismo da República ao Ruy Barbosa no dia 16 de novembro, porque

²⁴ Hardman (1988:105-109) ao analisar a *introdução* (“Le Brésil Actuel”) de Santa-Anna Nery para o *Le Brésil en 1889* diz que “é como se o discurso de Santa-Anna Nery preparasse, na cena de fundo, o início de outra peça, baseada na retórica da probidade e do trabalho perseverante: o regime da *res publica*”.

o jornal em que ele colaborava não deu antes a notícia? Uma das suposições é que Santa-Anna Nery deve ter guardado para si essas informações, provindas do *Jornal do Commercio*, para usá-las a seu proveito.

Desconhecemos a resposta de Ruy Barbosa, mas por tudo o que pesquisamos sobre o autor em foco, o mesmo – como era de se esperar – não conseguira nada do novo governo. O que fica evidente com o fim precoce do *L'Amérique*. Pois quando Santa-Anna Nery escreve ao Ruy ele ainda se dizia proprietário deste periódico “fundado em maio”, que prometia sair todas às terças, mas que já havia perdido a sua regularidade e terminado por se extinguir.

A partir de 1890 é bastante difícil seguir os caminhos de Santa-Anna Nery pela imprensa²⁵. Pois tanto suas biografias, como grande parte de sua produção bibliográfica está centrada na derradeira década do Império do Brasil, conforme pode se ver publicado, curiosamente, nos últimos números (24, 25 e 26) do *L'Amérique*, na parte de anúncios. Parece que Santa-Anna Nery, que já se encontrava bastante desiludido com a falta de reconhecimento de seu trabalho “literário” pelo Império, resolveu, então, mostrar a “colônia brasileira em Paris”, além dos leitores no Brasil²⁶, grande parte de sua produção textual, expondo treze trabalhos, entre livros e brochuras de sua autoria, que também poderiam ser comprados, variando os valores entre 30 centavos até 20 francos. Manifestando, também, que Santa-Anna Nery havia perdido muitos anunciantes e que precisava de dinheiro para manter o seu jornal e o seu status. Pois, após seu casamento com Anna Lizzie Burrell Willoughby e seu serviços à pátria pela imprensa na Europa (como no *Le Brésil*, *Le Courrier Internationale*, a *Revue du Monde Latin*, *L'Amérique*, etc.), recebendo subsídios governamentais, Santa-Anna Nery abandonou o suposto quinto andar parisiense²⁷ para viver no *seizième arrondissement* de Paris, próximo ao Arco do Trinfo, num amplo sobrado, com três andares (*cf.* anexo). Deixando transparecer que, se o trabalho de jornalista e homem de letras não recompensavam

²⁵ A própria *Revista Ilustrada*, que tantas vezes se ocupou do Santa-Anna Nery monarquista e católico, não deixou de se espantar com o seu sumiço. Ao relatar as notícias da imprensa europeia dizia: “Só não vimos as contestações que deviam apresentar os nossos diplomatas e com elles brasileiros illustres, entre os quaes figura o Dr. Sant’Anna Nery, que reside em Paris, onde é considerado ! !” (Junior, 1889:2).

²⁶ O próprio Imperador relatava em seu diário ser um leitor de Santa-Anna Nery, tanto nos jornais, como nos livros. Assim, dias antes da assinatura da lei Áurea (1º maio de 1888), Pedro II diz que “O Santa Anna Nery veio de [] para assistir a representação de Carmosi[]. Veremos o que escreve”. Já no exílio, Pedro II, em diferentes passagens do primeiro semestre do ano de 1891, diz estar lendo algum livro de Santa-Anna Nery, sem mencionar o título.

²⁷ *Cf.* p. 106. O quinto e o sexto andar dos prédios parisienses eram destinados aos serviços domésticos ou aos operários, contando com pequenos cômodos de 7 a 12 m² e banheiro comunitário. Hoje, esses “imóveis” são locados, sobretudo, pelos estudantes estrangeiros. Em 2010 foi lançado um filme francês, *Les femmes du 6ème étage*, que expressa bem a vida dos imigrantes da década de 1960 nesses imóveis.

financeiramente²⁸, as relações tecidas em prol da divulgação de uma “pátria” – o *épicier* – compensavam o restante.

Entretanto, com o fim de seu objeto de propaganda – o Império do Brasil –, Santa-Anna Nery passa a estreitar seus laços com outro Império, bem menor, mas não menos relevante para o contexto nacional brasileiro, para a “colônia brasileira em Paris”: a mãe-pátria. Deste modo, não só Santa-Anna Nery, mas outros membros desta “colônia” passam a se associar a diversas entidades – reais – portuguesas, como a Sociedade Real de Geografia de Lisboa e a Academia Real das Ciências de Lisboa²⁹. Nesta última, encontramos, por exemplo, os registros de filiação de Santa-Anna Nery, Eduardo Prado e barão do Rio Branco. Interessante notar que os do barão do Rio Branco só ocorreram em 1911, quando seus amigos da “santíssima trindade literária” já haviam morrido e ele já se tornara uma figura central da Primeira República brasileira. Já as filiações de Santa-Anna Nery e Eduardo Prado ocorreram pouco tempo após o fim da monarquia brasileira³⁰. Eduardo Prado fora proposto como sócio correspondente logo no dia 13 de dezembro de 1889 e eleito no dia 29 de maio de 1890. A candidatura de Santa-Anna Nery fora proposta pouco tempo depois, em 05 de fevereiro de 1890, mas eleito sócio correspondente antes do que o amigo, em 27 de março de 1890. No parecer para sua candidatura são elencados dois livros: *Le Brésil en 1889* e *Folk-lore Brésilien*, dos quais são destacados a defesa “do ilustre brasileiro” por “sua pátria e também a Portugal, tão intimamente ligados ao Brasil”. O parecer foi escrito por Pinheiro Chagas, um antigo amigo de Santa-Anna Nery, desde os tempos da ALAI, e que passaram a trabalhar juntos em outros órgãos, como a RML. Dividindo a autoria do parecer, estava um republicano, Théophile Braga, de quem Santa-Anna Nery citaria como referência na sua obra *Folk-Lore Brésilien*³¹. A mesma dupla portuguesa seria responsável ainda pelo parecer

²⁸ Picot (12 jan. 1890 *apud* Como Francisco Picot (...), 1º out. 1927:23) ao comentar sobre um homem de letras que aspirava trabalhar no *jornal* o mesmo diz: “E como elle me dissesse que precisava de 1000 fr. por mez para cobrir as suas despesas, respondi-lhe que podia tirar da cabeça por uma vez a esperança de ganhar mil francos mensaes na imprensa”. Sodré (1999:292), neste mesmo rumo diz que “os homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível”. Acrescentando ainda que *Jornal do Commercio* era quem melhor pagava no Brasil, depois vinha o *Correio da manhã*.

²⁹ Diversos personagens do círculo de Santa-Anna Nery já eram, por exemplo, membros da ACL, como José Coelho da Gama e Abreu, o barão de Marajó, desde 1884 e João Manuel Pereira da Silva, desde 1862 (arquivos da ACL).

³⁰ Os dados abaixo foram coletados nos arquivos da ACL.

³¹ Segundo Salles (1992), o “mau humor de Sylvio Romero” (*cf.* p. 57), ocorreria em razão de Santa-Anna Nery ter citado Théophile Braga nesta obra – (*Folk-Lore Brésilien*) como fonte para o folclore brasileiro, ao lado de Sylvio Romero. Este fato teria levado Romero a escrever na 1ª nota da segunda edição de *Cantos populares do Brasil* de 1897 (mesmo ano de sua prisão), o se segue: “Não esquecer que esta introdução foi publicada em 1879 na *Revista Brasileira* e plagiada mais tarde pelo Sr. Santa-Anna Nery, um singular barão que reside em Paris em seu livro *Le Folk-Lore Brésilien*”. Ainda segundo Salles (1992), em função do prestígio do crítico

positivo de Eduardo Prado para adentrar neste tradicional círculo de monarquistas europeus em Portugal³².

Esta relação entre portugueses e brasileiros foi bastante relatada e comemorada pelo *L'Amérique*. Pois, este jornal, apesar de pertencer a Santa-Anna Nery, era luso-brasileiro no que concerne a sua redação. Assim, apesar do grande destaque dado ao Brasil, o jornal também noticiou a participação portuguesa na Exposição universal de Paris, assim como relatou diferentes momentos da vida de Portugal, como quando da morte do rei d. Luiz (pouco antes da queda do Império do Brasil), ou quando da realização de um banquete em homenagem ao Conselheiro Pinheiro Chagas, ofertado pela “colônia portuguesa de Paris”³³.

Esta aproximação entre Santa-Anna Nery e Portugal era antiga, como pudemos ver no capítulo anterior, principalmente, por meio de seus colegas portugueses da ALAI. No congresso de literatura de Londres (1879), por exemplo, fora Santa-Anna Nery o responsável por indicar o rei dom Luiz ao título de Membro Honorário da ALAI, que o próprio rei viera a agradecer no congresso de Lisboa (*BALAI*, n. 5, 1879:9). Além disso, Santa-Anna Nery teria sido um dos grandes entusiastas e organizadores da comissão que realizou a festa do tricentenário de Camões em Paris. Auxiliando este pequeno reino e sua língua a tornarem-se mais conhecidos e reconhecidos entre os grandes Impérios europeus. Esta informação consta de um dos processos do Ministério do Reino de Portugal em que, no dia 15 de março de 1882, o marques de Fronteira³⁴ solicita ao Ministro Thomas Ribeiro resolução favorável, “e com o maior empenho”, para conceder a Santa-Anna Nery uma *Commenda de Christo*. As razões, além das supracitadas, tinham como base principal

(...) importantes serviços à Colonia portugueza d'aquella Provincia, por ocasião das brutaes hostilidades, em que, há pouco tempo, rompeu contra ella um grupo de desordeiros nacionais, que no perverso intuito de roubar-lhes as fortunas, procuravam roubar-lhes as vidas, como por vezes tentavam em reiterados motins. A esses planos canibaeos pôr termo o Dr. Santa Anna Nery, já por meio de vigorosos

Silvio Romero, formou-se uma opinião indecorosa em torno de Santa-Anna Nery, a qual, possivelmente, teria colaborado para que ele fosse esquecido e, conseqüentemente, para a dificuldade em encontrar suas obras em instituições públicas brasileiras. Por tudo o que vimos até agora, Romero era apenas mais um a enquadrar Santa-Anna Nery como um escroque.

³² Dentre os textos que foram destacados por Chagas e Braga para a sua inserção na ACL consta *Os destinos políticos no Brasil* publicado originariamente na *Revista de Portugal*, dirigida por Eça de Queiros.

³³ O banquete ocorrera no restaurante Voisin (no mesmo local em que fora oferecido outro banquete em honras ao visconde de Cavalcanti) e contou com a presença do general Moraes-Ancora, o visconde de Amoroso Lima, o visconde Azevedo-Ferreira, os barões de Estrella e de Marajó, o coronel Gerardo Pery, Santa-Anna Nery, Fernando Xau, entre outros (*L'Amérique*, 15 out. 1889:1).

³⁴ Por nossas pesquisas nos arquivos biográficos, supomos ser o Marques de Fronteira, “Pedro João de Moraes Sarmento (9º conde da Torre, 6º marquez de Alorna e 8º marquez de Fronteira). Era também 2º barão da Torre de Moncorvo, em verificação de vida concedida no título de seu pae; par do reino; official-mór da Casa Real; antigo gentil-homem da camara de D. Luiz I, com exercicio na camara de el-rei D. Fernando II; camarista de sua magestade el-rei senhor D. Carlos I, commendador da ordem de Christo (Pereira *et al.*, 1907:33).

protestos pela imprensa, invocando os brios dos Paraenses honestos contra taes machinações, já por intermédio de seu pae³⁵, major do exercito, que por instâncias suas, veio de propósito do Amazonas á cidade de Belém, afim de empregar sua força moral em bem do restabelecimento da ordem e da harmonia entre portuguezes e brasileiros: o que conseguiu sem estrépito, do dia para noite! (Marques de Fronteira, 15 mar. 1882, Ministério do Reino, Maço 2283, Processo 175, [ANTT]).

Por fim, o marquês de Fronteira, influente e íntimo da família real portuguesa diz que o “Dr. Santa-Anna Nery é homem de grande prestimo; e dotado de animo grato, não deixará de mostrar-se reconhecido, por todos os meios ao seu alcance, á qualquer acto de Munificencia da Coroa Portuguesa”. Dito e feito, Santa-Anna Nery, como membro da “colônia brasileira em Paris” nunca deixou de tecer contatos com a “colônia de portuguesa em Paris”, de trabalhar junto com seus homens de letras, jornalistas, políticos, negociantes, enfim. Nem de enaltecer a “mãe-pátria” perante os brasileiros e os franceses em suas produções textuais. Mesmo quando abandona a versão de seus amigos portugueses da ALAI (principalmente de Pinheiro Chagas, de Mendes Leal e do conde de São Miguel) de que o nascimento da literatura brasileira só teria ocorrido em 1822, com a independência, ele continuara a defender a influência definitiva de Portugal – o “mundo latino” – no antigo grande Império do Novo Continente.

Desta feita, não é de se estranhar, que quando da morte de Santa-Anna Nery, tantos jornais portugueses tenham noticiado o fato, em seus detalhes mais sutis, concedendo-lhe, por meio de seus amigos portugueses, missas solenes e outras homenagens. Mas, certamente, a maior das homenagens que Santa-Anna Nery poderia ter recebido, que ele deveria ter sonhado longo tempo em relação ao Império do Brasil, que ele tanto ajudara a difundir e defender, era um título nobiliárquico das mãos do imperador Pedro II ou da princesa Isabel. Porém, não fora possível. O Império caiu antes desta hora. Nunca saberemos se não tivesse ocorrido esta queda, qual seria o destino deste derradeiro propagandista entre os novos soberanos.

Entretanto, apesar deste estreitamento de laços com os portugueses, Santa-Anna Nery continuava a tecer contatos, cada vez mais íntimos, com membros da família imperial brasileira. Pois, agora, tanto Pedro II como a princesa Isabel e o conde d’Eu conviviam na sua cidade. E como Santa-Anna Nery tinha antigas relações tanto com este último, quanto com um seletto grupo de nobilitantes, muito próximos desta família, como o filho da condessa de Barral, o conde de Barral; o marquês de Paranaguá, pai da baronesa de Loreto, amiga íntima da princesa Isabel, sem falar no próprio barão de Loreto; além de camaristas da família

³⁵ Esta informação é duvidosa, pois o pai de Santa-Anna Nery morreu em 1878 (Cf. Mendonça, 2010), e como o marquês fala que isso ocorreu “há pouco tempo” e o texto é de 1882, nos leva a pensar que alguém mentiu: o marques ou Santa-Anna Nery.

Imperial, como o barão de Estrella, o barão de Teffé ou o barão de Mamoré. Neste círculo imperial, que contava ainda com presença do próprio barão do Rio Branco, Eduardo Prado, Émile Levasseur, André Rebouças, dentre outros antigos conhecidos de Santa-Anna Nery, havia uma nostalgia pela monarquia – perdida – brasileira, da qual a Restauração era tida como uma das possibilidades.

De todos os citados, Eduardo Prado parece ter sido o que mais insistira nesta tese, e consequentemente na propaganda monárquica, seja por meio de seu “aclamado” e censurado livro, *A ilusão americana*, seja pela criação de seu jornal *O Comércio de São Paulo*³⁶. Santa-Anna Nery, antes, nos bastidores (uma vez que passara a servir a dois senhores³⁷), também agira. Quem nos relata é o próprio Pedro de Alcântara em seu diário, no dia 22 de setembro de 1891, dizendo que no mesmo dia em que encontrara “Gaston, Isabel e todos os 3 netos”, estivera antes “com o Sta. Ana Nery que passa por ter vindo espiar-me. Conversei com ele bastante, começando por dizer-lhe que só desejo sossego no Brasil e que lá irei se muito livremente me chamarem”. E ponto final. Santa-Anna Nery, que aparece no diário de Pedro II em sete ou oito episódios, encerra sua participação como um espião. Espião que confabulava, provavelmente em conjunto com o conde d’Eu, um possível renascimento monárquico no Brasil.

Com a morte do Imperador, pouco tempo depois, qualquer ideia correlata à Restauração perdera força. Porém, concomitantemente a essas prováveis articulações políticas para o retorno da monarquia brasileira, Santa-Anna Nery mexera suas peças com intuito de perpetuar seu sonho monárquico pessoal: ao menos um título nobiliárquico. Uma vez que,

³⁶ No prefácio da segunda edição de *Ilusão Americana* (escrito em Londres no dia 07 de novembro de 1894, após fugir do Brasil para não ser preso), Prado (1893) diz que “este despretenso escrito foi confiscado e proibido pelo governo republicano do Brasil. Possuir este livro foi delito, lê-lo, conspiração, crime, havê-lo escrito”. Num apêndice desta mesma edição, Prado expõe uma entrevista sua em que ridiculariza, em diversos pontos, a atitude do governo, demonstrando ainda a sua convicção na monarquia, como nesta passagem: “A sabedoria popular diz: Palavra de rei não volta atrás. – o povo terá de inventar outro provérbio para a palavra do vice-presidente da república. Skidmore (1994:66) diz que quando Prado retorna ao Brasil, em 1895, torna-se proprietário do jornal *O Comércio de São Paulo*, principal órgão, durante os seis anos seguintes, de disseminação da propaganda de restauração da monarquia e de ataques ao regime republicano. O jornal extinguiu-se em 1897, em meio ao clima antimonárquico exacerbado pelo conflito de Canudos, e Prado novamente deixa o país. Sobre este clima exacerbado do ano de 1897 que iria culminar com o atentado contra o Presidente da República (cf. o último subcapítulo: 4.2 Degredado).

³⁷ É deste modo, por exemplo, que vemos a publicação, sem data (depois descobrimos por meio dos jornais da época ter sido publicado em 1890), do primeiro livro de Santa-Anna Nery no período republicano: *Aux Étas-Unis du Brésil. Voyage de M.T. Durand* (editado também por Charles Delagrave). Certamente Santa-Anna Nery já tinha terminado ou estava por finalizar este livro ainda em 1889. Quando ocorreu a mudança de governo, o mesmo não se mostrou nem um pouco acanhado em fornecer ao título o novo nome – republicano – do Brasil. Apesar do livro ser uma reformulação (mantendo os personagens e, agora, os “estados” brasileiros) de seu primeiro romance de viagens: *Le pays du Café*, de 1882. De certo modo, com o novo título do livro, Santa-Anna Nery auxiliava este novo Brasil – republicano – a ser conhecido e, quem sabe, reconhecido pelos países europeus, conforme havia proposto ao Ruy Barbosa.

entre os novos dirigentes do Brasil, aparentemente não conseguira apoio. Assim, apela aos seus amigos portugueses para que lhe concedessem esta nobre diligência. Apagando, com isso, quem sabe, a falta de reconhecimento pelo “Império que lá se foi”. Pelas nossas pesquisas no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, tal requerimento parecia bastante simples, desde que contasse com o solicitante certo, como contou a sua Comenda de Cristo portuguesa.

Entretanto, para o seu mítico baronato, a demanda fora muito mais simplória. Não há relatado qualquer justificativa para que Santa-Anna Nery recebesse “em sua vida” o título de “barão de Santa-Anna Nery”, apenas uma cartinha, quase que rascunhada, com grafia preta, da lavra de seu amigo, o Conselheiro Pinheiro Chagas:

Ministério do Reino – Direção Geral de Administração Política e Civil.
Frederico José de Sant’Anna Nery
Barão de Sant’Anna Nery
Brasileiro, escritor publico
Com esta de 22 de fevereiro
(Pinheiro Chagas) (Ministério do Reino, Livro 23, nº 173, ANTT).

Possivelmente deve ter tido alguma conversa entre conselheiro Pinheiro Chagas e Carlos I, o rei de Portugal, para esta concessão, mas em termos documentais, a única peça, que procede o decreto de outorga do título, é a supracitada³⁸. Depois, no decreto, temos:

Atendendo aos merecimentos e qualidades que concorrem em Frederico José de Sant’Anna Nery, cidadão brasileiro, escritor publico e querendo dar-lhe um publico testemunho da consideração em que [tenha?] a sua pessoa: Hei por bem fazer-lhe mercê do título de Barão de Sant’Anna Nery em sua vida.
O Ministro e Secretario d’Estado dos Negocios do Reino [assim o tenha?] entendido e faça executar.
Paço de Belem em vinte e dois de fevereiro de mil oitocentos e noventa e um.
[Com a rubrica do rei]

No verso do documento consta a informação de que o ofício foi enviado ao agraciado no dia 07 de abril de 1891. Na lateral, há outro dado, dizendo que no dia 3 de dezembro de 1893 foi enviado ofício ao cônsul do Rio de Janeiro com a guia para pagamento de

³⁸ Acreditamos, entretanto, que esta suposta conversa entre o Conselheiro e o Rei tenha versado sobre o papel de propagandista de Santa-Anna Nery na imprensa europeia. Pois, Carlos I, que acabara de assumir o trono, após a morte de d. Luiz I, assumia um país em que o movimento republicano também era crescente, sobretudo, após a “revolução do Brasil”. Além disso, em 1890, Portugal tinha sido humilhado internacionalmente com o ultimato inglês para que desistisse de suas pretensões territoriais entre Angola e Moçambique, que foi percorrido pelo viajante português Serpa Pinto. Neste contexto, todo auxílio à coroa portuguesa era bem vinda, principalmente pela imprensa, pois como lembrava Santa-Anna Nery “se a educação da criança deve ser feita por meio da escola, a do cidadão deve ser feita pela imprensa”. Sobre Carlos I, Cf. Ramos (2006); na sua relação com o marques de Soveral, seu representante em Londres, ver: Marques (2009); numa perspectiva de romance histórico, simplesmente genial, ver: Tavares (2003).

emolumentos e selos. Pagamento que parece não ter ocorrido, nem pelo agraciado, muito menos pelo governo brasileiro. O título, apesar de aparecer no “livro das mercês”, não apresenta data de encarte, o que significaria o não pagamento e, conseqüentemente, o não merecimento do mesmo³⁹.

Entretanto, não demoraria muito para vermos Santa-Anna Nery desfilando com seu novo título pelos salões da França e do Brasil. Assim, ao findar este mesmo ano de 1891, Santa-Anna Nery, em viagem pelo Rio de Janeiro, finalmente toma posse de sua cadeira no IHGB. A “casa da memória nacional”⁴⁰, reduto de monarquistas, recebia no dia 04 de dezembro de 1891 o “Sr. Barão de Santa-Anna Nery”, recepcionado pelos comendadores José Luiz Alves e o Dr. Cezar Marques. Após essas solenidades, o conselheiro Oligário H. d’Aquino e Castro, presidente desta sessão, lhe dirige as mais lisonjeiras palavras:

Grande é a satisfação com que o Instituto Histórico e Geographico Brasileiro hoje recebe o Sr. Barão de Santa Anna Nery, nosso digno consócio desde 1885, tendo em lembrança os assinalados serviços que ha prestado, longe da patria, aos interesses do Brazil nos primorosos trabalhos que assignalam os patrióticos sentimentos que animam o escriptor e o brilhantismo com que tem defendido a causa da justiça e da verdade, muitas vezes contestada pela ignorancia ou pela má vontade (CASTRO, 1891:298-299).

Finalmente, o agora Barão de Santa-Anna Nery via não só o seu patriotismo ser reconhecido como todas as injustiças refutadas e registradas em ata, com seu novo status monárquico, que nenhum de seus contemporâneos, e mesmo os posteriores, souberam explicar muito bem. Certamente porque o “injustiçado” barão não se preocupou em explicitar a origem tal título, uma vez que nem os emolumentos ainda haviam sido pagos. Além disso, Pedro II já estava morto, a monarquia brasileira terminada, e o papado de Leão XIII bastante distante. Deste modo, não custava nada deixar para a especulação a razão de um baronato que parecia se encaixar perfeitamente tanto com seu trabalho monárquico brasileiro, quanto por sua “devoção” ao papado⁴¹.

Se Santa-Anna Nery soubesse quão fácil seria adquirir um título de nobreza do pequeno reino de Portugal, teria ouvido antes as sábias e verdadeiras palavras de Almeida

³⁹ A descoberta dos dois processos de Santa-Anna Nery no ANTT (a Comenda de Cristo e seu baronato) contou com a preciosa ajuda de Paulo Tremosso, que não descansou enquanto tentávamos desvendar onde esses processos, se por ventura existissem, pudessem estar. Além disso, Tremosso nos auxiliou em parte com a transcrição desses manuscritos e com outras informações importantes sobre os trâmites que envolviam esses processos. Por tudo isso, aproveitamos para agradecer-lo enormemente.

⁴⁰ Nesta perspectiva, Cf. Guimarães (2011).

⁴¹ Cf. p. 57.

Garret⁴², que expressam tão bem a política de distribuições de títulos e cargos, a fim de melhor acomodar os amigos e os inimigos do rei: “*Foges cão, que te fazem barão. Para onde? que me fazem visconde*”⁴³.

4.2 DEGREDADO

Monseigneurs [Dom Antonio de Macedo Costa],

(...)

Tout le monde ici dans la colonie parle de lui comme secrétaire de la commission brésilienne à l'Exposition de 1889. Puis se l'Empereur avoir la même idée Frédéric se tue comme correspondant du *Jornal de Commerce* et je donnerais tout au monde pour le voir independentes c'est à dire pouvoir quitter le journalisme.

C'est alors que son [talent?] si délicat d'écrivain et de critique arriverait à son apogée car maintenant travaillé pas le manque de temps – et d'argent il écrit au jour le jour. C'est hélas la vieille histoire du journalism qui fruit par tuer l'inspireurs et le style vous les monseigneurs qui l'aimez tout, il vous serait si facile avec toutes vos relations tous à Rio qu'à Pará de lui faire avoir une position stable. S'il était président d'une Province pendant quelques mois seulement il aurait [illegível] des droits pour demander autre chose et son prestige et son talent feraient le reste.

(...)

A. Willoughby de Santa Anna Nery⁴⁴

Esta carta da esposa de Santa Anna Nery, enviada ao “padrinho” dele, data de 21 de março. Não há referência alguma sobre o ano e o local. Porém, por sua leitura e conhecendo um pouco o contexto, dá para depreendermos que ela escreve de Paris, onde a “colonie parle de lui comme secrétaire de la commission brésilienne à l'Exposition de 1889”. O ano, pela leitura do restante da carta, é 1891 ou 1892, pois ela diz ter recebido novidades do marido, que se encontrava no Pará⁴⁵. Ela acrescenta ainda que Macedo Costa – como o bispo que desafiou o Império em 1874 e ratificou a República perante o clero e os fiéis por uma “notável carta pastoral”⁴⁶ – teria oferecido à Santa-Anna Nery telegrafar ao Rio de Janeiro para que o

⁴² Em seus textos, Santa-Anna Nery se mostrava bastante conhecedor e entusiasta da obra de Garret. Assim pouco tempo antes de morrer, ao revisar a sua obra prima, *Le pays des Amazones*, traz para a mesma um novo final camoniano, via Garret: “Suberbo Tejo, nem padrão ao menos ficará de tua glória? Nem herdeiro de teu renome?... – Sim: recebe-o, guarda-o Generoso Amazonas, o legado de honra, de fama e brio: não se acabe a língua, o nome português na terra (Almeida-Garret: Camões, X, 21 *apud* Santa-Anna Nery, 1899). Este trecho se encontrava também na capa do livro.

⁴³ Agradeço as portuguesas Maria João Soares e a Maria Manuel Ferraz Torráo pela indicação deste “provérbio português” (pois, devido ao enraizamento do mesmo na cultura, ignoravam sua autoria) para explicar o quanto cômico era o recebimento de um título nobiliárquico para o contexto monárquico português.

⁴⁴ Devo a transcrição desta carta, pertencente ao arquivo de d. Antonio de Macedo Costa no IHGB, ao amigo Márcio Nery, a quem aproveito para agradecer a disposição.

⁴⁵ Como se pôde ver no tópico precedente, em dezembro de 1891, Santa-Anna Nery estava no Rio de Janeiro tomando posse de sua cadeira no IHGB. Provavelmente, deve ter saído do Rio de Janeiro com destino à Amazônia para depois retornar à Europa.

⁴⁶ Cf. nota 18 deste capítulo.

governo lhe nomeasse governador do Amazonas. Ela, lamentando, diz que Santa-Anna Nery recusou a oferta do telégrafo e por isso, nesta carta, insistira junto ao Macedo Costa para que arranjasse uma “posição estável” ao Santa-Anna Nery.

Significativa também a complementação da observação colocada pela esposa de Santa-Anna Nery sobre o pedido acima, pois ela já havia dito que “daria tudo para o ver independente, isto é, poder deixar o jornalismo”. Demonstrando que seu trabalho de “propagandista voluntário do Brasil na Europa” não tinha nenhuma independência, muito pelo contrário, Santa-Anna Nery contava não só com subsídios do governo imperial e de algumas províncias, mas também com os anúncios e representações dos mesmos homens de negócios ligados ao antigo sistema monárquico. Entretanto, agora, a realidade era outra. Seus amigos, que Santa-Anna Nery defendeu publicamente por quase dez anos, estavam fora do poder. Assim, viver como jornalista, apenas com os rendimentos provindos dos pró-labores de revistas e jornais não garantia nem a Santa-Anna Nery, muito menos a sua esposa, a manutenção de seu *status quo ante*, com o qual mantinham até castelo, com célebres festas, ao sul de Paris⁴⁷.

Deste modo, viver do jornalismo sem o trabalho de “propagandista voluntário do Brasil na Europa” não valeria mais a pena. Não à toa, a quantidade de obras que Santa-Anna Nery produzira no período Republicano (praticamente doze anos) ser pequena em relação aos últimos oito anos do fim do Império⁴⁸. Santa-Anna Nery teve que arranjar outros ofícios, pois o seu papel de propagandista parecia ter perdido o sentido e o objeto.

Consequentemente, torna-se difícil seguir os passos de Santa-Anna Nery após 1890. Apesar de suas missivas ao Ruy Barbosa e certamente a outros líderes republicanos, sua biografia curricular não se enquadrava mais com os novos rumos do Brasil. Assim, Santa-Anna Nery permanecera associado a vultos significativos da política e da burocracia do Segundo Reinado, como o marquês de Paranaguá, o conselheiro João Alfredo, o barão do Rio Branco, entre outros⁴⁹.

⁴⁷ O castelo ficava em *Vouzay* no caminho para Bourges (carta remetida pelo barão de Santa-Anna Nery ao barão do Rio Branco, em 1º de maio de 1894 [AHI]). Xavier de Carvalho (1901a:1), um dos jornalistas citados largamente no 1º capítulo, ao narrar os antecedentes da morte de Santa-Anna Nery, dizia que o mesmo tinha um palacete em *Passy* (onde a princesa Isabel e o conde d’Eu também tinham residência), onde eram realizadas grandes festas.

⁴⁸ Cf. *Publicações de Santa-Anna Nery* ao final desta tese.

⁴⁹ Guimarães (2007:26-27) diz que após o fim do Império começam a circular no IHGB, com significativa assiduidade figuras de destaque do Segundo Reinado que anteriormente não participavam das atividades acadêmicas como barão de Alencar, marquês de Paranaguá, conselheiro João Alfredo e barão de Santa Anna Nery.

O barão do Rio Branco foi um dos seus amigos a acolhê-lo no interior das estruturas internacionais da República brasileira, como a *Superintendência Geral dos Serviços da Emigração* em Paris⁵⁰. Num dos raros livros que Santa-Anna Nery escreveu em português⁵¹, *De Pariz a Fernando de Noronha: Jornal de um degredado*, ele diz ter se tornado *Delegado Geral do Brasil na Europa* durante o governo de Floriano Peixoto⁵². Antonio Faria (1905:XXXI) endossa esta informação, complementando que tal cargo durara pouco tempo, em função de intrigas por parte de adversários políticos⁵³.

O ápice deste antagonismo político foi a prisão de Santa-Anna Nery em Petrópolis, passando por diversas cadeias do Rio de Janeiro até sua pena definitiva de desterro para a ilha de Fernando de Noronha. Daí a publicação de seu livro – *De Pariz a Fernando de Noronha* –, para divulgar aos

Brazileiros de que modo um patricio seu, que, durante mais de um quartel de seculo, efficazmente trabalhou na Europa para engrandecer o nome do seu paiz, grangeando, para elle e para si, nomeada e boa fama entre extranhos, foi preso sem motivo, desterrado sem razão, e restituído á liberdade, ao cabo de quatro mezes e meio da mais rigorosa incomunicabilidade, sem nunca ter sido inquirido por um magistrado, sem nunca ter sido indiciado, denunciado ou pronunciado, e, ainda menos, julgado e condemnado.

Londres, 29 de setembro de 1898 (Santa-Anna Nery, 1898a:II-III)

Desta maneira, Santa-Anna Nery apresenta ao leitor sua única obra autobiográfica e panfletária, com o intuito de revelar as arbitrariedades do governo do “Dr. Prudente José de Moraes Barros” para com ele e um grupo de políticos ligados, especialmente, ao Partido Republicano Federal, que foram presos alguns dias após o atentado contra o presidente da República. Tal fato ocorreu no dia 05 de novembro de 1897 durante a recepção aos militares que participaram da Guerra de Canudos, no Arsenal de Guerra, no Rio de Janeiro⁵⁴. Nesta ocasião, o soldado Marcelino Bispo de Miranda se aproximou do presidente com uma arma

⁵⁰ Pelas correspondências trocadas entre o barão do Rio Branco e o barão de Santa-Anna Nery, de 1892 a 1900, a *Superintendência dos Serviços da Emigração* (situado no número 29 do *Boulevard Hausman*) tinha como intuito o agenciamento de emigrantes europeus ao Brasil, mas, principalmente, de empresários (de ramos diversos) interessados em abrir empresas no Brasil.

⁵¹ Para o âmbito desta pesquisa encontramos apenas uma brochura, que na verdade é uma breve biografia – elogiosa – do conselheiro Antonio Pereira Pinto (Cf. Santa-Anna Nery, 1884g).

⁵² Santa-Anna Nery (1898a:58) diz que Floriano Peixoto registrou na “folha oficial” do dia 09 de novembro de 1894 que “eu, seu delegado na Europa n’aquelles tempos agitados, sempre desempenhara as minhas funções a CONTENTO DO GOVERNO E COM PROVEITO PARA A REPÚBLICA. Pesquisamos no sítio <<http://www.jusbrasil.com.br>>, onde estão disponibilizados os diários oficiais desde 1890, a data supracitada, mas não encontramos nenhuma referência nem ao cargo, nem ao Santa-Anna Nery.

⁵³ Faria (*ibidem*) diz também que Santa-Anna Nery traduziu um discurso do Marechal Floriano Peixoto para o Francês. Chegamos a encontrar uma versão deste discurso em francês na BNF, mas sem indicação de sua tradução, conforme pode ser visto em Peixoto (1894).

⁵⁴ Essas informações e as subsequentes sobre o atentado foram retiradas de: Santa-Anna Nery (1898a), Caneca (1898), Barbosa (1898) e Neiva (1898), todas fontes primárias; e Queiroz (1986) para as secundárias.

em punho. O ministro da Guerra, o marechal Carlos Machado Bittencourt, ao perceber a movimentação do soldado, se interpôs entre o presidente e Marcelino, que engatilhou a arma, mas esta falhou. Num átimo, o soldado tirou uma faca da cintura e se iniciou uma luta entre o ministro da Guerra e o soldado, que sem piedade furou o ministro com quatro ferimentos mortais. Marcelino fora preso em seguida. Poucos dias depois, no dia 12 de novembro, em razão do atentado, o Congresso aprovou o estado de sítio (sustentado por Quintino Bocayuva e Ruy Barbosa) para o território do Distrito Federal e da comarca de Niterói. A partir disso, o governo de Prudente de Moraes, que vivia uma grave crise institucional, em razão – dentre outras – dos recorrentes fracassos e altas despesas da Guerra de Canudos, passa de algoz a mártir no mesmo átimo de tempo. Protegido pelo estado de sítio, o governo de Prudente passa a encarcerar e consequentemente a neutralizar os seus opositores políticos, membros de seu próprio partido – o Partido Republicano Federal –, de quem havia perdido grande parte do apoio político, sobretudo, pela figura de seus líderes, como o vice-presidente da República, Manuel Victorino Pereira, e Francisco Glicério.

Lemos no relatório do delegado Dr. Vicente Neiva, responsável pelo inquérito que apurou os culpados pelo referido atentado, que o Partido Republicano Federal, sob a liderança de Manuel Victorino, mantinha “um consorcio do radicalismo, do jacobinismo confesso”, apoiando indiretamente os revoltosos “monarquistas” de Canudos. Fornecendo como prova diversos números do jornal *Republica*, colocado como órgão do Partido Republicano Federal, em que emitia duras críticas às medidas do governo. Exemplificando com notícias que denominavam Canudos como o “matadouro” e os questionamentos levantados pelo mesmo jornal sobre o tratado recente – “danoso” – assinado entre o Brasil e a França, em relação ao território contestado do Amapá. Munido desses dados “antipatrióticos” de um dos jornais de oposição ao Presidente, o delegado Neiva diz que “apesar da mais absoluta prova da autoria” de Marcelino Bispo, era preciso “procurar o crime em suas causas, o crime em seus antecedentes”, chegando a conclusão de que Marcelino não tinha concebido o crime sozinho, contando com o auxílio de membros da oposição ao Presidente da República.

O redator-chefe do jornal *República* era o deputado Alcindo Guanabara e o diretor na Europa, responsável pelos artigos sobre as questões internacionais, era o barão de Santa-Anna Nery, que coincidentemente se encontrava no Brasil⁵⁵. Assim, decretado o estado de sítio, ambos foram presos. Dentre todos que posteriormente foram desterrados para Fernando de

⁵⁵ Santa-Anna Nery (1898a) diz que foi ao Rio de Janeiro, em junho de 1897, para participar de uma licitação para reorganizar a “Companhia dos Telephones do Districto Federal”, juntamente com o visconde de Rodriguez de Oliveira. Entretanto, houve atraso na realização das licitações.

Noronha, apenas Santa-Anna Nery não constava do relatório do delegado Neiva. Evidenciando que o barão de Santa-Anna Nery, ao apresentar ao público brasileiro seu livro de combate explícito – e por isso mesmo provavelmente censurado⁵⁶ – contra a política de Prudente de Moraes, revelando os bastidores de sua prisão, por meio de rica narrativa, estava sendo honesto. Pelo fato de seu nome não constar do inquérito que fornecia as “provas” do crime, Santa-Anna Nery havia sido, realmente, “preso sem motivo, desterrado sem razão”, ao menos do ponto de vista jurídico. Entretanto, tal atitude demonstra claramente que para o governo de Prudente de Moraes e seu novo partido aliado – o Partido Republicano –, Santa-Anna Nery representava como jornalista uma ameaça política. Isso porque que detinha muitos conhecimentos sobre o território contestado do Amapá e expunha o Presidente e seu ministro das Relações Exteriores ao esbravejar publicamente contra o tratado de 10 de abril de 1897⁵⁷. Portanto, mantê-lo preso e, sobretudo, incomunicável durante o máximo de tempo possível, juntamente com os demais membros da oposição, auxiliava o Presidente da República no desmantelamento da oposição e reorganização de suas bases políticas.

Assim ocorreu por quase cinco meses, até que o senador da República, Ruy Barbosa, o mesmo que, curiosamente, auxiliara o Presidente com a sustentação jurídica do estado de sítio, impetrou a 3 de março de 1898 ordem de *habeas-corpus* ao Supremo Tribunal Federal para libertação dos seguintes presos políticos: senador João Cordeiro, deputados Alcindo Guanabara e Alexandre J. Barbosa Lima, major Tomás Cavalcanti de Albuquerque, Frederico José de Santa-Anna Nery (barão de Santa-Anna Nery) e José de Albuquerque Maranhão. Ruy Barbosa defendia que com o fim do estado de sítio, todas as exceções resultantes (como as prisões políticas) também deveriam ser encerradas. Após amplo debate jurídico, em sessão de 16 de abril, foi concedida a ordem de *habeas-corpus* aos pacientes. Santa-Anna Nery relata, entretanto, que fora posto em liberdade no dia 29 de março de 1898.

⁵⁶ Logo na capa do livro constava a informação de que o livro “Por contracto competentemente registrado, este livro é propriedade de George Humphery Esq., súbdito de S.M.I e R. a Rainha do Reino Unido da Gran-Bretanha e Irlanda, Imperatriz das Indias, o qual procederá na fôrma das leis e tratados contra quem obstar á circulação d’este volume no território da Republica dos Estados Unidos do Brazil.” George Humphery era casado com a enteada de Santa-Anna Nery, Maud. Ele também foi o tradutor de *Le pays des Amazonas* para o inglês.

⁵⁷ Santa-Anna Nery (1898a:7) diz que “O Tratado de 10 de Abril foi discutido e votado a portas fechadas, durante a vigência do estado de sitio, quando todos aquelles que o haviam impugnado, n’um impulso de patriotismo sobranceiro, estavam presos, incommunicaveis, foragidos, processados ou coactos. Presos e incommunicaveis: eu, Alcindo Guanabara, Barbosa Lima, Nicanor do Nascimento e tantos outros. Foragidos: Medeiros e Albuquerque, o advogado coronel Alfredo Madureira, os deputados federaes Nilo Peçanha e Leôncio Corrêa. Envolvidos nos factos de 5 de novembro pelo Inquérito policial do delegado Neiva: o vice-presidente da Republica, Dr. Manoel Victorino, o general Francisco Glycerio e o próprio relator do Tratado, Irineu Machado. Coagido e rodeado de secretas, sem poder sair da capital federal, o senador Lauro Sodré. E, em quanto esses patriotas definhavam nas prisões, vagavam errantes pelo sertão ou viviam sob a pressão da mais aviltante das accusações, o sr. Ministro das Relações Exteriores os infamava (...)”.

Muitos trabalhos sobre Santa-Anna Nery conferem a esses acontecimentos a verdadeira causa de sua morte, em 03 de junho de 1901. Dizendo que o Barão “saiu triste e profundamente magoado com os processos de catechese política empregados por seus patricios naquella fim do século XIX. Não mais publicou livros. Era um inadaptado para os ‘encilhamentos’” (Cascudo, 18935-1936:212). Mas não foi bem assim. Mal saiu da prisão, no dia 20 de maio, o barão de Santa-Anna Nery discursava no IHGB em homenagem a Vasco da Gama. Cinco dias depois saía o primeiro número do *Jornal da Tribuna*, fundado pelo barão e outros companheiros de cela, como Alcindo Guanabara e Barbosa Lima. De volta à Europa, escreveu de Londres, ainda em setembro, provavelmente junto da família de sua esposa ou de seu genro, *De Pariz a Fernando de Noronha*. Ainda no segundo semestre de 1898 publicava no *Journal de la Société des Américanistes de Paris* um artigo sobre o povoamento da Amazônia, que receberia ainda publicação específica. No ano seguinte, em 1899, saía a edição atualizada de sua obra prima, *Le pays des Amazones*, que contou no ano seguinte com mais duas traduções, em inglês⁵⁸ e em italiano. Neste mesmo ano – 1900 – colaborou com obra conjunta realizada pelo governo do Estado do Pará, dissertando criticamente sobre a obra dos principais viajantes que escreveram sobre a Amazônia⁵⁹.

Portanto, ao contrário, parece que sua pena de desterro havia lhe fornecido novo ânimo para as letras pátrias, sendo ainda coerente com sua política de “defender o Brasil no estrangeiro (...). A pátria é mãe: ninguém confesse os defeitos da mãe a estrangeiros”⁶⁰. Pois seu livro autobiográfico, denunciando todas as injustiças por que passou, foi publicado na velha língua camoniana, de alcance restrito, comparado à língua de Victor Hugo. Evidenciando também seu público alvo: os brasileiros. Outra marca de suas publicações após o seu encarceramento fora a utilização constante de seu título nobiliárquico. Em todas elas aparece como autor, o “Barão de Santa-Anna Nery”. Deixando explícitas suas ligações com a nobreza, talvez uma resposta àqueles que o acusaram de “jacobino”⁶¹.

⁵⁸ Na qual é apresentada com a fotografia de Santa-Anna Nery, conforme o *caput* deste capítulo.

⁵⁹ Cf. o tópico *Publicações de Santa-Anna Nery*. Como já dissemos em outro trecho, as obras levantadas de Santa-Anna Nery para esta pesquisa não são exaustivas, certamente outras aparecerão no decurso de outras pesquisas.

⁶⁰ Cf. p. 99.

⁶¹ Santa-Anna Nery (1898a:31) diz que além do governo acusar os membros do Partido Republicano Federal de “cúmplices do hediondo crime”, passam a acusar todos os inimigos do governo de “jacobinos”. Deste modo ele diz que “Todas essas acusações contra os patriotas, murmuradas no recesso das palestras íntimas, difundidas com habilidade pela imprensa amiga do governo, abalavam o espírito público, e o predispunham ainda mais contra os ‘jacobinos’, qualificativo applicado a todos os opposicionistas indistinctamente, – creando-se em torno d’elles uma atmosphera de antipathias e ódios”. Sueli Queiroz (1986:17) diz que “jacobinos e jacobinismo são expressões correntes na crônica da Primeira República desde a sua implantação. Já no início do Governo Provisório os jornais chamavam de ‘jacobino feroz’ o redator de boletins afixados nos muros do Rio de Janeiro conclamando os revolucionários de 1889 a derrubarem ‘a ditadura’, na qual ‘os ministros esbanjam

Este derradeiro fôlego literário, além de revelar uma extraordinária capacidade de superação, por tudo o que passou na prisão, indica também que Santa-Anna Nery necessitava de rendimentos. E por mais que sua esposa solicitasse aos homens influentes do país um cargo público para o marido – “para o ver independente, isto é, poder deixar o jornalismo”⁶² – há pelo menos sete anos, o barão continuava à mercê de suas penas, uma vez que seus negócios na Europa fracassaram com sua longa incomunicabilidade⁶³.

Isso ajuda a entendermos as cartas da viúva de Santa-Anna Nery ao barão do Rio Branco, ao Alcindo Guanabara, ao Ruy Barbosa, ao José Carlos Rodrigues, ao presidente Rodrigues Alves e, certamente, a outros homens do cenário político brasileiro, revelando que, nos últimos anos de vida, o barão de Santa-Anna Nery já havia hipotecado muitos de seus bens para viver. Além dos protestos, vimos noticiado seu envolvimento em negócios escusos, como lemos no jornal *Le messenger de Bruxelles* de 1º de janeiro de 1901, na seção de *Tribunais*:

La 6^e chambre du tribunal correctionnel, présidée par M.J. Leclercq, a rendu ce matin son jugement a duré une heure.
Tous les prévenus ont été condamnés. Nous avons jadis spécifié les preventions. Rappelons d'une façon générale que les étaient poursuivis pour infraction à la loi sur les sociétés (art 132 sur les versement fictifs) et du chef escroquerie.
Le tribunal admet pour le baron de Santa-Anna Nery des circonstances atténuantes résultant de ce qu'il a tâché d'atténuer les pertes subies par la société. De même pour Van Maenen dont la sincérité s'est affirmé au cours de l'instruction et qui a quitté la Société quand il s'est aperçu de ce qu'il y avait d'irregulier dans cette affaire.
Chacun de ces prévenues est condamné à 3 mois et 1.000 francs conditionnellement.

Achamos improvável que Santa-Anna Nery tenha ficado recluso por três meses em Bruxelas, pois no primeiro semestre de 1901 ele já era visto em Manaus para inauguração do “Instituto Afonso Pena” (Bittencourt, 1973:451). Pouco tempo antes de sua morte, ele havia acabado de chegar da Amazônia, onde parecia contar tanto com o governo do Amazonas, de seu irmão Silvério Nery, como com o governo do estado do Pará, de seu amigo José Paes de

escandalosamente os cofres públicos e o filhotismo impera desassombrado’. Todavia, é a partir do governo Floriano que farão parte constante do cotidiano político, e até praticamente o final da presidência de Prudente de Moraes repontarão com maior ou menor intensidade na vida nacional, conforme as contingências do processo histórico que lhes dão origem”. A autora complementa que o governo de Floriano, “com a insuspeitada energia de que dá mostras o marechal, suas atitudes nacionalistas, a firmeza de gestos tornam-no objeto de culto dos jacobinos e estimulam a má vontade para com quem o sucede. Por isso o agravamento das tensões e a busca do confronto direto com o presidente paulista, a culminar com a tentativa de sua eliminação física”.

⁶² Conforme epígrafe deste tópico.

⁶³ Deste modo ele se expressa em diversas passagens de seu livro autobiográfico, justificando com sua prisão seu declínio econômico.

Carvalho⁶⁴. Quer dizer, ao final de sua vida, restara ao propagandista apenas a Amazônia para ser divulgada dentro e fora do Brasil. O barão de Santa-Anna Nery (1898b; 1899 e 1900b) insistira em seu argumento antigo, uma vez que o problema da escassez da mão de obra se mantém para a região, de que era possível prosperar uma sociedade “civilizada” na “zona tórrida” da América – a Amazônia.

Antes da realização desses textos sobre a Amazônia e mesmo de sua prisão, o barão de Santa-Anna Nery havia visitado um antigo colaborador do *Le Brésil en 1889*, Amaro Cavalcanti, para lhe propor a realização de outra obra colaborativa sobre o Brasil para a Exposição de Paris de 1900, denominada *Le Brésil en 1900*. Amaro Cavalcanti, então ministro da Justiça do governo de Prudente de Moraes, teria elogiado a iniciativa “patriótica” do barão de Santa-Anna Nery (1898a:2) e lhe adiantado que o governo poderia até financiar o projeto do livro. Entretanto, poucos meses depois, o próprio ministro mandou prendê-lo, além de dificultar bastante sua soltura durante a análise da ordem de *habeas corpus* pelo Supremo Tribunal Federal.

Definitivamente o barão de Santa-Anna Nery não podia mais contar com os homens que governavam o país, ao contrário, pois Prudente de Moraes fizera o seu sucessor. Campos Sales (1898-1902) vencera Lauro Sodré, antigo governador do Pará, representante do Partido Republicano Federal. Partido que se esfacelara gradativamente após o atentado, juntamente com o chamado “jacobinismo”. A figura de Santa-Anna Nery, em nível nacional, não escapou deste processo. Não só fora preso *como um cão* – para usar agora expressão kafkiana – pelos próceres do novo regime, como assistiu, do dia para noite, ou melhor, do Império para a República, o desvanecer de suas memórias: patrióticas ou antipatrióticas.

⁶⁴ A obra *O Pará em 1900*, por exemplo, é fruto da subvenção do governo de Paes de Carvalho. Paes de Carvalho estava também presente na missa de corpo presente de Santa-Anna Nery, em Paris, no dia 05 de junho de 1901.

Fotografia do monumento dedicado ao barão de Santa-Anna Nery (anônimo)¹

Das negativas

¹Disponível em: < http://www.bv.am.gov.br/portal/conteudo/materiais_especiais/fotos/>. Acessado em 7 de junho de 2010.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não fossem as revelações da baronesa de Santa-Anna Nery e finalizaríamos esta tese como *Brás Cubas*: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria” (Machado de Assis, 1881:209). Porém, temos de concordar com o inventor do emplasto, “destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade”, de que este último tópico é todo de negativas. Se Santa-Anna Nery teve um filho, e pôde transmitir o nosso legado, ele fora legitimado e não criado. Se ele conheceu o casamento, sua viúva careceu de consolação e, sobretudo, rendimentos. Se ele alcançou certa celebridade, colheu inúmeras inimizades. Se ele tornou-se barão, foi antes por coleguismo ao invés de distinção. Se o seu maior sucesso foi como propagandista do Brasil na Europa, o mesmo êxito morrera de forma precoce, juntamente com “Império que lá se foi”.

Lá se foram também as memórias de Santa-Anna Nery, demasiadamente ligadas a um tempo – monárquico e católico – em que os novos dirigentes do país republicano buscavam, sistematicamente, obliterá-las²; sem falar naqueles que pretendiam reabilitá-las, fornecendo às suas memórias ressignificações ilusórias³. Nesses termos, o nosso “defunto autor” recebe nova acepção⁴, aquela do esquecimento, do ocultamento, do sepultamento, não só do homem, mas do autor, tão bem representado na metáfora do monumento dedicado ele, na mesma época peregrinação pensionária de sua viúva.

Parece que o monumento ao barão de Santa-Anna Nery fora instalado originalmente na antiga praça XV de Novembro, em Manaus. Sua inauguração ocorreu na data nacional: o 7 de setembro de 1904⁵. O marco era composto por um busto em bronze, sobre pedestal rochoso, no qual uma mulher (a república?) lhe oferecia um ramalhete de flores. Passados 30 anos, o monumento fora transferido para outra praça – o jardim Jaú –, perdendo o gradil de ferro que lhe fornecia proteção e destaque⁶. Durante a administração do prefeito Jorge Teixeira de Oliveira (1975-1979) houve a destruição de mais uma parte do monumento, restando apenas o busto, em bronze, do barão de Santa-Anna Nery. Em 1991, este busto ainda podia ser visto instalado em uma das laterais dos jardins da Igreja da Matriz. O historiador

² Cf. Francisco Iglésias (1993).

³ Como a proposta por Cascudo (1935-1936) sobre o baronato de Santa-Anna Nery pela Santa-Sé e reproduzido indiscriminadamente por todos os estudiosos que se debruçaram sobre o autor em foco e que buscaram uma explicação sobre o seu baronato.

⁴ Cf. nota 2 do capítulo I.

⁵ Esta informação e as demais sobre o monumento ao barão de Santa-Anna Nery foram retirados de Soares e Filippini (2006) e Duarte (2009:77).

⁶ Deste modo, a fotografia, anônima e sem data, que abre esta conclusão deve ter sido feita no referido jardim Jaú, por volta da década de 1930-1940.

manauara, Mario Ypiranga Monteiro (1990:70), também confirma esta informação, em tom sarcástico, ao dizer que “a glória e a fama pesam demais sobre as consciências medíocres: nunca mais falou-se no monumento projetado ao grande Lobo d’Almada, mas o que se vê nas nossas praças são (afora as homenagens justas) bustos de Floriano Peixoto, de Santa-Anna Nery, de Pedro I, de fulano e de beltrano”. Depois disso, talvez por influência dessas interpretações, o busto de Santa-Anna Nery não fora mais visto pelas ruas de Manaus.

Marcio Souza (1978:17), “vasculhando os entulhos”, chama a atenção para a oficialidade da história do Amazonas⁷, dizendo que a bibliografia é parca e a documentação rara, quando não “saqueada por inescrupulosos que se julgam proprietários do passado. Uma história escrita com a letra minúscula do preconceito e da distorção mentirosa”. Nesses termos, por exemplo, os “representantes” das letras e das ciências na Amazônia – os membros do recém recriado Instituto Histórico e Geográfico do Pará⁸ – tomaram para si, após alguns debates, a missão de estabelecer uma *galeria histórica* da Amazônia. Dentre as questões postas para realização desta, tínhamos: quem lembrar? Quem esquecer? E como? “E, aí, os critérios foram os mais variados. O único consenso era que deveria ser um vulto de proporções significativas, senão para o país como um todo, mas, para o norte e para o Pará, em particular” (Figueiredo, 2006:547). Deste modo, foram escolhidos “70 personagens ilustres” e apresentados no salão nobre do Teatro da Paz, em 1918. Segundo um dos membros do Instituto, durante a apresentação desses “quadros preciosos”, o mesmo lembra que eles foram “arrancados ao pó dos gabinetes particulares onde jaziam (...) pelo gesto de patriotismo (...) e rasgo de civismo” (José Eustachio de Azevedo *apud* Figueiredo, 2006:548). Assim foram elencados o barão do Rio Branco, José Veríssimo, barão de Marajó, D. Macedo Costa, apenas para mencionar alguns citados ao longo desta pesquisa⁹. O paraense barão de Santa-Anna Nery não fazia parte deste seletto grupo – *a galeria histórica da Amazônia* –, pois certamente sua imagem deveria estar demasiadamente ligada tanto à monarquia, como, contraditoriamente, ao “jacobinismo” dos últimos anos do século XIX no Brasil. Movimentos que os representantes deste instituto buscavam ocultar¹⁰.

Se na própria Amazônia – que ele tanto havia ajudado a difundir no Brasil e na Europa – Santa-Anna Nery havia ficado de fora, não seria surpreendente também a sua exclusão da

⁷ Souza (*ibidem*) “A história do Amazonas é a mais oficial, a mais deformada, encravada na mais retrógrada e superficial tradição oficializante da historiografia brasileira”.

⁸ O Instituto Histórico e Geográfico do Pará foi idealizado, originariamente, em 1900, em razão das comemorações do quarto centenário da descoberta do Brasil. Entretanto, não se perpetuou. Somente em 1917 o instituto foi constituído.

⁹ A lista completa pode ser conferida em Figueiredo, 2006.

¹⁰ Nesse sentido, é exemplar a escolha do barão de Marajó, sendo considerado “como um homem muito à frente de seu tempo, que pouco tinha a ver com o mundo imperial” (Figueiredo, 2006:550).

memória coletiva¹¹. Sua vasta obra permanece rara e desconhecida no Brasil. Parcos foram os autores que se empenharam nesta empresa, e mesmo quando o fizeram se restringiram a duas ou três obras de Santa-Anna Nery, desenvolvendo análises internalistas que colaboraram, muitas vezes, com a consolidação de significativas ilusões biográficas, algumas, revistas ao longo do texto.

Ao viver e participar da transição entre o “princípio da nacionalidade” e da “ideia nacional”, Santa-Anna Nery representou esses “intelectuais pequeno-burgueses” (Chauí, 2000) que transformaram o “patriotismo” em nacionalismo quando forneceram à “consciência nacional”, encarnado na língua, na religião, no folclore, na raça, no território, os critérios da definição de nacionalidade. Auxiliando, e muito, com a divulgação e consolidação da “latinização” da nação e do território brasileiro¹². Construção ideológica ainda vigente, se pensarmos na naturalidade do topônimo América Latina, relacionado – inocente e frequentemente – a critérios puramente linguísticos.

O propagandista Santa-Anna Nery, por meio do apostolado pátrio, cumpria a sua missão, especialmente, durante os últimos anos da monarquia, quando contou com a colaboração de um grupo bastante íntimo da família imperial. Já para o período republicano, restam ainda muitas lacunas sobre a atuação política de Santa-Anna Nery, que iluminariam bastante os primeiros anos – ainda nebulosos – da Primeira República. Deste modo, subsistem algumas questões que poderiam auxiliar na elucidação deste seu gradativo esquecimento, além de sua estreita ligação com a antiga monarquia: como sua participação numa possível Restauração do Império; o seu envolvimento com o governo de Floriano Peixoto (e a revolta da Armada), chegando, supostamente, a um dos cargos mais altos – “Delegado geral do Brasil na Europa” – da diplomacia brasileira na Europa; sua prisão em razão do atentado contra

¹¹ Nora (1997), de certo modo dialogando com a ideia de Maurice Halbwachs (expresso na nota 22 da introdução), diz em seu texto, *entre Mémoire et Histoire*, que memória e história “loin d’être synonymes (...). La mémoire est la vie, toujours portée par des groupes vivants et à ce titre, elle est en évolution permanente, ouverte à la dialectique du souvenir et de l’amnésie, inconsciente de ses déformations successives, vulnérables à toutes les utilisations et manipulations, susceptible de longues latences et de soudaines revitalisations. L’histoire est la reconstruction toujours problématiques et incomplète de ce qui n’est plus. (...)”. Nessas termos, percebemos que grande parte daqueles que escreveram sobre Santa-Anna Nery usaram como base suas memórias – “vulnérables à toutes les utilisations et manipulations” –, como vimos no primeiro capítulo. Já a história, “reconstruction toujours problématiques et incomplète”, foi o que ensaiamos realizar nessas linhas.

¹² No último projeto idealizado por Santa-Anna Nery (1905b) para uma Exposição universal, a de Paris em 1900, ele diz que “la Société l’Union-Latine cherche, depuis plusieurs années, à grouper dans ce grand Paris cosmopolite, tous les enfants du Monde Latin, pour leur inspirer le désir de rendre plus étroits les liens qui unissent à la France les membres de la grande famille latine. Elle s’est demandée, à l’occasion de l’Exposition Universelle de 1900, si elle ne pouvait pas y apporter un élément nouveau, en servant ainsi, à la fois, et les intérêts français et les intérêts de chacun des Etats Latins des Deux Mondes”. O Brasil Republicano auxiliara esses entusiastas da ideia latina para a América, uma vez que agora, América Latina era sinônimo de “Estados Republicanos no Novo Mundo”. Neste projeto, Santa-Anna Nery defende ainda para esta exposição um pavilhão destinado a mostrar « a História da Exposição Latina no Novo Mundo”.

Prudente de Moraes; assim como suas relações na Amazônia, tanto com seus meios-irmãos, quanto com os inimigos políticos deles no Pará, o que revela uma grande capacidade política do personagem em cena, que certamente lhe custou caro.

O seu papel de propagandista do “Brasil” na Europa, revelando ao Velho Mundo informações pré-estabelecidas por seus grupos de interesses (sobretudo monárquicos), também colaborou negativamente para a consolidação de seu esquecimento e sua reabilitação distorcida na aurora do Estado Novo. Do ponto de vista de suas impressões sobre o Brasil, prevaleceram em suas divulgações aquelas de “camoniana memória”, lhe garantindo aproximações com a “mãe-pátria” (tão bem expressas em seu baronato) e repulsas por parte daqueles que governaram o Brasil após a proclamação da República. Pois o temor da restauração não deixou de existir nesses primeiros anos do novo governo. Curiosamente, este suposto retorno da monarquia, apoiado por Portugal e portugueses no Brasil, foi largamente dimensionado pelo “jacobinismo”, que contraditoriamente o barão de Santa-Anna Nery também fora acusado, lhe garantindo, indiretamente, quase cinco meses de encilhamento. Nesse sentido, temos dupla munição ideológica – monarquista e jacobino – contra a perpetuação de suas memórias, também manifesta na provável censura de sua obra – *De Pariz a Fernando de Noronha* – autobiográfica. Ainda no campo de seu esquecimento, a nosso ver, a divulgação póstuma de seu baronato, como sendo concessão do papa Leão XIII, encerra esta tríade ideológica negativa, uma vez que o Brasil republicano fora concebido por políticos, na complexidade de suas múltiplas tendências, críticos à influência da religião nos destinos da nação, haja vista a laicidade da primeira Constituição Federal do Brasil.

Naturalmente ainda restam inúmeras brechas a serem investigadas e preenchidas. Coadunamos, assim, com a tese de François Dosse (2005:302): o enigma biográfico sobrevive à pesquisa biográfica, ele fica aberto a outras leituras posteriores, “a ferida aberta pelo esforço individual não pode jamais ser cicatrizada”, o que nos remete aos nossos limites de pesquisador, ao mesmo tempo em que revela a riqueza infinita deste campo de investigação.

Nesta perspectiva, muita coisa ainda esta por ser feita no que se refere a exumação de personagens – “defuntos autores” – que participaram para a formação do que hoje entendemos por “Brasil” e “brasileiros”. Com o intuito de contribuir para este processo, doamos ao IEB-USP, onde iniciamos esta pesquisa¹³, todas as obras de Santa-Anna Nery coletadas (e

¹³ Quando iniciamos os levantamentos das obras de Santa-Anna Nery, achamos surpreendente o IEB conter significativa quantidade de obras de Santa-Anna Nery. Tal estranhamento residia no fato de sempre encontramos referências desse autor à Amazônia e pouco sobre o Brasil. Depois, ao buscarmos as origens das obras de Santa-Anna Nery no IEB, descobrimos que a maior parte pertencera à brasileira de Yan de Almeida Prado (chegamos a pensar que havia alguma relação de parentesco entre Eduardo Prado e Yan de Almeida Prado que justificasse a

repatriadas) – digitalmente – em bibliotecas e instituições de pesquisas da Europa. Esperamos, assim, estimular novos pesquisadores a adentrarem neste universo neryano. Sem esquecer-nos da ressalva de que não se sai imune após passar alguns anos com um personagem¹⁴.

guarda dessas obras, mas descobrimos que não). Brasileira que possibilitou a criação desse instituto graças a solicitação de Astrogildo Rodrigues de Mello, Eduardo d'Oliveira França, Eurípides Simões de Paula e Sérgio Buarque de Holanda; professores da USP em carta ao reitor de 30 de Abril de 1962.

¹⁴ Le Goff (*apud* Dossel:2005:309) diz, concluindo, em sua biografia sobre São Luiz que “on ne vit pas impunément plus de dix ans avec un personnage, fût-il mort depuis sept siècles.” Salvo o contexto que Le Goff escreveu isso (ele fala do distanciamento que se deve ter do sujeito pelo historiador, que pode-lhe conduzir a viver em empatia com o personagem biografado), preferimos a imunidade perante a impunidade.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes primárias

Publicações de Santa-Anna Nery¹

AMÉRICAIN, Un Catholique (pseudônimo). *Les Finances Pontificales*. Florence: Imprimerie Royale, 1871. 28 p.

NERY, Frederico José (Docteur en droit). *La logique du coeur*: esquisses philosophiques avec une lettre du R. P. Hyacinthe à l'Auteur. Rome: Imprimerie Salviucci, 1871. 78 p.

G. L. (pseudônimo) *Le prisonnier du Vatican: l'Italie, la France et la Prusse*. Rome: Imprimerie Romaine de C. Bartoli. 1872. 110 p.

NERI, Federico. *Sui pavimenti. Dissertazione*. Napoli: Stamp. Piscopo, 1873².

Vêr, ouvir e contar (folhetim). *Jornal do Commercio*. 1874 a 1891.

SANTA-ANNA NERY, Frederico José de. Rapport sur la constitution des comités nationaux. (Procès-Verbaux, séance du 15 Septembre 1879). *Bulletin de l'Association Littéraire Internationale*. N. 7. Out.-Nov 1879. p. 13-14.

_____. Brésil (Relatório apresentado à comissão de tradução da ALAI no dia 16 de agosto de 1880). *Bulletin de l'Association Littéraire Internationale*. N. 9. Set. 1880. p. 68-73.

_____. Le 7 septembre. *Le Brésil: courrier de l'Amérique du Sud*. 07 set. 1881. p. 1-2.

_____. Le pays du café: Voyage de M. Durand au Brésil (folhetim). *Le Brésil*. 05 out. 1881-05 jun. 1882a.

_____. *Le pays du café: Voyage de M. Durand au Brésil*. Préface par Frederico-J. de Santa-Anna Nery. 1. vol. Paris, Rio de Janeiro: Livraria contemporanea de Faro e Lino, 1882b.

_____. *La question du café*. Le café du Brésil au Palais de l'Industrie. (Concours agricole, janvier 1883) par l'auteur du livre Le Pays du Café. Paris, Guilaumin, 1883a, in-8°, 67 p.

¹ Elencamos neste tópico apenas as publicações de Santa-Anna Nery, entre livros, alguns artigos e relatórios, que pudemos aferir a sua existência. Deixando de lado uma série de publicações descritas, por seus biógrafos e outros que o reproduziram, e que não conseguimos comprovação. A única exceção refere-se à nota abaixo.

² Em nossas pesquisas, tanto pelos catálogos digitais, como *in loco* na Itália, encontramos referência a esta tese de doutorado, que há a coincidência de ter o mesmo nome de Santa-Anna Nery, só que italianizado: Federico Neri. Como temos a notícia de que ele realizou sua tese na Itália, o mais próximo que encontramos foi este trabalho. Entretanto, não conseguimos acessá-lo, pois a biblioteca (Biblioteca provinciale Scipione e Giulio Capone - Avellino – AV) em que diz contar a obra, não respondeu aos nossos e-mails. Fica a observação para uma próxima pesquisa.

_____. Les aborigènes du Brésil (à propos de l'exposition d'anthropologie brésilienne de Rio-de-Janeiro). *Revue du Monde Latin*. t.1. set.-dez. 1883b. p. 68-97.

_____. L'Empire du Brésil (parte 1). *Revue du Monde Latin*. t.1. set.-dez. 1883c. p. 355-368.

_____. Devant la statue d'Alexandre Dumas (en cinq langues). *Revue du Monde Latin*. t.1. set.-dez. 1883d. p. 377-383.

_____. Molière au Portugal. *Revue du Monde Latin*. t.1. set.-dez. 1883e. p. 453-466.

_____. *Salon de 1883. Combat naval de Riachuelo, tableau militaire de Victor Meirelles*. Notes par F. J. De Santa-Anna Nery. Paris: C. Marpon et E. Flammarion, 1883f. in-8°, 24 p.

_____. Le pays des Amazones. *RSA*. 1883 a 1884.

_____. L'Empire du Brésil (parte 2). *Revue du Monde Latin*. t.2. jan.-abr. 1884a. p. 90-101

_____. Le commerce de Rio-de-Janeiro en 1883. *Revue du Monde Latin*. t.2. jan.-abr. 1884b. p. 208-225.

_____. L'Amazonie [parte 1]. *Revue du Monde Latin*. t.2. jan.-abr. 1884c. p. 461-471.

_____. L'Amazonie [parte 2]. *Revue du Monde Latin*. t.3. mai-ago. 1884d. p. 278-291

_____. La instrucción pública en el Brasil. *La Revista Pedagógica*. Ano: 2 Número: 46, Buenos Aires: 1884e. p. 505-507.

_____. L'instruction publique au Brésil. *Revue Pédagogique*. nº9, t. V, juil-déc. Paris, 1884f. Pp. 204-224.

_____. *Um homem de letras, o conselheiro Antonio Pereira Pinto*. Paris: Frinzine. 1884g. 32p.

_____. *L'Italia al Brasile, lettera a un deputato del Parlamento italiano*. Parigi: Balitout, Questroy e Cie, 1884h.

_____. La Revue du Monde Latin. *Revue du Monde Latin*. Paris, t.7, set.-dez de 1885a. p. 405-408

_____. "O terreno contestado entre a França e o Brasil e a missão Coudreau". *Jornal do Commercio* em 25 de maio de 1885b. Rio de Janeiro.

_____. *Le pays des Amazones: l'El-Dorado, les terres à caoutchouc*. Paris: Librairie Guillaumin, 1885c. 420p.

_____. Le territoire contesté de la Guyane. *La gazette géographique et l'exploration*. T. XXI. 1º Sem. 1886a. p.25-30.

_____. Préface. In: *La France Equinoxiale: études sur les Guyanes et l'Amazonie*. 2 vols. Paris: Challamel Ainé 1886b.

_____. Politique et diplomatie. *Revue du Monde Latin*. t. 9. mai.-ago. 1886c. p. 234-238.

_____. L'Éveil Économique de l'Amazone. *Revue du Monde Latin*. t. 9. mai.-ago. 1886d. p. 416-422.

_____. Les hommes du Monde Latin: Mendes Leal. *Revue du Monde Latin*. t. 10. set.-dez. 1886e. p. 98-102.

_____. L'Amérique Latine et les États-Unis de l'Amérique du Nord. *Revue du Monde Latin*. t. 10. set.-dez. 1886f. p. 300-317.

_____. Livres et revues (Cartes commerciales: Brésil: 1° Bassin de l'Amazone. *Revue du Monde Latin*. t. 10. set.-dez. 1886g. p. 373-374.

_____. La France Équinoxiale (préface). *Revue du Monde Latin*. t. 10. set.-dez. 1886h. p. 456-461.

_____. Livres et revues (Jeanne d'Arc sur les autels et la régénérations de la France). *Revue du Monde Latin*. t. 11. set.-dez. 1886i. p. 122.

_____. Livres et revues (Du catholicisme dans l'Education). *Revue du Monde Latin*. t. 11. set.-dez. 1886j. p. 122-123.

_____. La société internationale d'études brésiliennes. *Revue du Monde Latin*. t. 13. set.-dez. 1887a. p. 908-915.

_____. La place de Para. *Revue du Monde Latin*. t. 13. set.-dez. 1887b. p. 962-973.

_____. O povoamento do Amazonas. *Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*. Tomo III. Rio de Janeiro, 1887c. p. 193-207.

_____. *Le Brésil Économique*. Paris: Aux Bureaux de la France Commerciale, 1888b.

_____. *L'Emigrazione italiana ed il nuovo disegno di legge, lettera all' onorevole sig. Rocco de Zerbi, direttore del "Piccolo"*. Parigi: ufficio della Revue du monde latin, 1888c.

_____. *Folk-lore brésilien : poésie populaire, contes et légendes, fables et mythes, poésie, musique, danses et croyances des Indiens*; accompagné de douze morceaux de musique; préface du prince Roland Bonaparte. Paris: Perrin, 1889a. 272p.

_____. *Guide de l'emigrant au Brésil*. Paris: Charles Delagrave, 1889b. 176p.

_____. (Org.) *Le Brésil en 1889*, avec une carte de l'empire en chromolithographie, des tableaux statistiques, des graphiques et cartes. Paris: Charles Delagrave, 1889c.

_____. Le Brésil actuel (introduction). In Santa-Anna Nery *Le Brésil en 1889*. Paris: Charles Delagrave, 1889d.

_____. Notions Générales: situation, limites, superficies (Chapitre I). In Santa-Anna Nery *Le Brésil en 1889*. Paris: Charles Delagrave, 1889e.

_____. Travail servile et travail libre (Chapitre VII). In Santa-Anna Nery. *Le Brésil en 1889*. Paris: Charles Delagrave, 1889f.

_____. Commerce et navigation (Chapitre XIV). In Santa-Anna Nery. *Le Brésil en 1889*. Paris: Charles Delagrave, 1889g.

_____. Postes et téléphones (Chapitre XV). In Santa-Anna Nery. *Le Brésil en 1889*. Paris: Charles Delagrave, 1889h.

_____. Littérature (Chapitre XX). In Santa-Anna Nery. *Le Brésil en 1889*. Paris: Charles Delagrave, 1889i.

_____. Propriété industrielle et littéraire (Chapitre XXII). In Santa-Anna Nery. *Le Brésil en 1889*. Paris: Charles Delagrave, 1889j.

_____. *Rapport présenté au Syndicat Franco-Brazilien*, pour l'Exposition Universelle de Paris de 1889. In 4o. Paris, 1889k.

_____. *Notice sur la Section Brésilienne* à l'Exposition Universelle de 1889 (avec une notice sur les matières premières du Brésil). Paris: Syndicat franco-brésilien, 1889l. 250 p.

SANTA-ANNA NERY, Frederico José de; SABOIA, le baron; CRULS, L.; e TEFFÉ, le contre-amiral baron de, "Instruction publique (Chapitre XIX)". In Santa-Anna Nery *Le Brésil en 1889*. Paris: Charles Delagrave, 1889.

SANTA-ANNA NERY Frederico José de. *Aux États-Unis du Brésil. Voyage de M.T. Durand*. (Avec illustrations). Paris: Librairie Ch. Delagrave, s/d [1890]. 340p.

_____. O terreno contestado entre a França e o Brasil e a missão Coudreau. *Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*. Tomo VII. Rio de Janeiro, 1891. p.193-216.

_____. *L'emigration et l'immigration pendant les dernières années*. Comunicação feita ao primeiro congresso geográfico italiano, realizado em Gênova de 18 a 25 de setembro de 1892. Paris: Guillaumin, 1892.

_____. Rio de Janeiro. In *Les Capitales du Monde*. Paris: Administration de l'Univers Illustré, 1896. p. 467-482.

SANTA-ANNA NERY, Barão de. *De Pariz a Fernando de Noronha*: Jornal de um degredado. Lisboa: Imprensa de Libanio da Silva, 1898a. 264p.

_____. Les Indiens et le peuplement de l'Amérique chaude. Extraído do *Journal de la Société des Américanistes de Paris*. Paris: Hôtel des Sociétés savantes, 1898b.

_____. Discurso do Barão de Sant'Anna Nery na sessão em homenagem a Vasco da Gama. *RIHGB*. T. 61, pt. 2, v. 98, 1898c. p. 628-631.

_____. *Le pays des Amazones: l'El-Dorado, les terres à caoutchouc*. Orné de nombreuses et d'une carte explicative. Paris: Librairie Guillaumin et Cie. 1899. 420 p.

_____. *Il paese delle Amazzoni: l'el-dorado, le terre del caoutchouc*. (trad.). Genova: Stabilimento Tipografico Genovese L.A. Campodonico, 1900a. 419 p.

_____. Bibliografia Científica sobre o Amazonas – Impressões e juízos dos principaes exploradores. In PARÁ, Governo do Estado do. *O Pará em 1900*. Publicação comemorativa feita pelo Governo do Estado pelos Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil. Pará: Imprensa de Alfredo Augusto Silva, 1900b. 293 p.

_____. *The land of the Amazons*. (trad.) George Humphery. London: Sands & CO. 1901. 464 p.

_____. *Saint Antoine de Lisbonne auto mystere: Acte dramatique en deux parties et trois tableaux*. Esquisse biographique sur l'auteur, sa vie, ses missions, ses oeuvres. Prefácio de A. de Faria. Livourne: Typ. R. Giusti, 1905a. 43 p.

_____. Rapport sur un Projet de Représentation de l'Amérique Latine à l'Exposition Universelle de 1900. p. 33-37. In SANTA-ANNA NERY, Barão de. *Saint Antoine de lisbonne auto mystere: Acte dramatique en deux parties et trois tableaux*. Esquisse biographique sur l'auteur, sa vie, ses missions, ses oeuvres. Prefácio de A. de Faria. Livourne: Typ. R. Giusti, 1905b. 43 p.

_____. *O País das Amazonas*. (trad.) Ana Mazur Spira. São Paulo: Edusp, 1979. 258p.

_____. *Folclore Brasileiro*. (trad.) Vicente Salles. Recife: Massangana, 1992.

Manuscritos e periódicos

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

PROCESSOS

Filiação de Antonio de Portugal Faria como membro correspondente.

Filiação de Eduardo da Silva Prado como membro correspondente.

Filiação de Frederico José de Santa-Anna Nery como membro correspondente.

SEÇÃO DE PERIÓDICOS

Revista de Portugal

ARCHIVES DIPLOMATIQUES DU MINISTÈRE DES AFFAIRES ÉTRANGÈRES ET EUROPÉENNES

SEÇÃO DE PERIÓDICOS

Revue du Monde Latin

ARCHIVE NATIONALE

FUNDO

F/17 Instruction Publique. Palmes académiques: dossiers individuels (XIXe-XXe siècles).

F/17/40292 Demande de distinction honrifique (M. de Sá Valle).

F17/4705 à 6570. Collection des certificats d'aptitude aux grades universitaires. 1809-1905.

ARCHIVUM SECRETUM VATICANUM

SEGRETERIA DEI BREVI

Schedario alfabetico

ARCHIVES DE L'ASSISTANCE PUBLIQUE-HÔPITAUX DE PARIS - AAP-HP

REGISTROS

Beaujon (Ancien)

Registres des entrées 1Q2/147

Registre de Décès 3Q2/76

Registre de Destination des Corps 3Q4/72

Actes de Décès – 8^e arrondissement – 03/06/1901 – V4E8780

ARQUIVO HISTÓRICO DO ITAMARATY

CORRESPONDÊNCIAS

José Maria da Silva Paranhos – Barão do Rio Branco

Frederico José de Santa-Anna Nery – Barão de Santa-Anna Nery

Anne Louis – Baronesa de Santa-Anna Nery

Henri Coudreau

Olga Coudreau

ARQUIVO HISTÓRICO DO MUSEU IMPERIAL

FUNDOS

I-DPP-25.01.1882-Abr.c 1-7 (Cartas de Marcos Antônio de Araújo e Abreu, 2º barão de Itajubá, a João Lustosa da Cunha Paranaguá, marquês de Paranaguá).

I-DPP-09.12.1882-Ner.c

I-DPP-09.05.1885-Ner.c

I-Doação Leitão da Cunha (DLC) - 03.11.1888

Maço 189 - Doc. 8562 (Carta de Santa Ana Nery ao conde d'Eu).
Registro de Prêso (Petrópolis) – 1/07/1899 a 12/02/1904
Diários de Pedro II

ARQUIVO NACIONAL

FUNDO/COLEÇÃO

Supremo Tribunal Federal BR.AN.RIO BV.0. HCO 313

Série: Habeas Corpus

Conteúdo: Pacientes: João Cordeiro, Alcindo Guanabara, Alexandre José Barbosa Lima, Thomas Cavalcante de Albuquerque, Frederico José de Santa-Anna Nery.

Impetrante: Ruy Barbosa.

Série Justiça II j7 84

Conteúdo: ocorrências sobre presos do presídio e colônia agrícola de Fernando de Noronha (1884-1901). Livro 273.

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO

FUNDO

Ministério do Reino, Decretos: março de 1882 (extraviados); abril de 1891; 22 de fevereiro de 1891.

Ministério do Reino, Maço 2283, Processo 175 (1882).

Ministerio do Reino. Liv. 917 – Ordens Militares de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1870 a 1893.

Registro Geral de Mercês de D. Carlos I, livro 1.

Títulos de barão, visconde, conde, Marquez e duque (Livros 931,932, 933).

BIBLIOTECA DO MUSEU IMPERIAL

SEÇÃO DE PERIÓDICOS

Revista Ilustrada

Jornal do Commercio

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL

SEÇÃO DE PERIÓDICOS

O Século

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Revista Ilustrada

O Besouro

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE

SEÇÃO DE PERIÓDICOS

L'Événement

L'Economiste français

L'Amérique (bibliothèque d'Arsenal)

Le Brésil: courrier de l'Amérique du Sud (bibliothèque d'Arsenal)

L'Amérique du Sud (bibliothèque d'Arsenal)

Bulletin de l'Association Littéraire Internationale

Revue Sud-Américaine (bibliothèque d'Arsenal)

BIBLIOTHÈQUE SAINTE-GENEVIÈVE

CORRESPONDÊNCIAS

Ferdinand Denis

SEÇÃO DE PERIÓDICOS

Revue du Monde Latin

BIBLIOTHÈQUE SAINTE-BARBE

SEÇÃO DE PERIÓDICOS

Revue du Monde Latin

BIBLIOTHÈQUE DU MUSÉUM NATIONAL D'HISTOIRE NATURELLE

CORRESPONDÊNCIA

Dr Ernest-Théodore Hamy (Ms 2254-2257)

CASA DE RUI BARBOSA

CORRESPONDÊNCIA (Entre Ruy Barbosa e a família Nery)

RB-RBCRUPF 1041/2. 29-11-1893; 11-12-1903

CR1041/2(1) 29-11-1893

CR1041/2(2) NÉRI, Frederico José de Santana, Sra.

RB-RBCRUPF 1044. 10-01-1901 A 13-08-1918

CRE 2/1 (13) 16/11/1889 – 13

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

SEÇÃO DE PERIÓDICOS

Jornal do Commercio

Correio Paulistano

Novo e Completo Indice Chronologico da Historia do Brasil (1842 a 1889)

O Liberal do Pará - orgao do Partido Liberal

A Imigração: orgão da Sociedade Central de Imigração

Commercio do Amazonas

Gazeta de Notícias

A Illustração

Diário de Belém

HEMEROTECA MUNICIPAL (Lisboa)

SEÇÃO DE PERIÓDICOS

Diário de Notícias

Diário Ilustrado

INSTITUT CATHOLIQUE

SEÇÃO DE PERIÓDICOS

Revue du Monde Latin

INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS

CORRESPONDÊNCIA

Carta ao Exmo. Snr. Prof. Dr. Antonio Barros de Ulhôa Cintra, Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo por Astrogildo Rodrigues de Mello, Eduardo d'Oliveira França, Euripides Simões de Paula e Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo, 30 de Abril de 1962.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

SEÇÃO DE PERIÓDICOS

Revista do Instituto Histórico e Geográfico brasileiro

Proposto para sócio correspondente (Santa-Anna Nery). Tomo 48, parte 2, vol. 71, 1885. p. 355.

Parecer da Comissão de História sobre obras de Frederico José de Sant'Anna Nery. BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento, 1827-1903; MARQUES, César Augusto, 1826-1900. T. 48, pt. 2, v. 71, 1885. p. 365-367.

Membro correspondente (Santa-Anna Nery). T 48, pt 2, v. 71, 1885, p.395.

Posse do Barão de Sant'Anna Nery: discurso. CASTRO, Olegário Herculano de Aquino e, 1820-1906. T. 54, pt. 2, v. 84, 1891. p. 298-299

CORRESPONDÊNCIAS

Cartas de F. J. Santa-Anna Nery a F. A. de Menezes Doria (Coleção Loreto, Lata 173 – Doc. 2).

Carta de A. Willoughby de Santa Anna Nery a Dom Antonio de Macedo Costa (Lata 412/ Pasta 122).

MUSÉE CARNAVALET: HISTOIRE DE PARIS

COLEÇÃO PERMANENTE

DIDIER, Jules e GUIAUD, Jacques. *Départ de Gambetta sur le ballon l'“Armand-Barbés”*, 7 octobre 1870. Óleo sobre tela, 1914. Número de inventário: p. 1225.

MUSEO CENTRALE DEL RISORGIMENTO

EXPOSIÇÃO PERMANENTE

L'unità d'Italia

MUSEU REPUBLICANO

FUNDO PRUDENTE DE MORAIS

17 Série: dossiê “o Atentado de 1897”.

Conteúdo: Esta série contém documentação referente ao Atentado ocorrido em 05-11-1897 com Prudente de Moraes onde faleceu o Ministro da Guerra Machado Bittencourt, volume encadernado com recortes de jornal e relação de pessoas presentes à missa pela vida de Prudente de Moraes.

SÉMINAIRE SAINT-SULPICE (Paris)

SEÇÃO DE MANUSCRITOS

Registre des ordinations (1850-1875).

Registre des notes, manuscrit 1117 (1830-1866).

Registre des notes, manuscrit 1118 (1867-1890).

ROYAL SOCIETY GEOGRAPHY

SEÇÃO DE PERIÓDICOS

General index

SEÇÃO DE MANUSCRITOS

Year book and record 1899

General index to the fourteen volumes of the proceedings of the royal geographical society. New series, 1879-1892. London: the Royal Geographical Society, 1896.

General index to the first twenty volumes of the geographical journal. 1893-1902. London: the Royal Geographical Society, 1906.

Royal Geographical Society. Year book and record 1899 (Second year of publication 1900). London: 1, Savile Row, w 1900.

Livros, artigos e relatórios

***. Le conflit religieux de 1872 au Brésil. *Revue du Monde Latin*. t.1. set.-dez. 1883. p. 141-165 e 269-291.

***. Encore “le Procès des évêques” au Brésil, un point de fait. *Revue du Monde Latin*. t. 14. jan.-abr. 1888. p. 314-333.

Abolition de l’Esclavage au Brésil: loi du 13 mai 1888. Paris: G. Chamerot, 1889. 146 p.

ABREU, J. C. da Gama. (Barão de Marajó), *As Regiões Amazônicas: estudos chorographico dos Estados do Gram-Pará e Amazonas*. Lisboa, Impressão de Libânio da Silva, 1895.

AGASSIZ, L. & Agassiz, E.C., *Journey in Brazil*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1985 [1865].

Allocution de M. Victor Hugo. *Bulletin de l’Association Littéraire Internationale*. N. 2. Jan.-fev. 1879. p. 1-2.

ALMIRALL, Dom Valentin. L’idée latine et les renaissances régionales (traduzido do espanhol). *Bulletin de RML*. t. 5. jan.-abr. 1885. p. 171-189.

ALTER, Chronicas Fluminenses. *Revista Ilustrada*. Anno 5, nº 226. Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1880. p.2

AMAZONAS, Governo do Estado do, *Album do Amazonas 1901-1902* (no governo de sua Exa. Snr. Dr. Silverio Nery) Fotografias de F. A. Fidanza. Manáos: Edição F. A. Fidanza, 1901.

Assembléia Provincial sessão de 24 de novembro. *O Liberal do Pará*. 26 nov. 1887:2.

Association Littéraire et Artistique Internationale (son histoire, ses travaux, 1878-1889). Paris: Bibliothèque Chacornac, 1889. 395 p.

Association Littéraire et Artistique Internationale. *Bulletin* n. 11. 3ª série. jul. 1900. 291 p.

AZAMBUJA, Sr. conselheiro J. M. de., *Limites do Brazil com as Guyanas Franceza e Ingleza*. 2º v. Rio de Janeiro: Typ. Do *Jornal do Commercio* (de Rodrigues & C.), 1892.

Barão de Sant’ Anna Nery. *Diario Illustrado*. Lisboa, 16 jun. 1901.

BARBOSA, Rui. Introdução. In BARBOSA, Rui. *Obras completas - A questão religiosa: o Papa e o Concílio*. Vol. IV, Tomo I. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Fundação Casa de Rui Barbosa, [1877] 1977.

BARBOSA, Rui. *Obras completas – Trabalhos jurídicos*. Vol. XXV, Tomo IV. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, [1898] 1948. Revisão e notas de José Câmara.

BARRAL, Conde de. *Revue du Monde Latin*. t. 11. Jan.-abr. de 1887. p. 1-5.

_____. Aux lecteurs. *Revue du Monde Latin*. t. 15. Maio-Agosto de 1888. p. 1-2.

_____. Politique et diplomatie: Bulletin Mensuel. *RML*. t. 19. set-dez. de 1889. p. 516-529.

BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento e MARQUES, César Augusto, “Parecer da Comissão de História sobre obras de Frederico José de Sant’Anna” Nery. *Revista do IHGB*. T. 48, pt2, v. 71, p.365-367, 1885.

Bulletin de l’association littéraire internationale. n. 6. Ago.-set. 1879.

CAÏCEDO, Torres. Séance solennelle d’inauguration (lundi 20 septembre 1880). *Bulletin de l’Association Littéraire Internationale*. N. 10. Out. 1880. p. 2-12.

_____. *L’Amérique anglo-saxonne et l’Amérique latine*. *RSA*, n. 1, 15 jul. 1882. p. 3-6.

“CANECA”. “O *Despacho*”. Artigos publicados na *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898 (Coleção Prudente de Moraes, Museu Republicano).

CARVALHO, Marques de, *O sonho do Monarcha* poemeta abolicionista. Recife: Typographia industrial, 1886.

CARVALHO, Xavier. Carta de Paris: A morte do barão de Sant’Anna Nery. *O Século*. 09 de jun. 1901a. p. 1.

_____. Carta de Paris: O enterro de Sant’Anna Nery. *O Século*. 14 de jun. 1901b. p. 3.

Catalogue de la bibliothèque Eduardo Prado. São Paulo: Typographia Brasil de Rothschild & Cia, 1916.

Catalogue Officiel. Exposition Universelle de Paris de 1889. Empire du Brésil. Paris: Imprimerie Chaix, 1889.

CHATELAIN, Henri Abraham, *Carte de la Terre Ferme, du Perou, du Bresil, et du Pays des Amazones* dressée sur les mémoires les plus nouveaux & les observations les plus exactes. Amsterdã : Chez Zacharie Châtelain, 1732.

CLAUSSE, Hippolyte. Don Pedro en Europe. *L’Événement*, 05 dez. 1889.

Comité d’honneur. *Bulletin de l’Association Littéraire Internationale*. N. 8. Dez. 1879 – abr. 1880. p. 15.

Como Francisco Picot dirigia de Paris o “Jornal do Commercio”. *Jornal do Commercio*. Edição especial. 1º de outubro de 1927.

Congrès littéraire international de Paris (Compte rendus in extenso et documents). Paris: Aux bureaux de la société des gens de lettres. 1878. 682 p.

Congrès littéraire international de Londres, *Bulletin de l'Association Littéraire Internationale*. n. 5. Jul. 1879. p. 5-14.

CORDEIRO, João, "Apontamentos biográficos de João Cordeiro, escritos por ele próprio." *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, 1945. p. 270-292.

CORTAMBERT, Richard, *Géographie Commerciale et Industrielle des cinq parties du monde*. Ouvrage rédigé conformément aux programmes officiels de 1866 pour l'enseignement secondaire spécial. Paris: Hachette et Cie, 1869.

COSTA, Antônio de Macedo, *Carta pastoral do bispo do Pará*. Biblioteca Nacional, seção de periódicos: *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1874.

COUDREAU, Henri Anatole. *Le territoire contesté entre la France e le Brésil*. Conférence faite à la Société de Géographie de Lille, le 22 novembre 1885. Lille: Imprimerie de L. Danel, 1885. 32p.

_____, *La France Equinoxiale: études sur les Guyanes et l'Amazonie*. Paris: Challamel Ainé 1886a.

_____. *Les Français en Amazonie*. Paris : Librairie d'Éducation nationale e Alcide Picard, 1887. 231p.

_____, "Le contesté franco-brésilien". *Bulletin de la Société de Géographie de Paris*. Tomo XI, 3º trimestre de 1890. 289-309p.

DELAGRAVE, Charles. Au lecteur. In Santa-Anna Nery. *Le Brésil en 1889*. Paris: Charles Delagrave, 1889.

DELLESTABLE, Michel (abbé). *Le prisonnier du Vatican* par L.G. Discours de Grenoble: Réfutation. Rome: Imprimerie de Philippe Cuggiani et Cie. 1872.

D'EU, Conde. Déclarations de comte d'Eu. *L'Amérique*. 17 set. 1889.

DORIA, Franklin (Conselheiro). Les cortès portugaises et l'indépendance du Brésil (1829-1823). *Revue du Monde Latin*. t. 13. set.-dez. 1887. p. 809-826.

Doutor Zepherino Candido. *Brasil-Portugal*, Revista quinzenal ilustrada. Ano III. nº 59. 1 de julho de 1901. p. 174.

Échos et nouvelles. *L'Amérique*. 25 de junho de 1889.

Editorial. *Diario de Notícias*, terça-feira 11 de junho de 1901.

FARIA, Antonio. Esquisse biographique sur l'auteur, sa vie, ses missions, ses oeuvres. In Santa-Anna Nery, barão de. *Saint Antoine de lisbonne auto mystere: Acte dramatique en deux parties et trois tableaux*. Livourne: Typ. R. Giusti, 1905. 43 p.

FLEIUS, Max (2º Secretário), Discurso comunicando o falecimento de José Maria Velho da Silva e Frederico José de Sant-Anna Nery (8.^a Sessão Ordinária em 07 de junho de 1901). *RIHGB*, T. 64, pt. 2, v. 104, p. 203-204, 1901.

FREITAS, Dr. Paula, “O desenvolvimento da raça européa”. *RSGRJ*. Vol. II. 1886.

FROIDEVAUX, Henri. Ethnographie, population, colonisation. *Annales de Géographie*. 1894. p. 24-31.

GAMBETTA, Leon. *Discours prononcé à Grenoble: le 26 septembre 1872*. Paris: Ernest Leroux, 1872. 47p.

GIL, André. *Revista Ilustrada*. Anno 2, nº 72. Rio de Janeiro, 30 de junho de 1877. p. 2.

_____. Sem título. *Revista Ilustrada*. Anno 2, nº 81. Rio de Janeiro, 08 de setembro de 1877. p. 2-3.

GROS, Jules, *Les français en Guyane*. Paris. Librairie d’Education Nationale, 1887.

GUETTARD et MONNET, *Atlas et description minéralogiques de la France*. Paris: M. Monnet. 1780.

Histoire d’un an. *L’Amérique*. 14 de maio de 1889.

HYACINTHE, R. P. Lettre du R. P. Hyacinthe à l’Auteur. In NERY, Frederico José (Docteur en droit). *La logique du coeur: esquisses philosophiques*. Rome: Imprimerie Salviucci, 1871. p. 5-6.

Imigração para o Pará. *A Imigração: órgão da Sociedade Central de Imigração*. Set. 1887. set. 1887

Inauguration des conférences. *Bulletin de l’Association Littéraire Internationale*. N. 7. Out.-nov. 1879. p. 10-11.

JANUS (DÖLINGUER, Johann Joseph Ignaz von). A questão religiosa: o Papa e o Concílio. In BARBOSA, RUI, *OBRAS COMPLETAS*. Vol. IV, Tomo I e II. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Fundação Casa de Rui Barbosa, [1877] 1977. Versão e introdução de Rui Brabosa.

JUNIO. Ricochetes. *Revista Ilustrada*. Anno 4, nº 156. Rio de Janeiro, 05 de abril de 1879. p. 6.

_____. Ricochetes. *Revista Ilustrada*. Anno 4, nº 181. Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1879. p. 7.

JUNIOR, Dominó. Pequenos Echos. *Revista Ilustrada*. Anno 14, nº 571. Capital Federal (Rio de Janeiro), 14 dez. de 1889. p.2-3.

“JUSTUS”, Uma palavra sobre a questão religiosa. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1874.

L’Amérique. *L’Amérique*. 14 maio 1889. p. 2

LERMINA, Jules. Les Congrès. In *Assotiation Littéraire & Artistique Internationale: son histoire – ses travaux* (1878-1889). Paris: Bibliothèque Chacornac, 1889. 369 p.

Les trahisons diplomatiques. – La question romanie. *Revue du Monde Latin*. t.7. set.-dez. 1885. p. 70-80.

LEVASSEUR, Émile, E., *L'étude et l'enseignement de la géographie*. Paris: Delagrave et cie, 1872.

_____, *La Terre* (moins l'Europe). Paris : CH. Delagrave, 1874.

_____. *Le Brésil* (Extrait de la Grande Encyclopédie). Paris: H. Lamirault et Cie, 1889.

_____, *Résumé Historique de l'enseignement de l'économie politique et de la Statisque en France* de 1882 a 1892. Comunicação feita à *Société d'Économie politique* quando do cinquentenário de sua fundação em 05 de novembro de 1892. Paris: Librairie Guillaumin et Cie, 1893.

_____, *L'enseignement Primaire dans Les Pays Civilisés*. Paris: Berger-Levrault & Cie, 1897. 628p.

_____. O Brasil. 1ª edição brasileira. São Paulo: Bom Texto Letras & Expressões, 2000.

L'Empire du Brésil a l'Exposition universelle de Vienne en 1873. Rio de Janeiro Typographie Universelle de E. & H. Lammert, 1873.

L'Empire du Brésil a l'Exposition universelle de 1889. In Santa-Anna Nery. *Le Brésil en 1889*. Paris: Charles Delagrave, 1889.

L'idée latine dans le midi de la France. *Revue du Monde Latin*. t. 1. set.-dez. de 1883. P. 131-132.

LINO, A. de. Echos. *Revista Ilustrada*. Anno 4, nº 183. Rio de Janeiro, 08 de novembro de 1879. P. 6.

LISBOA, Silva. Carta de Paris. *Diario de Notícias*. 11 de junho de 1901.

Liste des donateurs, *Bulletin de l'Association Littéraire Internationale*. N. 9. Set. 1880. p. 16.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. O jornal e o livro (1859). In. *O Jornal e o Livro*. São Paulo: Penguin & Cia das Letras, 2011. p. 44-53.

MONTAGNE, Edouard. *Histoire de la Société des gens de lettres*. Paris, Librairie Mondaïne, 1889. 404 p.

MONTENEGRO, J. Arthur, “Índice geral das Matérias publicadas nos Boletins da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, até o anno de 1893”. *Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*. Tomo XIV. Rio de Janeiro, 1901. P. 272-284.

MORIZE, Henri. Climatologie. In Santa-Anna Nery. *Le Brésil en 1889*. Paris: Charles Delagrave, 1889.

Natali (Le Gérant). L'Empire du Brésil a l'Exposition de 1889. *L'Amérique*. 14 de junho de 1889.

Nécrologie. *L'Événement*. Paris, 06 de jun. 1901, p.2.

NEIVA, Dr. Vicente, *Attentado de cinco de novembro, Relatório*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898 (Coleção Prudente de Moraes, Museu Republicano).

O 'Correio Internacional'. *O Liberal do Pará*, 15 nov. 1883.

O Paiz, 08 de junho de 1901, folha 4.

ORBITUARY, Baron de Santa Ana Nery. *The Geographical Journal*, v. 18, n. 3. Setembro de 1901. p. 319.

PACIFICUM. Livro da porta. *Revista Ilustrada*, 12 out. 1889. p. 7.

PARÁ, Governo do Estado do. *O Pará na Exposição Internacional de Paris em 1889*. Relatório do Presidente da Comissão, 1890.

PEIXOTO, Marechal Floriano. *Message Adressé au Congrès National á l'occasion de l'ouverture de 1ere session ordinaire de la 2eme Législature*. Rio de Janeiro: Imprimerie LEUZINGER, 1894.

PICARD, Alfred. *Rapport Général – Pièces annexes, actes officiels, tableaux statistique et financiers*. Paris: Imprimerie Nationale. 1892. 460 p.

PICOT, Francisco. Correspondência endereçada ao conselheiro Leonardo e o redactor-chefe do *Jornal do Commercio*, conselheiro Souza Ferreira. Paris, 12 de janeiro de 1890 *apud* Como Francisco Picot dirigia de Paris o "Jornal do Commercio". *Jornal do Commercio*. Edição especial. 1º de outubro de 1927. p. 23.

PICOT, Francisco. Correspondência endereçada ao conselheiro Leonardo e o redactor-chefe do *Jornal do Commercio*, conselheiro Souza Ferreira. Paris, 16 de janeiro de 1890 *apud* Como Francisco Picot dirigia de Paris o "Jornal do Commercio". *Jornal do Commercio*. Edição especial. 1º de outubro de 1927. p. 26.

PITANGA, Antônio Ferreira de Sousa. Elogio dos sócios falecidos (Discurso proferido na sessão magna do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro a 15 de dezembro de 1901). T. 64. pt. 2. v. 104. 1901. p. 349-395.

PLANCHE. Aos domingos (Folhetim). *O Liberal do Pará*. 6 mar. 1887.

PRADO, Eduardo. Immigration. (Chapitre XVI). In Santa-Anna Nery. *Le Brésil en 1889*. Paris: Charles Delagrave, 1889a.

_____. L'art (Chapitre XVIII). In Santa-Anna Nery. *Le Brésil en 1889*. Paris: Charles Delagrave, 1889b.

_____. Les destinées politiques du Brésil. *L'Amérique*. 22 out. 1889 (n. 24) e 09 nov. 1889 (n.25 e 26).

_____. *A ilusão americana*. 6ª edição. São Paulo: Alfa-Ômega, 2001 [1893].

RATISBONNE, Louis. Préface. In *Assotiation Littéraire & Artistique Internationale: son histoire – ses travaux (1878-1889)*. Paris: Bibliothèque Chacornac, 1889. 369 p.

RECLUS, Elisée, *Nouvelle Géographie Universelle*, L'Amérique du Sud, vol. XVIII. Paris: Hachette, 1893.

_____, *Nouvelle Géographie Universelle*, L'Amozonie et la Plata, vol. XIX. Paris: Hachette, 1894.

REGO, Pedro do, *O Brazil Litterario*: Traços biographicos de F. J. de Santa Anna Nery; acompanhados de escriptos firmados por distintos jornalistas, litteratos e parlamentares brasileiros. Rio de Janeiro: Faro & Lino, 1882. 37p.

_____. Noticiario. *O Liberal do Pará*. 28 nov. 1883.

ROMERO, Sylvio. *Uma esperteza*: Os Cantos e Contos Populares do Brasil e o Sr. Theophilo Braga, Protesto. Rio de Janeiro: Typ. da escola de Serafim José Alves, 1887.

_____, *Folk-lore Brasileiro: Cantos populares do Brazil*. Segunda edição melhorada. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1897.

_____, *Folclore Brasileiro: Cantos populares do Brasil*. t. 1. Rio de Janeiro: José Olympo, 1954. Edição anotada por Luís da Câmara Cascudo.

Sant' Anna Nery. *Ilustração*. n. 9, 1884. p.134

SGRJ, Relação de sócios effectivos, remidos e fundadores admittidos desde 1883 a 1886. *RSGRJ*, Vol III. 1887.

SILVA, J.-M. Pereira. L'Europe et l'Amérique. *Revue du Monde Latin*. t.1. set.-dez. 1883. p. 28-47.

SIMON, Jules. Lettre de M. Jules Simon. *L'Amérique*. 14 maio 1889. p. 1-2.

Statuts. *Bulletin de l'Association Littéraire Internationale*. N. 9. Set. 1880. p. 11-14.

STELLA, Constanzo. Le conflit religieux de 1873 au Brésil, réponse de Mgr Macedo à M. le baron de Penedo. *Revue du Monde Latin*. t. 11. set.-dez. 1886. p. 06-23.

TAPAJÓS, Torquato. *Estudos sobre o Amazonas*: Limites do Estado. Rio de Janeiro, 1895.

TEFFÉ, Barão de. Hydrographie. In Santa-Anna Nery. *Le Brésil en 1889*. Paris: Charles Delagrave, 1889.

TOURTOULON. Charles de. Politique et diplomatie. *Revue du Monde Latin*. t.1. set.-dez. 1883. p. 254-263.

_____. Politique et diplomatie. *Revue du Monde Latin*. t.4. set.-dez. 1884. p. 534-541.

VERISSIMO, José. Séance publique à l'Ecole Polytechnique. (24 septembre 1880). *Bulletin de l'Association Littéraire Internationale*. n. 10. Out. 1880. p. 43-48.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. Des divisions fondamentales du sol français. In: CAMENA D'ALMEIDA P. e VIDAL DE LA BLACHE, P. *France. Cours de géographie a l'usage de l'enseignement secondaire. Introdução*. Paris: Armand Colin, 1897 (1888).

_____. *La rivière Vincent Pinzon* étude sur la cartographie de la Guyane. Paris : Félix Alcan, 1902.

_____. Les pays de France. In. *La Réforme sociale*. Paris, set. 1904. pp.333-344.

_____. Régions naturelles et noms de pays. In : *Journal des Savants*, Paris, set.-out. 1909. pp. 389-401.

_____. Régions françaises. In : *Revue de Paris*. Paris, dez. 1910. pp. 821-849.

X. Emile Zola. *O Besouro*. Rio de Janeiro, 22 de Fevereiro de 1879. p.62

Fontes secundárias

ABRANCHES, Dunshee de. *Governos e Congressos da República*. V. I e II. 1918.

ALBERT, Pierre. *Histoire de la presse*. 11ª edição (atualizada). Paris: Presses Universitaires de France. [1970] 2010. 127 p.

ALONSO, Angela, *Idéias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 392p.

ANDERSON, Benedict, *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Cia das Letras, (1983). 2008. 330p.

Anthologia brasileira. Collectanea em prosa e verso de escriptores nacionales. 19ª edição. 1937.

BARATA, Alexandre M. *Luzes e Sombras: a ação da Maçonaria brasileira (1870-19010)*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

BARBUY, Heloisa. O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal. *Anais do museu paulista*. vol.4, n.1, São Paulo, 1996.

BARTHE Roger. *L'idée latine*. Toulouse: Institut d'Études Occitanes, 1962. 220p.

BARROS, Roque Spencer M. de, A vida religiosa. In HOLANDA, Sergio Buarque de (Direção), *História geral da civilização brasileira*. Tomo II, Vol. 6. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2004 [1997]. Livro quarto.

_____, A questão religiosa. In: HOLANDA, Sergio Buarque de (Direção), *História geral da civilização brasileira*. Tomo II, Vol. 6. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2004 [1997]. Livro quarto.

BEIRNE, Charles J. Latin American Bishops of the First Vatican Council, 1869-1870. *The Americas*, v. 25, n. 3, janeiro de 1969. p. 265-280.

BENOIT, Sébastien. *Henri Coudreau (1859-1899): Dernier explorateur français en Amazonie*. Edição L'Harmattan. Paris, 2000. 152p.

BERDOULAY, Vicent, *La formation de l'école française de géographie (1870-1914)*. Paris : Bibliothèque Nationale, 1981. P. 244

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. *Tietê, Tejo e Sena: a obra de Paulo Prado*. São Paulo: Papirus, 2000. 237 p.

BISPO, Antonio Alexandre. *F. -J. de Santa-Anna Nery (1848-1901): Estudos culturais amazônicos e estudos culturais brasileiros na Europa no século XIX*. In: Encontro "Europeus no Amazonas". Apresentado em trabalhos desenvolvidos no Vaticano. Paris. 1976. Disponível

em: <<http://www.akademie-brasil-europa.org/Materiais-abe-84.htm>> acessado em 16 de maio de 2010.

_____, Antonio Alexandre. *Nomes da história intercultural em contextos euro-brasileiros: Frederico José de Santa-Anna Nery (1848-1901)*. Disponível em: <<http://www.akademie-brasil-europa.org/Materiais-abe-84.htm>> acessado em 16 de maio de 2010.

BITARD, A. *Dictionnaire général de biographie contemporaine française et étrangère*. Paris: M. Dreyfous, 1878.

BITTENCOURT, Agnello et al. *Eduardo Gonçalves Ribeiro e o 1º centenário de seu nascimento*. Manaus: Ed. Sérgio Cardoso, 1962.

BITTENCOURT, Agnello. *Dicionário Amazonense de Biografias: vultos do passado*. Rio de Janeiro: Conquista, 1973. 520p.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento (1827-1903). *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro : Conselho Federal de Cultura, 1970 [Typographia Nacional 1902].

BLOCH, Oscar, *Dictionnaire étymologique de la langue française*. 8ª Edição. Paris : Presses Universitaires de France, 1898. 682p.

BOEHRER, George C. A., “The Church and the Overthrow of the Brazilian Monarchy”. *The Hispanic American Historical Review*, v. 48, n. 3, agosto de 1968. p. 380-401.

BORGES, Ricardo. *Vultos Notáveis do Pará*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970.

BOSI, Alfredo, *Dialética da Colonização*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

BOSI *História concisa da literatura brasileira*. 37ª edição. São Paulo: Cultrix, 1994. 528 p.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica [1986]. In FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (Orgs.). *Usos e abusos de história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.183-191.

_____. *O Poder Simbólico*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010 [1989]. 311p.

BRAUDEL, Fernand. *Identidade da França*. São Paulo: Globo, 1989.

BROC, Numa. *Dictionnaire illustré des explorateurs et grand voyageurs français du XIX siècle*. Ed. CTHS, vol.3 Amérique. Paris. 1999. 363p.

BROCA, Brito, *Horas de leitura : primeira e segunda séries*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

BUENO, Magali Franco, “A obra de Santa-Anna Nery no contexto de constituição da região amazônica”. *XV Encontro Nacional de Geógrafos*, realizado em São Paulo. USP. 2008. Meio digital.

CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. 9ª edição (atualizada). Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. 199 p.

CAPEL, Horácio, “Institucionalización de la geografía y estrategia de la comunidad científica de los geógrafos”. In: *Geocritica* 8/9. Barcelona, 1977.

CARDOSO, Luciene Pereira Carris, *Um lugar para a geografia nacional: Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro (1883-1945)*. Rio de Janeiro: Edição da autora, 2010.

CARNEIRO, João Paulo Jeannine Andrade. Exploradores franceses na Amazônia Brasileira: breve biobibliografia. *II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico*. São Paulo, 2010. Meio digital.

_____. O Conceito de pays e sua discussão na Geografia Francesa do XIX. *XIII Encontro de Geógrafos da América Latina*. San José, 2011. Meio digital.

_____. O território contestado entre a França e o Brasil no âmbito das Sociedades Geográficas Nacionais. *Actas do IV Simpósio Ibero-Americano de História da Cartografia*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2013 (no prelo).

CASCUDO, Luís da Câmara. Barão de Santa Anna Nery. *Revista do Instituto Geographico e Histórico do Amazonas*. Anno 5, v. 5, n.1-2, 1935-1936. p. 209-212

_____. *Antologia de Folclore Brasileiro*. São Paulo: Livraria Martins editora, 1944. 491p.

_____. Dicionário do Folclore Brasileiro. 11ª edição. São Paulo: Global, 2001.

CARVALHO, Antonio Alfredo Teles de, “Insurgências dos estudos sobre a história do pensamento geográfico no Brasil dos derradeiros decênios do século XX”. *II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico*. São Paulo: USP, 2009. Meio digital.

CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. 8ª reimpressão. São Paulo: Cia. das Letras. 2007.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. *O quinto século, André Rebouças e a construção do Brasil*. Rio de Janeiro, Revan/Iuperj, 1998. 254 p.

CHAUÍ, Marilena. *Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. 103p.

CHONCHOL, Jacques e MARTINIÈRE, Guy. L’Amérique latine et le latino américanisme en France. Paris: L’Harmattan, 1985. p. 332.

CIZERON, David. *Les représentations du Brésil lors des expositions universelles*. Paris: l’Harmattan, 2009.

CLAVAL, Paul, *La pensée géographique. Introduction à son histoire*. Paris: Sedes, 1972.

_____, *Evolución de la Geografía Humana*. Barcelona: Oikos-tau, 1974. 240p.

CLAVAL, de Paul e NARDY, Jean-Pierre, *Pour le cinquantième de la mort de Paul Vidal de La Blache*. Paris: Les Belles Lettres, 1968.

COELHO, Anna Carolina de Abreu. Santa-Anna Nery: um propagandista “voluntário” da Amazônia (1883-1901). *Dissertação de mestrado*. Belém: UFPA, 2007.

CORREIA, Roberto Lobato. *Região e organização espacial*. São Paulo: Editora Ática. 1987. 93p.

COSTA, Emília Viotti da. Alguns aspectos da influência francesa em São Paulo na segunda metade do século XIX. *Revista de história* [online]. n.142-143, São Paulo, 2000 [1953]. pp. 277-308.

_____. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. 6.ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

COSTA, Wanderley Messias, *Geografia Política e Geopolítica – Discursos sobre Território e Poder*. São Paulo: EDUSP e Hucitec, 1992.

CROUZET, Denis. *La sagesse et le Malheur*. Michel de l'Hospital, chancelier de France. Paris: Champ-Vallon, 1998.

_____. *Charles de Bourbon. Connétable de France*. Paris: Fayard, 2003.

CUNHA, Manuela Carneiro da, *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

CURINIER, C. E. Dictionnaire national des contemporains. Tomo 6. 1901-1918. Paris, 1918.

D'AMAT, Roman. Dictionnaire de Biographie française. Tomo XII, 1970. Librairie Letouzey et Ané. Paris.

DANTES, A. *Dictionnaire biographiques des hommes les plus remarquables*. 1875.

DAUZAT, Albert, *Dictionnaire étymologique de La langue française*. Paris: Librairie Larrousse. 1938. 804p.

DELGADO DE CARVALHO, C., "Uma concepção fundamental da Geografia Moderna: a região natural." *Boletim Geográfico* Ano 2 (15), abril, 1944.

DICK, M.V.P.A., Motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos. *Tese de Doutorado*. Universidade de São Paulo, São Paulo. 1980.

DOAU, A. M. Instrumentos e sinais da civilização: origem, formação e consagração da elite amazonense. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. VI (suplemento), 867-888, setembro 2000.

DONTENWILLE-GERBAUD, Aude. Quand la foule devient peuple ... avec Léon Gambetta, *Conserveries mémorielles* [Suporte eletrônico], 2010. [Acessado em 12 de abril de 2013]. Disponível em: <<http://cm.revues.org/700>>.

DOSSE, François. *Le Pari Biographique: Écrire une vie*. Paris: La Découverte, 2005. 480 p. ISBN 2-7071-4193-3.

DUARTE, Durango. *Manaus entre o passado e presente*. vol. 1. Manaus: Midia.comm, 2009.

ESCOLAR, Marcelo. *Crítica do Discurso Geográfico*. São Paulo: Hucitec, 1996.

FAUSTO, Boris (Sob a direção de), *III O Brasil Republicano*, I Estrutura de poder e economia (1889-1930). São Paulo: Bertrand Brasil, 1997. 418p.

FERREIRA, Gabriela N. e FERNANDES, Maria Fernanda L. e REIS, Rossana R. Le Brésil em 1889: Um País para Consumo Externo. *Revista Lua Nova*, n. 81, 2010. p. 75-113.

FIGUEIREDO, Aldrin de Moura, A Cidade dos encantados, pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia. A constituição de um campo de estudo (1887-1950), *Dissertação (Mestrado em História Social)* – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 1996.

_____. Panteão da História, Oratório da Nação: o simbolismo religioso na construção dos vultos pátrios amazônicos. In NEVES, Fernando Arthur de Freitas e LIMA, Maria Roseane Pinto (orgs.). *Faces da História da Amazônia*. Belém: Paka-Tatu, 2006

FRANCISCO, Papa. *Sobre el cielo y la tierra*. Disponível em <<http://leerlibrospdf.com/book/sobre-el-cielo-y-la-tierra-del-papa-francisco/>> acessado em 08 de abril de 2013.

FUNARO, V. M. B. de O., et al. *Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP*: documento eletrônico e impresso - parte I (ABNT). 2ª Edição. São Paulo: Sistema Integrado de Bibliotecas da USP, 2009. 102 p.

_____. *Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP*: documento eletrônico e impresso - parte III (ISO). 2ª Edição. São Paulo: Sistema Integrado de Bibliotecas da USP, 2009. 83 p.

GALLOIS, Lucien, *Régions naturelles et noms de pays, étude sur la région parisienne*. Paris : Librairie Armand Colin. 1908. 356p.

GARCIA, João Carlos. A ilha da Trindade em 1895 e o Tratamento da Informação Geográfica. In SILVA, José Borzacchiello et al. *Panorama da Geografia Brasileira 2*. São Paulo: Annablume, 2006.

GARNIER-PAGÉS. Introduction. In. REGNAULT, Elias. *Dictionnaire Politique*. Paris, 1842.

GARRAUX, Anatole Louis, *Bibliographie brésilienne : catalogue de ouvrages français & latins relatifs au Brésil (1500-1898)*. Paris: Ch. Cadenat, 1898. 400 p.

GOES FILHO, Synesio Sampaio. *Navegantes, Bandeirantes e diplomatas: um ensaio sobre a formação das fronteiras do Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 332p.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Amazônia, Amazônias*. São Paulo: Contexto, 2001. 177 p.

GRAHAM, Richard. *Grã-Bretanha e o início da industrialização no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1973.

GRANADOS, Aimer e MARICHAL, Carlos. *Construcción de las identidades latinoamericanas*. Ensayos de historia intelectual siglos XIX e XX. México: El colegio de México, Centro de Estudios Históricos, 2004.

GRANADOS, Aimer. Congressos e intelectuales en los inicios de un proyecto y de una coincidência continental latinoamericana, 1826-1860. In. GRANADOS, Aimer e MARICHAL, Carlos. *Construcción de las identidades latinoamericanas*. Ensayos de historia intelectual siglos XIX e XX. México: El colegio de México, Centro de Estudios Históricos, 2004.

GREGÓRIO, Vitor Marcos. Dividindo as províncias do Império: A emancipação do Amazonas e do Paraná e o sistema representativo na construção do Estado nacional brasileiro (1826-1854). *Tese de doutorado*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. *Debaixo da imediata proteção imperial*. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). São Paulo: Annablume, [1995] 2011.

_____. *Da Escola Palatina ao Silogeu*: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1938). Rio de Janeiro: Museu da República, 2007, 246 p.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. A biografia como escrita da História (Prefácio). In SOUSA, Adriana Barreto de. *Duque de Caxias. O homem por trás do monumento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p.19-26.

HARDMAN, Francisco Foot, *Trem-fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. Cia da Letras: São Paulo, 2005 (1988).

HEIZER, Alda, “Observar o céu e medir a Terra: instrumentos científicos e a participação do Império do Brasil na Exposição de Paris de 1889”. São Paulo: *Tese de Doutorado*, Programa de Pós-Graduação em ensino de História e Ciências da Terra, Universidade de Campinas, 2005.

HOBBSBAWM, Eric, *Nações e nacionalismo desde 1780*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008 [1990].

HOBBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. *A invenção da tradição*. São Paulo: Paz e Terra, 2002 [1983]. 316p.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Brasiliense, 2002 [1959].

HOUAISS, Antônio. *Críticas Avulsas*. Salvador: UFBA (série II, n. 23), 1960.

_____. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa 3.0*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2009.

IGLESIAS, Francisco. *Trajectoria política do Brasil: 1500-1964*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

JOLL, James. *A Europa desde 1870*. 2ª Ed. Lisboa: D. Quixote, [1973] 1995. 723p.

KODAMA, Kaori. *Os índios no Império do Brasil: a etnografia do IHGB entre as décadas de 1840 e 1860*. Edusp, São Paulo. Editora Fiocruz, Rio de Janeiro, 2009. 333p.

KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê editorial, 2002.

KUHLMANN JR, Moysés. “Raízes da historiografia educacional brasileira (1881-1922)”. *Caderno de Pesquisa*, n.106, pp. 159-171. São Paulo, 1999.

LAROUSSE, Pierre, *Le Petit Larousse illustré*. Paris: Ed. Larousse, 2010. 1807p.

LATHAM, E. *Famous Sayings and Their Authors*. Detroit, 1970.

LE GOFF, Jacques. *São Luís: biografia*. Rio de Janeiro: Record. 1999.

LEJEUNE, Dominique, *Les sociétés de géographie en France et l'expansion coloniale au XIX siècle*. Paris : Albin Michel, 1993. 237p.

LENCIONI, Sandra, *Região e Geografia*. São Paulo: Edusp, 1999.

Leon Gambetta exposé sur le Discours de Grenoble, le 26 septembre 1872. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/47213041/expose-Gambetta>>. Acessado em 14 de abril de 2013.

LEVESQUE, E. Le séminaire Saint-Sulpice. Paris: Librairie Letouey & Ané, 1919 [Extrait de la Revue du Clergé français du 10 Janvier 1919]. 8 p.

LEVI, Darrell E. *A família Prado*. São Paulo: Cultura 70, 1977. 350 p.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. [1989]. In FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (Orgs.). *Usos e abusos de história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.167-182.

LEVILLAIN, Philippe (Direção). *Dictionnaire Historique de la Papauté*. Paris: Fayard, 2004.

LIMA, Margarida Rosa de. *D. Pedro II e Gorceix*. A fundação da escola de Minas de Ouro Preto (anexo: correspondência inédita entre Gorceix e o Imperador, 1874-1891). São Paulo: Fundação Gorceix, 1977.

LIMA, Nísia Trindade Lima, *Um sertão chamado Brasil. Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

LYRA, Augusto Tavares de. *Os ministros do Estado de Independência*. 1949.

MACHADO, Lia Osório. Mitos e Realidades da Amazônia Brasileira no Contexto Geopolítico Internacional (1540-1912), 2 vols. *Tese de Doutorado*, Departamento de Geografia Humana, Universidade de Barcelona, 1989.

_____, “Origens do pensamento geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a idéia de ordem”. In: CASTRO, Iná Elias (org.), *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.

_____, “História do Pensamento Geográfico no Brasil: elementos para a construção de um programa de pesquisa (uma conversa com Lia Osório Machado)”. *Terra Brasilis*. Revista de História do Pensamento Geográfico no Brasil. Ano I. n. 1.. Rio de Janeiro, Jan/Jun. 2000.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria, *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, (1881) s/d.

MAGNOLI, Demétrio, *O Corpo da Pátria – Imaginação Geográfica e Política Externa no Brasil (1808-1912)*, São Paulo: EdUNESP/Moderna, 1997.

MAIOR, Mário Souto. *Dicionário dos Folcloristas Brasileiros*. Goiânia: Kelps Editora, 2000.

MANSI, Joanes. D.. *Sacrorum Conciliorum Nova et Amplissima Collectio*. Leipzig: L. Petit and J. B. Martin, 1923-1927.

MARIGNIER, Marie-Vic Ozouf-, Pays. In: *Hipergeo*. Concepts. Paris, dezembro de 2004.

MARIGNIER, Marie-Vic Ozouf- e ROBIC, Marie Claire, A França no limiar de novos tempos : Paul Vidal de La Blache e a Regionalização. In: *GEOgraphia*. Ano IX, Nº 18. Rio de Janeiro, 2007.

MARQUES, Paulo Lowndes. *O Marquês de Soveral*. Seu tempo e seu modo. Alfragides: Texto editores, 2009. 309 p.

MARTINS, Karla Denise, “Civilização Católica: D. Macedo Costa e o desenvolvimento da Amazônia na segunda metade do século XIX”. *Revista de História Regional*, v.7, n.1, p.73-103, Verão 2002.

_____. Cristóvão e a Romanização do Inferno Verde: as propostas de D. Macedo Costa para a civilização da Amazônia (1860-1890). Campinas: *Tese de doutorado*, Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, 2005.

MARY, Cristina Pessanha. *Geografias Pátrias. Portugal e Brasil 1875-1889*, Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010.

MATTHEW, H.C.G e HARRINSON, Brian (Editores). *Oxford Dictionary of National Biography*. Vol. 52. London: Oxford University Press, s/d.

MENDONÇA, Roberto. *Silvério José Nery – o Patriarca*. Disponível em: <http://www.bv.am.gov.br/portal/conteudo/serie_memoria/00101_silverio.php> acessado em 23 de junho de 2010.

MENEZES, Dajcir. Prefácio. In BARBOSA, RUI, OBRAS COMPLETAS. Vol. IV, Tomo I, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Fundação Casa de Rui Barbosa, [1877] 1977. Versão e introdução de Rui Brabosa.

MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra*. 7ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MENDONÇA, Roberto. *Silvério José Nery – O Patriarca* [Suporte eletrônico]. Disponível em <http://www.bv.am.gov.br/portal/conteudo/serie_memoria/00101_silverio.php>, acessado em 23 de junho de 2010.

MOLAC, Philippe. *Histoire d'un dynamisme apostolique*. La compagnie des prêtres de Saint-Sulpice. Paris: Les éditions du CERF. 2008. P. 338.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *A Geografia no Brasil (1934-1977): avaliação e tendências*. São Paulo: Instituto de Geografia/ FFLCH/USP, 1980.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. *A Capitania de São José do Rio Negro*. Manaus: Editora Valer, 2002 [1949].

_____. *Negritude e modernidade: A trajetória de Eduardo Gonçalves Ribeiro*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1990. 161 p.

MORAES, Antonio Carlos Robert, “Notas sobre Identidade nacional e a Institucionalização da Geografia no Brasil”. *Revista de Estudos Históricos*, v 8, Rio de Janeiro, 1991.

_____. *Território e História no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. *Ideologias geográficas: espaço, cultura e política no Brasil*. São Paulo : Annablume, 2005 [1988]. 156p.

_____. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: Annablume, 2007 [1981]. 151p.

_____. *Geografia, Interdisciplinaridade e Metodologia*. (versão reelaborada do capítulo primeiro da tese de livre-docência Geografia, Capitalismo e Meio Ambiente, FFLCH-USP, 2009a. 37p.

_____. *Geografia Histórica do Brasil – Cinco Ensaios, Uma Proposta e Uma Crítica*, São Paulo: Annablume. 2009b

_____. O Barão do Rio Branco e a geografia. In. PEREIRA, Manoel Gomes (org.). *Barão do Rio Branco: 100 anos de memória*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012. p. 231-252.

_____. *Território na geografia de Milton Santos*. São Paulo: Annablume, 2013.

MOYA, Salvador. *Anuário Genealógico Brasileiro*. São Paulo: Publicações do Instituto Genealógico Brasileiro, 1941.

NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. In. NORA, Pierre (Org.). *Les Lieux de Mémoire*. Paris: Quarto Gallimard, 1997. p. 23-43.

Nouveau Petit Robert: dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française (version électronique, 2.1). Paris: Dictionnaires Le Robert, 2001.

NUNES, Tassia Toffoli, Liberdade de imprensa no Império brasileiro (1820-1840). *Dissertação de mestrado* (Programa de Pós-Graduação em História Social, FFLCH-USP), São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, Marina Garcia de. Entre nobres lusitanos e titulados brasileiros: práticas, políticas e significados dos títulos nobiliárquicos entre o período joanino e o alvorecer do Segundo Reinado. *Dissertação de mestrado*. São Paulo: FFLCH-USP, 2013.

OLIVEN, Ruben George, O nacional e o regional na construção da identidade brasileira. In *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 2. Rio de Janeiro: ANPOCS, 1986.

ORY, Pascal. Le centenaire de la Révolution française. In. NORA, Pierre (Org.). *Les Lieux de Mémoire*. Paris: Quarto Gallimard, 1997. p. 465-515.

ORTIZ, Renato. *Cultura e Modernidade – A França no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1991. 282 p.

_____, Walter Benjamin e Paris: individualidade e trabalho intelectual. *Tempo Social* (Revista de Sociologia - USP). São Paulo, 12(1): 11-28, maio de 2000.

PALACIOS, David Alejandro Ramirez, “Élisée Reclus e a geografia da Colômbia: cartografia de uma interseção”. *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana. FFLCH-USP, São Paulo, 2010.

PAULA, Débora Clasen de, Da mãe e amiga Amélia. Cartas de uma baronesa para sua filha (Rio de Janeiro – Pelotas, na virada do século XX) *Dissertação de Mestrado*. UNISINOS. São Leopoldo, 2008.

PEREIRA, Baptista. *Eduardo Prado : o escriptor – o homem*. São Paulo : Escola Typographica Salesiana, 1902. 18 p.

PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme. *Portugal: Dicionario Histórico, Chorographico, Biographico, Bibliographico, Heráldico, Numismático e Artístico*. Vol. III. 1907.

PEREIRA, Marcio Henrique de Mello. As representações da ‘Natureza’ nas obras de Cronistas Viajantes do Brasil Colonial e seus fundamentos teóricos (Versão Corrigida) *Dissertação de Mestrado*. Programa de pós-graduação em Literatura Brasileira. USP. São Paulo, 2011. 135 p.

PEREIRA, Sérgio Luiz Nunes. “Obsessões geográficas: viagens, conflitos e saberes no âmbito da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.” *Revista da Sociedade brasileira da história da ciência*. v. 3, n. 2. Rio de Janeiro, jul. - dez. 2005. p. 112-124.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Exposições Universais: espetáculos da modernidade do século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.

PIERRARD, Pierra. *Dictionnaire de la IIIe République*. Paris: Larousse, 1968.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. p. 3-15.

POTELET, Jeanine, *Le Brésil vu par les voyageurs français, 1816-1840*. Paris : Université Paris X, Nanterre, 1980. 3v.

PORTUGAL, Biblioteca Nacional. Contributo para um levantamento nacional de espólios literários. (Coord. António Braz de Oliveira). Lisboa: Ministério da Cultura, Biblioteca Nacional. 2000.

QUEIRÓS, Eça de. *A cidade e as serras*. São Paulo: editora núcleo, 1994.

QUEIROZ, Suely Robles Reis de. *Os Radicais da República*. Jacobinismo: ideologia e ação 1893-1897. São Paulo: Brasiliense, 1986.

RAMOS, Rui. *D. Carlos*. Rio de Mouro, Círculo Leitores, 2006.

REIS, Arthur, *História do Amazonas*. Manaus: Oficinas Typographicas de A. Reis. 1931. 269p.

RHEIN, Catherine. La Géographie, discipline scolaire et/ou science sociale? (1860-1920). *Revue Française de Sociologie*, vol. XXIII, Paris, 1982. p. 223-252.

RIBEIRO, Cristina Betioli, “O Norte – Um lugar para a nacionalidade”. *Dissertação de Mestrado*, Campinas: IEL-UNICAMP, 2003.

RIBEIRO, Guilherme. “Território, Império e Nação: geopolítica em Paul Vidal de La Blache”. *Revista da ANPEGE*. v. 6, jan./dez. 2010. p. 29-42.

RIBEIRO, José Alcides et al. “Jornais e Revistas no Brasil: Gêneros Jornalísticos e gêneros híbridos (a crônica)”. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. Brasília: UnB, setembro de 2006.

Rio Branco: 100 anos de memória. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores - Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

RIVAS, Pierre, *Encontro entre literaturas: França, Portugal, Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1995.

SALES, Mariana (autor) e PONCIONI, Claudia e MORAES, Marcos (coords.). *Collección Ferdinand Denis (1542-1890)*: Cooperación Franco-Brasileña - Biblioteca Sainte-Geneviève & Instituto de Estudios Brasileños. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

SALLES, Vicente. Apresentação. In. Santa-Anna Nery, F. J. de. *Folclore Brasileiro*. (trad.) Vicente Salles. Recife: Massangana, 1992.

SANDRONI, Cícero, *180 anos do Jornal do Commercio, 1827-2007, de D. Pedro I a Luiz Inácio Lula da Silva*. Rio de Janeiro: Quorum, 2007.

SANJAD, Nelson, A coruja de minerva: o museu paraense entre o Império e a República, 1866-1907. *Tese de doutorado* (Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde da Casa Oswaldo Cruz). Rio de Janeiro, 2005.

SANTOS, Milton Almeida dos, Os estudos regionais e o futuro da geografia. *Tese de concurso para docência livre* apresentada à cadeira de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1953.

SANTOS, Milton. Sociedade e Espaço: A Formação Social como Teoria e como Método. *Boletim Paulista de Geografia* n.º 54 junho/77, São Paulo: AGB, 1977.

_____. *Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia à uma Geografia Crítica*. São Paulo: EDUSP, 2008 [1978].

SANTOS, Marie-José Ferreira dos. Revue du Monde Latin et le Brésil: 1883-1896. *Cahier du Brésil Contemporaine*, 1994, nº 23-24, p. 77-92.

SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia* (1800-1920). São Paulo: T.A. Queiroz, 1980. 358 p.

SANTOS, Wanderley Martins dos *et. al.* *Sinopse histórica do poder legislativo do estado do Amazonas*. Manaus: Estado do Amazonas (assembleia legislativa), 1980.

SARGES, Maria de Nazaré e COELHO, Anna Carolina de Abreu, “Divulgando a Amazônia em Paris: Santa-Anna Nery e sua "missão"”. *Revista Somanlu* (Revista de Estudos Amazônicos), v. II, p. 47-68, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____, *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. 2ª Edição (10ª reimpressão) São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [1998]. 623 p.

SERÁFICO, José, “Teatro amazonas: símbolo de quê?” *Ciência e Cultura*. v.61 n.3, São Paulo, 2009.

SEVCENKO, Nicolau, *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*, São Paulo: Cia das Letras, 2003, 420p.

SILVA, Ana Cláudia Suriani da e FERREIRA, Eliane Fernanda Cunha, “Introdução crítico-filológica. In: MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria, *Queda que as mulheres têm para os tolos*. São Paulo: Ed. Unicamp, 2008.

SKIDMORE, Thomas E. Eduardo Prado: um crítico nacionalista conservador da Primeira República Brasileira, 1889-1901. In *O Brasil visto de fora*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

SOARES, Daiany da Silva e FILIPPINI, Elizabeth. Praça da Matriz: patrimônio histórico em revisão. *Revista Eletrônica Aboré*, v. 02, 2006.

_____, *História da Imprensa no Brasil*. 4ª edição (atualizada). Rio de Janeiro: Mauad, 1999. 501p.

SORIA, Aillón Esther. La política cultural de Francia en la genesis y difusión del concepto *l'Amérique Latine*, 1860-1930. In. GRANADOS, Aimer e MARICHAL, Carlos. *Construcción de las identidades latinoamericanas*. Ensayos de historia intelectual siglos XIX e XX. México: El colegio de México, Centro de Estudios Históricos, 2004.

SOUZA, Adriana Barreto de. Biografia e escrita da história: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder. *Revista Universidade Rural: Série Ciências Humanas*. v. 29. n. 1. jan.-jun. 2007. p. 27-36.

SOUZA, Marcio. *A Expressão Amazonense*. Do colonialismo ao neocolonialismo. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de, Senador Pompeu: Um Geógrafo do Poder no Império do Brasil. *Dissertação de Mestrado*. São Paulo: USP, 1997.

_____, “Geografia nos trópicos: história dos naufragos de uma jangada de pedras?” *Terra Livre*, n. 17. São Paulo, 2º semestre de 2001. p. 119-138.

TAVARES, Miguel Sousa. Equador. Cordóva: Oficina do Livro, 2003. 525p.

TERRA, J. FERNANDES DA SILVA. *Índice da “Revue du Monde Latin” 1883-1896*, Lisboa: Fondation Calouste Gulbenkian, 1962.

TAPAJÓS, Vicente e TÓRTIMA, Pedro, *Dicionário biobibliográfico de historiadores, geógrafos e antropólogos brasileiros*. Vol. 4 (Sócio falecidos entre 1881/1920). IHGB: Rio de Janeiro, 1993.

TURNER, Charles William. *Ruy Barbosa: Brazilian crusader for the essential freedoms*. New York: Abingdon-Cokesbury Press, 1945.

UNIVERSO CATÓLICO. *História do Concílio Vaticano I*. Disponível em <<http://www.universocatolico.com.br/index.php?/historia-do-concilio-vaticano-i.html>>, Acessado em 5 de jul. de 2010.

VAPEREAU, L. G. Dictionnaire universel des contemporains. 6ª ed. Paris, 1893.

VIANA FILHO, Luís, A vida do Barão de Rio Branco. Brasília: Senado Federal / Fundação Alexandre de Gusmão, 1996.

VIDAL, Diana Gonçalves e FARIA FILHO, Luciano Mendes de, História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). In: *Revista Brasileira de História*. v. 23, nº 45, São Paulo, 2003. pp. 37-70.

VOLTAIRE. *Dictionnaire philosophique*. Paris: GF-Flamarion, 1964. 380 p.

WACHÉ Brigitte. *Religion et culture en Europe occidentale au XIXe siècle*. Paris: Belin, 2002.

WEINSTEIN, Barbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)*. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1993. 371 p.

GENEALOGIA DE SANTA-ANNA NERY *

* Conteí com a colaboração de Leticia Palazzí Perez para a organização destas informações, a quem aproveito para agradecer.

CRONOLOGIA DE SANTA-ANNA NERY

1848 – 28 de maio: nasceu na cidade de Belém, capital da antiga província do Grão-Pará, filho de Silvério José Nery e Johanna de Santa-Anna.

1855 – Morre sua mãe.

1855-1857 – Seu pai se muda para Manaus em guarnição levando seus dois filhos: Frederico José Nery e Ângela Nery.

22 de julho: seu pai se casa com Maria Antony, em Manaus.

1862 – 19 de outubro: deixa o Brasil rumo à Europa.

1867 – Possível bacharel em Letras e em Ciências, certificado por alguma Academia da França.

1868 – 01 de outubro: matriculado como laico no Seminário de *Saint-Sulpice*, em Paris, para cursar filosofia.

1869 – 01 de outubro: matriculado como laico no Seminário de *Saint-Sulpice* para cursar teologia.

Jornalista do jornal *l'Univers* de Louis Veuillot

Possível participação no Concílio do Vaticano I como secretário de D. Antonio de Macedo Costa.

1870 – Doutor em Direito por alguma universidade italiana.

1871 – Redator chefe do jornal *Speranza* de Roma e correspondente na Itália do jornal *La République Française* de Leon Gambetta.

Agosto: Publicação de seu primeiro livro, em Roma, assinado com seu próprio nome: *La logique du coeur*.

1874 – Fixa residência em Paris e passa trabalhar como folhetinista no *Jornal do Commercio*.

1875 – Correspondente político do *Jornal do Commercio* em Paris.

1878 – 29 de junho: participou da fundação da *Association Littéraire et Artistique Internationale* (ALAI) durante o Congresso Literário Internacional por ocasião da Exposição Universal de Paris de 1878.

13 de julho: nomeado membro do Comitê Executivo da ALAI, representando o Brasil.

21 de dezembro: membro da comissão da ALAI que preparou o primeiro boletim da associação para ser remetido ao seu presidente de honra: Victor Hugo.

1879 – 9 de junho: abertura do Congresso Literário Internacional organizado pela ALAI. Santa-Anna Nery torna-se vice-presidente da ALAI (seção 1879-1880) ao lado de Adolphe Belot e Camprell Clarke, cujo presidente era Torres CaicEDO e Pierre Zaccone. Em razão deste congresso, Jules Ferry, *Ministro da Instrução Pública* da França, condecora alguns delegados estrangeiros com o título de *Oficial da Instrução Pública* ou como *Oficial da Academia*. Santa-Anna Nery recebe este último título.

17 de novembro: Santa-Anna Nery inaugura o ciclo de conferências da ALAI com o tema: *Camoëns et la littérature portugaise*.

1880 – 10 de junho: tricentenário de Camões.

7 de setembro: junto com um grupo de monarquistas, estabeleceu em Paris o primeiro banquete comemorativo do dia 7 de setembro pelo 58º aniversário da independência do Brasil, presidido pelo conde d'Eu. Nesta ocasião, foi fundada a *Société de bienfaisance brésilienne de Paris* com o intuito de socorrer brasileiros desprevenidos e que tivessem que retornar ao Brasil.

1881 – 9 de agosto: Constituição da Sociedade anônima do jornal *Le Brésil*. Nascimento do príncipe dom Antônio, filho da princesa Isabel e do conde D'Eu.

27 de agosto: batizado do príncipe dom Antônio em Passy (França).

7 de setembro: sai o 1º número do jornal *Le Brésil: courrier de l'Amérique du Sud*, do qual Santa-Anna Nery se torna o redator-chefe.

Outubro: Santa-Anna Nery se casa com a inglesa Anna Lizzie Burrell Willoughby.

1882 – 16 de março: condecorado com título de *Comendador da ordem de Christo* de Portugal, por seu papel como jornalista e escritor no que se refere à defesa de Portugal na Europa e no Brasil.

4 de maio: Santa-Anna Nery realiza conferência sobre a *literatura brasileira contemporânea* na sede *Association internationale des Professeurs*. Nesta ocasião, Carlos Mesquita, ao piano, tocou o hino nacional brasileiro.

Julho: seu primeiro retorno ao Brasil, após 20 anos de ausência. Nesta ocasião conheceu o Rio de Janeiro.

Agosto: publicação de sua biografia por Pedro do Rego, acompanhado de um *Álbum literário*.

Outubro: Santa-Anna Nery deixa o cargo de redator-chefe do jornal *Le Brésil* em função da deliberação tomada pelo Conselho de Administração do jornal de suprimir este cargo.

Dezembro: Santa-Anna Nery passa a colaborar para o jornal *Courrier International*.

1883 – 24 de julho: inauguração da *Sociedad Latino Americana “Biblioteca Bolivar”* em Paris (Centenário de Simon Bolivar). Nesta ocasião, foi realizado um banquete no *hotel Continental*, onde diversos membros discursaram sobre a iniciativa. Santa-Anna Nery como representante do Brasil, membro do comitê executivo, discursou em francês em nome do Brasil, todos os demais falaram em espanhol.

Setembro: sai o 1º número da *Revue du Monde Latin* (RML).

12 de outubro: por iniciativa da *Sociedad Latino Americana “Biblioteca Bolivar”* realizou-se em Paris o banquete em comemoração ao 391º aniversário da descoberta da América. Foi a primeira vez que ocorrera tal comemoração em Paris. Santa-Anna Nery discursou em nome dos brasileiros.

25 de novembro: nomeado membro da *Comissão Central de Imigração na França*, ao lado do Visconde de Nioac e do Visconde de Figueiredo.

1884 – 25 de março: banquete comemorativo pela abolição da escravidão no Ceará em Paris, organizado por José do Patrocínio no restaurante *Bréban*. O banquete foi presidido pelo senador Victor Schoelcher. Santa-Anna Nery fez um discurso inflamado a favor da monarquia e da figura de Pedro II em meio aos ataques republicanos.

19 de agosto: Eleito sócio correspondente da *Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro* (SGRJ) sob a presidência do visconde de Paranaguá, juntamente com Francisco de Paulo de Araujo e Silva, Barão de Itajubá e Salvador de Mendonça.

Ainda em agosto: nomeado *Cavaleiro da Legião de Honra* pela França, juntamente com outros homens de letras.

Presidente do Conselho administrativo da RML.

1885 – 14 de março: conhece Henri Coudreau na 1ª classe do navio *Bahia*, de Manaus para França, com escala em Belém do Pará.

1º de abril: *Lunch* em homenagem a Santa-Anna Nery, realizado pela imprensa amazônica em Belém do Pará; Coudreau já estava presente.

21 de Agosto: proposição para que fosse admitido sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB).

Dezembro: torna-se o redator-chefe da RML, o conde de Barral torna-se o diretor. Profere conferência sobre poesia popular no Brasil no *Institut Rudy*, em Paris.

Retorna ao Brasil, pela segunda vez, permanecendo apenas na Amazônia, provavelmente para o lançamento de seu livro, *Le pays des Amazones*, financiado pela Assembleia Legislativa da província do Amazonas.

1886 – 14 de janeiro: fundação da *Société Internationale d'études brésiliennes* (SIEB) na sede da *Sociedade de Geografia de Paris*.

Abril: Agraciado com o título da *Grão-Cruz da ordem de Leopoldo* pela Bélgica, em razão de seu trabalho na exposição da Antuérpia, em 1886. Juntamente com Antonio da Silva Prado, visconde de S. Clemente, Ramalho Ortigão, entre outros.

1887 – Maio: primeira exibição provincial promovida pela SIEB mostrando diversos ramos da produção de Pernambuco em Paris, contando com a presença do imperador Pedro II e do conde d'Eu.

Julho: empreende sua terceira viagem ao Brasil (Rio de Janeiro). Nesta ocasião, consegue para a SIEB uma subvenção do ministério da Agricultura, promessa feita pelo conselheiro Rodrigo da Silva.

20 de outubro: O imperador preside uma das sessões da SIEB, na qual Santa-Anna Nery divulgou os balanços de final de ano.

Realização de cursos gratuitos de língua portuguesa na sede da SIEB.

1888 – 14 de março: formação do *Comité franco-brésilien* para a Exposição universal de Paris de 1889, do qual Santa-Anna Nery era diretor, juntamente com Eduardo Prado.

10 de julho: “Banquete comemorativo da abolição da escravidão no Brasil”, em Paris, do qual Santa-Anna Nery foi um dos organizadores, além de ter realizado o discurso em nome da colônia brasileira em Paris.

Deixa o cargo de redator-chefe da RML e de escrever os seus folhetins no *Jornal do Commercio*.

1889 – 05 de maio: abertura oficial da Exposição universal de 1889.

Comissário do Brasil para Exposição universal de Paris, trabalhando em diversas comissões.

14 de maio: sai o 1º número do jornal *L'Amérique*, dirigido por Santa-Anna Nery.

Setembro: é elevado ao *grau de oficial da ordem nacional da Legião de Honra* da França, em razão de seu empenho como comissário do Brasil na Exposição universal.

05 de agosto: Santa-Anna Nery ao lado do barão de Teffé e do visconde de Cavalcanti representam a SGRJ no Congresso Internacional de Geografia de Paris.

15 de novembro: queda do ministério do visconde de Ouro Preto e do Império do Brasil.

07 de dezembro: Santa-Anna Nery cobre para o jornal *L'Événement* a chegada da família real brasileira em Portugal.

1890 – 27 de março: eleito sócio correspondente, em segunda classe (Letras), da Academia das Ciências de Lisboa.

1891 – 22 de fevereiro: decreto do Ministério do Reino de Portugal condecorando Frederico José de Santa'Anna Nery com título de “Barão de Sant'Anna Nery em sua vida”.

Outubro: retorna ao Brasil, passando pelo Rio de Janeiro e Amazônia.

04 de dezembro: O barão de Santa-Anna Nery é empossado sócio correspondente do IHGB.

1893 – Possivelmente foi delegado geral do Brasil na Europa, durante o governo de Floriano Peixoto.

1896 – 15 de novembro: Sai o 1º número do jornal *República* que tinha como chefe de redação Alcindo Guanabara e direção na Europa de Santa-Anna Nery.

1897 – Junho: retorna ao Brasil (Rio de Janeiro) para participar de uma licitação para reorganizar a “Companhia dos Telephones do Districto Federal”, juntamente com o visconde de Rodriguez de Oliveira.

05 de novembro: atentado contra o presidente Prudente de Moraes, na ocasião morre o ministro de Guerra, marechal Carlos Machado Bittencourt.

12 de novembro: decretado estado de sítio (sustentado por Quintino Bocayuva e Ruy Barbosa) aplicado ao território do Distrito Federal e comarca de Niterói.

13 de novembro: preso em Petrópolis na pensão Macedo, suspeito de participação ao referido atentado.

1898 – 21 de janeiro: decreto oficializando a pena de desterro em Fernando de Noronha para o senador João Cordeiro, deputados Alcindo Guanabara e Alexandre J. Barbosa Lima, major Tomás Cavalcanti de Albuquerque, Frederico José de Santa-Anna Nery e José de Albuquerque Maranhão.

29 de março: posto em liberdade no Rio de Janeiro.

25 de maio: funda o *Jornal da Tribuna* ao lado de Alcindo Guanabara, Barbosa Lima e Pinto da Rocha.

1900 – 31 de dezembro: condenado em Bruxelas a três meses de prisão e pagamento de multa de mil francos por fraudar uma companhia de tração elétrica na Bélgica.

1901 – 03 de junho: morre em Paris.

1904 – 07 de setembro: inauguração do monumento ao barão de Santa-Anna Nery na praça XV de novembro, em Manaus.

1905 – Setembro: Antonio de Portugal Faria publica uma breve biografia de Santa-Anna Nery, juntamente com sua obra póstuma *Saint-Antoine de Lisbonne*.

ANEXO

Fotografia realizada pelo autor na *rue Berlioz*, n. 21 (Paris), em 27 de fevereiro de 2013. Pelas correspondências de Santa-Anna Nery ele viveu neste sobrado, ao menos, de 1884 a 1890. Atualmente a rua *Berlioz* é privada, sendo difícil acessá-la em razão de um portão de ferro automático; ignoramos como funcionava para o período de Santa-Anna Nery.